

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Setembro de 1904

Num. 73



ALVES DE SOUZA

A legalidade da condenação de Jesus

E opinião quasi unânime dos críticos protestantes destes últimos anos que Jesus foi julgado condenado *legalmente*.

«Sabemos», escreve Alberto Rèville, que ao Sanhedrin competia de pleno direito tomar conhecimento dos casos de blasphemia contra a religião judaica e revolta contra a autoridade eclesiástica... Sabemos igualmente que a pena de morte, anunciada por aquele tribunal, deveria, para ser executada, receber a sancção do procurador inano.

Ora, nada d'isto faltou no processo de Jesus. Pois da sua morte, os seus discípulos baixaram dolorosamente a cabeça ante a vontade divina que via permitido que o «Santo» e o «Justo» sofrerem uma affronta tão injusta; mas, ao que conste, n'a menor queixa foi murmurada contra violações de ordem jurídica que porventura houvessem sido o processo. Os que sustentam que o julgamento do Christo foi uma série de illegalidades, quecem que o Apostolo Paulo partia exactamente do facto de ter a morte de Jesus sido de-

cretada de acordo com a lei para estabelecer que a lei foi abolida pela cruz».

Em que pese ao autor de semelhantes assertões, mantemos e sustentamos que o processo eclesiástico e o processo civil de Jesus não passaram de um tecido de calumnias e de illegalidades.

Com efeito, nenhum dos membros que compunham o Sanhedrin apresentava os requisitos morais necessários ao desempenho das funções de que se achavam investidos. Os próprios historiadores judeus são concordes em afirmar que a maior parte d'elles eram homens corruptos e gastos, sem piedade e sem fé.

Que valiam pontífices como Kaiapha e Hanna? Guindados ao fastigio do poder sacerdotal, por favor especial dos magistrados romanos, favor alcançado à custa de intrigas inconfessáveis e vergonhosas humilhações, não se recommendavam ao respeito dos contemporâneos, nem pela sua conducta, nem pelo seu carácter. Os escribas e anciãos que os secundavam eram merecedores de igual desprezo e os epithetos que lhes confere o historiador Josepho nada tem de lisongeiros. Pilatos e Herodes Antipas podem ser aferidos pelo mesmo estalão. O primeiro foi um cobarde forrado de um sceptico e o segundo tornou-se legendário na história pelos seus debouches. Eis aí os juizes do inocente filho de Maria!

Mas, deixemo-los de parte e volvamos ao processo.

O protestante Stapfer afirma que o conjunto do processado foi correcto e de acordo com o direito de então, salvo na precipitação com que os juizes condenaram à morte o acusado, sem esperarem o segundo voto da assembléa, depois de decorridas vinte e quatro horas do primeiro, conforme estabelecia a lei em vigor.

O padre Lémann, ao contrário, conta nada menos de vinte e seis irregularidades só no processo eclesiástico. Basta lembrar apenas as principais dessas irregularidades.

A lei judaica vedava expressamente que se instruisse um processo durante a noite, assim como prohibia terminantemente que qualquer julgamento tivesse lugar na véspera da grande festa da Paschoa. O Sanhedrin no processo de Jesus violou estas duas prescrições.

Ainda de acordo com as leis, toda a pena de morte votada fora da sala *Gazith*, nas dependências do Templo, era nulla de pleno direito. Ora, foi na

casa de Kaiapha que Jesus durante a noite foi em primeiro lugar, mas definitivamente condenado. Nova irregularidade!

Os depoimentos das testemunhas não foram também feitos de acordo com a lei.

Os sanhedritas, na precipitação que os impelia, despresaram os usos e as praxes ditados pela justiça mais elementar.

Quanto ao fundo mesmo do processo, ninguém ignora que o Sanhedrin baseou-se para a sua sentença num amontoado de calumnias e de odiosas mentiras. Não somente as acusações não concordavam entre si, mas eram falsas, à exceção de uma, a saber: que o Galileu dizia-se Filho de Deus. Semelhante declaração foi explorada do modo mais indigno e encarada como uma blasfêmia.

As outras acusações, sem alcance de especie alguma, foram, todavia, encaradas como suficientes para demonstrar a culpabilidade do accusado — facto este vedado pela lei hebraica que, além disso, proibia que se pronunciasse uma sentença capital no mesmo dia em que o accusado pela primeira vez comparecia ante os seus juizes.

Ainda mais: o facto de condenar Jesus a priori, antes mesmo da audição das testemunhas e sem lhe fornecer os meios de defesa, não constitui por si só a mais flagrante e a mais monstruosa das illegalidades?

Incontestavelmente, o procedimento dos sanhedritas, do começo ao fim do julgamento, respira o mais fundo ódio e a mais revoltante das injustiças.

Da parte de Pilatos não houve, no processo civil, propriamente falando, a mesma animosidade odiosa. Mas houve por isso mais justiça? Certamente que não, porque ninguém pode chamar justiça aos reprováveis expedientes a que recorreu o procurador romano para sahir da embarcadora situação em que o colocaram os representantes do poder sacerdotal.

Vendo perfeitamente que nenhuma das acusações pronunciadas contra Jesus — nem a de lesinagem — nem a de rebellião — tinham fundamento, o timido magistrado deveria imediatamente pôr em liberdade o accusado. Ao envez disso, porém, preferiu libertar Barrabbás e mandar flagellar Jesus.

Exercia Pilatos um direito que a lei lhe conferia, dirão. Talvez, mas na especie, o uso desse direito transformava-se num abuso, e a justiça cedia ante a força bruta. Não se punia, não se fere como culpado aquele que se sabe inocente.

Pilatos, além disso, no julgamento de Jesus, violou as formalidades mais elementares da processualística romana. Não designou os accusadores, não concedeu ao accusado o prazo de rigor para escolher os seus advogados, nem mesmo buscou saber se elle tinha um defensor. Não houve citação em regra, não houve discussão contradictória, não houve acareação de testemunhas, nem mesmo a propria sentença foi pronunciada de acordo com os requisitos legaes.

Pode-se, portanto, aplicar ao julgamento de Jesus as palavras do grande orador romano: *Crimen sine accusatore, sententia sine concilio, damnatio sine defensione!*

P. Constantino.

Trecho de viagem

(Continuação)

— Santa Cruz!

E o vulto do conductor passava de novo ao alto da cabeça, de lado, e os botões fardados reluziam ao sol que já agora accendeu tudo. E o rumor da chegada espalhava-se, um alvoroto apressado de bagagens, das que punham sobre os bancos, o apito soou do trem, anunciando a proximidade de Santa Cruz, punham uma movimentação alegre no por onde errava ainda diluindo-se no ar a fumaça do charuto do commendador com um vago de whiterose, desprendendo-se dos lenços e dos das minhas companheiras de 2 horas de viagem.

Chegámos. Apeamo-nos meio tumultuosa entre o povo que enchia a gare, rumoroso, vendo-se em todos os sentidos, num desco de vozes multiphas.

O commendador era esperado por um que que apresentou-lhe as redeas de um burro e pronto.

Toma-lhe a mala de mão e cavalgando animal, eis-o a caminho.

Abotão o paletot de flanella até em cima a mala a um homem de cór que de mim se cou.

Faz frio. E atravesso com a senhora anafada e as duas moçoilas em direção ao hotel decente do lugar.

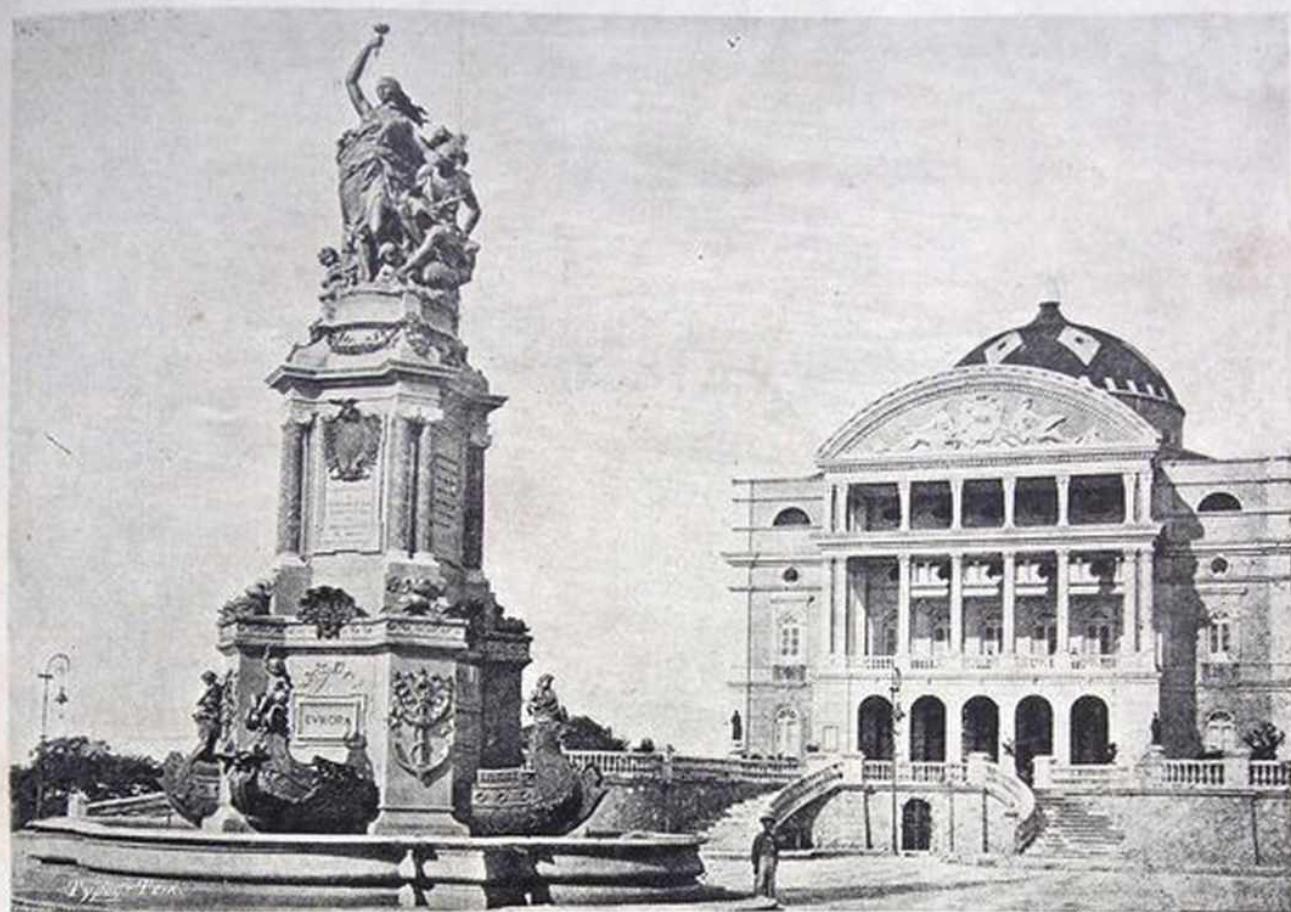
Vamos almoçar.

Posso mesmo dizer que passei apenas Santa Cruz apanhando toda a povoação num de olhos rápidos de touristes apressado.

Do trem dirigi-me ao hotel, um hotel barato, com um pequeno jardim ao lado, de rosas e abrindo ao sol a chaga vermelha umas dhalias bonitas.

A porta, a tal senhora gorda da viagem, é pensativa, ruminando eternamente o seu pão, esperava naturalmente que se servisse o almoço, para abrir o apetite ia pairando a vista pelos postos fronteiros, pela pradaria que lhe ficava frente, voltando de vez em quando os olhos ao trem que manobrava á curta distância, vindo, num ronflemento poderoso de animal que estivesse cansado, deixando sobre o espelhante dos trilhos a nodoa do azeite e de cera que o lubrificavam.

Saih n'um gyro curto, a conhecer todo o irro em que estava e conclui convencidamente que Santa Cruz é um povoado muitíssimo decadente, onde não medram as colheitas e as plantações e onde só se nota o matadouro, isto é, quinhonetes de quanto boi pacífico e manso para o beef, o alimento capital da raça humana. Por traz da estação da estrada de ferro, suporta uma elevação irregular e mal feita do solo, e tra-se um vasto quadrado cujos lados são formados por casas pequenas e mal acabadas, tendo ao centro uma igreja. E na sacristia, digo mal, é no d'essa igreja, num quarto estreito e mal iluminado,



MANAUS—MONUMENTO DO AMAZONAS E FACHADA DO THEATRO

à receptibilidade do serviço que está installado, o telegrapho. Ali fui por interesse proprio e tive de esperar 20 minutos talvez pelo empregado que... tinha ido almoçar. É possivel que houvesse mais de um, porém o que posso garantir aos meus duvidosos leitores é que só vi lá esse homem encarregado de todo o trabalho de receber, transmittir, ouvir ao apparelho telegraphicó, enfim, desempenhar todo o trabalho de telegraphista completo.

Depois de uma volta por traz da igreja fechada numa olhadella esfomeada, de quem sente o estomago a dar-lhe horas, para o fumo branco, a paifar sobre as casas, dirigi-me ao hotel, ao almoço.

Dentro, na sala larga, de paredes nús e caiadas, quadros dependuravam-se, trazendo a tela de oleographia curriqueira, quadros burguezes e novados de gente que almoça, num *pic-nic*, ao ar livre, sob a sombra larga de arvores copadas, num irreverencia acabada de fazedores de dias bons e alegres, bucolisados no campo. Por baixo, de uma um letreiro respectivo e correspondente ao assumpto do quadro—*Sejour au champ—enfin seuls!—tour au champ.*

Na mesa, forrada de uma toalha clara, com nanchas ligeiras, provavelmente de café, estavam-se os pratos postos symmetricamente, guardados ao lado e o talher ladeando-os.

Na cabeceira, sentava-se um homensinho ma-

gro, cara chupada, com um *cavaignac* em miniatura, partindo com as mãos pedacinhos de pão que mastigava successivamente, a dizer para o dono do hotel:

—O' Pereira, pois o sujeito caiu! Na volta para a fazenda encontrou-me,inda não ha meia hora, e disse-me tudo tal e qual.

Aqui o hoteleiro, enxugando rapidamente um prato raso a um guardanapo suspenso a um braço, ria-se com os seus tres dentes da frente de um modo alvar e gostoso, a dizer para o homensinho:

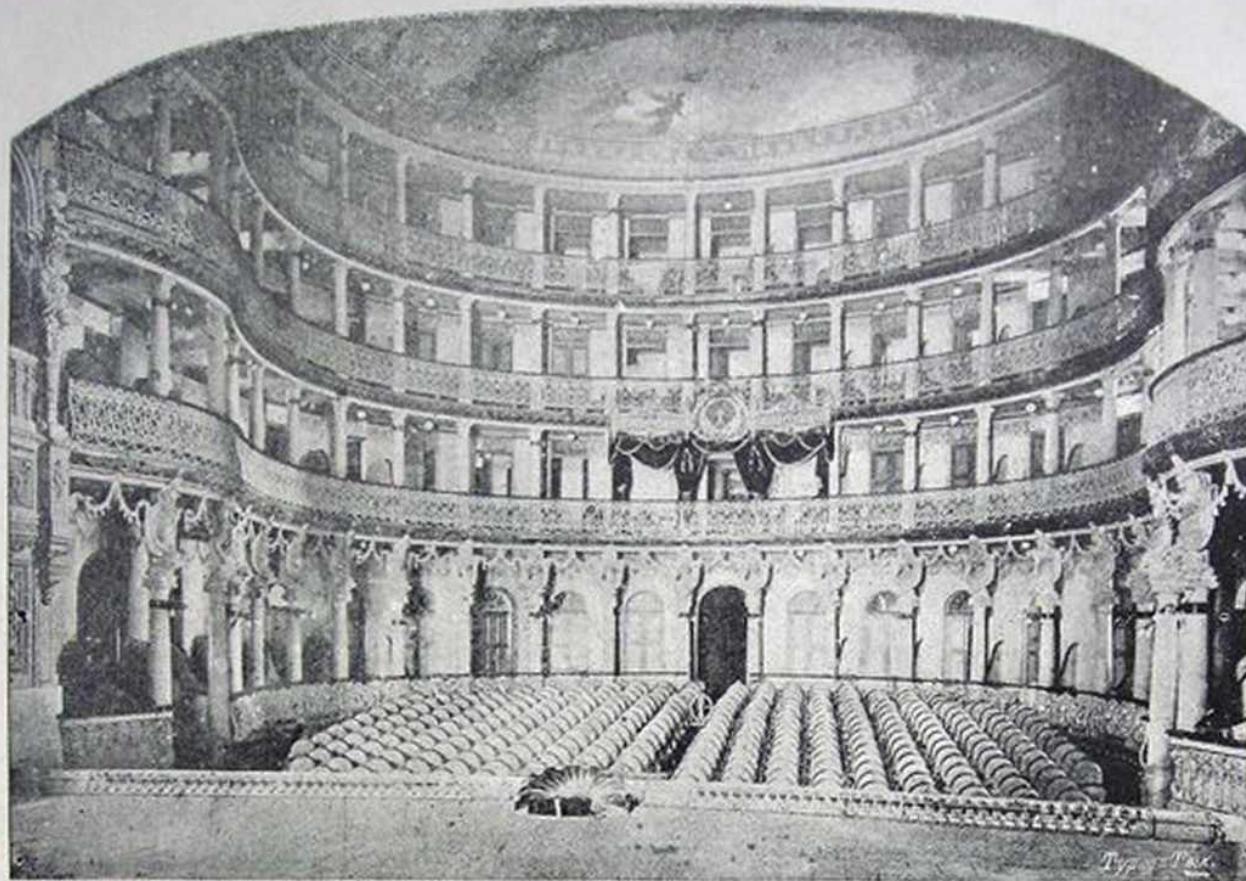
—Pois olhe que deu-lh'a direito, seu Xixico. O homem é duro a valer.

Em frente, pela janella aberta, um trecho azul de céo fluminense enquadruplicula-se no quadrado, esfumado ligeiramente numa ponta pela aza de uma nuvem que passa.

Pombas vóam em torno do beiral da casa num ruflo de azas fortes e vé-se um pouco ao fundo o vulto baixo e corpulento de um homem que abre uma porteira.

—Agora, V. pensa que elle não trazia do Rio qualquer informação segura a respeito? Olé se trazia!

E o homem minuscule da cabeceira da mesa levanta e abaixa vagarosamente a cabeça afagando o *cavaignac* enquanto as duas moças accommodam



MANAUS—THEATRO AMAZONAS.—SALA DE ESPECTACULOS

mais ou menos entre si o vulto enfesado do Juca, uma criança de olhos chupados pela ophtalmia ou cousa que o valha.

Somos agora sete pessoas ao almoço—o Chichico, a velha, as duas moças, o menino, um estrangeiro rólico, embrulhada a cara n'umas barbas louras como o trigo, e eu.

Mr. Cox (ouvi-o chamar por esse modo) come ás pressas um bife inglez escorrendo sangue, vermelho, ensopando glutonamente o pão no caldo e dosando-o com um pouco de *Spaten-Bier*, que espumava em um copo cheio ao seu lado.

No meio de tudo isso a minha rosa amarela, escandalosa, abrindo toda sobre a flanella do terno, na casa da botoeira da cõr da roupa que visto, contrastando com a gravata longa de laço correcto, põe uma alacridade cantante n'esse almoço burguez e pansa, sem a commodidade facil do *Londres* no Rio ou do *Progrédior* em S. Paulo.

Nisto um apito agudo da machina, um tremolo do conductor e o—quem embarca—costumado ressoam no ar alvorotando todos, trazendo um desmoronamento para a placidez socegada e burgueza do almoço.

A senhora gorda levanta-se atrapalhada a dizer para as moças:

—Vamos, Milota! Joaquinha, olha quando o trem parte, os bonds ficam saíndo.

Vamos embora!

Mas volta do meio da sala, atrapalhada a perguntar ao hoteleiro o preço do almoço. Afinal accede um pouco ás informações d'este que a tranquila, com bons modos e traz-lhe a conta na qual incluiu com certeza aquellas phrases de accommodação que dispendeu, ha instantes, para socegal-a.

O que eu sei é que a *gorda* mulher pagou, mas fallou toda a viagem da ladroeira e da *victimagem* que a gente sofre nessas casas de pasto aonde entra...

Mas, senhores, até onde me acompanhará esta mulher? Vai-se-me tornando um pesadello!

Mr. Cox, tomado o chá sem torradas, devido a pressa, limpa o mundo redondo das barbas louras ao guardanapo que tem preso ao collete.

Saio amollado d'essa convivencia por instantes com gente tão desequilibrada.

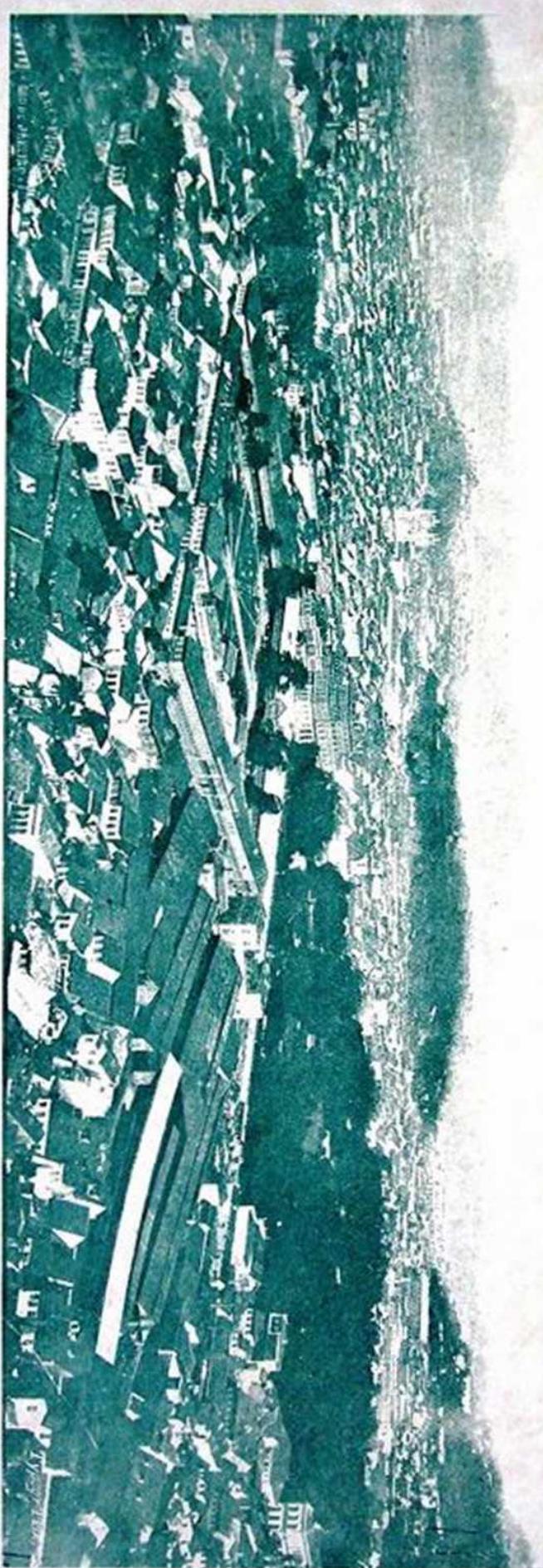
Para o bond.

Mas é nisto que eu vou embarcar, fazer uma hora de viagem massante? Uma carangueijola mal construída, puxada por um burro magrerrimo, exausto, soffrendo do peito?

Como emlím, não ha outros, é tomar esse mal-fadado bond! Persigno-me em imaginação antes de penetrar n'ele, faço mais ou menos o meu testamento de cabeça, deixando este *Lino de Assumpção*, de capa amarela e letras vermelhas na capa ao Belmiro Braga, entre *muchas cosas mas...* e sento-

SUPPLEMENTO AO N. 73

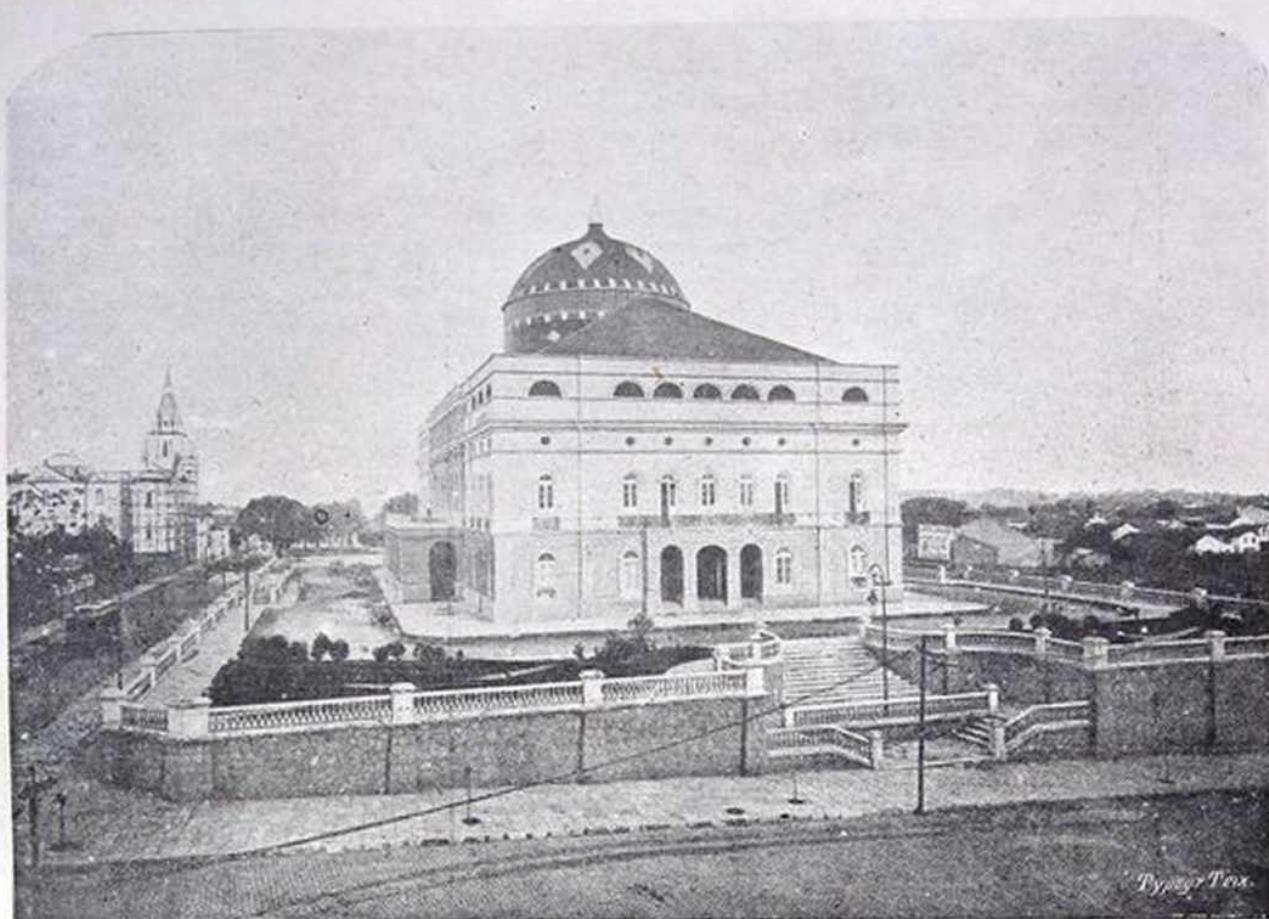
1 DE SETEMBRO DE 1904



RIO DE JANEIRO—Vista da cidade

Maranhão—BRAZIL

A REVISTA DO NORTE



MANAUS—THEATRO AMAZONAS.—(Lado posterior).

me n'um dos bancos com toda a minha coragem cívica e christã. São duas as carangueijolas... isto é, os bonds. Vou no de detraz, com a senhora gorda (!) o inglez e mais cinco ou seis passageiros que olham admirados para a rosa que tenho ao peito.

Oh! *marechale* de uma liga! Chamas a atenção... ainda bem!

Vamos atravancados com malas aos pés, dos lados, por baixo e por cima dos bancos.

Um horror!

Trava-se uma discussão entre o conductor e o cocheiro por causa de uma correia ou couxa que o valha que prendia os arreios do miserável burro. Um chinga o outro de *penga*, olham-se, desembainham razões compridas como floretes e eu já vejo do meu banco a cara pandega da *gorda* que remoê uma exclamação de medo de mistura com o seu eterno ruminamento.

Afinal partimos todos. Um atraç do outro. Prados desenrolam-se. Costeamos casas pequenas, em ruina, caiadas, com alpendres. Agora roda-se por um caminho largo, bem feito, matta a dentro.

Os solavancos são medonhos. Atiram-nos como fardos por cima uns dos outros, atabalhoadamente. Felizmente a *senhora*, a *gorda*, o meu pesadelo, dista alguns passos de mim.

De repente zás! o da frente descarrilla e o de detraz que ia a passo apressado não contando com

o da frente parado, dá com o burro... não foi propriamente na agua, mas de encontro a placa larga trazeira do bond da frente. Saltamos.

Estamos n'um trecho esplendido de caminho. Houve uma queimada recente. Troncos incinerados erguem-se ao ar.

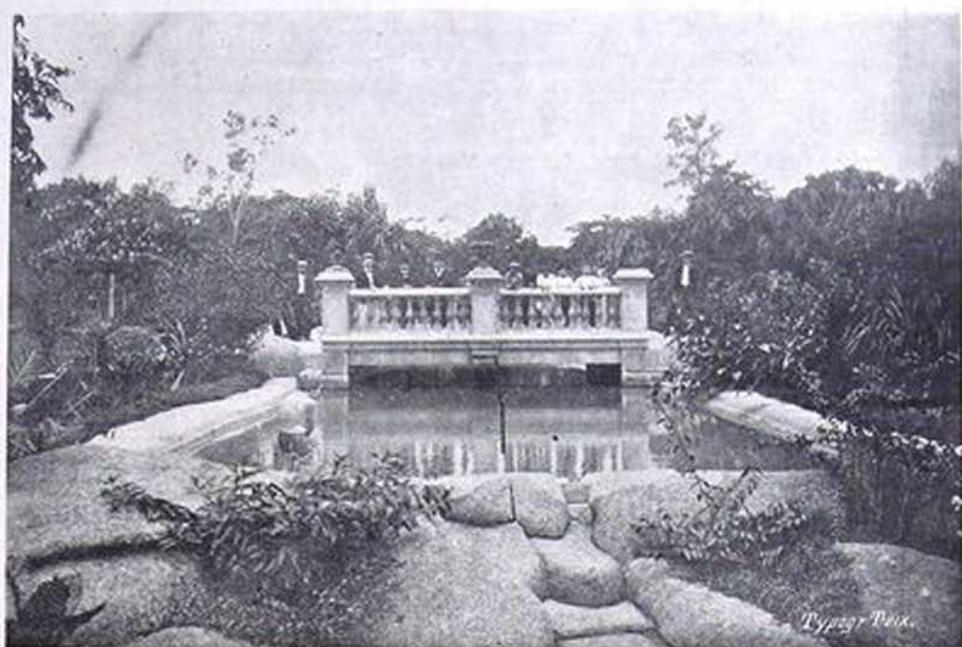
Gravatas selvagens enramam-se em outros enflorando os troncos e sangrando poderosamente em flores vermelhas e esplendidas.

Encosto-me a um tronco decepado, beirando a estrada, e puchando um charuto que accendo, fico à espera que encarrillem o tal bond, olhando contemplativamente toda aquella natureza ardente e requeimada.

São 11 horas da manha. Dia claro. De cima o sol cahe voluptuoso, n'um descanso luminoso, sobre o *edredon* da folhagem verde através da qual escoa-se vagarosamente.

Partimos de novo.

Desenrola-se agora o caminho, cheio de voltas, de sinuosidades, sempre coberto de uma vegetação de floresta. Ao fundo, na frente, dos lados, uma matta sombria de arvores, enredando-se, subindo e descendo, lembrando trechos suspensos onde a gente poderia dormir à sombra, enleado por essa poesia bucolica de Virgilio, a cantar e glosar nos ramos e a ouvir a passarada chalrear alegre n'uma ebriedade infantil.



PARA—PRAÇA BAPTISTA CAMPOS—PHOT. AMADOR—Eduardo F. d'Oliveira Junior

Falta apenas aqui o mar, o mar largo e palpante de Loti, a bater como um malho sobre as rochas da Islandia, com um clarão arrastado de astro moribundo, cheio de palpitacão suave do velame dos navios e do coração de Yaun, o noivo!

Mas eis que de repente, por uma volta rápida do caminho, desdobra-se aos nossos olhos de *touriste*, cansado, vastíssimo na superfície azulada, rumoroso eternamente, cravando a garra azul das suas ondas sobre o largo peito da praia, o mar.

Esplendida toda essa paisagem que a gente não espera e que nos surprehende assim de repente, n'uma visualidade subita e deslumbrante, trazendo á optica todo o deslumbramento, imprevisto.

E é alegre como um collegial vadio que eu atravesso em linha recta a praia desenrolada, as casas em frente, por onde o bond vai rodando sempre até parar em frente a uma casinha branca que se chama *a estação*.

Salto por momentos.

A primeira vista Sepetiba, que assim se chama esse lugarejo, oferece-nos aos olhos todo o aspecto magnífico de uma cidadesinha de pescadores, alegres, vivendo a vida pacífica e sosegada do mar, sahindo cedo para o oceano e voltando tarde, trazendo as barcas de pesca cheias de peixe vivo, a tremeluzir o olho parado na alegria da falta do elemento querido.

Mas basta fixar um pouco a atenção sobre as casas, sobre os habitantes, sobre a praia mesmo para concluir-se pela insalubridade de Sepetiba onde apenas o vento do alto mar traz de vez em quando uma onda saturada de perfumes marinhos. Na praia algas marinhas em quantidade reputável coalham tudo em redor.

Mosquitos adejam no ar prompts a arpoarem a humanidade que não é vigilante.

Uma desgraça, emf.m!

Tomamos o bond de novo e eis-nos a atravessar Sepetiba; depois entramos por um caminho sobre rochas. No fundo uma estação-sinhá, isto é, uma larga coberta de zinco, com uma escada para vapor.

Embaixo fumegava o *Emílio*, um pequenino vapor, que se vae assustanto pouco a pouco, fumegando, até sumir-se n'uma volta do caminho.

Sobre a amurada do pequeno *steam* costeiro, ladeando toda a costa do Rio de Janeiro n'uma extensão longuissima de umas 40 leguas, eu ia debruçado, charuto entre os dedos, pensamento entre sonhos.

Não sei por que escriptor algum já me commoveu tanto e desceu tão profundamente ao íntimo do meu ser com esse delicioso membro da Academia Franceza, esse inimigo acerrimo do Zola literário de hoje, Pierre Loti, nas suas obras esplendidamente simples como as camponezas de Islandia mas soberbas na sua forma opulenta encarcerada dentro d'essas roupas despreocupadas.

Principalmente o *Pêcheur d'Islande*, um livro monotono como o próprio mar, mas d'essa monotonia deliciosa, esplendida, de oceano que se espreguiça, que rola ondas azulinas, na sua *berceuse* magnifica de eterno rumoroso !

A gente sente como esses pescadores islandeses, embarca-se com elles nas sestas, sobre navios pequenos, deixa-se ir mar afóra á pesca proveitosa, enchendo o tombadilho dos *paquebots*, n'um barulho apressado, cheio de movimento.

Depois é a volta ! Por uma madrugada clara, cheia de um sol muito longe ainda, quando enfuma as velas com um rumor morto o vento terrível marinheiros, colhem-se as redes, ha um apanhar de cabos de pesca, abrem-se velas e quando o navio parte, ouve-se a voz de um timoneiro que canta saudosamente, nostalгicamente:

Jean François de Nantes
Jean François !

Páginas verdadeiras essas do novo membro da Academia Franceza.

Sem pretensão litteraria apparente e accentuada nas suas obras, estylo simples e correctissimo, Lotti faz dos seus romances verdadeiros renques de lyrios e floração tenra e molle de Abril, abrindo para o sol flores claras, vermelhas, amarellas de ouro, n'uma coloração viva de pintor italiano, n'um desleixo principesco de nababo !

E ao atravessar esse trecho de mar, á vista de terra, tambem não sei porque vem-me á lembrança a espera de Gaud pelo noivo, pelo marido, o Yann que partira ha dous mezes e que não voltará mais porque o mar o engoliu !

Ficas noivando, Gaud ! E' preciso ires arrancar agora ao fundo, ao fundo d'este oceano ou-sado que vés esteendido a teus pés, n'uma estagnação de geleiros da Suissa, de steppes da Russia, sem uma vaga, sem um rumor, no tempo regelado do frio. E por esse inverno rigoroso só havia estio, só havia calor na alma de Gaud, tanto que elle rebentava, subindo aos olhos em borbotões de lagrimas amorosas.

O meu charuto vai em meio. Como é delicioso fumar-se á popa de um navio que segue deixando na superficie do mar o unico salco da sua passagem !

Volto-me a ver do outro lado uma jangada de pescador que segue, panno enfundado, cabaz sobre o banco e o vulto de um homem assentado á popa, n'um banco tosco, de pau.

Confesso, francamente, que qualquer d'elles é mais corajoso do que eu. Não haveria interesse que me fizesse partir na fragilidade de quatro taboas unidas a affrontar a furia d'esse inimigo—o oceano.

Estamos agora a um kilometro de terra. Fazendas, plantações enormes, brejos, tudo isso desenvolve-se confusamente, sem que se possa determinar onde acaba um, onde o outro começa.

Numa volta de caminho, vê-se uma praia ao longe, Itacurussá. Abro a mala e tiro um binocolo pequenino, de viagem.

Aponto-o. Descubro um pouco alem da praia uma igreja, branca, pequenina. Casas em numero diminutissimo, naturalmente umas 14 ou 15 rodeiam-n'a. Chama-se Itacurussá.

Deve ser monoton a vida ahi n'um lugar tão desprovido de tudo, a tantas leguas do Rio.

E' um dos pontos que o *Emiliano* toca, na sua viagem vagarosa e monoton.

Approxima-nos pouco a pouco. De terra param canoas que trazem passageiros. A' proa de uma, um velho cego toca guitarra, saudosamente. E' um homensinho pequeno, imberbe, quarenta annos, mais ou menos.

Fica junto do vapor a tanger o instrumento n'um gesto doloroso de exilado da vida, de expulso do convívio suave e doce do prazer e do riso. Tiro nickeis do bolso e atiro-lhos, ao chapéu velho e cebento que traz sobre a cabeça e que estende n'esse momento, de pé, á compaixão dos viajantes.

Sou contra a esmola dada a quem mendiga indifferentemente, sem procurar saber se ha a falta de recursos que allega o mendigo, sem descer á consciencia e vida intima desse homem a descobrir ahi, no fundo d'esta vida que leva, a imagem sordida da miseria acocorada a um canto.

Mas esse homem que me estendia o chapéu sobre a onda, que arriscava-se á morte impiedosa do naufrago que luta na angustia suprema do ultimo momento, não podia mentir, não mentia com certeza vindo estender-me a mão na posição desolada de quem pede uma esmola.

Mas já o *Emiliano* virando de bordo afasta-se pouco a pouco, deixando sobre a superficie o sulco movimentado da sua passagem.

Que tedio deve causar essas viagens longas, sem accommodações, n'um vapor pequenino e estreito como o em que eu vou, cercado de passageiros mais estúpidos que eu, n'uma sensaboria dos versos do padre Correia de Almeida !

Quando cortar todo este trecho uma linha-ferrea e o apito sonoro da máquina vibrar por esses valados a fóra, aceleradamente, quebrando-se de morro em morro e passar silvando o trem de ferro, a alavanca do progresso na chapa chapissima e ridícula dos discursadores, então sim ! será delicioso um dia ou horas passadas na calentura de um wagon que vai vertiginosamente, galgando morros, atravessando cascatas, despenhadeiros ingremes aonde a gente vê no fundo o olhar suave e azul dos myotis selvagens a espiarem para o ar amedrontadamente !

(A seguir)

R. Alves de Farias.

O crime político

Será na verdade difícil precisar com segurança onde começa e onde termina o crime político.

Lombroso estabelece uma distinção entre as revoluções que tem um desenvolvimento lento, preparado, necessário, acelerado por vezes por algum genio ou algum louco, e as revoltas que não passam de uma incubação precipitada e artificial, uma explosão de embriões por isso mesmo votados a uma morte certa.

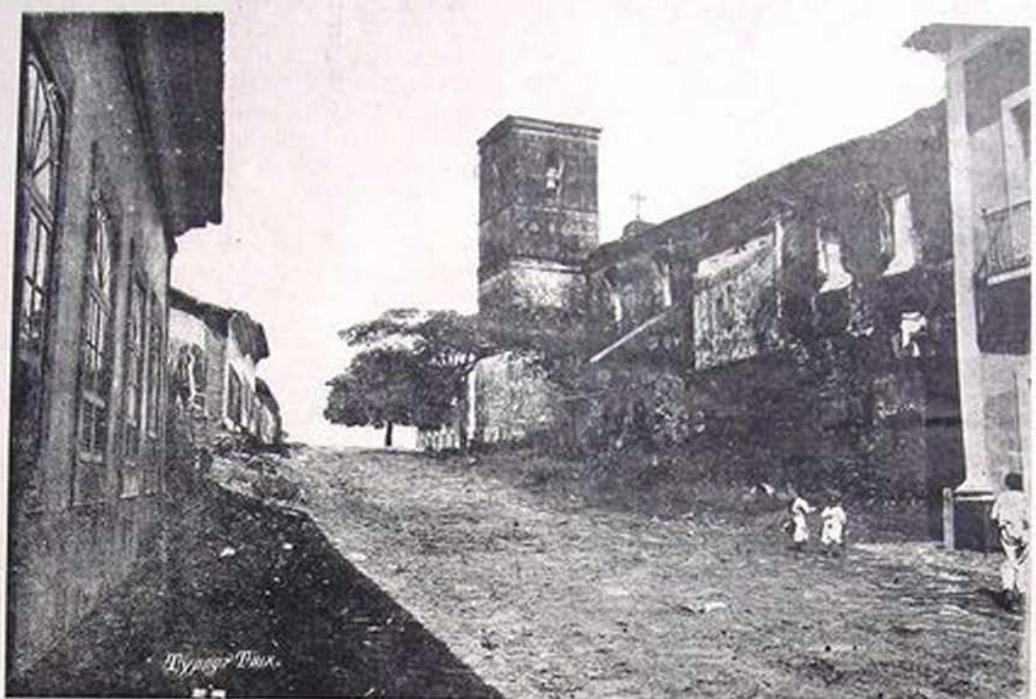
As primeiras devem constituir na opinião do celebre criminalista italiano phenomenos physiologicos, e as segundas phenomenos pathologicos e por consequencia crimes.

Os factores mais poderosos da criminalidade política são o clima e a raça.

Laschi sustenta que os revolucionários ardentes são brachicephalos: exemplo: Marat; e os revolucionários lentos dolichocephalos: ex: Voltaire e Diderot. Na França e na Italia os brachicephalos são revolucionários e os dolichocephalos conservadores.

O mesmo sabio acrescenta que o gênio é posto em evidencia pelas evoluções rápidas e por consequencia o seu aparecimento torna-se mais frequente nos meios revolucionários! Athènes nunca produziu tantos homens de gênio como nos momentos das suas revoluções.

Comparando as distribuições geográficas do



MARANHÃO—ALCÂNTARA—RUA GRANDE—PHOT. AMADOR—J. Faria

genio na França com o resultado das ultimas eleições politicas, parece que a genialidade marcha de par com a tendencia radical.

O dr. Régis, que estudou os regicidas, divide-os em falsos e verdadeiros regicidas.

Os primeiros são aquelles nos quaes o attentado, mais apparente do que real, constitue unicamente um producto de accaso.

O impulso que na maioria dos casos os arrasta ao crime é o desejo de se tornarem salientes, de atrahirem sobre si as attenções publicas.

Os verdadeiros regicidas são aquelles nos quaes o attentado constitue a consequencia directa e forcada de um estado de espirito particular.

Estes ultimos subdividem-se em regicidas loucos, nos quaes o regicidio nada mais representa do que a forma ou a consequencia do delirio que os persegue, e em regicidas typicos ou regicidas natos.

Os regicidas typicos são degenerados hereditarios, de temperamento mystico que, transviados por um delirio politico ou religioso complicado por vezes de hallucinacões, julgam-se chamados ao duplo papel de justicieros e de martyres a quem incumbe a missão de ferir um grande da terra em nome de Deus ou da Patria.

São, em resumo, os anormaes, os mattoides, isto é: os semi-loucos, participando simultaneamente do alienado e do criminoso.

Participam do alienado pelo seu mysticismo hereditario, pelas suas hallucinacões; participam do criminoso pela sua vaidade excessiva, pelo seu amor da declamação e muitas vezes pelas suas transgresões anteriores. Participam tambem do genio e de heroísmo pela coragem e pelo stoicismo que quasi sempre revelam no suppicio.

E. L.

LYRICAS

IV

— Esperava-o, disseste-me. O meu coração leal adivinhava a sua visita. . .

E uma fanfarrão triumphal de alegria vibrou-me n'alma ao ouvir dos teus labios essas palavras benditas.

Eu entrara pallido e indeciso, no receio do acolhimento que me farias.

De ha muito que me supunha esquecido, banido de vez da tua lembrança e do teu coração.

Por sobre a quadra feliz de nosso amor parti-lhado uma avalanche de annos desabara.

Cada um de nós seguiu o rumo opposto que lhe traçava o destino.

Na minha alma, porém, perdurara sempre indelevel a tua imagem; de envolta com a saudade immensa dos teus beijos e o inconsolavel desespero de te haver perdido.

Mas viviam commigo essa imagem, essa saudade e esse desespero, viviam commigo, sem que os me cercavam da sua existencia suspeitassem.

E quando me proporcionou o destino a ventura suprema de te ver de novo, supunha que me recebesse como um indiferente, como alguém que a gente conheceu em tempos, mas que depois esqueceu. . .

As tuas palavras porém arrancaram-me essa dolorosa suspeita. . .

Amavas-me ainda, e, o que é mais, tinhas também a certeza de que eu te não havia esquecido. . .

E na noite perenne e negra da minha desdita figurará para sempre, como um claro luar de perdão, esse instante bendito. . .

Mario da Silva.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Setembro de 1904

Num. 74



Carlos Gomes





MARANHÃO—ALCANTARA—Phot. amador J. Faria

Dona Leonor

Numa suave quietude e postura evangelica de santa affeita ao martyrio, na estreita e archaica janella da sua casinha da rua do Passeio, Dona Leonor aguardava a passagem do bonde. Era a sua diaria preocupação, ás tres da tarde, quando o calor vae diminuindo e uma branda aragem vem chegando. Desde ás 2 horas ella começava os preparativos para a espera. Ia a uma corda meia bamba pelo peso da rouparia, desordenadamente posta, collocada em um dos compartimentos da casa e começava então numa luta mortal de perscrutar o segredo da elegancia de cada uma das blusas. Era a sua tortura predilecta, essa de escolher as blusas. Das saias pouco se importava. Para que? Se elle só lhe via o busto saliente da sacada forrada por um paneiro entrancado de madeira polida? Os quadris, os contornos desfavorecidos de carne fresca, não necessitavam ainda do seu cuidado e ella, logo que elle estivesse em mais intimidade e adquirisse entrada na casa, trataria disso. Por emquanto era preciso enfeitar o busto que sustentava aquelles negros cabellos e negros olhos, que o haviam apaixonado tanto á primeira vista, e que tão bem foram rimados em versos vibrantes e cheios dum ternura e emoção poucas vezes confessadas... E nisso ia todo um delicioso martyrio. Pegava uma blusa, endireitava a renda, alisava com carinho a manga um pouco amachucada e procurava desfazer a marca visivel que o cotovello lhe deixara, tudo com uma meticulosidade e uma paciencia inexplicaveis no seu temperamento ardente de mulher desejosa... Uma por uma, as blusas iam sendo revistadas, desde o decote escandaloso, velado por

uma gaze finissima de colchete atabalhoadamente pregado, sem requinte, quasi que sem symetria, por ser um «secundario agente de elegancia», como lhe chamava Dona Leonor, na pressa de concluir uma nova blusa.

Os minutos corriam e ella, ora experimentava esta, ora aquella, postada em frente do largo espelho de cristal, denegrido pelo tempo, onde, num dos cantos, se ostentava a volumosa figura de Venus, entre bogarys e dhalias, restos da fidalguia burlesca dum commendador, seu avô. Depois de vestida e muitas vezes mirada ao espelho, a blusa era ainda repuxada, repregada uma fita e, por fim, um molho de cravos rescentes e angelicas perfumadas, com infinitas precauções, era depositado no collo extractado, seguro por um alfinete de metal bronzeado. Feito isso principiava o borriço de pó de arroz pelo rosto. E era uma delicia vê-la, de olhos muito fortes e provocantemente abertos, para que nem um dos pôros da face pallida, deixasse de ser revestido pelo rosado do pó. Nisso ia um bom quarto de hora. Os cabellos eram arredondados da testa curta e molhada, com carinhoso sobresalto, para que o penteado feito pela manhã não se desmanchasse e o lenço de algodão embebesse as gotas de suor, adquiridas naquelle excessivo requinte de parecer bem. Depois era o perfume que finalizava todo esse escrupuloso adorno, febrilmente entornado, sob as rendas balouçantes da blusa, em cada um dos sanguineos bicos dos pujudos seios, para que, de longe, venenosa e violentamente, aquella mistura de carne humana e extracto fosse percebida...

Ainda uma vez volvidos os dois grandes olhos ao espelho, num ultimo retoque geral, ella, can-

tando a ultima modinha dos trovadores da terra, lá ia, arrastada inconscientemente por aquella submissão fiel de cão... E, aniosamente, gulosa daquelles fartos bigodes louros, que já tantas vezes roçaram pelo branco do seu rosto, Dona Leonor esperava beatamente resignada, que o bonde reponesse na curva da rua Grande. A mão direita sobre o lado direito do rosto, o polegar no queixo saliente, quasi na mesma linha do nariz e o labio superior leve e propositadamente erguido para deixar brilhar o esmalte novo de virgem, da meia-lua dos dentes. Mal avistava o bonde, que ronseiramente vinha cabeceando, ficava numa indolencia estudada, a recalcar o fremito voluptuoso que sentia percorrer-lhe todo o corpo á approximação dele. E á proporção que o bonde avançava lazarentamente puxado por duas pilecas magras e ossudas, augmentava-lhe aquelle estupendo fogo que lhe ia n'alma. O cumprimento era sempre o mesmo: medido e severo, para que os outros passageiros não desconfiassem do namoro. E, enquanto, o bonde, agora empurrado pelo declive da rua, descia, aos sacolejos, Dona Leonor, com um meneio de pomba arrulhando, o ia seguindo, inclinando mais e mais o disforme da sua cabeça, recoberto com o donaire do penteado, até que o vehículo se sumisse na outra curva em frente ao Hospital Portuguez.

Assim feita esta segunda operação do dia, pois que identica era a da manhã, ao decimo dos conquistados, Dona Leonor, no conchego do lar, ao longo do jardim, ao cheiro morno e excitante dos jasmuns e ao sussurro casquilhante do severo chafariz prateado, sondava o céu, orlado, por vezes, dum pomposo arco iris, implorando a noite, para que sobre o rebordo da janella se viesse appoiar o requestado Alberto. Ahí, nesse fresco e asseiado jardim, ás ultimas franjas do sol, ella recordava toda a sua mocidade, gasta ás pavorosas garras do Homem. Este era o decimo, e em nada, absolutamente em nada, divergia do primeiro. Os mesmos modos lascivos, a mesma brutalidade de incomprehensíveis nervos que nunca se satisfazem...

A's 7 da noite, invariavelmente, lá estava, com a mesma blusa, com o mesmo ar de amor intenso e inacabavel. Eile vinha-se esgueirando pelas casas proximas, numa vontade de apressar mais os passos, de correr para ser della, inteiramente dela, até que o relógio de S. João, na sua marcha incessante, fizesse badalar as 10 da noite e o cornetim do quartel do batalhão reclamasse silencio. A conversa poucas vezes variava. Logo á chegada, Alberto apertava-lhe soffregue e nervosamente a mão e, aproveitando-se do escuro da rua, onde poucos lampeões luziam, nella depositava-lhe um beijo demorado e surdo.

— Como havia passado?

— Bem, á parte as saudades delle.

— Qual, não tinha saudades!

— Pois, seria possível que não acreditasse na sinceridade do seu coração?

— Acreditava, acreditava, mas parecia-lhe que ella o amava pouco, que lhe não tinha aquella afecção enorme que dizia e procurava demonstrar. Que fazia aquillo, talvez, por comprazer-lhe, para engana-lo.

E era uma serie interminavel de queixas e interpellações, evocações de sonhos, passagens comprobatorias desse amor num gaguejado soluço de padecimento.

Outras vezes fôra uma desoccupada lingua que se atrevera a metter-se nessa doce troca de sentimentos e afectos, uma visinha avelhantada que os censurara pelo «modo pouco decente com que se haviam em tamanha rua publica». Dona Leonor exprobava exageradamente essa lingua mexeriqueira e, Alberto, num extasis divino, por ve-la tão radiante a falar do seu amor, de olhos luzindo numa luxuria morbida, numa attitude de peccador contrito, novos e longos beijos depositava-lhe nas mãos desregradamente... Às vezes esses momentos eram tão deliciosos e toucos que, elle, affrontando tudo, num assomo brusco, recurvava o alongado braço, envolvendo a delgada cintura de Dona Leonor, num abraço carniceiro e brutal. Em tales occasões, por pudicicia e, ainda por parecer bem e senhora de muito juizo, Dona Leonor, com um gesto de caricioso enfado, repelia-o brandamente, lembrando-lhe a responsabilidade e o escândalo de tão excessivas provas de amizade...

..

A tia de Dona Leonor, a Sinhá Barbara, uma recolhida e seria senhora dos seus 40 annos, festejava sempre o florido Maio, em louvor da Mãe dos Peccadores, excelsa creatura da sua devocão. Durante os 31 dias, baforadas de incenso e de vozes erguiam-se aos céus, numa doce e religiosa harmonia, para que a virtuosa Mãe dos Afflictos se apiedasse dos miserios mortaes. Para cada noite eram designados dois fieis, uma rapariga e um rapaz; quasi sempre recabindo a escolha em dois suspiros noivos ou queridos namorados. O encerramento de tão católicos festejos cabia a Sinhá Barbara, promessa que fizera, quando o seu falecido marido, por cuidado ao seu primeiro parto, apinhara forte constipaçao que degenerou numa peritonite, ao voltar da cocheira do Balthazar onde tinha ido ordenar a corrida de uma das victorias á casa do Dr. Parreira, medico especialista. Todos os habituas aguardavam esse dia 31 que era a chave de oiro desse mez de canticos e flôres.

Por uma consideração especial á Dona Leonor, a sua boa tia consentira nesse anno em faze-la, mais o Alberto, partilharem como bons sobrinhos e amigos, do fecho das ladainhas. Só por consideração... E o alvoroco entre os noitantes foi então enorme. Cada beata moçoila tratou de arranjar melhor o seu vestuario, para o grande baile da noite de 31. Em todas as outras noites, nas rodas baladeiras das portas das boticas, só se falava nesse, no enorme sucesso de Alberto e de Dona Leonor, na pompa e esplendor que teria a ladainha, dessa vez acompanhada a grande instrumental e rezada pelo sapientissimo sacristão de Santo António, o mais entendido dentre os sacristões da terra, acompanhado d'um côro de perto de 50 devotas, moças e velhas... Os estranhos á casa procuravam, por meio dos amigos de Sinhá Barbara, bispar um convite para essa falada festa, indagando se, realmen-



MANAUS—PALÁCIO DA JUSTIÇA—FACHADA DE UM LADO

te, haveria aquelle rebolço todo que ia na cidade, Sinhá Barbara, sempre com um sorriso de perfeita e lustrosa satisfação, respondia acolhedoramente aos sollicitadores de ingressos: pois não! podiam trazer quem quisessem! Aquella casa era delles. Dispusessem da melhor forma, convidassem os amigos e as famílias conhecidas, que ella com isso se sentia bastante lisonjeada e muito grata pela subida importancia e sublime respeito que demonstravam pela sua religiosa adoração.

E cada qual se esmerava no gommado das leves cambraiás, no arrumo de mais efeito para o penteado e na escolha da gravata mais arqueadamente escandalosa. A cidade toda era um fervedouro de cochichos e uma ancia de festa desusadas; e, de raro em raro, circulavam segredantes boatos duma nova surpresa preparada pelo Alberto á boa da Sinhá Barbara.

:::

Dona Leonor quasi que não cuidava, nem conversava de outra coisa. E via-se, então, radiante soberba, ali, no meio daquella multidão festeira, como o alvo de todos os olhares. Foram descosidas todas as blusas e rebuscada toda a interminável colleccão das variegadas fitas e das rendas, conservadas em duas largas caixas de papelão ayer-melhado, adquiridas, pelo seu falecido pae, com

camisas francesas. Entornados ellas e desmanchadas as blusas mais modernas, começou-se o trabalho da reconstrucçāo. Foi uma cerrada discussão sobre o figurino escolhido e sobre a combinação das cores e dos enfeites. A amiga, Dona Rittinha, fôra com muita insistencia chamada para dar a sua tão conhecida opinião e o seu bom gosto na matéria.

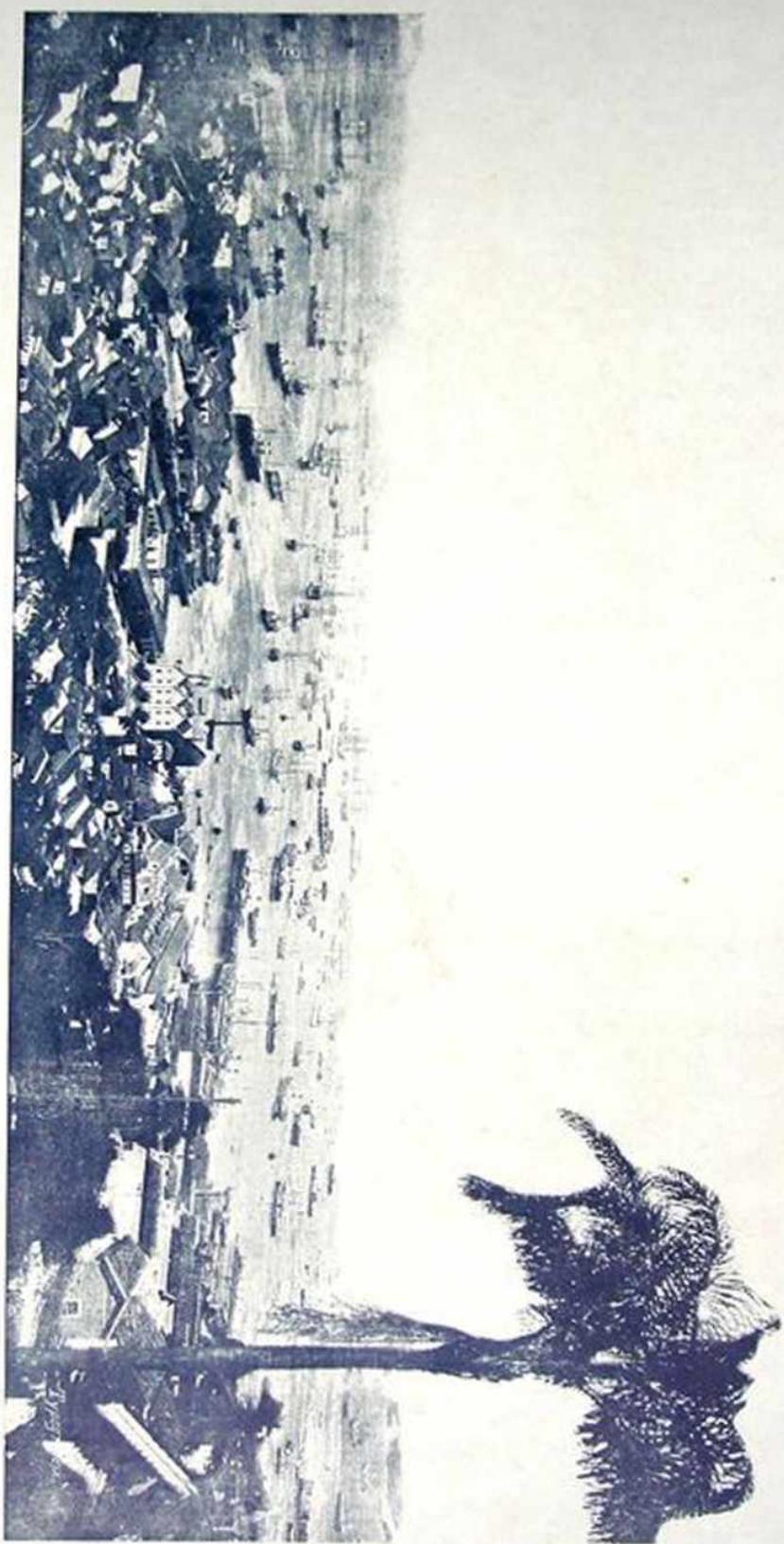
Era uma azafama extraordinaria que ia naquela casinha socegada e pobre.

Agora já não era simplesmente a blusa, esse elegante aprumo do busto e o cuidado extremado no arranjo dos seios... Agora, era, principalmente, a saia, a saia, essa meia-túnica de que Dona Leonor pretendia tirar o melhor dos partidos.

—Eram precisas, monologava consigo mesma, quatro anagoas mettidas em gomma bem forte e dura e uma bem achada e rara arrumação, para que aquella ausencia assustadora de quadris, não desfiasse toda a estupenda e admiravel pujança dos seios. Era preciso uma felicidade inaudita na occasião de vestir-se e um estudo entrecho de pannos para que Alberto, esse sentimental poeta dos olhos, visse, através daquellas almofadas de morim gommado toda uma exhuberancia de carne sensual e moça. Era preciso que o conjunto em nada fosse desproporcionado e que á rigidez e á melancolia daquelles fartos seios se viesse juntar toda a desastrada ruina das cadeiras desfavoreci-

SUPPLEMENTO AO N. 74

16 DE SETEMBRO DE 1906



Rio de Janeiro—Caes da Saude

A REVISTA DO NORTE

Maranhão—BRAZIL



MANAUS—CHEFATURA DE POLICIA

sapientissima doutrina de Dona Rittinha que predominava, como o ultimo, o mais sensato e systematico dos tratados de elegancia, de ordem, de ajuste, de apuro e de mistura harmonicas...

A prova definitiva foi tirada com o mais escrupuloso disvello e inquietações de Dona Leonor, que se preparou com toda a vigilancia possivel para esse final exame, ultimo transe de experienca por que devia passar todo aquelle primor de conquista. E á viveza dos olhos de Rittinha aquillo tudo apparecia como um insuccesso desclador e um epilogo grotesco de tardia desillusão. Ella de muitos mais encantos, de mais severo pensar e de commedidas palavras não se habituara ainda a futilidade e ao descôco de Dona Leonor. Tudo aquillo figurava-se-lhe um sonho fantastico, uma obra des-

das, excelsamente e com artificio, revigoradas para esse dia 31.

Até então nunca o loiro amante a avistara de alto a baixo, com toda aquella rutilancia de olhos, que tudo vêem e adivinham, desde o pomposo e alinhado negro dos cabellos repartidos, á esquerda, visivelmente vendendo-se-lhe o alvo do couro da cabeça, com uma alta e afoufada trunfa, para a direita, trabalhadamente combinada, segura e adornada por tres pentes de tartaruga com frisos de oiro, ponteados por duas carreiras multicôres de pedras falsas, até o afinado e microscopico beiço dos escondidos cothurnos, agora que a moda decretara as saias estupendamente cumpridas. Nunca aquelles seductores olhos, tão intelligentes e canalhas, haviam logrado inspeccionar, por inteiro, o corpo de Dona Leonor. E a angustia crescia á medida que os dias avançavam.

A machine «Singer» rodava desabalada e furiosamente movida á toda e o maior esmero e attenção foram dispensados ao vestuario conquistador das ultimas victorias.

Dona Rittinha, encerrada na sua importancia de entendida e de reclamada modista, exultava no seu orgulho, rindo-se, intericamente sarcastica, de todo aquelle requinte exagerado de parecer bem, embora immaterialmente... Sobre o minimo detalhe a executar, a cor melhor do pafo, se de seda, se de foulard, as nesgas, os botões, para tudo, enfim, era a

conhecido do Demo e uma falta de senso e de olhos, de olhos, principalmente... A' Dona Rittinha, pobre senhora educada do obulo sublime e misericordioso da caridade, num convento de freiras, com uma recolhida e excepcional pratica do Bem, aquillo não passavam de astacias de Satan, esse inimigo feroz dos cristãos sem longo convivio monastico. E, com modos de penitente e santa, logo fingida, beata e surrateira, persignou-se, invocando o auxilio de Santa Thereza, com quem mais á vontade estava em momentos de aperto...

la pelo 30 de Maio, e cada vez mais, a fama dessa desejada noite de 31 se alastrava e crescia...

Dona Leonor, depois de haver circulado o seu debil corpo, agora largamente rotundo pelo elevado prestimo e passiva obediencia das anagoas, em tor-

no do alto espelho, indagou do assente da blusa, do perfeito equilíbrio dos quadris e da sua homogeneia. Mandou repregar mais a blusa e repuxar mais a saia, a ver se não fôra desastroso o resultado de tais pesquisas. E depois de bem revisto, de bem repuxado e inúmeras vezes esmerilhado, o vestuário, placidamente desafinado, foi aos poucos descendo, enquanto Dona Leonor, mais sociedade agora, com um sorriso em flor nos lábios chochos, intimamente se assegurava do enorme triunfo do dia seguinte...

F. SERPA.

(Novella em preparação).

Um grande homem

— Se eu lhes contasse a história d'aquele homem, não essa que por ahi anda apregoada nos jornais, repetida a cada esquina pelos engrossadores imbecis, mas a outra, a íntima, a verdadeira, a que poucos conhecem, vocês passariam de certo da inconsciência dos homens e do cynismo da divindade que nem sequer dispõe mais do fogo do céu para consumir as cidades malditas...

E o Guilherme Ribas, teatral e cavernoso, apon-tava com a bengala o Dr. Silverio que passava ao fim da rua,solemne e grave, na sua cartola reluzente e no seu sobrecasaco de corte impeccável.

Era á porta do botequim do Gaudencio, por uma tarde de sábado, festiva e clara.

Os outros acompanharam a direcção da bengala do Guilherme, e olharam depois para os lados, no receio de que ouvidos indiscretos houvessem colhido aquela desrespeitosa apostrophe do bohemio.

— Deixa-te disso, contrapoz o Eusebio Seixas; não te corriges da tua insuportável mania de fazer oposição a todo o mundo. Vês o Silverio guindado às culminâncias da política e entendas do teu dever faze-lo descer à força, pelo menos na nossa opinião...

— Ah! vocês duvidão? O diabo é que a coisa é longa e eu não estou disposto à maçada de a reproduzir agora... Emfim, para que se convençam de que falo verdade, lá vae uma cena apenas e das mais triviás, da odysseia de infâmia que esse homem vem entoando na vida desde a idade da razão... Vamos lá dentro, num recanto reservado, a reviver esse traço precioso da psychologia d'aquelle idiota...

Entraram todos e foram abancar-se a uma das mesas do botequim.

— Cerveja? veio logo perguntar solícito o criado.

— Não, replicou o Guilherme; o nectar que vamos sorver agora é mais delicioso do que essa zurrada infame com que o teu patrão diariamente nos arruina as visceras.

E logo em seguida entaboliu a história.

— Vocês lembram-se de certo d'aquela menina que a mãe do Silverio expulsou uma noite de casa sob o pretexto de que a infeliz vivia a rouba-la e

a introduzir secretamente no seu quarto, nas noites em que a família saía, um soldado da polícia?

Os outros acenaram afirmativamente com a cabeça.

— Lembram-se também de que a misera, sentindo-se abandonada, foi atirar-se de um paredão do cais abaixo, sendo na manhã seguinte encontrada morta pelos catraeiros, com a cabeça esmagada e os miolos espalhados pelo pedregulho que a maré baixa deixava a descoberto?

— Perfeitamente, confirmaram os outros, e até a família do Silverio foi de uma correção admirável por essa ocasião: fez recolher a casa o corpo da rapariga, promovendo-lhe um enterro mais que decente...

— Vae tudo muito bem, continuou o narrador. A velha Pulcheria mandou dizer não sei quantas missas por alma da triste, o Silverio deitou lucto por uma semana, etc. etc. Mas o que vocês não sabem é que a pequena estava gravida...

— Gravida?

— Gravida, sim e o pae da creança... vejam lá se adivinharam...

Os outros entreolhavam-se boquiabertos.

— O pae da creança, declarou o Guilherme medindo as syllabas, o pae da creança era o Dr. Silverio da Matta Vergueiro.

— Ora, isso é invenção tua, protestaram todos a tua voz.

— Invenção? Olhem, como vim a saber da coisa não lhes posso dizer agora, fica para mais tarde, para quando lhes contar toda a vida do canalha... Mas o que lhes posso garantir é que é pura verdade o que lhes estou contando... Vocês bem sabem que eu não minto senão por gracejo e agora juro-lhes que estou falando serio e muito serio... A rapariga, filha bastarda de um irmão da Dona Pulcheria, foi por esta recolhida a casa muito nova ainda. Creou-se juntamente com o Silverio e depois de moça apaixonou-se por elle. O canalha percebeu a coisa e... fez o que outro qualquer canalha no seu caso faria... Quando voltou formado, ajustou casamento com a filha do Telles, casamento que lhe traria a fortuna e a posição que elle hoje ocupa. Mas a Rosalia — vocês sabem que a suicida se chamava Rosalia? — estava gravida. Procurou o Silverio uma noite e contou-lhe o seu estado, exigindo-lhe, sob ameaça de escândalo, que desse um nome ao filho... O patife, vendo-se perdido, contou tudo a mãe que, como vocês sabem, é uma megera infernal, e os dois mancomunados, forjaram a calunia do roubo e dos amores com o soldado de polícia... O resultado conhecem vocês qual foi...

— E não comentem, concluiu o Guilherme; não comentem. Registem e aprendam por ahi a conhecer os homens.

— O rapaz, agora podes trazer a cerveja!

H. Salgado.

Trecho de viagem

(CONTINUAÇÃO)

Vejo ao relogio que horas são. Meia hora depois do meio dia. Uma hora mais e teremos chega-



MANAUS—RESERVATORIO DAS AGUAS

do. E abrindo preguiçosamente, somnolentamente a bocca, mãos nos bolços das calças, ponho-me a passear no tombadilho.

Sentadas as duas moças do trem que vão à Angra dos Reis, vêm sempre baixo, a conversar sobre o Rio.

Ambas são morenas, cabellos encaracolados na testa, gestos desmanchados, a olhar para o mar. Perto dorme a velha, a *gorda*, de buço leveiro sobre o labio superior e bandós de cabellos na cabeça.

E eu fico a olhal-as pensadoramente, lembrando-me da contingencia d'esta natureza em que vivemos que faz brotar o riso e a mocidade a na bocca d'essas duas moças grosseiras e faz que dure a velhice a resomnar pela bocca d'esta velha anafada e ridícula.

Mas que diabo ! Como me aborreço a pensar essas tolices que me vêm a mente e a olhar em redor de mim !

Como me recordo saudosamente da vida académica que deixei em S. Paulo, cheia das noites friorentas, das mulheres bonitas, de olhos rasgados e roupas de frio, cruzando num vôo rasteiro de andorinhas apressadas. Como me vêm saudosamente à lembrança as ceias no Java, o vulto ridiculamente formoso do Bento de Barros, vestido de negro, camelia ao peito, lembrando, na phrase de Guy, a tonalidade branda de uma estrela no chão preto de uma nuvem !

E convenço-me então n'esse tedio que me cerca, n'esse spleen que começa a encher-me e tende a extravasar, que ha uma monotonia tremula, reles, a exalar-se do oceano, como nas paginas deliciosas d'esse princípio da phrase francesa, d'esse nababo universal do espirito e da *verve*—Pierre Loti.

Ufa ! que cheguei ! Numa volta do caminho desolado e nô, de pastagens rentes e sem morros, sinão ao fundo, Mangaratiba aparece.

Casas brancas, como pombas paradas, imóveis no seu vulto amesquinhado e baixo, torres de igrejas e um casarão barreado a beira d'água, quasi a entrar pelo mar a dentro, eis ahi Mangaratiba.

Sobre a corrente agitada do mar vem de terra uma canoa. A popa rema um homem, em manga de camisa, curvando a espinha no esforço sobre os remos, enquanto ao pé, junto ao banco, alguém vestido de flanella e calcado de botas, tendo a cabeça um chapéu branco de cortiça e lona, olha fixamente, a enormidade preguiçosa do *Emiliana*, agora parado nas águas do pequeno golfo.

De mala sobre o banco, espero. Sobre o meu espirito de enjoado da viagem e dos companheiros, *flaneur* diario da rua do Ouvidor, acostumado a elegancia suprema da grande arteria fluminense, paira uma duvida.

— Quem será ?

E fico a olhar admiradamente para o sujeito de



MANAUS—THEATRO AMAZONAS

côco na cabeça que curva-se agora e endireita qualquer coisa nas botas.

De repente ergue-se. A canoa, mais perto, aproxima-se tanjida pela força a toda a prova do remeiro em camisa de meia vermelha, riscada de preto.

— Pois é possível? E's tu?

E já quero descer precipitadamente a escada do vapor para atirar-me nos braços de meu irmão que me olha com o seu ar de paternal bondade, alegre, feliz.

Vou descer, mas esbarro com o commissario de bordo que cortezmente me põe a mão no homem e inclinando-se: — O seu cartão!

Metto a mão no bolso e saco um dos meus *adresses* — cuja ponta dobro e entrego-a ao homem. Quero passsar, embora por cima d'ele, mas impe-de-me de novo:

— Perdão, cavalheiro! é o seu bilhete de pas-sagem que eu peço.

Abro a bocca desmesuradamente. Só agora é que comprehendo o que o homem quer. Largo a mala e procuro acceleradamente o bilhete que encontro afinal no bolso da calça, enrolado entre umas magras notas de mil réis.

— Ahí tem, sr. Deixe-me passar!

E precipito-me, degrau abaixo até cahir nos braços de meu irmão que quasi vacillou dentro da canoa que deu um tombo formidavel.

De cima, de bordo, o vulto das rapariguinhas debruçadas riam suavemente do meu desastre, do meu *mal à la tête* de instantes, à procura do meu *cartão* que eu sempre julguei ser o meu *addresse*, acostumado a etymologia do termo e ao seu emprego no *argot* fluminense entre senhores do bom ton.

Ingratas! vingo-me de vocês duas agora, escrevendo estas páginas que ahi ficam, em que só não lhes chamo de *feias*, mas de engracadas, graciosas, tipos de vultos da roça, e isto é o que me desafoga.

— Manda tocar esta podenga para terra, meu caro! Olha que tu estás encortiçado e não te asfogarás, si cahires ao mar.

— Depois o meu estomago dá horas, cincuenta e quatro badalladas, de vazio que está. Almocei muito bem, mas um diabo de uma vella toda a viagem levou a ruminar-me o almoço de modo q'estou em jejum! Meu irmão ria-se.

— Vamos, Agostinho!

R. Alves de Faria.

— A seguir.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Outubro de 1904

Num. 75



MARANHÃO—ALCANHARA—INTENDENCIA—I hot. amador J. Faria

Fachos

Padres! o vosso Deus, o Deus que ha tantos annos
Pregais, é o maior de todos os tyrannos!
Ante seus pés a dôr humana embalde vóa!
Tal Deus sem coração, tal Deus que não perdão,
Que possue, como um rei qualquer d'este planeta,
Infernus, padres viões, não passa de uma peta!
Que elle reine, que extasi, é inacreditavel!
Um Deus não pôde ser assim tão implacavel!
E nem na Porta Azul da Celeste Esperança
Para o mau escrever esta phrase: vingança;
Tal palavra lhe pôe negrissimo labéu...
O vingar é da terra, o perdoar do céu.
Deus é o braço que ampara, a égide que abriga;
E' pai, e sendo pai perdão e não castiga;
Acima da Razão severa que condenma,
Está seu coração a commutar a pena;
Deus, o bem—Deus—a luz—o eterno, ou providencia,
Esse sol, posto sobre o monte da existencia,
Esse symbolo fiel de tudo que é divino,
Que fazemos tão grande e vós tão pequenino,
Nescios! não pode ser como o pregais oh! não!
Elle é feito de amor, é feito de perdão;
E' um divino ser, angelico, perfeito,
Sem um odio siquer, sem um rancor no peito!

Não mora lá na paz eterna das alturas,
Gosando calmamente as mysticas venturas.
—Pavoroso juiz, severo, e imparcial,
Aureolando o Bem, satanisando o Mal—
Mora entre nós, sorriendo aos bons e aos peccadores,
Partilhando comoscos as delicias e as dores,
E nas noites fataes que a existencia oferece,
Se nos vê padecer, mais do que nós padece.
E' o raio de luz de toda a escuridão,
E' conforto, é sorriso, é lagrima, é clarão;
Jamais pôde assistir à mais pequena magoa

Sem ter completamente os olhos cheios d'água;
Nem uma hora siquer a sua mão descansa:
A um atira um sonho, a outro uma esperança.
Por toda a parte vela o seu olhar amigo;
Canta com um rouxinol e gème com um mendigo;
E protege com o mesmo entranhado carinho!
Com o mesmo grande amor, um berço como um ninho!
Ha uma dôr ali? buscai-o, que está perto;
E' oasis que vó o arabe no deserto;
E no mar, ao tufo que os vagalhões escalva,
E' a taboa na qual o naufrago se salva.
Onde ha uma afflção, onde uma dôr palpita,
E' ali que Deus mora! ali que Deus habita!

O Christo, esse que eu amo, o Christo casto e doce,
O Deus meigo, que nunca uma só vez vingou-se,
E que tinha, ao morrer, entre doces resabios,
Mil soluços no olhar, e mil perdões nos lábios;
Aquella alma divina, aquelle Ser albente,
Aquelle coração de quem descendê a aurora,
Não tem coleras, não! tem isto simplesmente:
Quando o adoramos, ri; quando o deixamos, chora.
Jamais maldiz quem vai por um errado trilho.
E' pai, padres, e um pai sempre perdão um filho!

Em seu rasto que a luz do proprio sol humilha,
Tanto affecto transluz, tanta docura brilha,
Que a alma, ao despertar do iniquo pesadelo
Da vida, ao penetrar no seu imperio, e ao vel-o
Em pé, sobre o seu trono estrellado e singelo,
Tão piedoso, tão bom, tão mystico, tão bello,
Lembrando que feriu seu coração suave,
Como a dôr que se tem de ter ferido uma ave,
Tal remorso lhe vem das torpesas da vida,
Que se atira aos seus pés, chorando, arrependida.

Pregais: «Tremei, increus! peccadores, cuidado! Deus prescruta, Deus vê o mais imo peccado;
E dá a cada um, juiz, frio e inclemente,
O premio, que merece, irrevogavelmente!
Cuidado! que ao soar das horas da vingança
Pra vós não haverá uma pequena esperança!
Como havéis de ficar ante o juiz augusto?
Peccadores, tremei! o Creador é justo!
E' o mesmo que diser, disendo o que diséis:
«Nosso Deus é o maior e o mais cruel dos reis!
Esse grande espião, diabolico e invisivel,
E' medonho, é feroz, é lugubre, é terrível!
Esse despota negro, esse sultão eterno,
Possui, como o Csar, um Siberia—o Inferno—.
Seu negro coração é feito de granito,
Cuidado com o chacal da jaula do infinito!
Ninguem offenda a mão que brande cimitarras!
O nosso Deus se vinga! o nosso Deus tem garras!
E d'elle fazeis um retrato tão horrendo,
Que a alma do que morre entra no céu, tremendo.

O que diríeis vós, se um filho ha muito auzente,
Que dissipando os seus thesouros loucamente,
Viesse apôs bater à porta do seu lar;
E o velho pai gritasse: «eu não te deixo entrar!
O que buscas aqui? fiseste-me soffrer!
Fiseste-me chorar! não quero mais te ver!

Amaldiço-o-te ! vai para bem longe ! vai !
 Tú não és mais meu filho ! eu não sou mais seu pai !
 E negando-lhe a luz da paternal lareira,
 Jamais, jamais quisesse o ver a vida inteira ?
 O que diríeis ? num impulso indignado,
 Gritaricis : que pai ! que pai desnaturalizado !

E assim vosso Deus. Do Christo piedoso
 Fiseste um ser vil, sinistro e rancoroso.
 Escondeste Jesus nas máscaras do diabo;
 Destes-lhes cornos e o respectivo rabo.
 Que crime colossal ! que sacrilegio fero !
 Pôr no peito d'um anjo o coração de Nero !
 Fazer do Christo meigo um Christo sanguinário !
 Transformar n'uma hyena a pomba do Calvário !

Esse Deus que cobris d'uma maldade estranha,
 Esse velho que é irmão do Velho da Montanha,
 E imbecil como Claudio e mau como Jugurta,
 Um Deus de curta vista e inteligência curta,
 Inimigo da luz e tudo que é progresso,
 No céu intellectual não pode ter ingresso.
 A civilização que ha na mansão divina,
 Fica aquem, muito aquem d'ess'outra que ha na China.
 E um barbáro ! Prende, despótico e tyranno,
 N'uma jaula de treva, o Pensamento Humano,
 Desdenhou esse Rei, cuspiu esse Colosso,
 Poz-lhe ironicamente um pé sobre o pescoço,
 E fez entrega a pós, n'um riso galhofeiro,
 Da chave desse inferno, ao papa--o carcereiro--
 Prende a Luz ! mas ah ! quem pode encarcerar,
 Quem pode destruir um raio de luar ?
 Ponde uma qualquer luz em trevas perennas,
 E ella brilha, ella fulge, ella illumina mais !
 Prende-a, mas fugiu um raio pela fresta
 E a gotta se fez mar e o grão se fez floresta;
 Subindo para o azul immenso e radiante,
 Cresceu, cresceu, cresceu, tornou-se num gigante;
 N'um gigante viril, que está neste momento
 Tocando já com a fronte o velho firmamento;
 E que um dia, com o sol que nos seus olhos arde,
 Irá grave, perante o vosso Deus cobarde,
 E alto ha de dizer-lhe, olhando-o fronte a fronte:
 «Tú sabes quem Eu sou ? chamo-me Augusto Comte !
 Grava bem em tua alma esta grande verdade:
 Eu sou o unico Deus que adora a humanidade !
 Tú que fiseste ? um ser quasi imbecil ! fiseste
 O torpe homem terreno, eu fiz o homem celeste !
 Dentro da tua estatua inconsciente e rude,
 Puz um sangue--Razão--puz um clarão--Virtude !
 Quem mais merece o amor da humanidade, pois ?
 Olha-me bem ! quem é mais alto de nós dois ?
 Luctei muito e ao lutar feri-me, mas venci,
 Sem precisar de Deus, sem precisar de ti !
 Sou robusto, sou bom, sou meigo, sou singelo,
 Como és pequeno e mau ! como eu sou grande e bello !
 Ah ! ante o resplendor casto do vulto meu,
 O' velho Deus gigante, és quasi um pigmeu !
 E's a mão que castiga, eu a mão que redime,
 Tú te tornaste vil, eu me tornei sublime !
 Com tua justiça caíes, com meu perdão eu vivo,
 Tú julgas, és juiz, eu faço mais: perdão !
 Sou humano e piedoso, és justo e deshumano,
 E's o escriba que passa, eu o Samaritano,
 Sou o consolador de todas as desgraças,
 Tú olha-as simplesmente, olha-as somente e passas.
 Onde ha um sofrimento e um pranto que enxugar,
 Eu imediatamente ali faço o meu lar.
 E quando na miseria alguém gema de fome
 Sobre o catre, debalde invocando o teu nome;
 Vou pressuroso, vou incognito e obscuro,
 E penetro, a sorrir, por esse inferno escuro,
 Bato à porta e sob um praser imorredouro,
 Deixo sobre a soleira uma moeda d'ouro.
 O unico Deus sou eu ! ó velho--Rei--espectro !
 Expulso-te do trono ! entrega-me o teu sceptre !

Abaixo, pois ! abaixo o velho Uzurpador
 De Deus--eterno Bem,--de Deus--eterno Amor !
 Já basta de o aturar ! já basta de o sofrer !

Padres ! o vosso Deus precisa de morrer !
 A luz brotou ha pouco embryonaria, informe,
 Inda a alma humana crê ! inda o gigante dorme !
 Mas quando elle rugir, quando elle despertar,
 Esguendo para o espaço o seu immenso olhar,
 E ver na placidez do derradeiro sono,
 O esqueleto de um Deus, sentado sobre um trono;
 D'um Deus que já morreu, mas cujos vis ministros
 Fazem inda imperar seus dogmas sinistros;
 Ah ! então o titan, n'uma fúria tremenda,
 Arrancando do olhar a dúvida--essa venda--
 Colérico e febril, sinistramente mudado,
 Irá no velho céo despedaçando tudo;
 E das ruínas fazendo uma montanha immensa,
 Tocará n'ella o archote astral da nova Crença.
 E podeis depois, ver n'um santo, vilipendio
 O gigante a cantar entre os clarões do incêndio.

S. Luiz 1904.

Corrêa de Araujo.

Fallencia

A palavra—fallir—vem de *fallere*, que significa faltar. Fallido é aquele que falta aos seus compromissos.

A palavra—bancarota,—originaria do italiano, *banca rola*, nasceu do antigo uso dos negociantes que tinham um banco ou banca na praça pública, que se quebrava quando elles faltavam ao cumprimento das obrigações contrahidas.

A expressão—fallencia—é aplicável a todos os casos em que o comerciante deixa de fazer os seus pagamentos, sem indagar dos motivos que occasionaram esta falta. A expressão—bancarota—pouco empregada hoje na linguagem do direito commercial, é do uso vulgar e emprega-se designando o estado do comerciante, que deixou de satisfazer os seus compromissos por uma causa certa ou uma fraude.

O não pagamento das obrigações de um comerciante pode acarretar consequências bem funestas, que não devem escapar ao legislador:—pode motivar falta idêntica a outros comerciantes, seus credores, que assim ficarão involuntariamente ameaçados de perder o seu crédito e de abandonar os seus negócios. A lei, pois, deve regular essa situação, procurando prevenir ou attenuar as consequências, que podem resultar d'essa falta de pagamentos.

Os meios de prevenir a fallencia eram, pelo dec. n. 917 de 11 de outubro de 1890, os seguintes:

1.º A moratoria.

2.º O acordo extrajudicial com os credores e a concordata preventiva.

3.º A cessão de bens.

O cit. dec. tinha em grande conta as dificuldades por que passam os comerciantes, que, muitas vezes, deixam de satisfazer seus compromissos, não por falta de actividade e prudência nos negócios, mas por circunstâncias multiplas e imprevisíveis. D'ali a amplitude nos meios de evitar a situação anormal da fallencia.

Mas, si tais favores eram admissíveis para o comerciante honesto, devia-se ter em vista que elles ofereciam grande margem à especulação dos desonestos. E foi o que se deu.

Em todos os pontos da Republica, a deshonestade campeou desenfreada, a fraude dos comerciantes destituídos de escrupulos alçou o colo, prejudicando o commercio honesto, que se sentia constantemente ameaçado e logo começou a bradar contra os bancaroteiros, fabricantes de escripturações falsas, que, amparados na propria lei, não pagaram aos credores e recolhiam largos provenientes de suas falcatruas.

Essa grita repercutiu no seio do Congresso Nacional que, como de seu dever, tratou de reformar a legislação em vigor, de modo a por cobro a esses escandalos forenses, que reclamavam severas providencias. Veio, por isso, a lei n. 859 de 16 de agosto de 1902, reduzindo os meios de prevenir a fallencia ao—acordo ou concordata preventiva,—estabelecendo para as concordatas, em geral, um sistema complexo, conforme o dividendo oferecido e não admittindo-as, preventivamente, si o comerciante não tiver os seus livros commerciales mercantilmente escripturados, na forma exigida pelo cod. do commercio, e si tiver a escripturação atrasada. Como complemento destas providencias, e para evitar que elles sejam illudidas, manda a mesma lei que se junte certidão de quantos livros do comerciante foram abertos, rubricados e encerrados pela Junta Commercial nos ultimos tres annos; e que o «Diario» seja annualmente rubricado pelo juiz do commercio, logo que no mesmo livro for lançado o balanço.

Da utilidade destas e outras medidas é facil de ajuizar, principalmente no que diz respeito a extinção das moratorias e cessões de bens, que, apesar de não serem completamente abolidas em outros paizes, são instituições geralmente consideradas incompatíveis com o actual estado da sciencia do direito.

Mas, nem por isso a citada lei de 16 de agosto de 1902 deixou de apresentar valvulas de que se podem utilisar os comerciantes deshonestos para, ao abrigo de qualquer sentença condemnatoria, sacrificar os seus credores. E' o que quasi sempre sucede ás leis desta natureza.

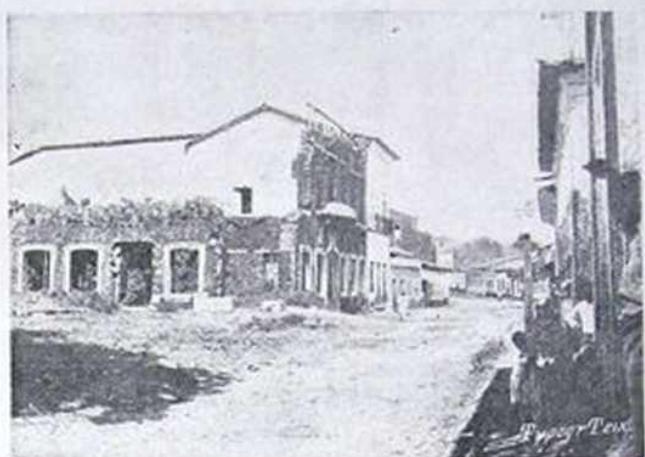
E tanto assim é que um dos maiores paladinos do commercio honesto—o deputado Paranhos Montenegro—apresentou logo depois um projecto substitutivo d'aquella lei, consagrando outras providencias de alcance inestimável. Admitte, como a referida lei, um unico meio preventivo de declaração da fallencia—o acordo ou concordata—sujeito a regras diferentes.

Segundo o art. 26 da redacção final do citado projecto publicado no «Diario Official» de 27 de agosto deste anno, são condições para a validade da concordata, salvo annuencia da totalidade dos credores,—que a proposta seja de pagamento de 30 ou mais por cento e aprovada ou votada:

a) por credores que representem 4/5 do passivo, se o dividendo for de 30 a 50 por cento;
b) por credores que representem 3/4 do passivo, quando o dividendo for superior a 50 por cento;

c) por prazo não excedente de dois annos.

Esta disposição do projecto é necessaria; não



MARANHÃO—ALCANTATA—RUA GRANDE—Phot. amador J. Faria

porque o art. 54 da lei vigente não consulte, de algum modo, os interesses do commercio, mas por ser elle insuficiente na quadra actual. Acostumados os comerciantes deshonestos a retirar avultados lucros da fraude, grandemente estimulados pelo cit. dec. de fallencias de 1890, na vigencia do qual chegou a haver proposta de um por cento sobre passivo superior a dois mil contos, só muito rigor na lei poderá matar o estímulo adquirido e impedir que os maos exemplos da fraude encontrem maior numero de imitadores. E' o que procura o projecto com muito acerto.

No art. 9º § 4º o projecto, restabelecendo a disposição do art. 4º letra d do dec. n. 917 de 24 de outubro de 1890, e contrariamente à lei de fallencias em vigor, comete ao ministerio publico a faculdade de requerer a fallencia do comerciante que se achar nos casos do art. 7º, isto é, quando elle tem praticado actos que denotam má fé, vontade de prejudicar os credores ou não pagar quando executado por dívida commercial. Estes actos ou faltas deverão ser provados, conforme o art. 8º do cit. projecto, por instrumentos publicos ou particulares ou depoimentos de testemunhas em justificação requerida pelo prejudicado.

A nosso ver, é palpável o alcance desta medida.

O comerciante honesto é em regra, timido. Embora possa elle mesmo requerer a fallencia d'aquelle que dolosamente o prejudica, quasi sempre julga este acto odioso, accommodando-se, por isso, facilmente com o prejuízo. Mas, desde que se considere ao abrigo da odiosidade, não vacilará em secundar o ministerio publico, fornecendo provas que o esclareçam sobre os negócios de seu devedor. E este, sabendo que ao lado do timido credor está o órgão da justiça pública que a lei manda agir, será mais comedido nos seus actos, evitando sacrificar interesses alheios.

No domínio da lei actual, art. 16, que se inspirou no art 1419 do Cod. Com. Argentino, o Juiz nomeará um syndico provisório tirado de uma lista de comerciantes que de dois em dois annos lhe fornecerá a Junta Commercial, ou, onde não hou-



MARANHÃO—ALCÂNTARA—RUINAS DA RUA DA AMARGURA
—Phot. amador J. Faria

ver Junta, de entre os comerciantes maiores contribuintes; e de uma lista fornecida pelo fallido de seus 10 maiores credores, nomeará uma comissão fiscal.

O projecto faz, a respeito, importante alteração, restabelecendo as funções do curador fiscal, o que é de vantagem, por ser este agente estranho ao commercio. O mesmo curador, tendo feito a arrecadação dos livros e fechado o estabelecimento (art. 53), apresentará ao Juiz a lista dos dez maiores credores, da qual escolherá elle dois syndicos, podendo, porém, nomear pessoas estranhas à massa, si os escolhidos declinarem da escolha.

A gestão do curador fiscal e dos syndicos (art. 45) prolonga-se até à concordata ou até ao contrato de união. Pela concordata ficará o devedor na posse e administração dos bens da massa, (art. 214) e, não havendo concordata, dar-se-á a solução da fallencia pelo estado de *união*, (art. 244) sendo então nomeados pelos credores um ou mais administradores e uma comissão fiscal composta de dois membros para a liquidação definitiva da massa e respectiva distribuição.

Trabalho que denota muita competência no assunto, o projecto, entretanto, tem alguma coisa que se devia evitar.

Na faina de tudo desenvolver, o seu illustre autor peeca por prolixidade, o que se não compadece com a indole dos trabalhos legislativos. Intercala no projecto expressões e disposições, que nos parecem desnecessárias e ociosas.

Vejamos alguns casos:

O art. 3.^o define dívida mercantil—*a que tem por objecto um acto de especulação com o intento de lucro*.

Com efeito, este é o princípio geral para estabelecer-lhe o critério, mas há dívida mercantil sem o interesse especulativo. Uma *lettra* é sempre dívida mercantil, e, como tal, só pode ser demandada perante o juiz do commercio, mas o seu devedor nem sempre especula com o intuito de lucro.

Verdade que sendo o devedor comerciante —qualidade indispensável para a fallencia— se pre-

sume que, assignando uma *lettra*, tenha praticado um acto de especulação mercantil. Mas, isto não basta para justificar a definição, que, a ser dada, deve ser comprehensiva do todo.

O art. 45 diz que—*a sentença deve summariar as razões de facto e de direito e motivar a decisão*.

Não havia necessidade d'isto, porque estes requisitos já são exigidos para toda e qualquer sentença.

O art. 40 § 2.^o, aliás copiando o art. 99 da lei vigente, que já copiava o art. 92 da anterior, diz que—*tendo o devedor dois ou mais estabelecimentos, em diversos paizes, são competentes os juizes ou tribunaes dos respectivos domicílios*.

Esta competência dos juizes e tribunaes estrangeiros existiu e existirá, quer a estabeleça a nossa lei de fallencias, quer não. Basta que ella se limite à execução da sentença estrangeira, que se tem de cumprir no paiz, como faz o projecto em outros dispositivos.

Dispõe o art. 42 que—*a competência para declarar a fallencia não elide as causas legaes de suspeição, que poderão ser averbadas pelos interessados*.

A suspeição do juiz já se acha consagrada no reg. n.º 737 de 25 de novembro de 1850, podendo, por isso, ser excluída da lei; acrescendo que a expressão—*interessados*—abrange, na fallencia, uma infinidade de credores, entre os quais é facil apparecer alguns que, *conluidos*, se sirvam deste meio para procrastinar o processo e até mesmo embaraçá-lo por completo, dando por suspeito, ora o juiz competente, ora aquelle que o tiver substituído.

O projecto encerra, além disso, dois longos capítulos que, ocupando-se da punição do fallido, dão-lhe, em grande parte, o carácter de uma lei penal.

Tamanha proporção na lei (o projecto tem 344 artigos) pode difficultar-lhe a boa comprehensão.

Melhor seria desenvolvê-la por meio de uma regulamentação, como fez o actual ministro da justiça, dr. J. J. Seabra, em relação à lei vigente, expedindo o reg. n.º 4855 de 2 de junho de 1903.

S. Luiz, setembro de 1904.

Araujo Costa.

A Igreja e Galileo

O monge egípcio Cosmos Indicopleustes estabeleceu, no século VI, que a terra era um paralelogramma chato, de uma extensão de 400 dias de marcha e uma largura de 200, cercado por quatro mares. Resumia o monge a sua teoria da maneira seguinte:

«Dizemos, pois, como Isaías, que o céu abrange o universo é uma abobada; como Job, que esta abobada está ligada à terra; e como Moisés que a extensão da terra é maior do que a sua largura».

Colombo descobre a América e prova a sphericidade da terra. Em 1493 o papa Alexandre VI e em 1506 o papa Júlio II traçaram a linha de demar-

cação que atribuia a Hespanha todas as descobertas feitas ao Oeste d'essa linha e aos Portuguezes todas as de Leste. A viagem de Magalhães ao redor do planeta em 1519 alterou a linha do papa e provou a existencia dos antipodas, a despeito da opinião de S. Agostinho. Esta prova experimental não pareceu decisiva a homens conscientes que, durante dois séculos ainda buscaram provar a incompatibilidade absoluta entre a fé e a ciência.

Copernico não pôde imprimir a sua *de Revolutionibus* senão em 1542, em Nuremberg e seu editor, Osiandro, não ousou entregar-a ao público senão precedida de um humilde prefacio em que modestamente afirmava que Copernico expusera o movimento da terra não como um facto, mas como uma simples hypothese. Foi esta precaução que salvou o livro.

A Igreja católica deixou passar despercebida a publicação mas logo se em campo quando em 1610 Galileu anunciou que o seu telescopio lhe havia revelado as luas do planeta de Jupiter. A mesma tempestade de novo se desencadeou quando o citado astrônomo declarou que o seu telescopio lhe havia ainda revelado a existência de montanhas e vales na lua e de manchas no sol. As Universidades de Pisa, de Innsbruck e de Salamanca prohibiram que semelhantes questões fossem ventiladas. «Oh! empereador Galileu, exclamou o dominicano Occini, porque te obstinas em perscrutar os segredos do céu?» O Padre Louisi appello para a Inquisição e o celebre teólogo Belarmino demonstrou que se existem outros planetas ellos devem igualmente ser habitados; mas como poderiam os seus habitantes descer de Adão e serem resgatados pelo sangue do Salvador?

Em 1615 Galileu foi intimado a comparecer ante o tribunal da Inquisição em Roma. A 26 de Fevereiro, Lauda, munido de uma carta do papa, ordena que Galileu seja encerrado nos calabouços da Inquisição caso se recuse a retractar as seguintes proposições: 1.º Que o sol é centro do sistema planetário e não faz a volta da terra; 2.º Que a terra não é o centro e faz a volta do sol. Galileu teve medo dos carceres da inquisição.

Alguns meses mais tarde a Congregação do Index condenou «todos os escritos que afirmam a rotação da terra» e publicou uma bulha especial para dar mais força à decisão do Index.

Galileu voltou a proseguir silenciosamente os seus estudos em Florença e em 1672 publicou o *Dialogo*, consentindo em assignar um prefacio no qual declarava não apresentar a teoria de Copernico senão como uma obra de imaginação que não podia ser contraposta à bulha de Paulo V. De novo Galileu, enclausurado, succumbindo sob as ameaças da tortura na idade de setenta anos, declara de joelhos, diante da Inquisição, «que abjura, maldiz e detesta o erro e a heresia de movimento da terra».

Alguns tempos depois, o monge Campanella, por ter escrito a apologia de Galileu, foi por sete vezes submetido à tortura.

Nos começos do século XVIII, depois das descobertas de Newton, Bossuet declarava ainda a



MARANHÃO—ALCÂNTARA—LARGO DO CARMO—Phot.
amador J. Faria

teoria de Copernico contraria à Escritura e Cassini, director do Observatório de Paris, igualmente a rejeitava. A obra de Copernico figurou no Index até 1835.

O processo transformou-se com o correr dos tempos num serio embaraço á Igreja romana, e ella tentou subtrahir-se á sua responsabilidade por meio de documentos falsos. O governo francês, durante a ocupação de Roma por Napoleão, trouxera para Paris as peças do celebre processo. A instâncias de Rossi, teve elle a fraude de em 1846, restituí-las ao Vaticano, mediante a condição de serem todas publicadas. Monsenhor Marini incumbiu-se d'essa tarefa suprimindo os documentos comprometedores e no seu lugar intercalando outros á sua feição, tendentes a provar que Galileu não fôra condenado por heresia e sim por contumacia. Desastradamente, porém, um francês católico, M. L'Epinhois, tendo obtido a comunicação dos documentos do processo de Galileu, publicou os mais importantes que vieram destruir a fraude do Monsenhor. Um católico inglês, Roberts, reuniu-os em 1870 num livro intitulado: *Os decretos pontifícios contra o movimento da terra*.

Depois desta rápida exposição, é justo perguntar: Quem foi a derrotada nessa questão, a Ciência ou a Religião?

Y. G

Trecho de viagem (Continuação)

CANTO DE TERRA

Sentei-me e meus olhos cahiam agora curiosos sobre a esquisitice das suas roupas amarellas, sujas, de botas mais ou menos pouco limpas; mas o que me encabulava solemnamente era o tal chapéu de cortiça e lona todo branco, cahido em abas largas po: traz e por diante, perante o qual o meu Christy fazia a figura mais ridícula escondendo-se dentro das suas beiras, pequenino, mesquinho, avarento de abas.



MARANHÃO—QUARTEL INFANTERIA FEDERAL—Phot. amador H. Macedo

—Olhas-me admirado! Amanhã si quizeres sahir e acompanhar-nos á picada, tens de te meter em trajes iguaes, roupa grossa e pôr a cabeça um chapéu desabado qualquer.

Tive saudades do sombrero largo de S. Paulo, cahindo sobre a capa hispanola de estudante e gemendo amoroso n'um delíquio terno de apaixonado, quando beijava o vulto gracioso e adorável de uma allemásita, isto porque todo o chapéu deve ser solidario com o dono, em todos os terrenos e sob todos os pontos de vista.

—Mas que diabo! Tu n'estes trajes o mais que podes parecer, é com certeza um mineiro da matta e si te vissem n'estas roupas á rua do Ouvidor corriam todos de ti, meu filho!

O Agostinho remava agora mais vagarosamente, talvez extenuado pelo esforço que fizera havia instantes para alcançar o *Emiliana*, que nesse momento movia-se, n'um anseio enorme de pachiderme, mexendo-se compassadamente, levando rumo de Angra dos Reis.

Eu sentia-me mal. Uma especie de enjôo enchia-me os pulmões, entontecia-me. Um cheiro forte de maresia, de mar alto e cavado, enchia tudo em derredor!

—Puah! meu caio. Sempre é preferivel o Rio desse estado de cousas.

—Vás divertir-te muito por aqui. Em vez dos spectaculos de *flaneur* pela esquina da *Gonçalves Dias*, a as *blagues*, dos *canards* fluminenses, terás

aqui o emballo fresco da rede e o ruido monotono do coqueiral.

Chegavamos a terra. Por um esforço do Agostinho, o bote ou canoa—(porque eu em nautica sou um pouco peior que em grego) aproou e conseguimos saltar na praia arenosa e clara.

Saltei presto. A minha rosa murchara na botoeira; o meu chapéu amassava-se e pendia a um lado, como aquelle celebre barrete de Tartarin que Daudet descreve, na viagem para Tunis.

Tinha a figura meio grotesca e empanizada de enjôo.

—Diabo! onde moram vocês? Preciso de *home*, de casa, d'ê um *menage* confortativo, onde me lave e mude de roupa.

—Mas que é isto? Nós estamos mais adiante um pouco! Residiamos na Praia da Cruz, a pequena distancia d'aqui, mas sahimos hontem em direcção a Jacarehy onde estamos agora.

Eu olhava espantado. Para mim era uma verdadeira ignorancia tudo aquillo que me dizia.

—Vamos ver cartas aqui e depois embarcamos de novo. Agostinho chama os rapazes. Que fiquem preparados. Vamos á casa do Moreira.

Seguia-o já muito curioso com esta nova vida que me entrava assim pelos habitos a dentro como um desconhecido que nos entra em casa e senta-se á vontade.

Na venda do Moreira, a quem eu fui apresentado, tomamos cerveja. Por signal—cousa que me surprehendeu bastante—que era detestavel.

Mas, que querem! Habitos de S. Paulo e do Rio, desde a confeitoria Paulicéa, forrada dos seus espelhos de crystal de alto a baixo, até o Paschoal e o Caiatá do Rio ressendendo o seu perfume forte de *victoria* elegante e chic.

Não supportava, pelo menos n'este dia, a vida do campo, a vida bucolica que o Virgilio decantou nas suas *Elogias* e que eu fui gozar (ai!) em Manganatiba.

Não pude percorrer a cidade, villa, comarca ou qualquer cousa semelhante. Embarcamos apenas chegados e lá não voltei mais. Tambem que diabo! confessou que não tenho saudades.

Foi, pois, depois de quasi 2 horas de viagem por mar em canoa remada por homens, todos à *plaisir*, peito ao vento, enquanto eu lançava ao mar toda a carga que trazia no estomago, que chegamos em Jacarehy.

Quasi sahi carregado para casa e lembro-me apenas de ter ouvido a voz de meu irmão que dizia para alguém:

— O' Joaquim, traze a agua de Selters para este fracaalhão.

Ao outro dia, eram 6 horas da manhã, ia pé a casa o rumor movimentado de alguém que parte.

Da cama sob os cobertores quentes, numa calentura suave de arminho, eu ouvia a voz de meu irmão que dizia para alguém que eu ainda não conhecia.

— Joaquim, almoço prompto na picada ás 11 horas.

— Que diabo será picada, perguntava eu aos meus silenciosos botões? Não vem de pico, não vem de picar... Qual será a origem generica do termo?

Nisto entra-me no quarto um sujeito gordo de botas e chapéu de côco... (ora estes chapeos de côco!)

Procura uma faca a um canto, sobre uma especie de estante improvisada com um caixão de pirho.

Quem será?

Sahe e ouço-o da porta gritar:

— O' Joaquim! — que é de meu freio?

Commento da cama: — Este sujeito pede um freio que é seu. Deve ocupar pelo menos um lugar de animal de montaria! E este Joaquim porque todos chamam deve ser uma especie de *factotum* da companhia. Anceio por conhecê-lo. Espreguiço-me. Perto range uma roldana de poço que movem. Gallos cantam e ouço do meu quarto (que é de meu irmão, de um outro e meu) alguém que assavia a *Maria Caxuxa*.

Que diabo! porque não me levantarei?

E fico de novo na quentura dos cobertores agora que recaiu tudo em silencio, que passos de animal que se afasta ouviram-se fóra e que só enche vagamente a casa a voz de alguém que canta na cosinha uma trova campesina.

Afinal venço a repugnacia. Salto da cama. Está frio. E me lembro agora vagamente do enjôo de hontem, do máo estar e do copo de agua de Selters que o Joaquim...

Mas senhores! eu já devor ter visto este Joaquim.

Pois não foi elle que me trouxe hontem o tal copo da tal agua?

E cis-me sem querer o chamar em voz de patrão para dentro:

— O' Joaquim!

Apparece-me um sujeito baixo, moreno, grosso, com um buço ameaçando crescer e um nariz aduncio de ave de rapina.

— Prompto, seu doutor!

Faço como qualquer Mr. de La Palisse faria em circumstâncias iguaes. Pergunto-lhe:

— Pois o Joaquim é o senhor?

Mas cahindo em mim:

— Arranje-me ahi uma chicara de café com qualquer cousa que se coma.

Rodar sobre os calcanhares e desaparecer n'uma volta de parede foi obra de um momento.

Feitas as ablucções, vestida a flanella (mas que frio!) e acceso um charuto, puz á cabeça um gorro de lã que desenterrei do fundo da mala e depois de tomado o café com biscuits saio a passeio e a exame.

Mas o que é isto? Fico pasmo, sem uma phrase, sem um gesto!

E ouço apenas o oceano que gema doloridamente na praia, a cinco metros de distancia da porta onde estou, alisado por uma brisa cortante e fria de manhã clara.

Olho em roda e saio impetuositamente, commettendo o crime hygienico de descobrir-me ao ar frio! Não! é necessario que eu saude o mar, principalmente este mar sem vélas, azulado, manso como um lago, na paz mais ou menos quieta d'este bellissimo golpho.

A meus olhos ha uma ilha a pequena distancia, pequenina, ronde como um seio tumefacto, onde uma palmeira agita ao ar e ao vento da manhã as suas palmas verdes como a esperança!

Na praia, erguendo os dous braços nus ao oceano, desolado, no isolamento piedoso da Fé, um alto cruzeiro destaca-se.

Sento-me á sua sombra como alguém que se encosta a um seio caridoso. E olho de novo o mar que se estende a perda de vista para além da ilha, n'uma pastosidade azulada de aquarella.

Casas brancas, lembrando pombas, aninharam-se na praia e sobre a casaria humilde eleva-se o vôo altivo de pombas brancas que revôam.

Presos á praia, arfando no respirar molle do oceano, dous botes estão.

E eu de olhos abertos, estaticos, ante aquella manhã, n'um canto de terra ignorado, sinto que me entra n'uma lufada todo o aroma das flores que me cercam, todo este cheiro rumuroso de mar.

— Só, isso me porá bom! digo eu e me sinto já capaz de lutar com um touro.

Na praia, estendida, gotteja uma rede de pescador. Crianças passam com leite e para a nota bucolica da paysagem, vacas mugem sentidamente, na saudade nostalgica de animaes mansos e bons.

Corro á casa a buscar um livro predilecto que trouxe *Ashaverius* do Edgar Quinet e é no embalio fresco desta manhã sem sol, ouvindo perto rumo-

rar uma fonte que corre junto ao porto que abro o livro e leio com olhos alegres e satisfeitos:

«LA VIERGE MARIE

Sa maison vous la voyez; son toit est d'azur du ciel, le soleil est sa lampe d'ouvrier et le matin qui poudroie, est la poussière qu'il secoue à sa porte.

A noite, ao chegarem do trabalho anafado do dia, galgando morros, abrindo picadas, almoçando á sombra de uma arvore, sobre pedras, n'uma corrente clara, é que conheço os meus companheiros de casa.

O dr. Morsing, alto, espadaúdo, largo de homens, é um rapaz sympathico em extremo, elegante prosador, *conteur* adoravel de historias de alémar, porque viajou todo o mundo, a cantar em voz atenorada e melodiosa uma *chansonette* que ouvira á Daure, por uma noite barulhosa de Paris, nos *champs Elysées*, quando a nevoa enchia toda a grande capital do mundo que escreve e que lè.

Mr. Chibott, um americano do Norte, forte, musculoso, transpirando a rigidez salutar dos filhos de New-York, trazendo o seu espirito de bairrismo todo accentuado e considerando os Estados Unidos da America o maior paiz do mundo, é um palreiro singular, com a *verve* caracteristica dos habitantes de perto do pólo e curiosissimo pela sua dificuldade ingenita de fallar e comprehendender o portuguez.

Mr. Keller, um suíço, gordo, quasi imberbe, filho de Berne, trazendo a nostalgia suave dos geleiros do seu paiz, é naturalmente calado, ouvidor de palestras, e muito inclinado a mulheres.

Meu irmão—o que é que hei de dizer d'elle que lhe não vá ferir a modestia exagerada que o distingue e que não lhe vá chocar o amor entranhado que me dedica?—é sempre o mesmo, bom, paternal para mim, olhando-me sempre com os seus olhos profundos de arabe nostaligico, rindo quando eu rio e propenso a incomodar-se, todas as vezes que me incommodo. Devo-lhe tudo e hade ser eterna a minha gratidão por elle, menos eterna, porém, que a minha amizade profunda.

Nessa noite, ao café, accesos os charutos magnificos que a turma tinha, palestramos largamente sobre a Australia, aonde o dr. Morsing ouvira a Sarah, certa vez, tendo occasião de se exercitar no jogo dos murros com um par de inglezes que os queria desalojar do camarote que ocupava.

—D'ahi partimos, dizia elle, dous dias depois, a viajar como *touristes* que eramos, mar em fóra, em direcção a Calcutá. Nem lhe sei dizer a monotonia da viagem, por mar alto, ouvindo o rumor das ondas e o canto dos marinheiros. Meu companheiro, um francês representante de Lemaitre & C.º, de Bordéus, dizia-me de vez em quando, quando o mar era mais socegado e a onda gemia mais vagarosamente:

—Beaucoup d'ennui, non, Monsieur Charles?

E ria-se, trauteando, sobre o tombadilho, n'uma *chaise-longue* de bambús de Australia, uma

aria do Taunhauser, porque, apesar de frances, adorava a musica allemã. Longos dias! Longas horas de aborrecimento!...»

Deitamos-nos a meia noite.

E foi sob os cobertores quentes da cama (porque estávamos em junho) quando a vela vacillava aos empuxões da ventania que se coava através das frinchas da janela, que eu disse a meu irmão:

—Meu caro, estás tu contente da vida que levas? Vives feliz?

—Extremamente. Physicamente, engordo, como vés. Nada ha que me faça tão bem como o ar puro e oxygenado, a ascensão difícil a morros ao sol claro do dia. Moralmente, isto me retempera.

O carácter se me faz leal e franco, com a rudeza das grandes arvores que vejo, o meu temperamento modifica-se como a dor do meu rosto e eu fico decididamente um outro homem.

Ouvia-se a pequenina distancia o oceano que rugia.

—Mas então vives feliz com a vida de Ashaverus que levas, errando de ponto em ponto, para não diser de mundo em mundo?

—Oh! muito! muito! extremamente...

—Pois então... tambem eu.

E voltando-me para o outro lado, adormeci, enquanto a vela que nos alumia extinguia-se por um sopro forte de meu irmão.

O trabalho do dia seguinte hypothecava-lhe o sono. Era necessário dormir para trabalhar no outro dia.

E, pois, dormimos.

Dizer o que foi a minha vida de meses, as sensações boas que me assaltaram, as deliciosas impressões de paisagens diversas com o incommodo da vida que levavam, sem um *menage* correcto onde aljeasse na meia sombra um braço alvo de mulher e amante, é cousa facil e que se resume numa unica palavra, em um só termo—*pol-pourri*.

O Aulette que tenho em frente, define-o—«composição musical formada pela miscellanea de varios trechos de uma opera, ou mesmo de operas diferentes», e mais abaixo: «canção cujos couplets pertencem a diferentes arias».

Eu, com permissão do illustrado lexicographo accrescente ao texto do diccionario—«aplica-se igualmente a trechos de vida errante onde a paisagem varia dia a dia, como no olho de vidro de um diorama».

Passeios longos a cavallo, momentos de repouso á sombra, participação directa em dansas que engendravam, tudo isso constituia o nosso modo de vida.

Trago d'esse tempo duas impressões deliciosas—o conhecimento do capitão Costa Campos, hoje deputado ao congresso do Rio e a certeza de que o esquadro e a mira não haviam modificado ainda o meu irmão.

O capitão Costa Campos mora em Jacarehy, n'uma casa um pouco elevada para a qual se sobe ligeiramente por uma estrada aberta no morro.

R. Alves de Faria.

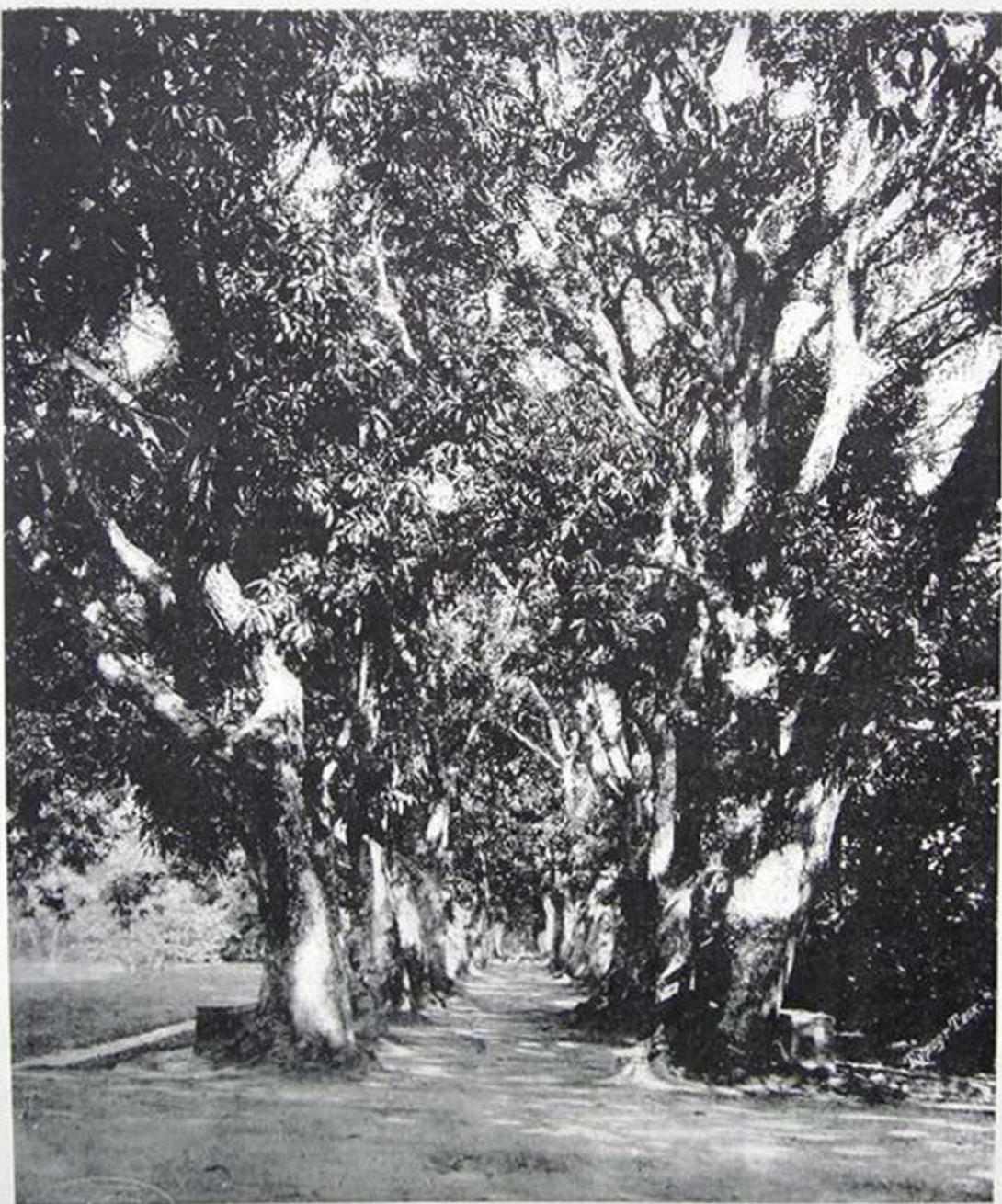
—A seguir.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Outubro de 1904

Num. 76



RIO DE JANEIRO—JARDIM BOTANICO—RUA DE MANGUEIRAS

Noivado

Seu aposento é um sonho
Feito de doce esperança,
E' um sorriso de criança
De labios côntra de româ,
E' uma flor expelindo
Perfumes os mais fragantes,
Um punhado de brilhantes,
Uma estrela da manhã.
O ar é cheio de aromas,
A luna atira seus raios
E a claridade em desmaios
Vae tombando no aposento.
Abrindo de leve a porta,
A vemos entrar formosa,
A desfolhar uma rosa
Que rola sentida ao vento.
Vae entrando e treme ao peso
De um susto que invade a alma,
Attende, se torna calma
E entra sem mais temer...
Cerra os olhos que flamejão,
Deixando cahir o véo,
Eleva uma prece ao céo...
Parece que vae morrer!
Despe de leve o vestido
Feito de claro setim,
Salpicado de jasmim
E flores de laranjeira;
Colloca as mãosinhos suas
Por sobre os seios de neve
E solta um suspiro breve,
Desprendendo a cabelleira.

O leito dorme silente
Com flores do laranjal,
Com a alvura do crystal
Que dóe nos olhos, meu Deus!
Ao cortinado tão alvo,
Ella atira um quente olhar,
Parece que vê brilhar
Estrelas que tem nos céos!
Fita os quadros que enseitão
As paredes do aposento
E passa no pensamento
Uma lembrança tão bella!
Atira um olhar em braza,
Senta-se ao leito de leve...
Um sorriso fresco e breve
Borbulha nos labios della.
E batem de leve á porta:
Ella treme de surpresa;
Os olhos em morbideza
Vae cerrando com ternura,
Ouvindo uns passos nervosos,
Vira o rosto que descora...
— E' noiva — que doce aurora!
Que poema de ternura!
Ella entra e atira os olhos
Do aposento em redor,
E cheio de doce amor,
Procura-a silente, calmo.
O cortinado tremula;
Vae abrindo-o docemente

E vê divina, imponente
A noiva por sobre o thal'mo.
E assenta-se satisfeito
A borda do leito virgem,
Vae tremendo de vertigem
Quando chega junto della;
Beija-lhe as faces nevadas,
Aperta a mão pequenina
E quando cerra a cortina
Apaga-se a luz da vella.

1889.

SEBASTIÃO LOBO.

Lenda medieva

O luar batia em cheio.

O velho castello feudal erguia no meio das mattas as suas grandes muralhas ennegrecidas pelos séculos, e a sua imensa cupula assemelhava-se a um corvo colossal que descera do infinito para estender as suas azas funebres sobre as florestas virgens.

Terminara o festim.

A bachanal fôra longa e a luz amortecida, cando-se por entre os flacidos brocados, desenhava as faces dos gardingos adormecidos sobre os capacetes e os risos d'essas damas tragicas que viam mesmo em sonhos os gladios crusarem-se em sua honra e por seu amor.

Só ella... a languida filha da Italia, transportada para alli como um penhor da barbara conquista, aproveitara as explosões d'essa festa infréne, para descer ao pateo, a menos triste céla d'esse claustro. Abi, se ella não tinha o céu azul da sua doce Florença, se não podia sonhar sobre uma gondola, uma das pennas d'esse immenso cysne que boia eternamente sobre o Adriatico e chama-se Veneza, ao menos podia palpitar sob um ar mais livre, ouvindo ao longe o murmurar saudoso dos rouxinões.

E ella todas as noites ouvia um rouxinol humano, melancolico como uma alma que ama mas não pode amar. Elle cantava-lhe sempre como agora por traz dos muros umas canções tão ternas... dava-lhe ao coração certas pulsações que não eram de um músculo... chamava por ella tão saudoso e tão amante... E porque não iria então n'essa noite ter com elle, quando sabia que ninguém lhe seguiria os passos?

Vivia tão só n'aquelle triste claustro... que lhe restava mais???

A voz gemeu mais forte... ella debruçou-se mais e mais... e sem sentir rolou por uma escada de seda... e tremula e palpante cahiu nos braços do ignoto amante...

O ginete partiu... e ás portas do castello, o esqueleto de um sicario alli justiciado ria sinistramente vendo a seus pés essa terna amante que das suas tranças soltas deixara então voar as últimas illusões mundanas.

OSCAR DE LA TOUR.



MARANHÃO — ANH. — Phot. amader — José G. Pereira

A mercadora de beijos

Pallida, tão pallida, era a graciosa mercadora de beijos, que eu, quando uma noite a vi pela primeira vez n'um sombrio bairro de uma cidade que em outro tempo eu tomaria por Subura, julguei ver uma d'essas creações marmoreas e sublimes do artista Phidias, velha reliquia da escultura grega, ou um raio de luar que, foragido, divagasse na terra. Era pallida, tão pallida...

A mercadora de beijos, Beatriz, era uma rapariguinha de doze annos. Simples como a virtude era o seu trajar: apenas um *peignoir*, tão branco como ella, occultava-lhe o mimoso, debil, flexivel e esbelto corpinho, e um laço de fitas azues sobre a opulenta catadupa do ouro fluido de seus cabellos louros, louros como as madrugadas de Abril, completava-lhe o vestuario. Mas era tambem o que lhe bastava para ser um mixto de belleza e meiguice.

Quando a vi n'essa noite pela primeira vez, eu era um estudante de dezeseis annos. Caminhava pelas longas avenidas do referido bairro, com a recordação saudosa e doce de uns entes que idolatrio, distrahiendo o meu fatigado espirito que passara affamado durante o dia com sérias cogitações sobre uma scienzia difícil, quando de repente ouço uma angelica voz de mulher, uma voz, não...

antes um melodioso gorjeio, partido d'entre uma immensa turba de sybaritas, murmurar assim:

— Beijos! Beijos! Beijos!

E os pipilos sonorosos de uns beijos demorados quebraram o monotono silencio da noite que dormia.

Aquillo excitou-me a curiosidade: approximei-me da turba.

Foi então que vi pela primeira vez a graciosa mercadora de beijos, a languida e vaporosa Beatriz, de *peignoir* tão branco como ella, e de laço de fitas azues sobre a opulenta catadupa do ouro fluido de seus cabellos louros, louros como as madrugadas de Abril. E ella era pallida, tão pallida...

Eu permanecia estupefacto, pasmo, na contemplação d'aquelle scena singular.

Finalmente fez-se tarde: a mercadora sentindo os labios extenuados e os pulmões afilando de cansaço, cortejou a turba que a cercava que lhe atirou apodos, porque ella não lhe saciou completamente a sede de voluptua hedionda e revoltante, e retirou-se.

A turba tambem retirou-se, e eu segui os passos de Beatriz, caminhando pelo sulco de luz e perfume que ella deixava na sua passagem. A mercadora não me presentiu siquer, seguindo-a eu no entanto á pouca distancia.

Caminhamos por muito tempo, até que ella entrou n'um obscuro e humilde pardieiro, postado á beira mar, habitação tranquilla de um pobre pescador de cabellos brancos, pobre alquebrado pelo sofrimento e os annos.

Era alli o ignorado ninho de Beatriz, a avesita que vendia beijos.

Uma pancada, levemente dada por mim na porta do pardieiro, fez que o ancião viesse verme. Falei-lhe. Elle mandou-me entrar.

Entrei... e oh! nem um banquinho tinha para offerecer-me!

Mas como o luar começasse a aparecer na orla longinqua do ceruleo firmamento, elle conduziu-me, em companhia de Beatriz, para um enorme bloco de granito; e alli sentado, escutava eu o soluçar queixoso das vagas enlanguecidas, escutando tambem os consternadores lamentos banhados de lagrimas, cortados de soluços, do velho pescador.

O desgraçado homem narrava-me a sua historia, a sua desventurosa historia; e quando a interrompia para occultar-me as lagrimas que lhe corriam nas encovadas faces, eu contemplava Beatriz que chorava tambem e que como as *Willis* das lendas allemans, illuminada pelos tenues e fracos raios do luar, era pallida, tão pallida...

Foi bem longa a historia do pescador; não poupo os mais simples episodios de sua vida.

A sua mocidade foi uma pezada cadêa de magoas e tormentos, como elle mesmo dizia, e n'aquellos ultimos dias de sua existencia, quando se dispunha a descer os degraus do tumulo, era Beatriz,



Kouropatkine



Oyama

o único recurso que tinha. Vendia beijos para não morrerem de fome!...

Finalmente despedi-me e silencioso e triste retirei-me.

Tem-se passado o tempo e essa criança ainda continua a vender beijos; mas não tardará muito (oh! verdade cruel!) que a turba não lhe os compre mais, e ella, depois de se ter despenhado inconscientemente ao cairel pavoroso do abysmo, depois de ter cançado demasiadamente os labios, depois de ter rasgado o candido véu de pudor que lhe cobre as formas de virgem, se veja nos estertores da agonia, no leito mephitico de um hospital de caridade, sob um lençol que como ella é pallido, tão pallido!

A. ROBERTO.

—*—

A visita da Morta

Eu meditava calmo em busca do veneno
Que me arrastasse logo aos paramos do nada,
Quando assomou á porta uma visão ousada,
Pallidamente branca. E eu disse-lhe sereno:

—*Podes entrar, especreto! A minha triste alcova
Tem os ermos glaciaes de um triste cemiterio:
Aqui reina o silencio, aqui reina o mysterio,
E um carcere talvez... talvez uma outra cova!

Como és horrenda e feia! És por acaso a hedionda
Mensageira fatal e lugubre da morte,
Que vem aqui me ver a conjurar a sorte,
A mim que de outra vida o fundo arcano sonda?

Mas... fala, eu quero ouvir-te, eu não te tenho medo;
Approxima-te mais... de perto eu quero ver-te;
E se acaso, não és, visão, materia inerte,
Oh! dize quem tu és! conta-me o teu segredo!

—*Quem sou?... Eu sou aquella em quem tu déste um beijo,
N'uma noite infernal de sonhos voluptuosos.
Aquella que levaste a uns antraz tenebrosos,
—Imperio da volupia, azylo do des-jo.

Aquella que olvidou sem magoas, sem pezares,
Do doce lar materno a lucida chimera.
Aquella que lançaste, ó coração de fera,
Ao barathro fatal de ignobres lupanares!

Aquella que soltou na febre do delirio,
Satanica blasphemia, estolidia risada,
N'uma asquerosa taça, em quanto desolada,
No claustro a monja entoava um psalmo á luz de um cirio.

Aquella que na orgia, em lubrica vertigem,
Sorveu contigo, poeta, as gotas de uma taça,
Que o sonho idolatravá da nerefriz devassa,
Que achava estolto e nescio o sonho de uma virgem.

Aquella que adoraste alucinado e vario,
De quem estiolaste a flor de laranjeira,
O especreto que tu vés, a tabida caveira
Branca, branca da cor de um funebre sudario.

E a voz emmudeceu com doloroso esforço,
E ria-se a caveira estatelada, em quanto
Corriam-me na face as perolas do pranto,
Pairavam-me no crânio as sombras do remorso.

ALUZIO PORTO.

A Saudade

Creançã de doze annos, candida, da candidez dos lyrios, pura, da pureza das aves, aureolada de illusões e de esperanças, cingida de sonhos e venturas, risonha e leda nas festas da adolescencia.

Eu queria-lhe bem. Disse-lhe um dia que ella era a flor que perfumava o sacrario do meu coração, a ave que alegrava o ninho de minh'alma.

Quando uma noite eu fui dizer-lhe o adeus de despedida, ella, chorando convulsivamente, balbuciou apenas:—Tome esta flor: é uma saudade.

Enxuguei com beijos as petalas orvalhadas de pranto, da flor que traduzia o sentimento do formoso anjinho e, n'um ultimo olhar em que lhe deixava todo o meu coração e n'uma derradeira palavra em que lhe dava a minha alma inteira, parti com saudade daquella creançã de doze annos, candida, da candidez dos lyrios, pura, da pureza das aves, aureolada de illusões e de esperanças, cingida de sonhos e venturas, risonha e leda nas festas da adolescencia.

No lago azul do firmamento o luar boiava, no infinito espaço suspirava a aragem e o batel singrava... singrava.

Choravam as aguas, choravam os ventos, choravam as estrelas e eu chorava tambem.

A noite silenciosa espreguiçava-se na imensidate e eu, ao canto do nauta, ora fitava as opalinas nuvens que corriam devagarinho, ora as tremulas ondinhas que corriam rapidamente.

E da terra que eu deixara e que o muro do horizonte encobria, eu só levava uma unica saudade. Se a flor que eu guardava commigo tivesse labios para falar, diria certamente de quem era a saudade que eu tinha.

No lago azul do firmamento o luar boiava, no infinito espaço suspirava a aragem e o batel singrava... singrava.

A flor, que ao fogo dos meus beijos perdeu todo o viço e loucania de outr'ora e que se me antolha hoja estiolada e triste, é para mim o balsamo que suavisa as dôres da ausencia, o lenitivo que minora a saudade.

Quando uma vez recebi de um velho amigo meu a noticia de que o anjinho agonisava no leito da enfermidade, pareceu-me ouvir a pallida flor dizer-me tristemente: Se ella despresa a terra e fôr sonhar nas noites do tumulo, leva-me para onde ella esteja, colloca-me sobre a lage que a esconde, porque eu hei de contar-lhe baixinho, enquanto o cypreste gemer e a viração chorar, toda essa longa historia da tua saudade e das tuas lagrimas.

Mas, se fôr assim, eu sofrerei muito mais, porque ficarei sem a flor que ao fogo dos meus beijos perdeu todo o viço e loucania de outr'ora e se me antolha hoja estiolada e triste e que é para mim o balsamo que suavisa as dôres da ausencia, o lenitivo que minora a saudade.

Clovis Noel.

A Classificação das Sciencias

Quando examinamos o mundo physico, distinguimos phenomenos de natureza diferente, aos quaes podemos dar diversas classificações.

Notamos com precisão—movimento, forma, extensão, luz, calor, gravidade, electricidade, magnetismo, etc.

Assistimos tambem a composições e decomposições espontaneas—formam-se substancias que anteriormente não existiam, outras desapparecem ou resolvem-se nos seus elementos constitutivos.

Todas estas categorias de phenomenos concorrem para produzir certos resultados de unidade, que se apresentam sob um aspecto tangivel e revestem uma forma concreta. Podemos, entretanto, abstrahir os dos seres naturaes, onde existem e se combinam, para estudal-os e agrupal-os, e, tendo descoberto as suas leis, fazer delles objecto de sciencias distintas.

Ao lado desta grande classe de phenomenos prendendo-se á natureza physica, encontra-se outra oferecendo uma ordem mais elevada em complexidade e onde novos phenomenos, desconhecidos na classe precedente, se produzem; ou porque resultam dos primeiros, ou porque, independente deles, se combinam para dar um resultado mais nobre: *a natureza animada*.

A cima desta dispõem-se em ordem os phenomenos moraes e sociaes que, separando as questões transcendentas de carácter metaphysico, constituem os objectos mais elevados em dignidade descontados ao estudo humano.

Estes ultimos phenomenos, sendo productos da sociabilidade, das relações psychicas (mentaes e moraes), economicas, juridicas, religiosas, etc., que se estabelecem entre os membros da humanidade e da animalidade superior e ahi cultivam-se,—revestem-se de uma complexidade ainda maior, presumindo a sua realização necessariamente uma existencia anterior da ordem biologica, como também da ordem puramente physica.

Portanto, a partir deste primeiro exame da realidade ambiente, descobrem-se logo tres grandes divisões, tres vastos quadros scientificos dos quaes cada um serve de base ao imediato, mantendo a sua independencia, approximando-se porém no complexo universal e ahi congraçando-se harmoniosamente.

Assim, temos pois—ordens: *mathematico-physico-chimica* (reino inorganico), *biologica* (reino animado) e *sociologica* (reino social).

E' portanto natural, quando se procura classificá-las, começar pela mais independente, mais simples e tambem mais geral, porque em toda a parte, na natureza, no céo, como nas profundidades líquidas e ardentes do globo, produzem-se phenomenos da primeira ordem; ao passo que os da segunda se localisam na sua superfície e em certas regiões do seu duplo involucro (atmosferico e aquoso); e, finalmente, os da terceira, phenomenos moraes e sociaes, tendo somente por séde a superfície do nosso globo.

Encontramos, portanto, na primeira linha os

planos menos mathematicos e physicos—chimicos, cujo estudo precede ao dos phenomenos biologicos, pois sem o conhecimento daquelles estes ultimos, assim como os sociaes, permanecerão incomprehensíveis; na segunda linha, temos, pois, os phenomenos biologicos para a cuja explicação se empregam os dados, noções e induções fornecidas pelo primeiro estudo; e, finalmente, em terceira linha, notamos os phenomenos sociologicos e moraes, exigindo imediatamente para sua exploração racional, as revelações da biologia e, mediataamente as do primeiro grupo scientifico, pois que os segredos da biologia ficarão ocultos a quem não conhecer os preceitos scientificos do grupo luminar.

Assim, o principio que rege a disposição scientifica e constitue a hierarchia das tres grandes ordens naturaes, foi formulado pela maneira seguinte: «*Les vastes groupes de sciences, qui apparaissent à la raison guidée par l'observation comme ayant des sphères spéciales et distinctes, se succèdent suivant leur complexité, leur dépendance et leur noblesse croissantes et, en même temps, suivant leur généralité, leur simplicité et leur indépendance décroissantes.*

E' esta uma das grandes e fecundas leis fundamentaes descobertas por Augusto Comte e exposta na sua portentosa *Philosophia Positiva*.

A complexidade e a nobresa crescem efectivamente do reino inorganico ao social. A natureza, a principio inerte e despida de espontaneidade, anima-se depois, move-se, sente, pensa e, produzindo exteriormente pelos seres mais perfeitos (consequencia da evolução secular) resultados apreciaveis,—combina-os dando lugar a esses organismos complexos, a esses grandes seres collectivos, que são as sociedades humanas; cujo estudo depende de diversas disciplinas, reunindo-se todas pelos seus principios geraes na sociologia, que é efectivamente a sua synthese.

Há na secante adoptada uma sequencia real e natural para a sua dependencia crescente e logica.

A biologia depende da physico-chimica onde immerge suas raizes e de onde retira elementos e leis proprias para explicar seus phenomenos autonomos; é este o primeiro grão de dependencia.

A sociologia não se pode constituir sem os rudimentos adquiridos e fornecidos pela sciencia precedente, que lhe serve de base e da qual recebe um criterium permittindo-lhe verificar a exactidão de suas proprias descobertas; porque se uma theoria, uma hypothese ou uma lei sociologia contradiz a uma verdade de ordem biologica, é indispensável rejeitá-la como falsa e insusceptível de ajustar-se á harmonia das noções scientificas já establecidas e em plena concordancia com o meio ambiente. Há, portanto, aqui a dependencia para com uma sciencia, que tambem repousa sobre outras sciencias; e este facto constitue o segundo grão de subordinação.

O principio de hierarchisação formulado por aquele modo, relativamente ás grandes categorias scientificas, induz-nos a procurar e estudar a sua applicação no interior de cada grupo.

Vejamos, por isso, o primeiro grupo: *mathematicas, physica e chimica*.



MARANHÃO—ANIL—Phot. amador—José G. Pereira

A primeira, sciencia que incorporou muitos outros ramos, que são por sua vez outras tantas sciencias distintas, estuda os phenomenos que se relacionam com snumeros, extensão, movimento; sendo as suas divisões por conseguinte:—calculo, geometria (extensão, forma), mechanica (movimento). O conceito do espaço é evidentemente mais geral e mais simples que o de movimento. A sciencia nos ensina que tudo é movimento no universo e resolve-se portanto em gravitação, vibração, ondulação, etc.

A intelligencia, entretanto, não pode conceber um movimento sem um espaço que o encerre, uma extensão onde se tenha de produzir, pois que a propria idéa de movimento supõe um deslocamento no espaço e uma successão no tempo.

Assim pois, a extensão tem alguma causa de mais simples e geral que o movimento; a sciencia que comprehende o objecto de seu estudo deve collocar-se por isso antes da sciencia dynamica; o estudo do equilíbrio entre diversas forças formando a transição entre ambas.

Todas as cousas existentes têm uma forma, uma certa porção de espaço; e não é possível conceber-as como inextensas e completamente informes. Pode-se, entretanto, representá-las sem movimento e até mesmo figurar moléculas em repouso, sem energia vibratória, ao passo que o movimento

não se pode representar independente da idéia de forma, ou para melhor compreensão,—de um sistema que se move.

Quando, pois, em mechanica se allude a um ponto immaterial, este é simplesmente uma pura abstracção.

Finalmente este ponto sem extensão obtém-se por uma operação de redução, como a linha obtém-se reduzindo um plano e este pela redução de um sólido, conservando-se apenas as suas duas dimensões.

Em mechanica a noção de forma, extensão, com a qual já se está familiarizado pela geometria, reúne-se mais a noção de movimento, o que, por conseguinte, determina um terceiro grau de complexidade.

Do mesmo modo a geometria só pode constituir-se e desenvolver-se devido às noções elaboradas pela arithmetria e pela álgebra; noções que são as mais simples e gerais de todas as accessíveis à nossa intelligencia.

Estas trez sciencias, ou exprimindo-nos melhor, estes trez ramos da mathematica classificam-se do modo seguinte: *calculo, geometria e mechanica*; vieram os trez simultaneamente antes da physica, onde aparecem novos atributos da matéria, despresaos em mechanica. (*)

A physica estuda, como todos sabem, os phenomenos de gravitação, que se manifestam na superfície do globo e na sua atmosphera, entre outros, calor, som, luz, electricidade, magnetismo, etc.

Estes grandes factos naturaes produzem novos resultados, mais complexos e universais que os até aqui enumerados.

Assiste-se nesta região a mudanças que, sem alterar a identidade das substancias, modificam comtudo os seus aspectos e até mesmo alguns de seus principaes caracteres, tais como densidade, calor específico, sonoridade, poder absorvente e emissivo, poder reflexivo tanto para o calor como para a luz, permeabilidade, conductibilidade calorífica, eléctrica, etc.

As forças que produzem estas transformações agem sobre as moléculas da substancia, approximando-as ou afastando-as, deixando porém intacta sua composição chimica.

E sempre a mesma substancia, somente sob estados diferentes—solido, líquido, gazoso, extra-gazoso, quente ou frio, luminoso ou obscuro, eléctrico ou neutro, etc.

Os phenomenos que se produzem afectam por isso ás moléculas e não aos átomos. Nada tem de electivo e atingem a todas as substancias indistinctamente e quase do mesmo modo.

A physica compõe-se de diversos ramos que, considerados propriamente, formam quase que outras tantas sciencias distintas.

(*) A mechanica é incontestavelmente a primeira das sciencias de ordem physica; e sob certas relações, assim a comprehendeu e classificou Augusto Conte. Léu-se a este respeito um trabalho de Freycinet publicado na Rev. das Ciencias Fisicas e Applicadas, de 30 de abril—01.

(A seguir).

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Novembro de 1904

Num. 77



PARAHYBA DO NORTE—DESEMBARQUE DE ALGODÃO DA ESTRADA DE FERRO

O POMO

De faces purpurinas e azeitinadas como petala de rosa aljofrada pelo banho do alvorecer; de cabellos louros como os primeiros lampejos de uma madrugada açoitada pelos raios ainda mornos do sol e de olhos azuis e scintillantes como o manto anilado e sideral do firmamento, é a minha doce amada.

Uma manhã alegre e clara ella, a esvoaçar pelo jardim como dourada borboleta, e a adejar por sobre as suas perfumosas irmãs como azulado beija-flor, entreabindo os labios carmesins, disse-me n'uma expressão supplice e amorosa: acompanha-me, duvido...

E fomos, e fomos por uma região odorifera de rosas e madre-silvas, por entre o trescalar excitante da flor de laranjeira, banhada das bagas

cristalinas dos pallidos nevoeiros noturnos; sorvendo aqui e acolá o aroma luxuriante do cravo pendido na fragil bastil; estasiando-nos na contemplação provocadora de dois bemtevis a alarem-se no espaço, n'uma perseguição mutua e... já cançados da peregrinação, sentamo-nos n'um taboleiro verde-esmeralda de relva, salpicado de jasmins,—dir-se-hia um thalamo para um noivado celeste, tecido pela fecundante natureza.

Cantarolamos ao doce cavatinar das melodias campestres uma cantiga quente e repassada de languor, como as das formosas andaluzas, quequebrada de suspiros e suspiros que se ião desvanecendo ao longe como os ultimos vagidos de um goso a expirar. Approximamo-nos mais e mais e o seu halito queimava-me os labios n'um beijo de fogo; eu sentia o arfar ardente e descompassado dos seus seios de encontro ao meu largo peito; en-

laçava a sua cintura delgada e flexível que parecia partir-se... e assim... loucos, desvairados e famintos, entregamo-nos, ruborizados, timidos, insuflados e faceis, lembrando o peccado original, à colheita do maravilhoso pomo, que também é o pomo setinoso dos seus desejos annos de amor e mocidade.

Delírio infernal, satânico prazer, tu que és o primeiro canto do poema interminado da vida, o suave roréjar do pollen na pura corolla de uma flor, a pagina primeira do livro da tradicional scienzia do Bem e do Mal, eu te maldigo, porque foste tão corrosivo que a minha doce amada já não tem as faces purpurinas e assetinadas como pétala de rosa aljofrada pelo banho do alvorecer; os cabellos louros como os primeiros lampejos de uma madrugada açoitada pelos raios ainda mornos do sol e os olhos azuis e scintillantes como o manto anilado e sideral do firmamento.

Paulo Mario.

A morte de Pereira da Costa

Partiste para sempre, e o teu violino ousado comigo se partiu... e dos banhos do amor, vi toda a passarada a esvoaçar na dor, buscando em vão cantar o que tinhas cantado!

Mas quem na Suécia ouvijo, no adagio apaixonado, do teu arco infinito o infinito languor; quem te vi imitar no *Delírio del cuor*, um coração que ama e que não é amado;

quem de Gounod t'ouvio gemer a Ave-Maria, dolente como um canto oceanico ao luar, quem via-te sofrer e via-te tocar:

como sobre a tua dor de chorar não havia, quando cahio-te o braço, o sedutor das claves, como um sol que se apaga emmudecendo as aves!

DUNSHÉE DE ABRANCHES.

Poemas do coração

Expira a dor fecunda. A lampada da vida, Como o primeiro sol o Cháos illuminando, De luz inunda a gruta ennegrecida Pelas trevas do nada!... a gruta, o miserando Pedaço d'alma,—o coração. Palpita... E o palpitar primeiro interrogando a Deus; Chora... E o vagido languido que exprime Pela primeira vez interrogando os Ceus! Palpita e chora!... E a synthese sublime De um poema ideal que o labio da creança, Ledo as estrofes candidas declama, E venturoso chama Poema da Esperança.

Vão-se os dias passando e as noites como os dias. Também se vão passando. E o coração na estrada

Asperrima da vida descuidada, Ora proscrito vai como o Ashavero errante, Tendo do Hamleto as duvidas sombrias E de Tantalo a sede devorante; Ora, sem luto e magua, em delirante festa, Cercado de illusões, repleto de ventura, Nas azas do ideal vai pelo azul a fóra, Vae p'lo ceruleo mar e vai pela floresta, Sorrindo á estrella, ouvindo a partitura Do mar, das aves, ao romper da aurora... Vae... Segue... Escuta a noite, escuta o luar albente, Os labios da mulher, o fructo, a brisa, a flor, E tudo lhe descanta infindo, puro, ardente, O poema do Amor.

Tudo acabando vai com o perpassar das eras! E o coração fitando o tumulo isolado Onde entre cinza e pó descansa o seu passado, —Riso feliz tecido de chimeras, —Sonho feliz bordado de utopias. Tropego, sem vigor, na augusta soledade, Do caminho da vida, em fundas agonias, Subito pára, e então de lagrimas coberto, A recordar a verde mocidade, Murmura tristemente aos ventos do deserto, O poema da Saudade.

ALUÍZIO PORTO.

O sonho da noiva

I

Creanças, ainda muito creanças, ella perdera o precioso cofre de suas illusões, o sagrado thesouro de suas alegrias, o querido escrinio de suas venturas. Ella perdera o noivo.

Uma noite, enquanto pelo parque as suas irmanzinhas saltitavam risonhas, ella sentada n'uma *chaise longue*, contemplando-as, recordava-se da sua idade infantil, dos seus dez annos, quando brincava festiva e leda ao doce affago das illusões, ao ineffável bafejo das alegrias, ao divino sorriso das venturas.

Recordava-se tambem da ephemera e deliciosa quadra do seu noivado, do penetrante olhar do seu noivo que lhe traduzia os pensamentos, das suas fallas amorosas que lhe iam parar no adyto da alma, da voluptuosa sensação do contacto de suas mãos, dos arrufos pueris que elles tinham quando se zangavam.

Tudo, tudo lhe vinha á lembrança.

E nem uma lagrima lhe queimava as faces! Era que o seu coração, pobre coração! se tinha transformado n'uma steppe de gelo para nunca mais chorar.

Ella adormeceu. Tarde, muito tarde, quando a noite já ia alta, despertou.

Sonhara... E aquella alma ainda sonhava!

Sonhara o dia supremo da resurreição de seu noivo, a noite venturosa de suas nupcias, a quadra azul de sua lua de mel.

Quando despertou, teve vontade de chorar; mas debalde, que seu coração não tinha lagrimas



PARAHYBA DO NORTE—UM DEPOSITO AO LADO DOS ARMAZENS DA ESTRADA DE FERRO

e se tinha transformado n'uma steppe de gelo para nunca mais chorar.

No entanto, ella tinha as faces humidas.

Ah! era que a natureza chorara por ella, rorjando-lhe as faces com as gottas algentes do orvalho nocturno.

Ella retirou-se do parque, encaminhou-se para a alcova, enquanto na infinda e cérulea planicie do firmamento, desenhavam-se o profundo extase do luar e o fogo fatuo das tremulas estrellas, enquanto soavam ao longe a cavatina lugubre do vento e o piar sinistro de uma agoureira estrige.

II

Com um ar tristíssimo de moribunda, pallida e melancólica, ella estava deitada sobre a colcha negra de seus cabellos revoltos, tendo entre as mãos um livro religioso que fitava, mas que não lia.

O sonho de felicidade que tivera, havia poucos momentos, parecia preocupar-lha demasiado.

Muito crente, muito supersticiosa, ella pensava no dia supremo da resurreição do noivo, na noite venturosa de suas nupcias, na quadra azul de sua lua de mel.

A reminiscencia do sonho não lhe sahia da mente.

E assim ella passou a noite, n'uma vigilia sem treguas, até que das ramas do arvoredo, a colovia preludiisse as dulcissimas notas do seu mavioso gorgojo, annunciando a apparição esplendida da aurora que das faldas da montanha começava a tingir os horisontes e a soletrar os seus beijos de fogo nos cimos das arvores.

Foi um pasmo geral quando ella se levantou para ir receber o osculo e benção maternas. A nuvem de melancolia fugira-lhe da fronte; ella tinha sorrisos, expansões joviaes. Singular transição!

A sua mãe, ainda que n'um estado de morbidez, não cabia em si de contente. A cada instante que fitava o rosto angelico de sua filhinha, via-lhe

o sorriso satisfeito de outr'ora, o olhar travesso das épocas passadas, a jovialidade franca da edade infantil. Parecia muito feiiiz.

E de facto o era. Embalada pelas vagas da esperança ella previa a realização do que sonhara.

Ah! a esperança! Como é deliciosa a esperança!

O dia expirou.

As suas irmansinhas ainda mais risonhas foram para o parque, levando-a tambem.

Ella acompanhava-as. Ah! aquelle lugar fazia-lhe pensar mais no sonho: alli ella se julgava feliz.

Em quanto saltitava com as pequerruchas na esperança de realizar o seu sonho, desenhavam-se na infinda e cérulea planicie do firmamento, o profundo extase do luar e o fogo fatuo das tremulas estrellas e soavam ao longe a cavatina lugubre do vento e o piar sinistro de uma agoureira estrige.

III

Passaram-se os annos. Ella já tinha rugas no rosto, ella já tinha os primeiros cabellos brancos. A belleza já lhe era extinta, o viço da mocidade já lhe era perdido; mas a reminiscencia ainda lhe adejava na mente, mas a esperança ainda lhe palpitava no coração, porque nunca, nunca se poderá perde-l-a de todo.

A flor que se coloca entre as paginas de um livro, emmurchece, mas nunca, nunca que de todo se poderá evolar o perfume.

Uma noite ella entrou n'um templo em ruinas. Entrou a rezar.

Depois de uma longa e fervorosa prece começou a perlustrar a vasta fila de sepulchros abandonados e quasi desfeitos.

De repente uma inscrição tumular, quasi obliterada, reteve-lhe os passos. Approximou-se mais e apenas pôde ver o nome que seus labios nunca se fatigaram de balbuciar,—o nome do seu noivo.

Quer restituir-lhe a vida; approxima-se ainda mais, porem vacilla... Tenta de novo approximar-

se, e subitamente, por um extraordinario impulso de vitalidade, lança-se sobre o tumulo...

Viola-o!... Cinzas... e nada mais!

Desvairada, febril, delirante, louca, ella ruge um grito de dor e sobre o lagedo humido do templo, ella tomba estatelada, hirta... inteiramente morta!

Nesse instante desenavam-se na infinda planicie do firmamento o profundo extase do luar e o fogo fatuo das tremulas estrelas e, pelas arcadas sombrias do templo, em ruinas, soavam a cavatina lugubre do vento e o piar sinistro de uma agoureira estrige.

CLOVIS NOEL.

O lyrismo

Como vulgarisadora do movimento politico, scientifico e social, de todos esses assumptos politicos, profundos e eternos problemas que convulsionam a vida moderna, é a poesia a mais pobre de todas as formas litterarias.

Os celebrados poetas da *Idéa Nova*, proclamando em rutilantes alexandrinos as invenções, descobertas e syntheses da sciencia e da industria; derribando as antigas formas politicas e religiosas; e fazendo a apotheose da blusa e da officina, amesquinham a magnitude dos assumptos que miram vulgarizar sem dar margem aos vóos da imaginação.

«Os seus moldes, rimas, hyperboles, imágens e coloridos, fazem o efecto de maravilhosas *toilettes* parisienses, aereas, tecidas com rendas e còres veladas, de estylo mordente e talhe franzino, cobrindo os violentos corpos, severos e masculos, das grandes mulheres aldeãs».

A verdadeira poesia vive do vago que deixa o poeta ir idealizando, n'um fundo translucido, figuras doces e fluctuantes,—bandos de visões tecidas de nuvens e sonhos; da intima harmonia que existe entre o amor, a religião, a família e a pátria.

Nasce das emoções e traduz-se pelo sentimento.

Ha quem acredite que essa poesia tem de morrer (se já não morreu), por ser essencialmente pessoal e falta de condições sociais que a impulsionem e fecundem; que, «apenas pode guardar-se ainda, por um prodigo de cultura, no coração de algum d'esses sublimes eremitas contempladores, estacionados à margem da vida egoista e crepitante de hoje,—como a planta torrida consegue desenvolver-se e medrar, por excessivos cuidados, na estufa bem calafetada».

Eu creio que primeiro morrerão os vaticínios do que ella. Pessoal é ella e por isso mesmo me commove. Si cantas as tuas dores e alegrias de homem, eu, que sou homem, folgarei ou chorarei contigo. A solidariedade do coração faz com que no fim de contas, ella se torne a mais impessoal do mundo.

Não! a poesia lírica não morreu; morrerão, é certo, os simples versejadores, que, em falta de ocupação, escrevem em prosa rimada todas as anedotas fastidiosas dos seus dias vulgares. Que me importa a mim que ella te desse uma flor, que vertesse uma lagrima em certa despedida? Uma flor e uma lagrima são cousas muito triviais. Mas, conta-as com alma; pede á musa de G. Dias, de L. Guimarães ou de Lamartine o segredo da harmonia se a teu próprio coração a nota da sinceridade, que eu sentirei contigo saudades d'essa dama que não conheço, e beijarei mentalmente essa flor que nunca vi.

Poesias são cousas de pouco valor.

Não é com elles que se movem os vapores e nem elles influem na alta e baixa dos fundos.

Paciencia!

Ha, porém, no interior do homem um ouvido que não entende senão a linguagem das emoções puras; e para fallal-a o melhor vocabulário é e será sempre o do velho Homero.

MONTROSE MIRANDA.

A Classificação das Sciencias

(Continuação)

A noção que os liga e permite collocá-los sob uma unica denominação geral, é a de movimento, vibração molecular, commun á quase totalidade dos phenomenos physicos e serve de fundamento ás hypotheses pelas quais se procura explicá-los.

E' bem difícil classifical-os de um modo satisfatorio, porque seguindo-se a ordem de especialidade crescente, ter-se-á de designar uma secção mais racional e desprendida de hypotheses, como por exemplo, a acustica, depois de outras menos adequadadas sob a condição de sua positividade.

Os phenomenos sonoros são, com efecto, menos geraes, mais especiaes que os da luz e vêm por conseguinte logo em seguimento.

Seu estudo, entretanto, apresenta um caracter de perfeição que a óptica e a thermologia não oferecem, e onde se conserva ainda a idéa hypothética de fluido imponderável para unificar e explicar os factos observados,—hypothese esta inverificável e por isso mesmo inscientífica.

Foi isto, segundo acreditamos, que levou Augusto Comte, na sua grandiosa *Philosophia Positiva*, a classificar a acustica antes da thermologia e logo depois a barologia, que serve de transição á astronomia na physica, a gravitação terrestre considerada como um caso particular da gravitação cosmica.

Depois da acustica, Augusto Comte coloca a thermologia da qual uma das partes, a que trata dos phenomenos de conductibilidade no interior dos sólidos, recebeu do grande physico e matematico Fourier um elevado contingente de positividade e perfeição racional.

Em seguida vem a óptica; e a seu respeito, Augusto Comte manifestou-se energicamente contra-

rio quanto ao emprego das explicações deduzidas da existência imaginária de um fluido éthereo.

Em ultimo lugar então, finalmente, a electrologia e o magnetismo, que facilitam a transição da física para a química.

Augusto Comte guiou-se, portanto, nesta classificação pelo grau de desenvolvimento de cada uma destas secções da física.

Mais tarde, porém, concebeu o futuro estado de progresso a que poderia chegar esta ciência e modificou a sua primeira classificação, adoptando a ordem da especialidade crescente. (*)

Por conseguinte passou a acústica para depois da termologia e da óptica, apresentando finalmente a disposição seguinte: *barologia—thermologia—óptica—acústica—electrologia e magnetismo*.

H. Spencer criticou a sua primeira classificação e S. Mill a defendeu, extranhandos que Littré ficasse silencioso a este respeito.

Admittamos, porém, que com facilidade se possa oppor serias objecções à classificação particular dos ramos da física, não serão elas, entretanto, de natureza a afectar o princípio geral de hierarquização de que tratamos e aceitamos.

Um ponto sobre o qual o fecundo criador deste princípio não teve a mínima hesitação e é geralmente sancionado, mesmo pelos seus adversários, — é o de que a física abre-se pela barologia e fecha-se pelo electro-magnetismo.

As possíveis divergências sobre o objecto dos trez estudos intermediários, no que concerne ao seu lugar respectivo, não terão grande importância doutrinal e metodológica.

A este respeito preferimos a collocação da thermologia antes da óptica.

Também sabemos ser muito difícil decidir quais são, dos fenômenos luminosos ou caloríficos, os mais espalhados. Pode-se, entretanto, considerar na decisão deste grave problema, o facto de existirem raios puramente caloríficos e os luminosos tiverem pelo menos ao mesmo tempo um certo grau de calor capaz de elevar a temperatura das substâncias, optando-se assim pelos fenômenos caloríficos. (*)

Julgamos, porém, que será mais acertado encarar a positividade de cada uma destas disciplinas e reunir à barologia a ciência que relativamente for mais completa, e, neste caso, está a thermologia.

Quanto aos fenômenos de sonoridade, são realmente menos universais que os precedentes e ainda mesmo que os da electricidade, cuja generalidade se confirma a cada momento.

Os fenômenos eléctricos estabelecem vantajosamente a transição da física para a química; será, porém, um grave inconveniente permiti-los com os da acústica.

..

Com a química cresce o grau de complexidade superior e os de independência inferior.

Os fenômenos tornam-se específicos e sofrem por consequência a modificação profunda das substâncias, quanto à sua composição molecular. Estas passam por transformações nas quais sua identidade inicial desaparece, seus atributos primitivos destroem-se, apresentando, finalmente, novas substâncias diferentes, por seu aspecto, composição e virtudes.

Por isso a química é verdadeiramente na ordem física a *sciencia creadora*.

Possue também a curiosa propriedade de compor e decompor, nas retortas, diversos corpos, interessantes operações estas, que a natureza, lentamente, em seu vasto laboratório, reproduz nas diversidades e multiplicidades características.

Gravitação, calor, luz, electricidade, etc., todas estas forças agem em química, como na física, produzindo, porém, naquela resultados mais elevados, mais aproximados da espontaneidade vital, menos universalmente espalhados e mais directamente utilizáveis.

A química é por isso mesmo mais especial, mais complexa e dependente, porque o conhecimento das leis da física lhe é indispensável.

A lei da classificação mantém-se perfeitamente e aplica-se com exactidão no interior do primeiro grupo.

Examinemos agora a astronomia. Esta ciência foi classificada entre a mecânica e a física. Assim procedendo Augusto Comte caracterizou-a sobretudo como uma ciência determinando a forma e o volume dos astros, suas órbitas, densidades e gravitações, os fenômenos que dali resultam, etc., verdadeiras geometria e mecânica cósmicas.

Para convencermos-nos disto basta recorrer ao seu *Tratado de Astronomia*, onde a sua opinião está exposta clara e luminosamente.

Mais tarde porém, esta ciência, tomando outra direção, progrediu muito.

Devido às spectroscopia, spectrometria e photographia pôde-se examinar e estudar os fenômenos físicos e químicos que se dão nos astros.

Já se conhece senão completamente, pelo menos numa considerável medida, a composição dos diversos invólucros solares, protuberâncias que separam da chromosphera, chegando-se a restringir, nos mais pequenos limites, as approximações concernentes à temperatura da photosphera. (*) Estes novos estudos relacionam-se ainda mesmo que aplicando-se a outros membros do sistema solar, os que constituem a geologia e a geographia physica.

Tornam-se assim uma ciência concreta na qual o nome *astrologia* lhes foi dado pertinente, por ter sido antigamente empregado para designar um sistema imbuido de superstições.

Seria, portanto, uma nova secção a destacar-se da astronomia mathematica e a classificar-se a parte, permanecendo em todo o caso esta última com o seu carácter inicial, indelevel, realmente distinto e considerada como ciência abstrata.

Nestas condições pode e deve conservar o lo-

(*) Vd. tom. Iº cap. 3º do *Syst. de Phil. Posit.*

(**) Não ignoramos que há fenômenos de phosphorescência, que se produzem a luar, mas estes são rarissimos.

(*) Vd. *Bull. da Soc. Astr.* Jan.—1900.

gar que lhe designou o genial fundador da classificação.

Com efeito, para constituir-se completamente e elevar-se à classe de mechanica cosmica, depois de atingir com Kepler a de geometria cosmica, precisava, além das leis desta, os theoremas e principios dynamicos descobertos por Galileu e posteriormente por Huyghens.

As descobertas deste ultimo no domínio da força centrifuga, foram particularmente utilizadas, como sabemos, no estudo e conhecimento da lei de gravitação universal. O descobridor desta lei procurou na mechanica racional sua terceira base natural:—o princípio da igualdade entre a ação e a reação, o qual reunido ao princípio da inércia (Kepler) e ao da independencia dos movimentos (*) relativos aos diversos pontos de um sistema em comparação com o movimento communum do conjunto (Galileu), contribuiu para formar o triplice fundamento natural da mechanica. (")

Lemos, algures, que a mechanica racional desceu do céu. É uma bella phrase, não ha dúvida, verdadeira, porém, somente até certo ponto.

A fundação definitiva e o desenvolvimento da mechanica cosmica permittiram á mechanica racional obter o seu progresso e o elevado grau de positividade e racionalidade que tem actualmente, tornando-se por isso um modelo científico quase perfeito.

Entretanto, é preciso reconhecer que a sciencia abstracta dos movimentos, precedentemente e antes mesmo da astronomia dynamica, attingiu a um notável estado de consistencia racional, o que se justifica pela descoberta de Newton.

Resta-nos distinguir entre a constituição de uma sciencia no estado positivo e o de pleno progresso e desenvolvimento dessa sciencia.

Na primeira phase somente ella permanece relativamente independente das sciencias que a seguem. A reação destas sobre aquella serve poderosamente aos seus progressos ulteriores.

A sociologia, por exemplo, por mais imperfeita que ainda se queira julgar-a, já não reagiu sobre a biologia, e não foi o phemoneno apparente da divisão do trabalho social, que provocou a celebre theoria de Milne Edwards sobre a divisão do trabalho organico?

A astronomia, na qualidade de sciencia dynamica, coloca-se, pois, regularmente, em seguida á mechanica:—primeiro porque seus phemonenos são mais especiaes e complexos, segundo porque ella se acha em um estado evidente de dependencia perante a mechanica racional e a geometria.

Seu primeiro ramo, que comprehende as trez conhecidas leis de Képler, devido ao seu caracter geometrico, coloca-se antes da parte mechanica.

Quanto á astrophysica, parece-nos, que será necessariamente collocada, logo que atingir a um desenvolvimento bastante consideravel,—ou entre as sciencias physico-chimicas, ou entre as que se applicam a um conjunto, como a geologia.

Acabamos, pois, de verificar que a classificação permanece indemne e cada vez mais affirma-se no conceito de todos que a estudam desapaixonadamente.

..

O grupo biológico comprehende duas grandes ordens: uma classifica os estudos relativos aos vegetaes, á estructura e ás funcções physiologicas das plantas, chama-se botanica ou botanologia; a outra, formando-se das duas sciencias abstractas que se relacionam, anatomia e physiologia,—estuda a estructura e funcionamento dos organismos animaes.

Pensamos, de acordo com alguns especialistas, que a embryologia e as noções que derivam do transformismo, poderiam ser apresentadas a parte, num quadro proprio.

(Continua).

Nosso progresso moral e material

Ó Ministro Lauro Müller

O confronto do progresso moral da Republica com o da monarchia não deixa saldo a favor das instituições vigentes.

A falta de partidos constitucionais, durante quinze annos de governo republicano, é um indicio vehemente d'esse descalabro moral, que tanto desabor deve causar ao historiador philosopho, que se der ao trabalho de investigar as causas dos multiplos phenomenos sociaes, que se desenrolam no seio de nossa nacionalidade.

Debalde temos tido uma constituição liberal que, conhecendo das vantagens da fiscalização dos governos pelas opoções, garante ou diz garantir a representação das minorias. Sua disposição, n'este sentido, tem sido letra morta, e os que governam, livres das vistos indiscretas dos que querem alcançar o governo, podem agir a seu bel-prazer, livremente, soberanamente, que ninguem os pode embaraçar. Parece ser mesmo assim que elles, salvo honrosas excepções, concebem a liberdade estatuida em nossa lei fundamental.

Entretanto, os partidos politicos são de incontestável utilidade: implantam na consciencia publica o cunho das grandes convicções, aquecem a alma nacional ao calor dos nobres ideaes.

O homem politico sabe, por isso, ter companheiro de idéas de um extremo a outro do paiz e de um extremo a outro adversarios, que, combatendo-o, estreitam-lhe os laços de solidariedade entre os correligionarios.

E com esse auxilio mutuo e mutua combatividade, as opiniões, por assim dizer, crystallisam-se. Manter-as e emitir-as é signal de vida; despresal-as é signal de fraqueza imperdoável.

Mas, essa fraqueza de passar de um a outro grupo é o que ha de mais commun na quadra actual, porque nenhum d'elles tem programma definido:—são simplesmente o partido do governo e o da oposição.

E si os membros d'esta não passam a ser go-

(*) Vd. Koeligs—art. na Rev. das Scien., de 30 de abril 01—.

(**) Vd. na Rev. cit. um art. de Freycinet, no qual resume a estes tres principios fundamentais, o da "equivalencia mecanica do calor".

verno, deixando os companheiros por lhes faltar a coragem de secundalos, só lhes restam dois meios de, conservando-se fieis aos amigos, galgar com elles o poder:—a intriga e a revolução.

O primeiro é o mais commum e se exerce perante o chefe da nação para obter prestigio nos Estados e perante o chefe do Estado para obtê-lo nos municípios.

O segundo é o que, para as repúblicas da América latina, parodiando a nossa jurisprudencia, podemos impropriamente chamar de—recurso extraordinário. Si a intriga não medra, este meio—a revolução—torna-se o seu legitimo supletivo, si se pode admittir legitimamente nos levantamentos contra o poder constituido.

Não ha, portanto, muito que estranhar do phenomeno revolucionario em nossa boa América e em nosso Brazil bem amado. A luta armada fica sendo a valvula de expansão das consciencias que, por outro meio, não podem se expandir.

Accrescente-se a isto o mal organico da justiça—o ultimo e supremo refugio dos que soffrem.

Desde que os homens são incapazes de ter idéas, ella que é um sublime ideal, não pode deixar de ficar reduzida ao papel de filha espuria. Certo que, devido a razão historica, tem-se conservado aos seus ministros—os juizes—o rotulo de coisa seria, com garantias de independencia. Simples apparencia, que não encobre a funesta realidade! Si ainda temos julgadores dignos de sua missão nobilissima e que se aventuram a contrariar os desejos dos que querem, podem e mandam, certamente ou são elles māus discípulos ou não foram educados na escola dos ultimos tempos. Mau será não honralos e peior deixar de remediar o mal antes que elles desapareçam.

Si passarmos, porém, do lado moral a encarar o progresso material da Republica, teremos uma perspectiva diametralmente oposta. A triste desillusão cede passo a uma mais consoladora realidade.

Em quanto que o passado regimen ia sempre adiando as nossas questões de limites, não nos permitindo, por isso mesmo, conhecer ao certo o territorio nacional, a Republica tem muito airosamente resolvido essas pendencias internacionaes. E assim fazendo, não somente tem firmado os nossos direitos sobre regiões contestadas, como as das Missões e do Amapá, mas tem conseguido mais: chamou para o nosso patrimonio uma zona fertilissima, o Acre—que os nossos governos anteriores tinham declarado não nos pertencer.

As nossas industrias, outrora em estado rudimentar, têm tomado grande incremento. Paiz admiravelmente fertil, e sem contestação o mais rico do mundo quanto à natureza do solo, pareciamos, entretanto, incapazes de produzir. Tudo pediamos ao estrangeiro, mesmo os productos manufaturados com as nossas matérias primas, que só passando por suas mãos podiam tomar as variadas formas dos artefactos mais communs e satisfazer as nossas multiphas necessidades.

De quinze annos a esta data, porém, temos panteado ás nações civilisadas a nossa competencia industrial. Já prescindimos de grande copia de

productos, que o estrangeiro nos fornecia; e agora mesmo o telegrapho nos transmite a grata notícia do brilhante resultado colhido pelo Brazil na exposição de S. Luiz.

O movimento do nosso commercio externo—importação e exportação—que ao findar o império, subia a 500.000.000\$000, orca hoje pelo triplo, mais ou menos. As nossas estradas de ferro, que tinham em tráfego 8.930 kilómetros, actualmente têm outro tanto, e o telegrapho, que, sem falar na rede submarina, contava 10.775 kilómetros, 442 metros, já tem mais do duplo, e dia a dia, como as vias ferreas, vai se internando mais pelo amago do paiz.

E si attendermos que o pequeno periodo de republica, entre nós, tem sido uma quadra de constante agitação revolucionaria, e que o longo periodo de monarchia atravessou muitos annos de paz, seremos naturalmente forçados a levar o nosso bem-estar material a conta da diferença de regimen politico; o antigo gastando a maior parte do tempo em lutas estereis, o actual, em lutas necessarias para abafar o fermento revolucionario, estimulando concomitentemente a iniciativa particular, sem esquecer o publico serviço.

O império, de preferencia, chamava ao governo os seus medalhões, que, em regra, pareciam pensar mais em honras e serviços á propria individualidade que ao paiz. A Republica tem chamado os homens de acção, que têm poder de vontade, e não vivem á cata de honras nobiliarchicas, pre-occupando-se mais seriamente das necessidades da nação que da satisfação de vaidades pessoais.

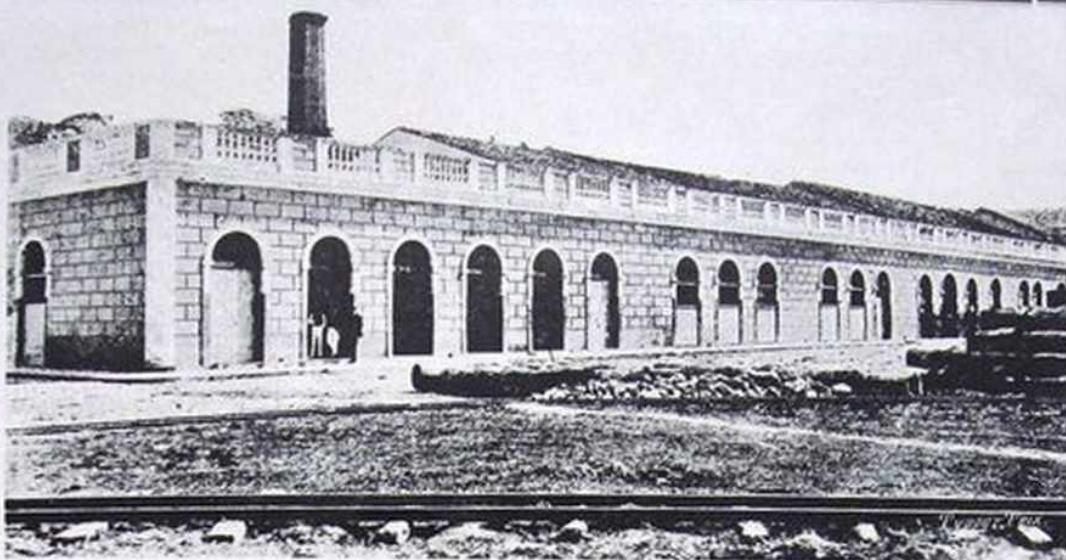
Uma prova d'isto, temol-a nós no actual ministro da industria, o sr. Lauro Müller. No relatório por elle apresentado ao Presidente da Republica, cuja introdução acabamos de ler no «Diário Oficial», em uma linguagem atraente de singeleza e modestia, se nota o esforço tendente ao engrandecimento do paiz, o que sobremaneira honra a um homem de estado.

Isento das tentações do orgulho individual, diz o ministro que para o leal cumprimento das promessas do manifesto inaugural do sr. Presidente da Republica, «empenhou todo o esforço de que é capaz, tanto por dever de subordinação, a que se habituou na boa escola da disciplina, quanto pelo ardor consciente de servir á grandeza de nosso paiz». Trata dos grandes melhoramentos encetados na capital da Republica, que julga «o mais nacional de todos os problemas administrativos», porquanto é pela mesma cidade que a patria se torna mais conhecida do estrangeiro; mas atendendo igualmente ás necessidades geraes do paiz em todo o seu vasto territorio.

Não esqueceu a ligação de uns com outros Estados da União, por meio de vias de comunicação e transporte.

Este é, com efeito, um dos principaes problemas nacionaes, que não podem deixar de atrair a atenção do governo.

O homem é um ser sociável por excellencia. Já houve mesmo quem o distinguisse dos demais pelo seu instincto de sociabilidade, e ainda é corrente a opinião de que a sociedade está para o ho-



PARAHYBA DO NORTE—FÁBRICA DE SABÃO A VAPOR DE LEMOS & C.º

mem, assim como o espaço está para os corpos. Eliminal-a, é eliminar o próprio homem.

E mister que se lhe facilite a troca de idéas, que traz consigo a necessidade de outras relações. Quanto maior for a permuta dessas relações, tanto maiores serão o seu conforto e comodidades, o que, em ultima analyse, vem a ser a obra do progresso—a civilisação.

Assim nos ensina a lição da história.

Vemos por toda parte que as aglomerações humanas se estabelecem, de preferência, nos lugares onde há maior facilidade de comunicações, não somente indirectas, mas principalmente comunicações directas, pessoais. E buscam mercado de idéias e mercado de produtos.

Por isso, elas se fixam, nos países novos, primeiramente no litoral, em seguida à margem dos grandes rios e posteriormente nos pontos servidos por vias ferreas. O S. Francisco foi, depois do Atlântico, o grande caminho de nossa civilização.

Os Estados Unidos que, apenas em assumpto legislativo nos têm servido de modelo, devem o seu extraordinário progresso antes às suas vias de transporte, que à actividade quasi febril de seus habitantes. Tendo de um lado o Pacífico e do outro o Atlântico, e no interior uma grande rede de navegação fluvial, nem por isso deixaram de dar incremento à viação por caminhos de ferro, já os tendo hoje em uma extensão kilometrica superior a de todos os países da Europa reunidos.

A viação ferrea, sendo a maiscelere, é a última palavra em matéria de transporte interior. Si nosso paiz, o melhor servido do Continente por vias fluviais, fosse, de um extremo a outro, ligado por estradas de ferro, não teríamos que receiar a perda de nossa hegemonia na América do Sul, porquanto a superioridade das nações é hoje aquilatada, não pelas vantagens de seus apparelhos bellicos, mas pelo seu movimento mercantil.

O ministro da industria, felizmente, não descura dessas necessidades vitaes. Lembra o nosso compromisso especial da construção da estrada do Madeira ao Mamoré, cujas vantagens são deve-

ras inestimáveis para o Brasil. Por ella, o comércio da Bolívia, procurando um escoadouro aos seus productos, descerá pelo nosso território, em busca dos mercados europeus ou norte americanos; o que sucederá igualmente aos productos de outras regiões, por ser a grande via amazonica o caminho mais próximo d'aqueles mercados.

Diz parecer bem encaminhada a ligação da Tocantins ao Araguaya; e que as negociações que tem por fim a construção do ramal de Itapémirim a Mathilde, no Espírito-Santo, o estudo da ligação do ramal de Timbó a Propriá, os da linha interior do Rio Grande do Norte que se deverá ligar a Baturité, reunidos a construção da estrada de Victoria a Minas, a ligar-se ás linhas da Bahia e futura ligação da estrada de Sobral com a linha de Caxias a Cajazeiras, prolongada a S. Luiz através do Piauhy; adiantarão o problema da ligação do Norte ao Sul por linhas comerciais, a pequena distância do mar.

Fala no prolongamento das estradas do sul e na construção de vias importantes através dos Estados de Goyaz e Matto-Grosso, atravessando férreas regiões de nosso solo e comunicando-se com as melhores arterias fluviais daquella zona.

Em tudo se revela a boa vontade do ministro de servir ao paiz, de modo a tornar o Brasil uma nação realmente apreciável pelas vantagens que oferece por suas riquezas naturaes, em grande parte inexploradas.

E de homens de governo, nas condições do sr. Lauro Müller, que nós precisamos.

Desde que tenhamos sempre à frente da administração geral do paiz brasileiros de sua estatura moral, que saibam dar estímulo à iniciativa particular e promover o andamento dos trabalhos públicos com tanto patriotismo, visando com acerto as medidas necessárias ao nosso desenvolvimento, não teremos que receiar do nosso futuro. Seremos uma grande nação, prospéra e respeitável.

S. Luiz, novembro de 1904.

Araujo Costa.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Novembro de 1904

Num. 78



Gonçalves Dias

(BUSTO OFERECIDO PELO ESTADO DO MARANHÃO AO GERALD JÚLIO BOCCA,
PRESIDENTE DA REPÚBLICA ARGENTINA)



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO NA PRAÇA JOÃO LISBOA—Phot. amador J. Faria

O indianismo de Gonçalves Dias

A individualidade belletristica de Antonio Gonçalves Dias enquadrava-se na segunda phase do romantismo brasileiro.

A primeira, toda religiosa e elegiaca, fôra abeberar-se nos acordes tristes das *Meditações* de Lamartine. Deus e a Alma eram os themes predilectos das divagações dos poetas. Adorar as grandezas do primeiro e chorar as desventuras da segunda, eis ahí o officio dos que empunhavam uma lyra. Domingos de Magalhães foi o creador dessa escola que veio depois asfixiar-se na imitação servil do seu primitivo inspirador.

A segunda phase, aberta sob o patronato mental de Chateaubriand e de Cooper, approximou-se mais das coisas terrenas, relegando para plano secundario a religiosidade doentia e o exagerado mysticismo da primeira.

A revolução romântica encaminhava-se para ideias mais sadios e mais uteis, emergindo das oscilações dolorosas da dúvida e das nebulosidades estereis da tristeza. O trabalho dos pensadores alemães, buscando num esforço unico congraçar as entidades intellectuaes e as realidades physicas para a conquista soberana da verdade, começava a ganhar proselytos e seduzir espíritos. Os phenomenos da vida attrahiam as intelligencias estudiosas, não mais na abstração vaga que os representava, mas na sua propria existencia intima. A curiosidade mental já se não saciava na contemplação extactica dos dogmas e dos mythos, buscava divulgar o sentimento religioso por detrás

dos primeiros e a belleza poetica por detrás dos segundos. Francisco Bopp, fundando a philologia comparada, rasgava horizontes novos ás pesquisas do espirito humano. A ethnographia e a linguistica, regeneradas pelas investigações do sabio alemão, começaram a revelar maravilhas de cuja existencia até então nem sequer se suspeitava. Uma intuição, vaga a principio, mas que depois se foi rapidamente confirmado, gerava no espirito dos homens a consciencia de que o seu passado recuava para muito além das pyramides magestosas dos Pharaós, da montanha sagrada de Sião e da reluzente Acropole de Athenas. E inesperadamente, numa ensenação brusca e vivida de vetustez e de grandeza, a India surgiu, maravilhosa e ancestral, offertando, como um campo farto á avidez intellectual da Europa, o mysterio imponente dos seus templos, a riqueza incalculável das suas theogonias e as joias raras da sua literatura. Por essa direcção enveredou a actividade febril dos sabios, dos historiadores, dos linguistas e dos ethnographos, tentando estabelecer com segurança o parentesco intimo que ligava esse mundo recem-descoberto a esse outro já conhecido, sobre o qual vinham trabalhando, desde os albores da Renascença, a imaginação e a scienza dos grandes belletristas e eruditos europeus.

Simultaneamente e como subsidio a esse grande trabalho communum de pesquisa das origens geraes da civilisação, os espíritos cultos dos diversos paizes do Occidente, circumscrevendo a esphera das suas investigações, buscavam trazer para a luz a vida intima dos seus primitivos habitantes, as crenças, os costumes e as ceremonias das populações anonymas



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS — ORGANIZAÇÃO DO CORTEJO NA PRAÇA JOÃO LISBOA — Phot. amador J. Faria

que na penumbra longinqua das suas origens históricas se agitavam. E sobre esse fundo novo e virgem a imaginação dos seus poetas de genio se veio exercitar, nelle colhendo themes para as suas idealizações artísticas.

Foi mais ou menos neste momento histórico que se começou a exteriorizar o genio de Gonçalves Dias.

Aparelhado por uma larga cultura classica, o poeta maranhense quiz acompanhar a grande corrente mental do seu tempo. Olhou para as origens da sua patria — trabalho alias facilimo, porque apenas tres séculos haviam transcorrido da descoberta — e nellas apenas vio o indio.

Não buscou ventilar qual a contribuição d'esse contingente para a constituição étnica da nossa nacionalidade, não tentou conhecer qual a parte que lhe coube na formação do nosso patrimônio leudario e tradicional; vio o indio espoliado pelo aventureiro portuguez e logo a sua infinita piedade de artista impellio-o para a rehabilitação do vencido. Suprindo, com os recursos inventivos da sua imaginação poderosa, a carencia absoluta de documentos por onde se pudesse com relativa segurança reconstituir a sua physionomia apagada, Gonçalves Dias cantou o indio, bordando sobre a trama desconexa das lendas que a seu respeito corriam, fragmentos de poemas, admiraveis pela sua feitura artística, pela compungida emoção que os anima, pelo largo sopro de altruismo que os vivifica, mas incontestavelmente falhos sob o ponto de vista ethnológico e historico.

Vae nesta observação uma censura ao poeta? De modo algum, porque o criterio que veio reduzir ao seu justo valor o contingente indigena na

formação do povo brasileiro é posterior á época em que viveu o vate maranhense.

Mas, mesmo que assim não fosse, bastava o talento estupendo com que Gonçalves Dias revestiu os selvagens dos predicados que a sua compassiva generosidade de poeta e a sua imensa compaixão pelas hordas derrotadas lhe inspiravam, para lhe conferir o logar de honra que elle occupa na evolução geral da poesia brasileira. Foi poeta como nenhum outro antes d'elle o soubera ser, e quando, simultaneamente com o indio, cantou a natureza tropical, a magestade opulenta das nossas florestas, a doçura olympica de nosso céu, o murmúrio cantante dos nossos regatos, e a corrente impetuosa dos nossos rios, soube emprestar aos seus versos uma vibração inexcedivel de exactidão e de verdade. As suas produções poeticas constituem o mais rico patrimônio desse compartimento das belas letras brasileiras, e justificavam, juntamente com os seus trabalhos de theatro, de ethnologia e de historia, o culto acendrado e profundo que lhe veem votando os seus patricios ha quasi meio século, culto que brilhantemente se exteriorizou nas ruidosas festas com que a 3 do corrente commemorou o Maranhão o quadragésimo anniversario da sua incorporação á vida subjectiva.

A Revista do Norte consagra o seu numero de hoje á memoria do poeta, gravando pela imagem alguns quadros d'essas festas, quiçá das mais belas que a capital do Maranhão tem visto. E aproveitando a occasião para envolver na sua homenagem os promotores da erecção do monumento que no Largo dos Remedios perpetua a effigie do poeta, insere tambem diversos excerptos do Pantheon Maranhense de Antonio Henriques Leal.



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS — ORGANISACÃO DO CORTEJO NA PRAÇA JOÃO LISBOA — Phot. amador J. Faria

**DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA
DO MARANHÃO DE 7 DE JULHO DE 1865**

«O sr. Joaquim Serra:

Senhor presidente, tomei para mim o encargo de ser quem n'esta casa venha esmolar a favor dos grandes homens da província (*Movimento de atenção*).

Tem-me sido tão fácil quão honrosa esta tarefa; facil porque encontro sempre predispostos para o bem os animos generosos dos dignos maranhenses que ilustram esta corporação; honrosa porque ella nobilita aquelle que se constitue o promotor de um acto tão resplendente de justiça.

Bem longe já vão os dias em que os contemporâneos deixavam que succumbissem à mingoa e ao abandono aquelles que mais ilustravam a terra onde tinham o berço.

Este seculo, reparador das injustiças preteritas, tem saldado as dívidas que as nações guardavam em aberto para com os varões assinalados que as distinguiam, e tem ensinado que para certos vultos preeminentes a posteridade começa-lhes ainda em vida.

O funeral de Beranger por entre os soluços da França inteira, o jazigo de Byron nas cavas de Westminster, a apotheose annual que a Alemanha celebra em honra de Schiller, bem mostram que o reconhecimento das nações veiu substituir o ingrato esquecimento, que tanto as affeiava.

O anno passado, d'este mesmo logar, pedi um auxilio para Odorico Mendes; uma outra vez ergui-me supplicando igual favor para João Francisco

Lisboa; hoje venho impetrar d'esta casa o quinhão, que deve caber em partilha a um outro filho tão dilecto como esses dous, genio o mais característico e original entre as summidades maranhenses.

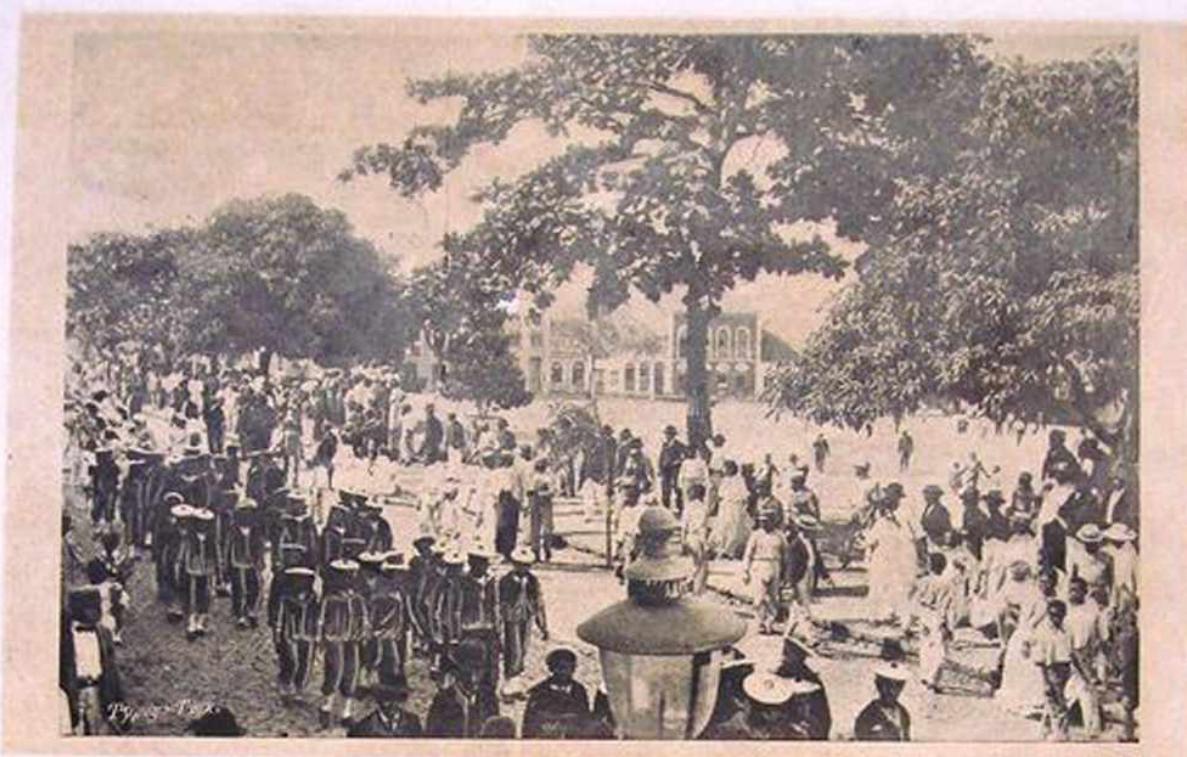
Aquelle que nos deu os memoráveis cantos que fazem a glória do Brasil; que nos patenteou os rudes mysterios das sagradas tabas dos nossos aborigenes; que evocou as sombras magestosas dos selváticos habitantes das nossas mattas—Gonçalves Dias, em sumira, é aquele que hoje deve receber de vós o prémio, que reservastes para os filhos de eleição d'esta bella província que representamos. Fazer o elogio de Gonçalves Dias é um pleonasmo inútil e banal. Elle nos deu tanto que comparando-se o donativo com o pouco a receber, quasi nada ter-lhe-hemos dado.

Quem mais sublime e arrojado se ergueu às regiões da poesia, do que o peregrino cantor que firmou o edifício da litteratura brasileira? Elle possuia todos os encantos e seduções que o talento descommum sabe buscar para o seu adorno. Morreu sem deixar herdeiros de seu genio, sem collateraes que lhe disputassem a herança.

Outros poderão vir que cantem com admirável gentileza, porém nenhum mais ha de cantar assim.

Trata-se de erigir, em uma das principaes praças d'esta capital, um monumento, que ateste aos vindouros que os grandes homens da patria não colheram n'ella o indifferentismo. Esta província, que é mãe, deve abrir os seus cofres e inscrever-se como a primeira em lhe prestar o culto do seu amor.

Eis o que peço no projecto que acabei de ler;



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—O CORTEJO NO LARGO DO QUARTEL—Phot. amador J. Faria

para que quando se fallar da legislatura de 1864 a 1865, se possa dizer, que se dentro d'esse biennio a província perdeu os seus mais importantes filhos, elles foram chorados e commemorados de uma maneira digna d'elles e digna de nós.

Vozes:—*Muito bem, muito bem.*

—Vae á mesa e é lido o seguinte projecto, o qual, a requerimento do author, é dispensado dos interstícios da leitura, assim de ir a imprimir:

«A assembléa provincial resolve:

«Artigo 1.º Fica o governo autorizado a gastar até a quantia de 10.000\$000 reis, auxiliando a construção do monumento que se vae erigir á memoria do cidadão Antonio Gonçalves Dias.

«Artigo 2.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

«Maranhão, 5 de Junho de 1865».

Inauguração da estatua de Gonçalves Dias

A 7 DE SETEMBRO DE 1873

Poucas festas tem tido o Maranhão como a da inauguração do monumento do grande poeta.

Foi no dia 7, às 5 horas da tarde, que teve lugar a magestosa cerimonia, assistida por numerosíssima multidão, que enchia a vastíssima praça, em cujo centro ergue-se o monumento.

Desde a vespere, ainda velada a estatua, já começava o monumento a ser visitado e saudado por numerosas pessoas. Entre os grupos de visi-

tantes distinguiram-se douos que eram acompanhados de excellentes musicas que por muito tempo ali estiveram tocando.

Ao romper da aurora de 7 foi a musica dos Educandos tocar a alvorada junto do monumento, e ao nascer do dia via-se a praça toda empavesada, flutuando no alto dos mastros a bandeira nacional, tres elegantes coretos para as bandas de musica e um pavilhão para o acto da inauguração, o pedestal do monumento tendo em todos os degraus vassos com flores, e cingido por festões de murta entrecida com flores naturaes.

A's quatro horas da tarde começou o povo a affluir, e numerosos carros de aluguel, comboios successivos da companhia ferro-carris traziam centenares de pessoas. Em pouco tempo estava a praça cheia. O 5.º batalhão estendia-se em linha defronte da estatua, e formavam em ala outros douos lados de um immenso quadrilongo o corpo de Educandos Artífices. No meio da multidão viam-se collegios de meninos com seus directores, e senhoras e cavalheiros de todas as gerarchias, etc.

A's cinco horas em ponto, estando no pavilhão os exms. srs. presidente da província, governador do bispado, presidente e vereadores da camara municipal, senador Vieira da Silva, dr. chefe de polícia, chefes das repartições, a commissão da praça, e as commissões representantes de diferentes associações, deu-se principio a cerimonia, lendo o sr. José Manoel Vinhaes o discurso inaugural escrito pelo sr. dr. A. Henriques Leal, o qual já publicamos e está inserido no auto, abaixo transcripto.

Dirigiram-se depois para junto do monumento,



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—O CORTEJO NA RUA DOS REMÉDIOS—Phot. amador J. Faria

e alli tomado os srs. presidente da província e o da camara, senador Vieira da Silva, como representante do Instituto Historico, e J. M. Vinhaes os cordões das bandeiras nacionaes, que velavam a estatua, a descobriram.

Foi um quadro arrebatador o que então se apresentou. Uma massa enorme de povo, cheia de vida e animação, dirigia as vistas para a nobre figura do poeta, e respeitosa descobria-se, o 5.^o batalhão apresentava armas, tocavam o *hymno a Gonçalves Dias* as bandas de musica, o estrepito de numerosas girandolas de foguetes sóltas diante do monumento e de todas as praças e muitas ruas da cidade atroavam os ares, salvavam os fortes, repicavam os sinos, milhares de avulsos contendo discursos e poesias eram lançados ás turbas de todos os pontos do largo e até das torres da igreja, e ao mesmo tempo distribuiam em toda a cidade e em grande cópia no largo uma folha dedicada á memoria do poeta, contendo a maior parte dos discursos e poesias que tinham de aparecer n'aquelle occasião. Pôde, pois, dizer-se sem exageração que a saudação ao poeta foi levantada pela cidade em peso.

Diminuindo o ardor d'esta primeira saudação, voltaram ao pavilhão o sr. presidente da província e mais pessoas que n'elle anteriormente se achavam, e começaram a ser recitados os discursos e poesias.

Falou em primeiro lugar o sr. presidente da camara municipal, cujo discurso já publicámos e está transcripto no auto da inauguração, e em seguida o sr. dr. Gentil Braga, por parte da commis-

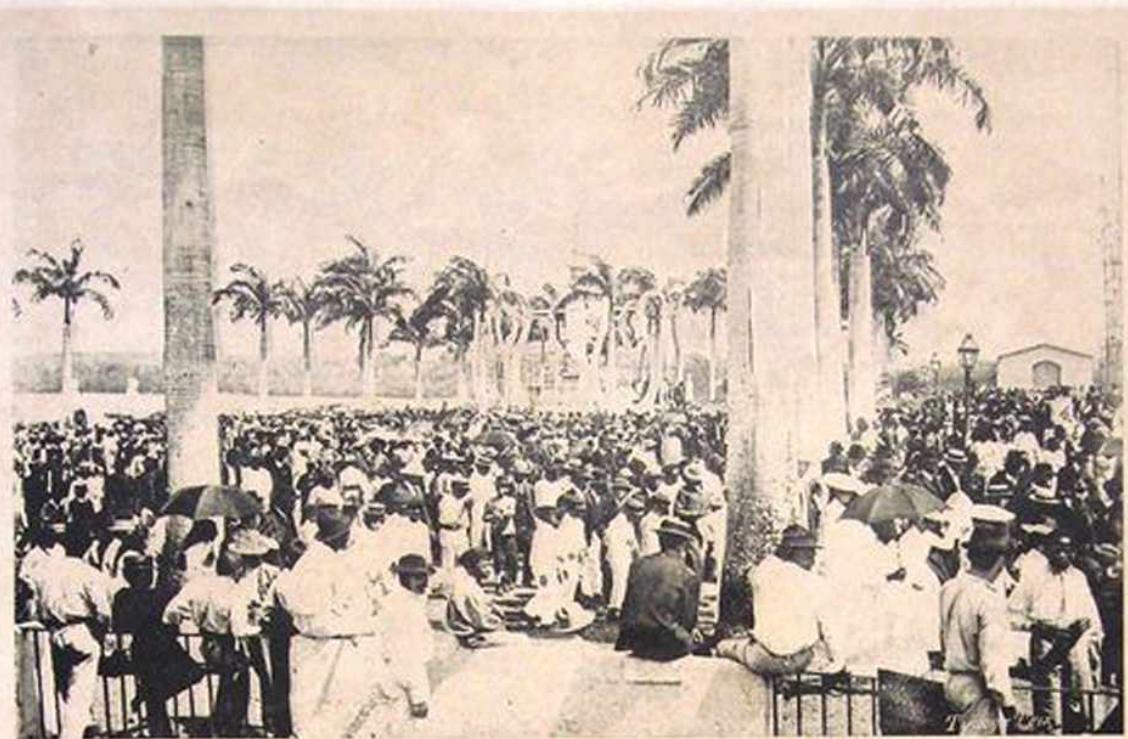
são da estatua. Seguiram-se outros discursos e poesias, todos applaudidos com entusiasmo, principalmente uma poesia do sr. capitão Caliope, distintissimo oficial do exercito, a qual abaixo publicámos. Recitou-a o seu autor com todo o fogo da inspiração com que a produziu, e o gesto e a voz, harmonizando-se perfeitamente com o elevado pensamento, foi magnifico o effeito, merecendo o poeta as calorosas felicitações que lhe foram dadas.

Todos os discursos e poesias de que só tivemos cópia na occasião da inauguração vão em seguida, ficando assim com os que se acham na folha distribuída n'aquelle dia completa a publicação de todas as produções que então apareceram.

Concluída a leitura d'essas produções, leu o sr. secretario da camara o auto da inauguração, que foi assignado em primeiro lugar pelo exm. sr. presidente da província, governador do bispado, presidente e vereadores da camara, dr. chefe de polícia, comissão da estatua, comissões das associações e as authoridades que ali se achavam. Assignaram todos com a riquíssima pena de ouro, feita expressamente para esse acto, e que pela comissão da estatua vae ser offerecida ao sr. dr. H. Leal.

O sr. presidente antes de retirar-se dirigiu algumas palavras de louvor áquelles que se esforçaram para que o monumento fosse realizado, e levantou diversos vivas, que foram entusiasticamente correspondidos.

Terminado o acto, continuou a praça cheia de povo e continuava a apresentar a rua dos Remédios curioso aspecto; numerosos carros e bonds



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS - ASPECTO GERAL DA PRAÇA GONÇALVES DIAS - Phot. amador J. Faria

cruzavam-se em todos os sentidos, e cobria-a imensa multidão, que substituia-se em contínuo fluxo e refluxo.

A noite illuminaram-se todas as casas da praça e algumas da rua.

A's oito horas, pouco mais ou menos, os caxienses, reunidos no largo do Carmo, tendo á frente uma banda de musica, dirigiram-se ao largo dos Remedios para tributarem particular homenagem á memoria do seu conterraneo. Chegando a praça postaram-se defronte da estatua do seu cantor, e foram lidas tres allocuções, uma do sr. dr. Frederico José Correia, outra pelo sr. dr. Cesar Marques e outra por um joven caxiense, o sr. Luiz de Lima Sá, e por ultimo o sr. José J. Pereira dos Santos levantou estes vivas, que foram freneticamente acompanhados: *Gloria a Gonçalves Dias, Gloria ao poeta! Gloria ao pleclaro vate caxiense!*

Dirigiram-se finalmente os caxienses á casa do sr. Joaquim Marques Rodrigues, onde se achavam alguns membros da commissão da estatua, e fazendo-se representar por tres de seus conterrâneos agradeceram á commissão os serviços pela mesma prestados.

Eram quasi onze horas da noite; já a praça tinha menos gente e parecia terminada a festa.

Magnifico era o luar, a maré cheia beijava as verdes margens do Anil, os grupos de passeiantes, que se haviam demorado, gosavam a doce brisa que soprava do lado do rio. O scenario era para inspirar o mais desillidido poeta.

N'isto viu-se um grupo numeroso de meninas todas vestidas de branco, entrarem na praça e dirigirem-se para o monumento.

Formadas na frente da estatua, vinham duas a duas depôr ramalhetes nos degraus do monumento, no throno do poeta-rei. Ao mesmo tempo ouviam-se os melodiosos accordes de uma musica suavissima executada por habilissimos professores, e que acompanhava a *Canção do Exílio*, cantada por aquelles anjinhos.

Profundissima, indescriptivel, foi a impressão causada por esta scena, assistida com todo o recolhimento, parecendo que cada um temia que a propria respiração a interrompesse e fizesse perder uma só nota da inspirada composição.

«Presenciou-se então, escreve um talentoso cultor das letras, a verdadeira apoteose do gênio. Os pallidos clarões da veladora lampada nocturna estavam a denunciar-nos que era enfim chegado o momento dos sonhos e misterios, porque àquella hora,

«hora em que voam as fadas
«soltas as tranças douradas
«das campinas perfumadas
«por sobre o floreo matiz,

um bando de anjinhos, esplendidos e candidos como a branca plumagem das garças, veiu laurear o vate exelso, enchendo de ramalhetes odoriferos o pedestal marmoreo da sua estatua magestosa !

«Durante esta arrebatadora scena que a todos enchia de indisivel satisfação, maviosas harmonias eram pelas auras balsamicas trazidas a nossos ouvidos, e a nossa imaginação transportava-se a ponto de ouvir n'ellas o canto dulcissimo das serenas que



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—CHEGADA DO CORTEJO À PRAÇA GONÇALVES DIAS—Phot. amador J. Faria

lá nos Atins guardam o sepulcro ingente do primeiro brasileiro».

Offerecidas as flores, veiu uma respeitável senhora, em cujo semblante transpareciam as nobíssimas qualidades de seu coração de ouro, e por sua vez depositou uma coroa de louros, atada por um riquissimo laço em que se liam estas palavras —*O collegio de Nossa Senhora de Nazareth á memoria de Gonçalves Dias.*

Aquellas meninas eram as alumnas do collegio de Nossa Senhora de Nazareth, e esta senhora sua distinta directora a exma. sra. d. Rosa Laura Parga Nina.

Se a alma do poeta baixou n'este dia á terra ou lá do céu contemplava esta festa, nada podia ser-lhe mais grato do que o tributo d'aquellas inocentes virgens, d'aquellas innocentess meninas, verdadeiros anjos terrestres.

A musica foi composição do sr. L. Raiol, jovem e talentoso artista, que n'este dia não quiz deixar de render um preito de homenagem áquele laureado artista, sublime mestre da mais sublime das artes.

Pedi a offertante a um dos membros da comissão da estatua, que se achava presente, e a quem offereceu um *bouquet* de flores naturaes, gratissima recompensa dos serviços que prestou, que guardasse a coroa para ser remettida ao sr. dr. H. Leal.

E assim por esta forma brilhante, devida à feliz lembrança da exma. sra. d. Rosa Nina e do sr. L. Raiol, terminaram os festejos da inauguração

do monumento levantado ao primeiro filho d'esta terra, ao primeiro poeta nacional—a Antonio Gonçalves Dias.

AUTO DE INAUGURAÇÃO SOLEMNE DA ESTATUA DO POETA ANTONIO GONÇALVES DIAS

Aos sete dias do mes de setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e setenta e tres, na cidade de S. Luiz do Maranhão e largo dos Remedios, em cujo centro achava-se erigido o monumento á memoria do poeta Antonio Gonçalves Dias rematado pela estatua do mesmo velado por bandeiras nacionaes do imperio do Brasil, foram presentes as authoridades civis e eclesiasticas, os representantes da província residentes na capital, os chefes das repartições publicas, as commissões representantes de associações commerciaes, industriaes e beneficentes, os redactores de jornaes, homens de letras e outras pessoas.

Sendo cinco horas da tarde dirigiram-se para junto do monumento—a commissão nomeada pelo dr. Antonio Henriques Leal para presidir a esta solemnidade, o presidente da província, o exm. sr. dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, o da camara municipal, major Alexandre Collares Moreira, o governador do bispado, arcediago dr. Manuel Tavares da Silva, e mais pessoas presentes, e abriu leu o sr. José Manuel Vinhaes, procurador do dr. Henriques Leal, para representá-lo na construção do monumento e solemnidades a elle concer-



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS — O CORTEJO JUNTO À ESTATUA
Phot. amador A. SEVERO

nentes, o seguinte discurso inaugural enviado de Lisboa.

«Senhores, descubramo-nos e curvemos respeitosos as frontes ante a estatua do sublime poeta cuja immensa e imperecivel glória irradia esplendorosa por todo o imperio do Brasil; d'esta estatua que se nos mostra com todo o seu brilho artistico illuminado pelo sol americano. Enchamo-nos do mais justo orgulho não só por possuir esta bella cidade um monumento, senão por ser o primeiro que se levanta no Brasil a expensas e esforços particulares. O estrangeiro que aportar a nossas plagas contemplará de longe este testemunho da nossa homenagem ao genio poetico.

«Tracar o elogio do creador da poesia nacional é ocioso quando o proclamam com eloquencia e bem alto seus escriptos, os *Tymbiras*, e seus immortaes *Cantos*. E demais, não me é dado coordenar idéas; que me combatem n'este momento o espírito e embaraçam-me a penna tantos e tão oppostos sentimentos—de intima satisfação e extraordinario contentamento pela realização d'esta idéa por que lido desde o infasto dia 3 de novembro de 1864, que é de todos nós, e de que fui apenas humilde interprete; e de saudades d'essa terra querida, que trago sempre no coração e na memoria; pungindo-me ellas amargamente agora mais que nunca.

«Ah! tendes essa divida de gratidão paga por nós, coetaneos, ao genio da poesia brasileira, não consoante os meritos, o valor litterario, e o patriotismo de Antonio Gonçalves Dias, nem á medida de meus desejos, que, mercé de Deus e da coadjuvação de meus patrícios e benevolos estrangeiros, levaria de certo ao cabo, se a cruel enfermidade que me traz ausente da patria ha mais de cinco annos me não frustasse os planos; mas consola-me ao menos a idéa de que a posteridade é para Gonçalves Dias de hontem, fazendo quasi nove annos que esse astro fulgurante mergulhou-se para sempre nas aguas do oceano, que lhe serviram de tumulo!

«A vós, habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão, e com especialidade aos illustres membros da sua municipalidade, dirijo-me por derradeiro: minha missão termina hoje, e a vossa, muito mais importante e delicada, vem substituir-a; poische vos cumpre zelar pela conservação d'este monumento, que é agora propriedade da província e deposito nacional que importa ser guardado com toda a veneração e acatamento, como estímulo perenne, que é, a instigar as gerações vindouras para que trilhem desassombradas as sendas, que conduzem á gloria e á immortalidade».

Terminado este, os srs. presidente da província e da camara municipal, José Manuel Vinhaes, representante do dr. Leal, iniciador e promotor da idéa do monumento e senador dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, representante do Instituto Histórico, tomaram os cordões das bandeiras nacionaes que occultavam a estatua e a descobriram. Apresentou armas o 5.º batalhão de infanteria que fazia as honras militares, salvaram os portes, repicaram os sinos de todos os campanarios, subiram ao ar numerosas girandolas de todas as praças, e todas as bandas de musicas reunidas tocaram o hymno composto expressamente para este acto pelo sr. Francisco Libâo Colás.

Acto continuo, leu o seguinte discurso o sr. presidente da camara, recebendo o monumento e agradecendo em nome da província o serviço prestado pelo dr. Leal:

«Srs. membros da commissão encarregada de dirigir o monumento ao dr. Antonio Gonçalves Dias:—É para mim motivo de justa glória ser o interprete do jubilo d'esta cidade por ver realizado o monumento do grande poeta. A divida que hoje paga o Maranhão era uma divida nacional, porque Gonçalves Dias não honra só a sua terra natal, porém a todo o Brasil.

«A camara municipal d'esta cidade, recebendo este monumento, não pôde deixar de dirigir um voto de louvor, expressão do reconhecimento nacional, ao dr. Antonio Henriques Leal, a quem se deve a realização do grandioso pensamento por elle concebido e desenvolvido; e também agradece a todos, nacionaes e estrangeiros, que por qualquer forma o auxiliaram e contribuiram para que a estatua do grande cantor do alto d'aquelle columna possa atestar ás gerações futuras a gratidão de um povo coetaneo áquelle, cujos *Cantos* lhe serão padrão de eterna glória.

«A cidade do Maranhão assignalará entre os seus primeiros dias este em que se inaugura a estatua do immortal poeta.

«E a camara municipal, á qual tenho a honra de presidir, congratula-se com a digna commissão que dirigiu as obras do monumento pelo cabal des-

empenho que deu a tão honrosa tarefa. Possa este tributo de homenagem ao primeiro poeta nacional servir de estímulo aos que trabalham para opulentar as letras patrias, ou, por outra qualquer forma, para glória e engrandecimento do Brasil».

Foram depois lidos um discurso do dr. Gentil Homem de Almeida Braga, por parte da comissão encarregada de presidir a esta solemnidade e outros dos relatores de diversas comissões, assim como numerosas poesias, sendo uns e outros distribuídos em avulsos e publicados em uma folha do jornal *Paiz* dedicada à memória do poeta. Encaminhando-se o prestito para a tribuna levantada junto ao monumento, foi ali lido e assignado pelas pessoas presentes este auto, sendo ao mesmo tempo extraídas duas cópias autênticas, uma para ser remetida ao Instituto Histórico Brasileiro, e outra ao dr. Antônio Henriquez Leal, devendo ficar este livro guardado no arquivo da municipalidade.—Eu, Antônio José da Silva Sá, secretário da câmara, o escrevi e assigno.—*Antônio José da Silva Sá.*

Foram membros de comissões que representaram diversas sociedades na inauguração do monumento de Gonçalves Dias os srs.:

Comissão da Praça

José Joaquim P. dos Santos,—P.
José Pedro Ribeiro,—S.
Antônio Justiniano de Miranda,—T.
Domingos Theotonio Jorge de Carvalho.
Jerônimo José Tavares Sobrinho.
Franklin Jansen Serra Lima.
Luiz Manuel Fernandes.

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Senador Luiz Antônio Vieira da Silva.
Dr. Ceser Augusto Marques.

Gabinete Português de Leitura

João Marques da Silva.
Manuel de Figueiredo Couto.
Francisco Fernandes Junior.
Domingos Ennes Pereira.

Associação Typographica Maranhense

Antônio Joaquim de Barros Lima,—Relator.
Manuel Francisco Viana Pires.
Antônio Justino de Mesquita.
João Francisco Bezerra de Menezes.
José Theodoro da Silva e Sousa.

Sociedade dos Caixeiros

Mariano P. Alves,—Relator,
José de C. Smith.
Francisco Carneiro Junqueira.
Pedro José da Silva Pereira.
José Joaquim F. de Carvalho.

Sociedade dos Ourives

João Marcellino Romeu,—P.
Raymundo Nonnato Romeu,—S.

Felipe Thiago Borges de Queiroz.
Joaquim Ferreira Rabello.
José Honorato de Menezes.

Sociedade Manumissora 28 de Julho

Dr. Tolentino Augusto Machado,—Relator.
Dr. José Gaune.
Luiz Claro Serra.

Harmonia Maranhense

Fernando R. do Carmo e outros cujos nomes não nos foram dados.

ALLOCUÇÃO PROFERIDA POR OCCASÃO DE SER INAUGURADA A ESTATUA DE GONÇALVES DIAS A 7 DE SETEMBRO DE 1873

«Estão cumpridos os nossos votos; a estatua do nosso grande poeta acaba de ser inaugurada, solvendo-se d'este modo a dívida de gratidão em que se achava este povo para com aquele homem. Quem tanto se elevou quando vivo entre os seus compatriotas a esforços do seu imenso trabalho, ao influxo do seu bellissimo talento, bem merecia estar hoje collocado em alto pedestal entre os que o cercam, não para lhe ouvir a palavra harmoniosa e inspirada, que a seus labios poz o eterno sello a mão da morte, mas para lhe sagrar a memória na representação duradoura do granito, entrelaçando nos fustes e no capitel de uma columna os raios esplendidos da glória e as flores sempre vivas da saudade.

De hoje em diante devemos todos sentir o coração menos captivo; já o não oprime o cuidado, antes já o perfuma do seu delicadíssimo consolo o bafejo da consciência na gratidão popular. Justo era que rendesssemos tributo ao maior apostolo que nos pregava a religião da arte, e prestassemos esta homenagem à magestade do inspirado poeta.

Não lhe provinha a realeza da vontade de um povo, nem de um artigo de constituição ou lei humana. Recebeu-a elle das mãos de Deus; fê-la resplender entre os homens, subindo na terra á mais elevada posição, que ise pode subir. Servia-lhe de coroa a aureola resplendente, que ornou a fronte de Homero; tecia-lhe o genio a roçagante purpura; alvejava-lhe o arminho o raio de luz complexa do seu ormosíssimo talento.

Magestade eleita pela propria natureza, subditos lhe foram todos os que leram seus maviosos cantos, ouvindo num trecho dos seus versos imortais, o mais fugitivo som da fama de seu nome.

Poesia, história, literatura e linguística—tudo se amoldou ao seu genio e foi por elle cultivado. A obra nos ficaria acabada e perfeita, se a morte no lance da rede impia o não colhesse tão cedo, quando elle então se achava no periodo de maior robustez do seu talento; mas, é bastante o que d'elle nos ficou para lhe eternizar o nome. Lavra-lhe um magnífico florão a epopeia indígena por elle criada, e os cantos inspirados do seu delicado lyrismo não encontram rivaes na doce língua, que é também a nossa, mais harmoniosa talvez depois que atravessou o oceano e veiu n'este mundo novo



A GLORIFICAÇÃO DE GONÇALVES DIAS—ASPECTO DA RUA DOS REMEDIOS—Phot. amador A. Severo

reflectir em si a luz de um céo diverso, modificando-se ao som da brisa dos palmares, às vozes consonas da nossa esplendida natureza, ou nas montanhas e nas campinas extensíssimas do sul, ou nas florestas verdejantes e nos caudalosos rios do norte.

Nascido sob as auras ardentes d'este clima, em uma cidadesinha a beira-rio, apertada entre uns morros, que lhe estreitam o horizonte, e um manancial perenne de águas, em vallerisonho onde sombreiam laranjaes em flor cobertos de quando em vez pelo véo denso das neblinas, ali começou o despontar brilhante do seu rico engenho, que em seguida passou a desenvolver-se em uma outra cidade a beira-rio também, cheia de seu valor histórico e da profusão de sua ciência, a saudosa filha do Mondego, usana ainda dos brasões de Cidazunda, e para sempre celebre pelos amores de Ignez, que ali passaram.

Era diferente o povo, mas irmão; era diverso o clima, porém sem as sombras nevoentas do norte-europeu; e ali posto a viver os melhores annos da sua vida, com o espírito voltado para o céo da pátria, que tem mais estrelas, para as nossas varzeas, que tem mais flores, para os nossos bosques, que tem mais vida, e para a nossa vida que é mais cheia de amores, d'aquella célebre cidade, e do seio d'aquella boa e amiga gente voltou o inspirado poeta ao ninho seu paterno, rico de talentos e de esperanças para ser entre nós o verdadeiro criador de um novo mundo litterario.

Effectivamente o foi. O primeiro volume de versos com que veiu à luz da publicidade atraíu grandemente a atenção do nosso e do glorioso povo transatlântico, que falla a mesma língua em que tão formosos versos foram escritos. Entre nós subiu logo de p'nto a popularidade do inspirado poeta, e de alem do oceano um grande talento unido a um grande carácter e a uma vastíssima erudição, o sr. Alexandre Herculano, bateu palmas

a tão brilhante estreia, sagrando desde logo o apóstolo das nossas letras.

Foi no período da expectativa e de adormecimento em que então se achava o nosso movimento literário. Guardavamos ainda viva a lembrança das *lyras* de Thomás Gonzaga, poeta do período colonial—que não era nosso e que bem podia sé-lo, se mais desprendido da Arcadia; e d'entre os nossos poetas contemporâneos só se haviam popularizado o sr. Magalhães com algumas das bellissimas composições dos *Suspiros e Saudades*, o velho Odorico Mendes com o seu *Hymno à tarde*, sendo também estimados, porém em mais elevado círculo de homens de letras, o sr. Porto-Alegre, que tão grande reputação depois obteve, o sr. senador Firmino Rodrigues Silva por amor de sua *Nenia à morte de um moço de talento notável*, o dr. Francisco Bernardino.

José Basílio e Santa Rita Durão, os primeiros que entre nós deram forma litterária ao elemento indígena do paiz, viviam da memória dos seus poemas, e em ambos aquele elemento foi pouco vivificado, porque só aparecia em descrições das cenas da natureza ou em episódios classicos, manifestando um sentimento, que é de todos os tempos e de todas as raças, e que já anteriormente havia sido symbolizado entre os pontos extremos dos Dardanelos nos fogos de Sestos e no trágico acabamento de Leandro, o louco amante de Hero.

Deste modo e em tais condições, o primeiro livro do nosso poeta ganhou logo o favor público. Eram vozes que ainda não tínhamos ouvido, eram manifestações de sentimentos individuais, que a todos aprazia ou entusiasmava; era como que o resurgimento da vida de um povo por bem dizer extinto, de que nós não conservávamos a mínima lembrança, mas que se erguia das sombras do passado a nos cantar os seus cantos de guerra, o fantástico da tradição receiosa da conquista, a nos pintar o seu estado da civilização, a nos fallar, mas já em linguagem complexa, de tudo quanto haviam ellos pensado e sentido.

D'ahi por diante o trabalho encetado se foi completando até que em quadro de maiores dimensões o esboço já perfeito do elemento indígena mais se desenvolveu nos *Tymbiras*. Pena, grande pena que o artista não concluisse a tela.

O romance, posto que incompleto; o drama; a história do povo extinto deram empréstimo ao seu talento. Mas, sobretudo nos cantos líricos foi em que mais se elevou e distinguiu, ocupando mais que saliente lugar entre tantas composições delicadas e sublimes as *Sextilhas de frei Antônio*, que eu peço licença para dizer que são no gênero a que pertencem os melhores modelos em língua portuguesa.

Se tão alto se elevou pelo talento, não serei eu quem agora lhe levante a cortina dos infortúnios. Que lhe não foi próspera a vida n'este mundo—todos o sabem; mas, que da glória eterna elle se adorna—todos o reconhecemos.

Pois viva entre nós na apotheose d'esta estatua quem nem sequer teve a comum fortuna de possuir uma pedra para lhe cobrir os ossos. E não pequena é a nossa em lhe havermos pago tamanha dívida, cabendo-nos ao mesmo tempo a glória de

ver nos relevos do pedestal da columna, que aqui está e aqui fica, os medalhões de um Gomes de Sousa, de um Lisboa, de um Odorico e de um Sotero. Poderão de ora em diante tirar-nos tudo, menos esta gratissima sombra do portico de Athenas.

Devêra ter sido feita a 3 de novembro do anno passado, anniversario da morte do poeta, a cerimonia da inauguração a que hoje assistimos. Impediram que assim se fizesse algumas circunstancias imprevistas, que agora foram vencidas. Mas, não é o dia de hoje o menos proprio. Ao sol de setembro revive sempre em nossa memória o grito do Ipiranga; e com as recordações da nossa independencia bem podemos confundir as festas da apotheose do nosso grande poeta, ensinando ás futuras gerações que, assim como soubemos conquistar a liberdade, honramos a memória dos talentos privilegiados, que Platão no sonho do ideal da republica coroava de flores, posto que injustamente os collocasse fóra dos limites da gestão dos negócios politicos.

Honremos, honremos todos ao altissimo poeta.

Gentil Homem de Almeida Braga».



Gonçalves Dias

(D'O Publicador Maranhense de Novembro de 1863):

Não menos digno de louvor se tem tornado o intelligente delegado supplente d'Alcantara, o sr. Capitão Francisco Caetano Martins, no zelo e actividade que tem desenvolvido nas indagações e procura do cadáver e bagagens do infeliz poeta, que desapareceu nas aguas do oceano no dia 2.

Mais de uma participação tem elle dirigido ao exm. sr. dr. Chefe de Policia interino sobre o assunto, e hoje remeteu-lhe duas malas, que já estão no nosso poder e que vieram acompanhadas do seguinte officio, cuja publicação nos foi permittida com a melhor boa vontade pelo digno sr. dr. Braga.

«Delegacia de Policia de Alcantara, 20 de Novembro de 1864.

«Logo que fui entregue do officio de V. S. em que me ordena que fizesse pesquisas a ver se encontrava o cadáver do distinto dr. Gonçalves Dias e suas malas de viagem, bem como os salvados do Ville de Boulogne, dei as providencias necessarias, já fazendo recommendações aos subdelegados; já expedindo uma diligencia para as costas deste termo, a qual, indo um pouco tarde, nada achou a aprehender. Neste entretanto, o subdelegado me participa que duas malas do dr. Gonçalves Dias haviam sido encontradas no logar denominado — Retiro, — distante cinco leguas desta cidade, e julgando-me caber a gloria de achar os manuscritos do eminent litterato, (o que não aconteceu) mandei-as logo buscar, e agora as remetto a V. S. com uma relação dos objectos n'ellas encontrados, e uma

conta das despesas feitas com conduções e carretos das malas e com a diligencia a que me referi.

«Note V. S. que os piratas de beira da praia não respeitaram objectos tão sagrados; arrombaram as malas e tiraram seguramente o que para elles tinha valor, e nem sequer poseram ao sol os livros, atlas e pamphletos, o que foi feito por mim. Vou dar outras providencias no intuito de fazer novas descobertas».

Hlm. e Exm. sr. dr. Sebastião da Silva Braga,

Digno Chefe de Policia interino.

Francisco Caetano Martins

Supplente da delegacia em exercicio.

Relação dos objectos que contém as malas do falecido dr. Antonio Gonçalves Dias.

Contém a mala de couro o seguinte:

- 1—Sobrecasaco de panno fino.
- 1—Capote de panno fino.
- 1—Calça de casemira.
- 2—Coletes de casemira.
- 12—Camisas.
- 4—Ceroulas.
- 3—Lençóis brancos.
- 2—Pares de meia.
- 2—Lenços uzados para pescoço.
- 1—Bonet uzado.

Contém a mala coberta de lona:

- 1—Atlas geographic.
- 1—Diccionario portatil das linguas portugueza e alema.

1—Diccionario portatil das linguas portugueza e ingleza.

- 1—Volume da Historia da Litteratura Brazileira.
- 12—Volumes das Obras de Saint Simon.
- 1—Volume da Historia da Guerra do Peloponeso.

1—Volume de noticias biographicas e litterarias sobre Francisco Rabelais.

4—Volumes de corographia historica sobre o Imperio do Brazil, por Mello Moraes.

1—Volume da Historia, de Xenophonte.

7—Volumes de musica.

1—Volume de Preceitos sobre molestia de figado.

1—Volume de Historia Natural, por Guilherme Pinçon.

1—Volume sobre a Historia do Brazil, por Yranes Mauriti.

Folhetos desorganizados.

7—Massos de cartas.

Delegacia de Alcantara 20 de Novembro de 1864.

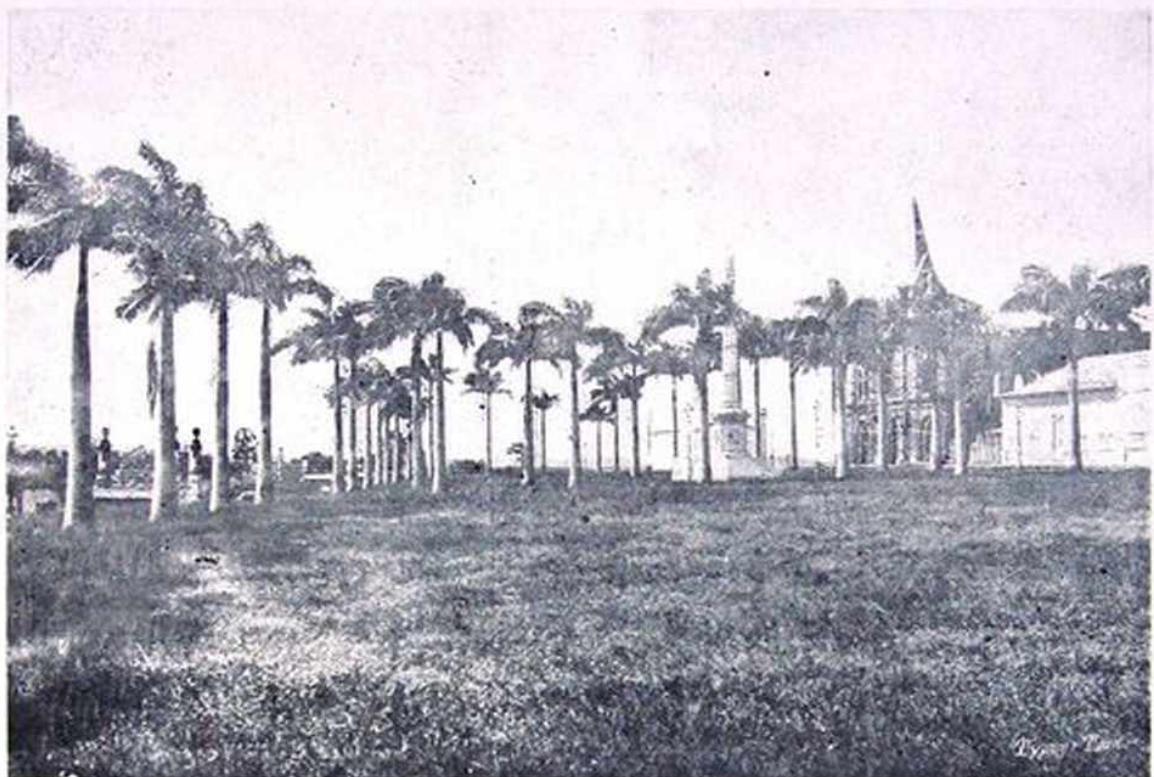
F. C. Martins.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Dezembro de 1904

Num. 78



MARANHAO—PRAÇA GONÇALVES DIAS

A expansão russa na Ásia

O tratado de Berlim de 1878, proclamando a independência das nacionalidades cristãs da península dos Balkans, trouxe como consequência uma transformação radical na política externa da Russia.

O grande sonho da conquista de Constantino-pia, acalentado por Catharina II e pelos soberanos que lhe succederam no trono da Russia, esvaiu-se como uma nuvem de fumo ante a oposição tenaz da Austria e da Inglaterra. A despeito da heroicidade de Totleben em Plevna e dos extraordinários esforços bélicos dos generaes russos contra as tropas aguerridas de Abd-ul-Hamid II, o Czar apenas conseguiu aumentar os seus domínios com uma estreita faixa de terra na Bessarabia

até às bocas septentrionaes de Danubio e duas possessões irrisórias ao sul de Caucaso, Kars e Batoum. A Inglaterra, estabelecendo-se na ilha de Chypre e a Austria guardando a Bosnia e a Herzegovina, arrancavam-lhe de vez a esperança da aquisição futura de um porto no Mediterraneo ou no Adriatico.

Nesta desolada emergencia, as vistas dos Czares começaram a voltar-se para o Oriente. Se o sul da Europa lhes era trancado, o unico recurso que lhes restava para assegurar ao seu paiz os *debouchés* necessarios ao seu commerce era a Ásia. E a *Marcha para o Oriente*, a *Drang nach Osten* dos allemandes, começou, das bordas do Mar Caspio ás praias do Oceano Pacifico. Bastava para semelhante fim iniciar ao inverso, as grandes correrias épicas dos Mongoes da Bandeira Azul de Gengis-Khan e de Tamerlão.

O terreno já se achava maravilhosamente preparado. A resistência dos montanhezes do Cauca-só fôr de ha muito vencida; o ultimo reducto dos insurretos, nos rochedos de Gounib, cahira em poder das tropas do principe Bariatinski, e a acção russa estendera-se triunfante por toda a bacia do Mar de Aral, na direção do planalto de Iran e do Valle de Indus, até ás fronteiras do Afeganistão. O governor russo de Turkestan fôr constituído em 1868. Bastava apenas estender as suas conquistas um pouco mais para o sul para que o pavilhão russo tremulasse no alto do Pamir, ameaçando assim a fronteira septentrional da India ingleza.

E foi esse o trabalho dos sucessores de Alexandre II. Atravez de uma serie estupenda de victorias e de revezes, apoz uma campanha heroica contra os bandos de turcomanos que infestavam a Asia central, as armas russas escalaram o Pamir.

Os ingleses protestaram, incitaram secretamente contra os russos as populações do Afeganistão; houve mesmo um instante em que a guerra pareceu imminente entre as duas nações. Gracas, porém, as tendencias pacificas de Alexandre III e de Gladstone, o conflito terminou por uma delimitação das fronteiras, confirmada em 1895, partilhando o planalto do Pamir entre a Inglaterra e a Russia.

Simultaneamente a esse movimento de expansão para Asia central, um outro se estendia para além da Siberia Oriental. O general Mouravieff explorava as costas do mar de Okhotsk, determinava as embocaduras do Amur, e apoderava-se pacificamente da margem esquerda do rio. Os chineses apoz longas tergiversações, reconheciam á Russia, pelo tratado de Aigoun, a posse do territorio conquistado.

A esse seguiram-se outros tratados garantindo aos russos o direito de viajar e commerciar livremente no imperio chinez e estendendo por toda a costa occidental do mar do Japão até ás fronteiras da Coréa a província russa de Amur. Vladivostock, cujo nome indica *dominação do Oriente*, foi fundada nos confins da Coréa e da Mandchuria, em face do Japão. Em 1875 os Russos compraram aos Japonezes a ilha Saghalien, em troca das ilhas Kurilas. Por occasião da guerra russo-japoneza de 1894 a Russia melhorou a sua situação na Asia oriental pela cessão, por parte da China, de Porto Arthur e de Ta-Lien-Wan, e pela aquisição do direito de fazer passar um ramal do seu transsiberiano atravez da Mandchuria.

E não ficarão ahí de certo as ambições moscovitas. Um rapido golpe de vista pela carta da Asia oriental demonstra a parte que a Russia aspira na partilha futura da China. Uma linha, partindo do Pamir para ir terminar em Pekin, pelo Turkestan chinez e pela Mongolia, parece claramente indicar o domínio provável da Russia nessas longínquas paragens.

Será isto apenas um sonho ou um facto de proxima realização?

O resultado do actual conflito russo-japonez o dirá.

MAXIMO DE SÁ.

A devisa de 89

As revoluções como phänomeno político são sempre o producto de um estado morbido da humanidade, uma especie de diathèse do organismo social. Não escapa a esta lei a preconisada revolução de 89 onde, talvez mais do que nunca, se confirmasse o principio acima exposto.

Para julgar 89, basta apenas uma ligeira analyse da sua devisa, d'essas tres palavras sonoras, mas vazias, que ainda fazem as delícias das gerações novas e por isso mesmo entusiastas. Na trindade dos vocabulos—Liberdade, Igualdade e Fraternidade—define-se completamente a inanidade das aspirações revolucionarias, o nenhum conhecimento científico dos homens e das instituições, o delírio que os homens em estado de febre substituiram á razão fria do pensador que medita. Tomemos cada uma d'essas palavras de per si e vejamos se o conceito que encerram é applicável ou não a uma sociedade qualquer que tenda á civilização.

Poucas palavras ha de que se haja feito abuso maior que a de liberdade: concepção de metaphysicos, tem descido das theorias philosophicas para o campo das sociaes; e se em philosophia ha conduzido á absurdos, em matéria social não tem produzido menores desconcertos. O philosopho idealista, dando á vontade humana uma omnipotencia indemonstrável, faz da liberdade sua lei; o sociologista, imbuido de idealismo, acha que pode fazer della a base das instituições humanas. Quer um, quer outro, desconhecem, porém, este facto capital:—que a liberdade é uma illusão de uma porção de matéria organisada e que a sociedade, agrupamento de organismos, não pode possuir o que esses organismos não teem.

Nenhum pensador esclarecido dirá que é livre o tigre quando devora a presa, pois para lhe provar a liberdade seria necessário afirmar a possibilidade d'este carnívoro abster-se de carne, sem ruina orgânica para si. Da mesma forma o homem dotado de um temperamento especial, tendo certas aptidões, não é livre nas suas funções physiologicas, determinadas simplesmente pelo organismo. Suas funções sociaes são um prolongamento d'estas succedendo-lhes natural e fatalmente. Poderá portanto haver na consequencia o que não ha no princípio? E' um contrasenso afirmal-o.

Tomemos uma sociedade qualquer e vejamos se é possível applicar-lhe a fórmula da liberdade. Entende-se por esta o desempenho completo das funções do individuo, como membro de uma colletividade social. Mas nas sociedades ha sempre conflitos das funções de um individuo com as funções dos outros; e em geral a collectividade restringe a esphera de acção do individuo. Nenhum homem é livre, ou antes não se lhe reconhece liberdade para matar seus semelhantes, pois a vida do agregado social prima a do individuo. Pois bem, nos demais casos dão-se phenomenos idênticos, o homem só faz de legitimo o que a collectividade quer; e, portanto, sendo a vontade d'esta que prima, onde a liberdade que só é admissível entrando apenas em jogo a vontade d'elle? Quando se diz—Fulano é livre em praticar este acto

perce a sociedade não o reprova, afirma-se imediatamente a restrição que annula a liberdade. O costume, principal regra das sociedades, tyranno que nunca se destrona, é a negação completa da primeira palavra da formula de 89.

Aqueles que afirmam serem as restrições postas à liberdade uma necessidade, afirmam a legitimidade de todas as restrições, pois, partindo do principio de que convém em certos casos limitar a esfera de acção do individuo, legitimam que se a limite em absoluto, sempre que as circunstâncias o exigirem. Se o homem só é livre em fazer o bem e sendo o bem essencialmente variável, segue-se que a sua liberdade de hoje não é a de hontem e nem será a de amanhã, conforme o meio impuser diferentes restrições. Ora uma liberdade que varia não pode ser erigida em princípio político de governo, nem é base estavel para instituições.

Não menos erronea é a segunda palavra da formula; não ha igualdade entre os homens, nem pode haver-a, quer physica, quer socialmente, pois a segunda seria uma injustiça não existindo a primeira. Cada homem traz á existencia o seu organismo peculiar, com suas aptidões, suas tendências, seu maximo de energia e de força. Não podendo serem iguaes suas funções physiologicas, dá-se necessariamente desigualdade nas sociaes. Um organismo privilegiado como, por exemplo, um Schopenhauer, não pode socialmente equiparar-se ao de um que desempenhar funções inferiores, unicas compativeis com a sua organização. O branco caucásico que chegou á civilização, o ária, não se pode por na mesma plana que o hontente. Ha entre elles um abysmo que todas as teorias igualitarias seriam incapazes de entulhar.

Mas, responder-nos-hão, a formula de 89 só diz respeito á igualdade perante a lei. Esta evasiva é facilmente respondivel por simples suposição:—Imagine-se um tribunal em que se tem de julgar dois reus pelo mesmo crime. Um tem um passado honroso, foi útil á patria, quer derramando seu sangue no campo da batalha para defendê-la, quer enriquecendo-a nas lides da paz pelo seu trabalho; o outro tem um passado cheio de culpas, foi inútil, não prestou o menor serviço á humanidade de que sempre foi parasita. O crime é o mesmo: poderá ser igual a punição? Se o fosse, seria a igualdade perante a lei, mas seria ao mesmo tempo a injustiça.

Passemos á terceira palavra, a mais vacia das tres. Todos os homens são irmãos: devemos amar ao proximo como a nós mesmos. Mas isto seria o absurdo, a injustiça, a maldade levadas ao requinte. Pois então o homem de bem pode acusar considerar seu irmão o perverso, o malvado, o facinora? Não n'o pode, nem n'o deve, pois a fraternidade, si fraternidade ha, apenas se limita aos individuos que com elle tem comunidade de sentimentos. Pela mesma razão que ama a uns, é justissimo que odeie a outros; e é ante-moral exigir d'elle que fraternise com todos, isto é, que considere, como irmãos seus, individuos inferiores, prejudiciaes á collectividade social pelos crimes e faltas que commetteram. A fraternidade entendida em absoluto no gênero humano seria o apagamento

completo da separação que existe entre a virtude e o vicio.

N'um estado ideal em que os homens fossem perfeitos, não sendo os organismos que nós conhecemos, seria esta formula uma cousa muito bella; mas entre nós é manifestamente absurda, tanto mais que, alem de haver nutrido nos espíritos aspirações delirantes, ha invadido o campo das manifestações litterarias, sendo objecto constante de amplificações rhetoricas, adaptadas ao entusiasmo dos primeiros annos. O mal que tal formula ha feito á sociedade não é maior do que o que tem causado em litteratura, pois se constituições, se leis, se códigos, ha formulado anti-scientíficos, tem também feito vir á luz não pequena quantidade de escriptos, de discursos e de livros. Tem sido uma cousa anti-social, anti-esthetica; e até o bello sexo ha com esta formula perdido. A facilidade dos costumes é o producto da primeira palavra da legenda applicada ás mulheres: o deformamento do tronco pelo espartilho e o adelgaçamento das cinturas, são a consequencia da segunda; e a perversão do sentimento que as leva em grande parte a não fazer distinções entre os homens é o resultado da terceira.

Nem a sociedade, nem a arte, nem a mulher, que é sempre o que ha de melhor na terra, lucram com a devisa de 89.

JOSÉ MARIA.

Na Avenida

Todas as tardes, era cessar o tronitroante e agudo ecoar dos silvos das fabricas, e, instantes depois, se achavam reunidos na Avenida Gomes de Castro diversos operários da Cambôa e da Fabril ou Santa Izabel. Era o Lopes quem ordinariamente presidia as reuniões, dando-lhe tal direito o importante lugar que exercia na Fabril.

Naquella tarde, era um sabbado, os habitués haviam recebido a férias semanal e, tendo salgado as suas contas com o quitandeiro e, alguns, sorvido o seu groguesinho, apresentavam crescente a verbosidade na costumaz palestra.

Estava na balha um facto ocasionado por aqueles dias na fabrica da Cambôa. Cada um dos que constituiam o grupo dava a sua opinião, algumas conscientes, outras prenhes dos mais descommunicaes dislates, quando se aproximaram o *Torcido* e o Serafim, este foguista e aquele engomador na fabrica em que se dera o caso que originava os commentarios. Foram logo saudados fraternalmente pelo Lopes:

—Então, como vai isso? Estava mesmo á espera de alguém lá da Cambôa, para certificar-me duma verdade: Passa como certo que as coisas por lá não andam bem?

Os dois encolheram os hombros, sem responder, e o rapaz pediu-lhes que se não vexassem em contar, com toda a minudencia, um facto cujos tons geraes eram já notórios, — a tentativa de suicidio, por enforcamento, duma operaria da Cambôa.

O *Torcido* respondeu logo que ignorava tudo. Trabalhava, como sabiam, no engomador e pas-



MARANHÃO—FÁBRICA DE CHUMBO

savam-se semanas que elle não transpunha a seção dos teares.

—Sim, eu mesmo já engulo essa pilula de que você não sabe. A quem você quer contar? Ora, seu *Torcido*, trate sério!

—Mas que tem vocês com o que se passa na Cambôa?! perguntou, exasperado, o Serafin. Nas outras fábricas dá-se quanta patifaria existir possa e ninguém lhes pede contas...

—E que a Cambôa, acudiu o Serrão, é a mais velha e de lá deve partir o respeito.

Travou-se então uma grave disputa entre os dois rapazes da Cambôa, o Lopes e o Serrão, este da Industrial e aquelle da Fabril. O Lopes, como reforço às suas invectivas, allegava o grande respeito que imperava na sua fábrica, onde havia um regulamento que dir-se-ia militar, tão peremptórias e moralisadoras eram as suas disposições. Duvidava de que lhe apontassem um facto sequer que concorresse para manchar os altos fôros de

que gozava a fábrica Santa Izabel ou a Fabril, essa fábrica «colossal e piramidal», que dava trabalho a centenas de pessoas... Febricitante, e majestosamente envidoeiro pelas grandezas do grande estabelecimento, narrava-as, esforçando-se por torná-las mais valiosas do que realmente eram. Qual a fábrica que, no Maranhão, além de preparar tecidos de variegadas formas, ainda abarrotava a cidade de gêlo? Qual a fábrica que podia pôr no frontespício, em letras garrafais: UNICO DONO! Qual a fábrica que, no tempo da sede, já déra de beber ao povo desta boa terra?...

—Protesto, gritou o Serrão. De quem é a fonte do Apicum? Não será pública, porventura?

—Mas a bomba, pelo menos, era da fábrica, respondeu solemnemente o Lopes, e parece que ella não tinha por obrigação fazer o que fez!

—Lorótas e pipocas, disse sorrindo o Serafin.

—Bom, deixemo-nos de histórias que nada adiantam, propôz o Lopes, e vamos ao que inter-



MANAUS—MONUMENTO AMAZONAS

ressa. Houve ou não enforcaamento na Cambôa, seu *Torcido*? Nós estamos aqui em família, e, por isso, abra-se comumosco...

—Mas que birra é esta?! Já disse que de nada sei!

—Havia de se falar por força, mesmo do que se não sabia! disse picado o Serafim. Na Anil houve o grande escândalo que todos sabem, e ninguém tratou dele. Na Progresso, embora já lá se hajam ido muitos annos, nem era bom falar. A Canhamo e as outras todas teem tido a «sua mancha», mas punha-se logo uma pedra em cima, abafava-se. Agora, com a Cambôa, é que se queriam intrometer...

—Pois se de lá partem os mais *sorumbáticos* acontecimentos! commentou, vivaz e ironico, o Serrão. O caso da banana e o da espúria donde vieram? perguntou. E, agora mesmo, não véjo o Zé *andando* ás voltas com a polícia?!

—Seu Lopes, você quer saber duma coisa? per-

gunhou o *Torcido*, é melhor que você trate da sociedade lá da Fabril.

—Que tem! interrogou, intrigado, o Lopes.
E o censór respondeu sem demora.

Não queria falar... Mas, como fôra provocado e como quem tinha rabo de palha não tocava fogo no do vizinho, elle também ia relatar o que a voz pública dizia da nova sociedade, constituída por operários da fábrica do Lopes. Ninguém lhe contaria, era certo, mas ouvira de pessoas mesmo de dentro uma censura tenaz e justa pela forma aparatosa e estridente por que fizera a instalação da novel agremiação, desperdiçando-se dinheiro ás mãos cheias com musica, foguetes e comes e bebes, dinheiro que serviria para garantir o capital da associação. E além disso ainda queriam pagar os funeraes dum sócio, cujo requerimento para a admissão tivera deferimento da directoria, quando elle já era cadaver, havia umas boas horas. Se começava assim a tal sociedade...

—Ah! ah! ah! gargalhou o Lopes. Ria-se e esfregava as mãos. A acusação do *Torcido* era infundada, sem valor. Os funeraes não seriam pagos pela directoria da sociedade, uma vez que ella fôr illudida na sua boa fé, o que se poderia dar com qualquer outra. E, quanto á pomposa festa da instalação, a sociedade nenhum dinheiro dispendêra, porque fôr uma contribuição espontânea dos socios, para esse fim único.

—*Seu Torcido*, concluiu, nós vivemos ás claras, fique certo!

O *Torcido*, livido e atoado, desconcertado pelo protesto terminante e irrefutável que lhe lançou o Lopes, foi troçado pelo Pereira, o Rufino e o Jozias, todos da Fabril, que se tinham reunido ao grupo.

G. Serrão sempre ironico e causticante relembrava acontecimentos passados na Cambôa. Ainda se lhe não varrera da memória o *caso dos carrinhos*, que tanto déra que falar, e que fôr cantado em prosa e verso e sobre o qual o Billio até compuzéra uma polka, *Os novélos da Fiaçao*, que esteve na ponta por muito tempo. E, fazendo um esforço de memória, um grandioso arranque de entonação, conseguiu cantarolar:

Minha gente venha vêr
um caso que aconteceu:
—A cesta de carrinhos,
que no mato se escondeu.

O Lopes, saracoteando-se de contentamento, com a cantata reavivada na memória, fazendo dum dos braços um violão, com o outro braço simulava bandolinhar; e tromponescamente ajudou o Serrão, fazendo o côro:

Mi largue, mi solte,
mi deixe, por favô.
Não posso *lhi atendê*
foi o gerente quem *mandô*.

Os dois, agora afinadas as vózes, viva e estriamente:

Minha gente, venha vêr
um caso de admirração:
Dona Honora Ferrão
co'os novélos da Fiaçao !

A não sér o *Torcido* e o Serafim, que estavam exasperados, convulsionantes, hirtos de raiva,—todos, austeramente possuidos da trôça, clangorosos e orquestricos, entoavam:

Mi largue, mi solte,
mi deixe, por favô.
—Não posso *lhi atendê*,
foi o gerente quem mandou.

E, por entre um rumoroso e farfalhante gargarilhar, o gracêjo ia-se transformando num desagulado, cujas consequencias eram dificilímas de prever, quando o Serrão exclama:

—Assim, seu Raposo, de par com as meninas, hein !

A discussão foi interrompida, voltando-se todos para o Raposo, um velho *poeta e filósofo*, que, despedindo-se dum grupo de mocochas, que regressavam do trabalho da fabrica Fabril, veio tomar o seu lugar costumado na palestra do banco em que pontificavam o Lopes e os seus companheiros.

—Então, seu Raposo, namoricando, hein? seu maganão! commentou o Serrão.

—Qual, rapaziada isso é p'ra vocês! Eu sou bananeira que já deu cacho; estava ali a prostrar com a Miloca, minha afilhada: as outras são irmãs della, explicou.

—Vejam só, observa o Lopes, ainda haverá quem se atreva a dizer que a Fabril não é importante! Uma fábrica que sustenta três irmãs, —uma família!

Como que um véu se passou sobre aquella trôça, e todos estavam agora presos dos lábios do *filósofo*, que passou a dissertar, como era o seu costume.

Lastimava que na presente quadra, em que tanto se falava dos direitos da mulher, em que se fazia tanto rumor à procura da sua almejada independencia, ninguém cuidasse de indagar se eram suficientes os meios de subsistencia que ella tira desse trabalho, que, a seu ver, a enobrece e dignifica.—A modesta operária que ganha o pão quotidiano, ás voltas com dois ou três teares, ficando com a fronte perolada dum suor azeitado, terá já toda a independencia moral para vivêr sem o auxilio do homem ?

Os rapazes entreolharam-se, como que querendo comunicar uns aos outros a sua ignorancia pelo que ouviam.

Epóca haverá, continuava a doutrinar o *poeta*, em que não existirá genero algum de trabalho, seja material ou intellectual, em que a mulher não tome parte. A sua predominancia actual é no serviço domestico, e, nos sertões, nos trabalhos de lavoura, uma ou outra, quando se lhes mostram muitos campos para exercerem a sua actividade, para os quais não recebeu, entretanto, aprendizagem de sorte alguma. Prestando iguaes ou melhores serviços do que o varão, cobra menos que este. A razão disso está em a mulher achar-se rebaixada, social e politicamente, apezar de a sua obra, no seio da familia, se ter sempre desconhecido ou menoscabado.—Eram todos mocos, dizia-lhes, e não tinham ainda o raciocínio preciso para avaliar o descalabro imperante...

Pigarreou e prosseguiu: Quando elle via aquella porção de meninas pobres, num constante vai-e-vem, para ter o pão quotidiano, o seu coração liceava contrito; e a máqua que delle se apossava era ainda maior, quando certas pessoas, que de tudo blasfemavam, se punham a dizer:—Qual, moça de fabricas!—e tocavam na selvática e vil campanha da difamação e no labéu da injúria.

Era uma corja! Vinham-lhe impetos de extirpá-las!

E, tendo o seu auditório seduzido e embasulado, prosseguia envanjelicamente:—Tudo isto deriva de um erro fundamental, vinculado á nossa sociedade, que é—«a mulher casada é sustentada pelo marido». Origina-se desta pretendida dependencia económica a sua inferioridade espiritual

em todas ordens, que passa do lar doméstico às relações externas e faz que a consideremos como uma escrava...—Bom, meus senhores, interrompeu-se, preciso de conversar com aquelle amigo, que vai ali, no bonde. Até logo!

No veículo, a não ser o cocheiro e o condutor, não ia mais pessoa alguma. E grande foi o passo dos rapazes, vendo o Raposo entrar no bonde, onde elles não viam o tal «amigo». O Lopes tirou os do embarço, pondo-se a explicar-lhes que algum «espírito», certamente, fôra visto no carro pelo poeta, e contou que já uma ocasião, numa festa de S. Benedicto, fôra com elle a uma bandeja de dôces, da *nhá Leonilia*, comeram os dois, a sós, e, no fim, o Raposo pagara o que haviam comido, e dera mais um mil reis. A doceira, consciente, restituui-lhe a importância e, mostrando-lhe o engano, o homemzinho recusou-se a receber a quantia, dizendo que era do «outro amigo que lá estivera com elle», quando ninguém, a não ser o Lopes, o acompanhava.

—Eu cá por mim, diz o Rufino, não entendi coisa alguma do sermão que elle pregou.

—Nem eu! nem eu! repetiram os demais.

—Quem vai lucrar com a historia, dize o Serrão, é o condutor, pois, certamente, elle pagará, além da sua passagem, a do «amigo»...

—Coitado! commentou o Josias, «aquele vicio», que todos nós sabemos, é que o perde.

—O «cabeça boa», vem cá, disse o Lopes ao Egídio que passava sobrando um maço de bandeirolas.—Vais fazer festa?

—Qual festa, qual nada! Estas bandeiras já desempenharam o seu papel, lá na Canhamo, no dia dos annos do Gerente. E, dirigindo-se para o Serafim:—Então, meu amigo, lá pela sua fabrica já se faz execução?

—Não sei o que quer dizer o amigo com isso, observou o Serafim.

—Falo da «pequena» que lá foi encontrada armado um laço para enforcar-se e que o Gerente, sabendo do facto, poz no olho da rua. Para que fazer misterio dumha coisa que o Maranhão em peso conhece? Olha: o Zé *l'andando* quer te falar! Passem bem.

—Vocês estão enganados com esse «cabeça», diz o Lopes. Sabe de tudo e de tudo fala...

—Então vocês são collegas? adiantou o Pereira.

—Não apoiado! Não invento, digo a verdade; ao demais, não sou medroso como você, que, para falar de uma coisa, olha em redor a ver se tem alguém a mais.

—Nada de discussão, aconselhou o Torcido. Vamos ao que nos interessa saber.

—Vocês já viram, perguntou, aquelle «cabeça» do Desterro, que tinha ido de muda para o sul, aquelle doutor?

—Não, diz o Pereira. Sei que está ahí, e até me disseram, não sei se é certo, que vem comprar a fabrica Anil, a mandado duns ricaços de lá.

—Qual compra, qual nada! exclama o Lopes. Esses doutores que arribam d'aqui, quando aparecem, para mostrar uma importância que não tem, dizem se logo «comissários», «incumbidos», e outras coisas mais. O que vale é que aqui já não

tem quase «cabeças» formados, e mesmo eu acho que não são precisos.

O Pereira concordou, acrescentando que noutras tempos fazia gosto ver-se uma sessão no juri, onde falavam illustres doutores. Hoje, era um descalabro, uma vergonha.

E elle que ouvira o Sepulveda a defender um alferes do exercito! disse ufano o Lopes. Sabia ser incapaz de fazer o que o actor fizera, isso reconhecia, mas confessava que a defesa do homem não lhe agradara. Elle, que já ouvira tantos «cabeças» illustres soltarem o verbo no Tribunal, tanto na tribuna da defesa como na da acusação, tinha saudades desses tempos. Ainda se lhe não apagara da memoria o julgamento Cruz Ponçalha, o do Manuel Bexiga, da Amelia *Pagé* e de outros processos importantes. Neste ponto, estava de inteiro acordo com o Antonio Fabricio, que dizia haver sido «gente formada» mesmo quem desmoralizara o juri na sua terra. Pois um *cathandro*, sobrando pelo Raimundo Munheca, não compareceria em plena audiencia! E, depois dum lacrimejante «Com licença, meus senhores!» a numerosa assistencia, mau grado seu, tapando os narizes, não se sujeitaria a ouvir os trovejantes rumores, que uma necessidade fisiologica obrigara uma das testemunhas a soltar pelas salas do Tribunal afôra!...

Uma forte risada abafou as últimas palavras da narrativa do Lopes.

Neste interim todos voltaram a sua atenção para uma moçoila, que passava com uma cesta na mão.

Era a Silvéria, da S. Luiz, que ia muito cheia de si, alegre e catita, tendo flammejantes nos negros cabellos os fracos raios do sol immersos já quase todo no ocidente. Acenou com o lenço para o grupo e todos corresponderam à saudação, fazendo reverentes barretadas.

—Sempre atirada, a pequena, commentou o Lopes.

—É verdade, perguntou o Serrão, que ha sobre o casório della?

—Está marcado para breve, segundo me disse a irman, rispostou o Torcido. A prima, accrescentou, é que eu julgo estar despachada para consumo. Trabalha agora na Lanifícios, e ainda outro dia fêz annos caladinha...

—Home, ella não me parece muito criança, aventou o Serafim.

—Tem já mais de trinta...

—Entou já deu o tiro na macaca! galhosou o Lopes.

—Tem... tem trinta e três, certos, afirmou o Torcido.

—Se é isso, são os «annos de christo!» exclamou o Serrão rematando.

Entardecia. Começava a dispersão dos sesteiros, cada qual procurando os seus penates para «fazer bem ao estomago», e, em seguida ir ainda girar a vida. O Serafim e o Torcido tinham que estar presentes, nessa noite, a uma reunião da Sociedade Beneficente de Santa Severa. O Rufino e o Pereira iriam experimentar a sorte, lutar com os grãos de milho nas cordas do quino, na casa do Alvaro.

E o Josias, o Serrão e o Lopes, residindo no bairro da Currupira, ainda se conservaram sentados a parolar. E, por ente chacotas e risos estridentes, commentavam factos já arrefecidos no domínio público. A surra applicada ás costas do Fortuna, a prisão e a mela aplicada no pélo do Couto, no proprio carcere, ambos estes castigos para «desagravar a sociedade»; as bravatas do Régo Barros, o crime de Santiago, o assassinato no baile do Silva Santos, a morte misteriosa do Luiz Pinto, tudo isso era relembrado, trazido á balha.

Quando os três, vencidos pela fome e pela escassez de assumpto, abandonaram o banco em que palestravam, dos lados do quartel de polícia, por detrás do covão do Campo d'Ourique, vinha a lua a subir, alva, cheia, projetando magestosamente a sua claridade por sobre os arbustos da Avenida, em cuja frente se ergia alto, um palacete, donde saiam apianadas as mellifluas e clangorosas notas da protofonia d'*O Guaraní*, os harmoniosos acordes daquella música em que tão bellamente se canta o amor do indígena, como que querendo saúdar o alvamento e mistico planeta que vinha clareando no céu, onde já se viam arrecamados fulgurando outros astros...

1904—Dezembro.

ASTÓLFO MARQUES.

Julieta

Pé ante pé, na perfumada alcova, White, um gato inglez de fino e extenso pello, corria todos os cantos, saltava sobre todas as cadeiras e ás vezes parava absorto a contemplar no immenso *Psyché da toilette*, um outro White, tambem de fino e extenso pello, e que defronte lhe imitava todos os gestos e todos os movimentos da plumosa cauda.

No leito setinoso, adormecida entre as dobras alviassimas do cortinado por onde se coava a luz amortecida de uma lampada cõr de rosa, Julieta, o mimoso habitante desse ninho venturoso, havia sentido cerrar-lhe as palpebras um sonmo doce, como as ultimas impressões do baile de que acabava de chegar e onde fizera a sua suspirada estreia. O ar tepido do aposento resentia-se do aroma especial das roupas humedecidas que haviam ficado no assoalho, abandonadas pelo corpo quente que d'ellas se despojara, havia instantes. E White estava desasoegado...

O seu faro subtil aguçava-se por uma sensação estranha, e dilatava-lhe as flacidas narinas. Sentia um cheiro novo, inteiramente novo.

Alli só se acostumara com o halito purissimo de sua senhora, com os perfumes das flores e com as exhalacões de sandalo que fugiam das gavetas entre-abertas...

Agora, espalha-se por todo o ambiente um aroma menos puro e mais enervador, como das corollas fecundadas que já se querem despír das petalas rosadas.

Então, chegou-se White ás roupas ainda mor-

nas, e estendeu-se indolente sobre as suas finas dobras...

De repente, ergueu-se bruscamente como desconhecendo-as; e impellido talvez por um grosso instinto, saltou por uma fresta do cortinado sobre a colcha alvíssima em que sonhava a adormecida, e roçou-lhe de leve o collo leve com o sedoso pello...

Julieta estremeceu... e, entreabrindo os labios purpurinos, balbuciou:—Romeu!...

OSCAR DE LA TOUR.

Sem verdade não ha consciencia.—L. BARRES.

Indiscrição

Vi-te falando ás arvores frondentes,
Onde cantava o colibri risonho,
Das esperanças que comigo eu sonho,
Das alegrias que commigo sentes.

Vi-te falando a soletrar com as flores,
Estrophe por estrophe de um poema
De que és a musa, pallida Iracema!
De que és o canto, languida Dolores!

Vi-te falando á sideral planura
Em que scismava o pleniluneo ethereo,
Narrando á estrella a historia de um mysterio,
D'esta paixão que eu sinto e que é tão pura.

Vi-te falando ás nuvens perigrinas,
E as perigrinas nuvens te escutando:
A tua voz era um gorgojo brando,
E tu falavas de illusões divinas.

Vi-te falando em canticos suaves,
A fresca aragem, fresca e gemedora,
Dos meus amores castos como a aurora,
Dos meus idylios puros como as aves.

Vi-te falando aos passaros da matta,
Vi-te ensinando-os n'um enlevo santo,
Tudo que em versos eu soluço e canto,
Tudo que d'esta lyra se desata.

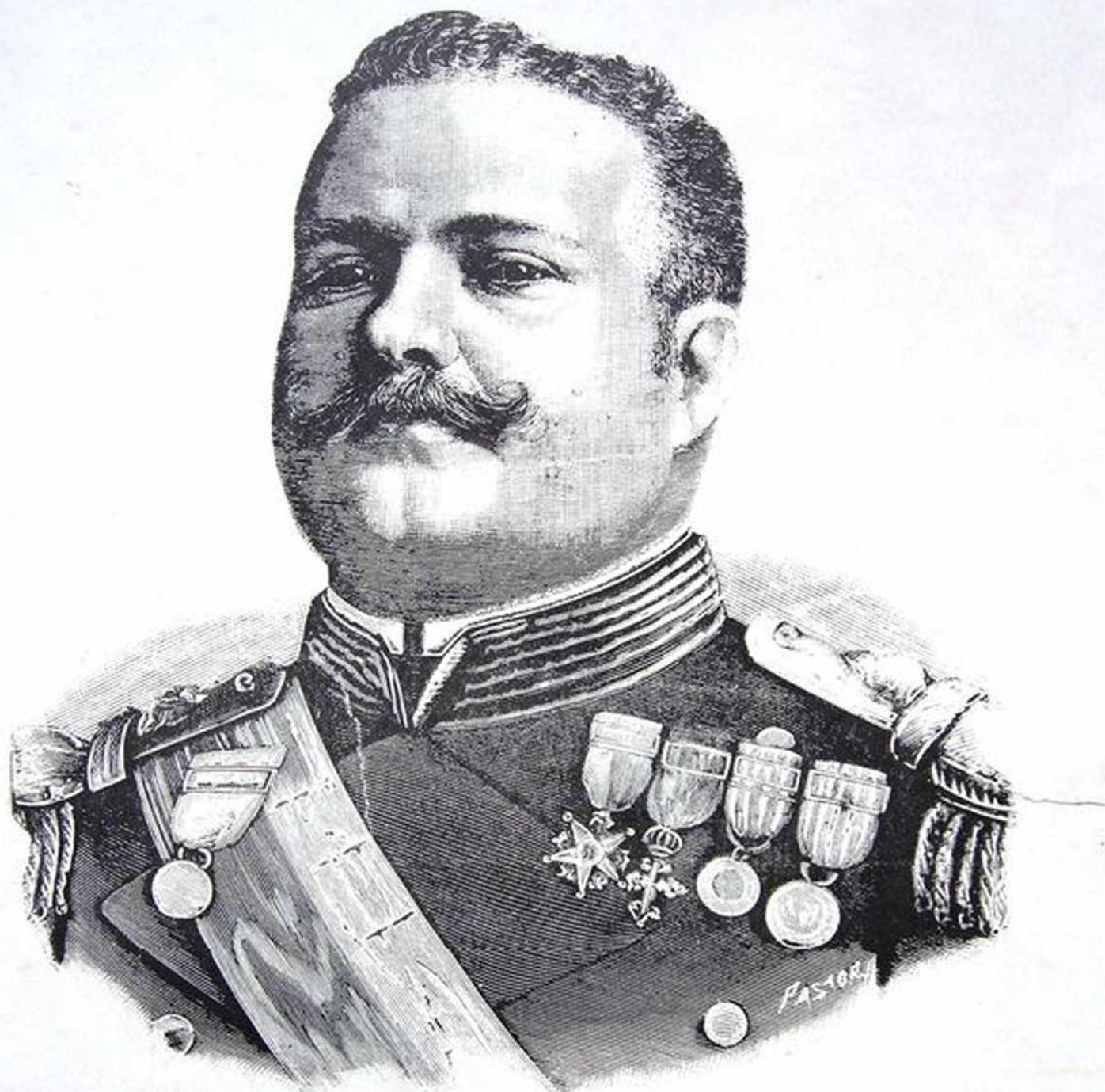
Vi-te falando ás vistas do universo,
E revellar meu intimo segredo;
Mas acredita, ó flor, que eu terei medo
De quando te falar—falar em verso.

ALUZIO PORTO.

Quem p'ocura rasões para faltar a verdade num ponto, bem depressa faltará em todos os outros.—P. ROUZGET.

SUPPLEMENTO AO N. 80

16 DE DEZEMBRO DE 1904



Rei de Portugal D. Carlos I

A REVISTA DO NORTE

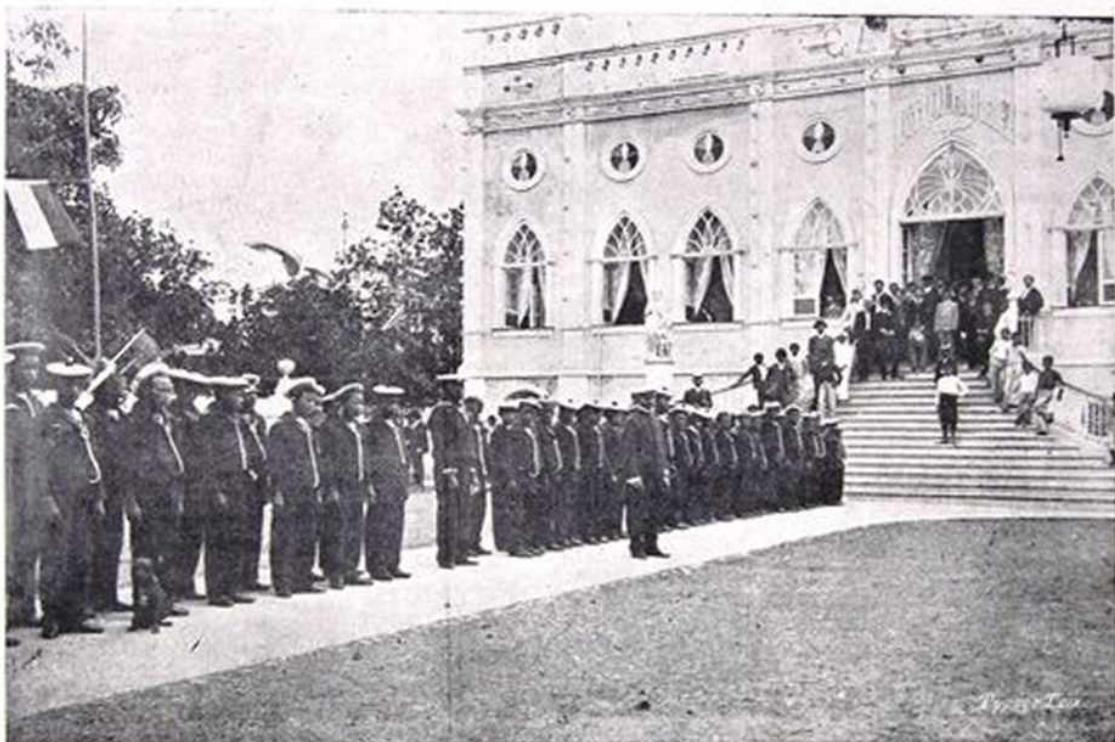
MARANHÃO—BRAZIL

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Dezembro de 1904

Num. 80



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ, no dia 1.º de Dezembro—Phot. amador J. Faria.

O Hospital Portuguez

A distinta colonia portugueza no Maranhão commenorou no dia 1.º do corrente a passagem de uma das mais bellas datas da historia da sua patria.

A séde dessa commemoração foi o Hospital Portuguez, de propriedade da Sociedade Humanitaria 1.º de Dezembro.

A Revista do Norte, querendo associar-se ao jubilo patriótico da briosa colonia, mais uma vez se aproveita da extrema obsequiosidade do sr. J. Faria, sem duvida o mais distinto dos nossos photographos-amadores, utilizando-se para as suas photographuras, dos seus clichés impecáveis.

Toda a parte artística do presente numero compõe-se de gravuras desse edifício, que é um dos mais bellos da nossa capital.

Situado num ponto magnifico da cidade e servido por uma linha de bonds, que lhe passa á porta, o Hospital Portuguez, desde a sua architéctura externa, graciosa e elegante, até ás suas disposições externas, confortaveis e bem dispostas, faz honra á benemerita associação que o edificou e que o mantém com uma dedicação e solicitude exemplarissimas.

As nossas photogravuras, mais do que as nossas palavras, darão aos que nos lerem uma idéa exacta da belleza e do aceio dessa casa de Cari-dade, que dá eloquente testemunho dos sentimentos humanitários da colonia portugueza entre nós.

Uma biblioteca e um hospital são as duas fundações infallíveis com que os portuguezes assinalam o seu estabelecimento em terras brazileiras.

No Maranhão essas duas instituições acham-se

reunidas, pois que numa das alas do Hospital foram recolhidos os livros do antigo Gabinete Portuguez de Leitura, devidamente catalogados e arrumados em graciosas estantes.

Quem visita o Hospital Portuguez, percorrendo-lhe todas as dependencias e buscando orientar-se ácerca da sua administracão, volta de lá bem dizendo aquelles que, em annos idos, buscaram proporcionar aos seus patrícios, como elles vivendo no estrangeiro, todos os recursos de que carecessem nos dias ingratos de enfermidade e de pobreza. E nessa benção envolvem tambem os que na actualidade continuam a empresa generosa dos antepassados, fazendo-a cada vez mais forte e mais querida.

Ratio Victriz et cor invictum

... Trop faible esclave, écoute,
Écoute et ma raison te pardonne et t'absout.
Rends-lui du moins les pleurs ! Tu vas céder sans doute ?
Hélas non ! toujours non ! O mon cœur, prends donc tout !

DESBOURDES—VALMORE.

I

Amargurado coração dolente
Que por affecções vãos tanto has sofrido,
Consola-te e suffoca o teu gémido,
Sendo ao bem, sendo ao mal indiferente.

De que te vale este anceiar latente
Que te tem na amargura consumido,
E as lagrimas de dor que tens vertido
Por tudo a quanto aspiras vagamente ?

Nessas luctas de amor em que te empenhas,
Serás sempre trahido e rechaçado,
Pobre romeiro de desertas brenhas !

Por tudo por que em vão tens palpitado,
E mister, coração, que te contenhas,
Sendo mais comedido e recatado.

II

Esconde a tua lagrima sincera,
O teu ancioso palpitar reprime,
Porque o teu pranto amargo não redime
Esta ancia de sofrer que te lacera.

Sé mixto de cordeiro e de panthera,
Confunde o torpe bem e o mal sublime,
Caminha alheio entre a virtude e o crime,
Sendo menos archanjo do que fera.

Nas miragens veladas de pureza
Não te percas, somnambulo maldicto,
Por tua ingenua e fatua singeleza.

Basta de angustias, coração proscripto,
Submette-te ás leis da natureza,
Communga as hostias do mundano rito.

III

Assim diz-me a razão serena e fria
Ao viril coração desbaratado,
Qual solicita sombra que a meu lado
Por maus caminho os meus passos guia.

E como um vânio gemido suffocado,
Como um triste rumor de voz sombria,
Que em mortuarias nevoas irradia
Do silêncio de um tumulo fechado,

Torna-lhe o coração solemne e triste:
Em tirar o prazer do sofrimento
Um sabio engano do viver consiste.

Nas chamas deste eterno desalento
E que o meu sangue a circular resiste
A gelidez do eterno esquecimento.

IV

E neste tantalismo de quem ama,
Sempre evitado pelo ser que adora,
Que consiste a ventura de quem chora,
O desgraçado alívio de quem clama

Por seu alheio amor—esquia chamma—
Que, aos olhos de quem sofre, esquia embora,
E como o riso de uma doce aurora,
Que o largo céu de luz todo recama.

E neste renovar de crenças mortas,
Que o espírito, na dor transfigurado,
Entra do sonho as constelladas portas.

Não profanes os veus do meu passado.
O razão, é de balde que me exhortas,
Deixa-me assim viver sempre enganado !...

Carlos D. Fernandes.

Furto de animaes

Qual o processo que no Estado deve ser observado nos crimes de furto de animaes?

Não é uno o processo para a repressão dos crimes de furto de animaes.

Cumpre, pois, distinguir.

Se o furto tiver sido feito de fazendas, pastos ou campos de criação ou cultura—o processo a observar-se, será o especial de que tratam os artigos 82 a 85 da lei n.º 194 de 29 de Março de 1898, conforme expressamente determinou o artigo 5.º § 1.º da lei n.º 316 de 9 de Abril de 1902.

Devemos notar que o Superior Tribunal de Justiça do Estado, em Acordo n.º 801 de 16 de Dezembro de 1902, e que vem publicado na «Jurisprudência», tomo 17, página 61, decidiu que o crime de furto de gado suino não está compreendido no processo especial acima referido.

Não nos parece, porém, dizermos-o com a devida venia, que essa decisão esteja de acordo com a lei, pois é facto que, ao tempo em que foi proferido o Acordo citado, estava em plena execução a lei n.º 316, a qual, no referido art. 5.º § 1.º, dispõe: «Para os crimes de furto de animaes, nas fazendas, pastos ou campos de criação, são mantidas as formas do processo e julgamento dos artigos 82 a 85 da lei n.º 194 de 29 de Março de 1898, e



MARANHAO—HOSPITAL PORTUGUEZ—A Capella
Phot. autor J. FARIA.

como se vê, ella se refere ao furto de animaes, em geral, sem excluir qualquer especie.

Se o furto tiver sido feito de outro qualquer lugar, é preciso ainda distinguir.

Se se tratar de gado vaccum, cavallar e muar, o processo será sempre o ordinario da competencia do jury.

Há no entretanto opinião discordante:—pensam que, na hypothese, o que determina a competencia é o valor do objecto furtado.

Assim, se esse objecto for de valor inferior a 100 mil réis—o processo será o correccional, ex vi do artigo 70 da lei n. 194; se de valor excedente o processo será então o ordinario.

Não nos parece que tal opinião seja sustentável.

O crime de furto de animaes, previsto no n.º 4

do artigo 331 do Código Penal é punido com as penas estabelecidas para o crime de furto de couxa móvel (artigo 330) guardadas nos dois casos, as distinções, quanto ao valor do objecto furtado, conforme os §§ 1, 2, 3 e 4 do mesmo artigo 330.

E é exacto que a lei n. 194, no artigo 70 declarou da competencia do juizo correccional os crimes dos artigos 330 § 1, 2 e 331, nas hypotheses dos §§ 1 e 2 do artigo 330, isto é, os crimes de furto de couxa móvel e de animaes, quando o valor do objecto furtado fosse de valor inferior a 50\$000,—hypothese do § 1 do artigo 330, ou do valor inferior a 100\$000—hypothese do § 2 do mesmo artigo.

Mas a lei federal n. 121 de 11 de Novembro de 1892 destacou, do n.º 4 do artigo 331, o crime de furto de gado vaccum, cavallar e muar, para alterar-lhe a penalidade, que, no artigo 3, tornou fixa, una, qualquer que fosse o objecto furtado.

A pena estabelecida foi a do § 4 do artigo 330 e, na hypothese desse §, o crime de furto é da competencia do jury, conforme dispõe o artigo 60 da lei n. 194.

Acerca que crime de furto, na hypothese do § 4 do artigo 330 é inafiançável—artigo 2.º n. 1 da lei n. 628 de 28 de Outubro de 1899, e seria impossível submeter ao processo correccional, crime de tal natureza, pois, em tal processo, o réo se livra solto, ainda que preso em flagrante delicto, até a decisão da apelação voluntaria, para o Superior Tribunal de Justiça—artigos 95 § 3 da Const do Est.; 70 § Unico da lei n. 194; 1.º da lei n. 316 e Accordâos do Superior Tribunal de Justiça do Estado tomo 1.º paginas 46 e 49, tomo 17 pagina 61 da Jurisprudencia.

—Se se tratar de furto de outros animaes, o processo será o correccional, quando o valor do objecto for inferior a 100 mil rs.—artigo 70 lei n. 194, e o ordinario quando esse valor exceder dessa quantia—artigo 60 cit. lei, sendo em tal hypothese o crime inafiançável—artigo 2 n. 1 da lei n. 628 de 28 de Outubro de 1899.

Maranhão—Março de 1904.

Alcides Pereira.

A louca

Ao Dr. Alves de Farias,

...E ella vagava desorientada, os cabellos em desalinho, olhos vitreos, pelas ruas da cidade.

No seu rosto macerado, de grandes olheiras roxas, amarellecia os ultimos resquícios de uma physionomia de mulher bonita.

Funambulesca, gesticulando adoidadamente, tremulando a voz, fatigada descia e subia instinctivamente as ruas, tendo no rosto a expressão amargurada de quem, occultamente, mitiga uma dor.

Si aos seus olhos passava, longe, um moço, eil-a-correndo para junto delle, abestalhada, rindo-se satanicamente, gaguejando palavras repassadas de dor e, em extase, olhando o transeunte, fitando-o demoradamente em piedosa recordação de alguém que amara.

E ficava depois parada, olhando a esmo, rindo-se, rindo-se, a puxar nervosa os aneis dos seus cabelos louros, a balbuciar phrases desconexas que lhe morriam na garganta.

E todos tinham compaixão da louca.

Algum desgosto, talvez, a puzesse naquelle estado ou, quem sabe, a miseria, a desventura, ou, ainda, quem sabe, o amor?

Ella fôra vítima de uma paixão dolorosa, trocar o perfume da sua carne por um beijo, vivendo feliz—presos os seus labios aos labios do amante.

E como ella fôra bonita! quantos moços lhe fizeram assedio de amor! quantos lhe prometteram mundos de felicidades...!

Amara um rapaz moreno, olhos rasgados, forte e vigoroso, entregara-se a elle com toda a frescura da sua carne cheirosa, de mulher nova.

E viveu muito tempo nesse engano de vida, beijando-o, acariciando-o n'um embriagamento insaciável de gozo.

Nessa vida falaz de illusões, terrível molestia acabrunhara o amante, um excesso de amor, talvez...

E... ella tão forte e sadia, tão bonita aos olhos delle que fôra vigoroso...

Minara-lhe a existencia a fraqueza orgânica e n'um debilitamento de forças, fraca, olhava compassivo e saudoso o corpo cheiroso da mulher amante, beijando-o encarniçadamente.

Uma noite, nesse delírio de febre, beijando-a n'uma tentação horrenda, n'um esforço de vida, a terrível hemoptise atirara-o pesadamente sobre o corpo della e o seu braço retezado, convulso entroucou-se ao pescoço da amante, apertando-a e a sua cabeça descançou sobre os seios della, tumidos e erectos, manchando de sangue o roupão que negligientemente lhe cobria o corpo.

E só, desvairada, olhar tumefacto beijara ainda aquella boca fria, ensanguentada, apertara-o de encontro ao corpo n'um delírio de doida.

E nunca mais esqueceu-se delle e endoideceu, pallida de amor, vagabundando pelas ruas a chama-lo saudosamente, a procurá-lo por toda parte, desgrenhada e esqueleética.

Rindo-se, rindo-se para todos, desorientada e louca, soluçando, anda elle a fitar o céu, os moços, vendo em cada um a imagem delle que lhe morreu nos braços...

E funambulesca, gesticulando adoidadamente, tremula a voz, crestada pelo sol, vagava pela cidade em piedosa recordação á procura delle, atirando beijos ao espaço, cantando n'um delírio infernal.

HERMILIO PEREIRA.

Trecho de viagem

(Conclusão)

Nesse tempo tinha elle uma fabrica, digo mal, uma empreza fabril de encaixotamento e enlatamento (permittam-me o neologismo) de peixes, que produzia resultado superior ás sardinhas que importamos dia a dia de Nantes ou de outros lugares de fóra.

Era de um genio folgazão, perspicaz, inteligente e sabido a mais não ser, de tal modo que me foi impossivel ganhar-lhe uma só partida de gamão que jogavamos nas horas desocupadas... para elle, porque a minha vida era uma longa flanação.

De meu irmão tenho apenas a dizer que era sempre o mesmo temperamento artístico, aberto aos sentimentos, fechado a sete chaves á preguiça e ao egoísmo

De certa vez fomos convidados a uma festa.

Depois do jantar, ás sete horas da noite, montamos a cavallo.

Plenilunio. Morro acima, trotando curto, os nossos animaes seguiam emparelhados. Diante a elevação escrissima da folhagem, raiada de luz clara, pendurando-se sobre as rochas.

A um lado o despenhadeiro, aguas cascateantes, a espumarada das quedas do alto e pela natureza inteira o voluptuoso emballo de um descanso fresco.

Calados ambos.

Dominava-nos a mesma corrente emocional, que era um grilhão posto ao nosso pensamento, jungindo-o, enquanto o nosso olhar despenhava-se no abysmo ou grimpava pelas pontas das rochas. Vinha de longe uma toada distante, nostalga no seio da mata, como lenços que acegam-e o espírito, pelos halos rasgados da vegetação, uma espiral de fumo dilui-se no ar ou faiscas errantes pisavam ligeiramente um olho de fogo.

Devia estar perto a casa onde todo esse músico rumor enchia os pulmões n'uma alegria tosca e farfalhante. Mais uma volta inesperada do caminho e desembocavamo n'uma clareira aberta, um terreiro quadrado onde troncos esbraseados crepitavam, casquinando uns estalidos de madeira que se partia.

Em redor vultos que saltavam e que riam.

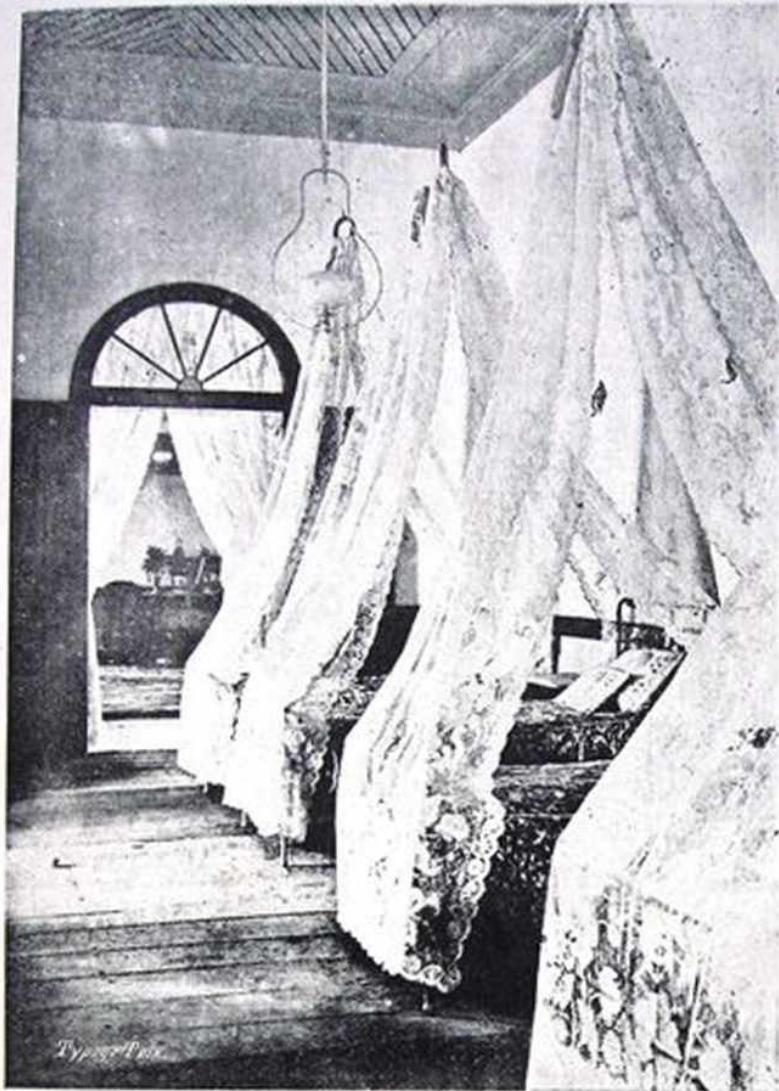
Apeamo-nos.

A casa do molde rustico das habitações do centro, escancarava o bocejo grosseiro das suas janelas e portas negras. Homens e mulheres dansavam numa promiscuidade confiante, requebrando o corpo, estalando fortes palmas e gritos, ao passo que a toada se arrastava nos tremulos da guitarra que se arqueava, macabreando uma viveza estranha de notas.

Alguem, a mão espalmada, rufava com os dedos doidamente um pandeiro que batia numa caximba interrompida.

E a musica enchendo o aposento estreito, desmoronando a quietação costumeira do sitio, se escapava pelas janelas para a noite enluarada, fóra.

Dansava então uma rapariga morena, alta, num



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ—Uma das enfermarias
Foto: autor F. FARIA.

traje simplissimo de festa, bamboleando, como uma baste, indo, vindo, os braços estendidos, os dedos castanholaendo, passo ritimico, seios trementes.

Fico a olhal-a, preso no magnetismo venenoso da sua pelle pennugenta, nesse todo de *coudeuvre* que ella tem, ancas redondas, sa:acoteando,

Tipo genuino de mulata, cor rosada como a dos jambos maduros, olhos escuríssimos e vivos, rachando um sorriso feliz, pendurado do labio, como um fructo vermelho.

E esses homens que a rodejavam, halantes da dansa, precipitados por ella, seguiam-n'a no mesmo passo, enroscando-se voluptuosamente, aspirando-a em todo o seu aroma de moça e frescura de femea.

Cantava, Gemia a guitarra apenas, e o pandeiro a um canto ainda tremia. Passava-lhe na voz todo o frescor rumoroso das mattas: rios que correm, passaros que trinam e a gente esquecia de que ella estava cantando, ouvia como se de muito longe, se-

gui-a-lhe a voz como uma esteira de flôres na correnteza de um rio.

Havia curvas enfloradas pelos caminhos, embalos de rede sob a sombra e a palpitação amorosa de toda a natureza.

Parára de repente e o pandeiro arremetia de novo, como um touro, chocando os guisos tangidos por mão que sabe.

Sahimos. O clarão da fogueira vacillava e os troncos incinerados coalhavam todo o calor. Montámos de novo. A galope.

Mas no silêncio embalsamado da noite, vagava como um batel pequenissimo toda a viveza lubrica de seus requebros, toda a volupia morena de sua voz !

E como este, muitos outros dias rolam na onda impetuosa do tempo, levados como uma poeirada entre a palestra adoravel do dr. Carlos e o sol faiscando sobre a dobrada da vaga pondo punhaes luentes e alongados no oceano.

A tarde a volta, a cavallo ou em fortes canoas, a vela aberta ao vento que vem de fóra...

Pela manhã a partida alvorocada, rumorosa, cheia da risada alegre e pandega de Mr. Chibbot e a elegancia esbelta da egua mimosa, a Faceira, que tinha meu irmão.

A noite, quando fóra soava a batega de agua que quasi os tinha alcançado em caminho, ao regresso, quando entre o cognac e o café accendiamos os charutos finissimos que punham uma nota de *haute gomme* n'aquelle aposento burguez arranjado ás pressas, entrava emitinabundo pela voz dos meus companheiros a descrição ephemera das sensações que os tinham apanhado durante o dia, desde a queda repentina na agua, mar alto, do Morsing, do Chibbot e de meu irmão que sós tripulavam uma canoa pequenina e esguia, até as considerações sociaes que o dr. Morsing fazia sobre a educação no Brazil comparativamente com a educação em outros paizes.

Meu irmão fumava calado a um canto da mesa, cabellos amellados, num tipo suavissimo de *bohemien*, num dos salões de atelier de Dechelette, em Pariz. Olhava-o a furto, de momento e o escutava preso na sua voz errante de beduino saudoso quando por accaso a palestra, interessando-o, arrancavalhe phrases teras, judiciosas e denunciando o fino gosto artístico que tem.

Nos olhos humidos de Monsieur Keller pairava a nevoa atordoante do vinho italiano que bebera e retinha na palestra destes serões nostalgiticos a risada de Mr. Chibbot que se ria gostosamente com bons dentes e esplendida bocca.

Dentro de 8 dias partimos dahi para Monsoaba, tres leguas adiante, no trajecto para Angra, costeando o littoral.

Ao montar o burro que me levaria, receei que os arreios... não aguentassem a viagem.

Com as pressas, me tinham arranjado um animal mau com arreios peiores.

Depois, eu que não fazia parte da turma, não tinha animaes e me foi preciso montar aquelle burro doentio, seguramente em peores condições do que eu.

Partimos.

A tarde chegamos em Monsoaba, um lugar detestável, e íamos habitar um casarão cheio de ratos e de cupim, onde felizmente estivemos poucos dias.

Ahi, nas noites chuvosas e más, quando no espaço o espetro da tempestade resava o psalmo borrasco da ventania e do açoite continuo ao torso das arvores, e da cosinha se elevava o fumo hospitalero e bom, indicando a residencia que receberia de braços abertos o viandante que percorresse aquelles caminhos por aquella noite má e precellosa, elevava-se a voz do Morsing a recitar em inglez pedaços do Dickens, o apurado escriptor inglez, descrevendo a festa do natal com as cōres suaves e as tintas pallidas de escriptor saxonio.

—Mas, objectava-lhe eu, pode a imaginação ingleza evocar das suas brumas o perfil de Othello, ou o vulto meigo de Julieta pela criação poderosa do Shakspeare, haver sempre fugitiva essa impressão como a nevoa que cobre os seus lagos e amortilha as suas *steppes*. A França, meu caro dr., haverá levar-lhe a palma do triumpho, dizendo a phrase cantante de Pierre Loti no *Pêcheur de Islande* ou creando sombras como o Jean Rameau na *Chanson d'Etoiles*.

—Nunca! retorquia. O modo de ser inglez é perdurable e eterno como a sua aristocracia, como as suas leis e si a literatura evolue e se perturba com as modificações de forma de governo, nada menos perseverante que a literatura da França.

Eu ria-me, aplaudindo-o, enquanto no quarto vizinho ouvia-se a voz do Keller que entoava uma canção nostálgica dos gelos de sua patria.

Dizia-a na entonação difícil do alemão que se falla na Suissa e nós suspendímos a palestra para ouvir-l-o, silenciosamente, como si sobre os alpes ouvissemos o trecho de cançoneta que algum *cicerone* das geleiras que cobrem esse pequeno paiz, estivesse cantando.

Depois o *good night* dito em voz alta pelo Chibbot e envolvíamo-nos em cobertores e sobre-tudos grossos para o sono reparador de todas as noites.

R. Alves de Faria.

Retrato

Tão poucos dias se passaram sem que te visse, entretanto, tão longos foram que nem sei mesmo se foram dias ou se meses.



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ—A Varanda

Foto: J. B. L. J. FARIA.

Carpi saudades na tua ausência.
Ausência que mataria se mais durasse.
Se mais durasse...

Como isto me assusta!

Nem sabes que para te ver partia cedo com os passarinhos, ligeiro, ancioso.

De balde varava as ruas desertas, despovoadas, voltava, vagava por toda a parte.

De balde...

Como encontrar-te? como, se vives sempre ao piano ? !

Ao piano que inveja me causa, que me causa dores e magoas, magoas e magoas e alegrias bem poucas vezes...

Emitim te vejo.

Que extratagem... que artificio empreguei para alcançá-lo !

Era o problema avistar-te, falar-te, escutar-te.
Meditei e resolvi.

Toda de preto trajada, vestido quase compri-
do, bem feito, com arte, muito alegre.

Branco, alto, bordado colarinho, contrastando
encantadoramente com as sedas negras.

Corpo de deusa, rosto de archanjo, mãos de
santa.

Estás retratada.

Sim... o original é mais bello, é mais perfeito.
Mas, olha, vês bem: Eu sou amador !
Desculpa !

S. Luiz, 1904.

Luiz Lima.

O mysterio da lagrima

I

Via-a chorar... Ella, a candida e loura creança que eu adorava com o fervor e o fanatismo de um crente, a formosa e meiga visão que me povoava os sonhos, que me aparecia sempre, rodeada d'um ambiente de pureza, no meu phantastico e louco devanear de poeta...

Eu, que sacrificaria a vida, o futuro, a felicidade, tudo em sim, para que o riso nunca lhe fugisse dos labios, para que a alegria nunca lhe abandonasse a alma, via-a chorar, via-a sofrer, e não podia enxugar aquele pranto, e não podia minorar aquele sofrimento...

E as lagrimas, as tristes lagrimas, sentidas, tremulas, algentes, rolavam-lhe lentamente, uma a uma, n'um desfilar dorido, pelas faces descoradas e pallidas...

Oh ! como eu sofreria tambem ! Parecia-me que envolta em cada uma das bagas cristalinas d'aquelle pranto, ia-me tambem um pedaco d'alma que se bipartia no desespero d'aquelle angustia immensa !

Mas, qual o motivo d'aquellas lagrimas, qual a causa d'aquelle dor profunda, sem limites, dilacerante, que assim lhe fazia pender a fronte elegante e pensativa como una flor crestada pelo sol, a quem faltou a caricia reanimadora do orvalho da manhã ?...

Desvairado, afflito, febrilmente, semi-louco, eu me interrogava a mim mesmo e nunca, nunca podia achar uma resposta plausivel !

Approximei-me d'ella, perguntei-lhe com a voz abafada e supplice o que tinha, porque chorava: ella não me quiz dizer, volteu-me apenas os olhos, mas eram tão tristes, revelavam tanta magua, transbordava d'elles tanta angustia... que eu tive impellos de lhe cahir aos pés e, n'um rasgo de abnegação, oferecer-lhe o coração que aquellas lagrimas dilaceravam para poupar-lhe aquele sofrimento atroz que lhe cruciava a alma.

...Finalmente despedi-me d'ella, senti a sua mão fria, gelada, tremer na minha e parti... parti porque não tinha mais forças para vel-a chorar !

II

Fui vel-a no outro dia. Trajava um *peignoir* branco enfeitado de fitas azuis, e os cabellos, louros como um sonho de felicidade, cahiam-lhe esparsos como uma onda de ouro por sobre os homens. Não chorava mais; esforçava-se para rir-se, por mostrar-se alegre; mas através d'aquelle alegria ruidosa e por isso mesmo falsa, eu descobria ainda o que quer que fosse de dolorido e magoado que ella procurava occultar-me.

Sentei-me ao lado d'ella, tomei-lhe as mãos, debalde busquei prescrutar-lhe a triste e commovente historia d'aquelle lagrima, d'aquelle poema de dor que se lhe lia nas faces.

Debalde... Sempre o mysterio !

Não me pude conter; falei-lhe no pranto da vespera, pedi, supliquei, exorei-lhe, que me explicasse o motivo d'aquelle lagrima, a causa d'aquelle tristeza que ella procurava em vão occultar sob a mascara do prazer.

—Não lhe posso explicar, disse-me ella. Olhe, para que me falla n'isso ? Não sabe como me magoa, como me faz mal... E a sua voz tinha uma entonação tão triste... tão magoada...

Obedeci. Procurei sorrir-me, mostrar-me alegre, satisfeita; falei muito; mas ah ! a lembrança d'aquelle lagrima sentida cujo profundo mysterio eu nunca pude descobrir, ainda me pairava n'alma enluctando-a de dor !

Assim passamos o resto da noite.

Quando me despedi, ella desprendeu das tranças uma flor, uma mimosa flor, e deu-me. Era um amor-perfeito. Beiжеi-o tremulo e quando cheguei à casa vi que a pobre flor tinha uma pelata manchada: era talvez uma lagrima d'ella.

Tenho-a visto sempre depois disto, todas as noites.

Parece não sofrer mais. Mostra-se solícita, amavel, carinhosa para comigo. Mas quando alguém lhe falla nas lagrimas e na tristeza d'aquelle noite, a fronte annuvia-se-lhe subitamente, o riso foge-lhe dos labios, e seus olhos, os seus meigos e formosos olhos, perdem-se na amplidão do firmamento estrellado, tão azul e limpidos como elles.

Que profundo mysterio occultava-se no coração d'aquelle creança ? Que nuvem negra lhe veio tolhar a serena limpidez do horizonte de sua felicidade ?

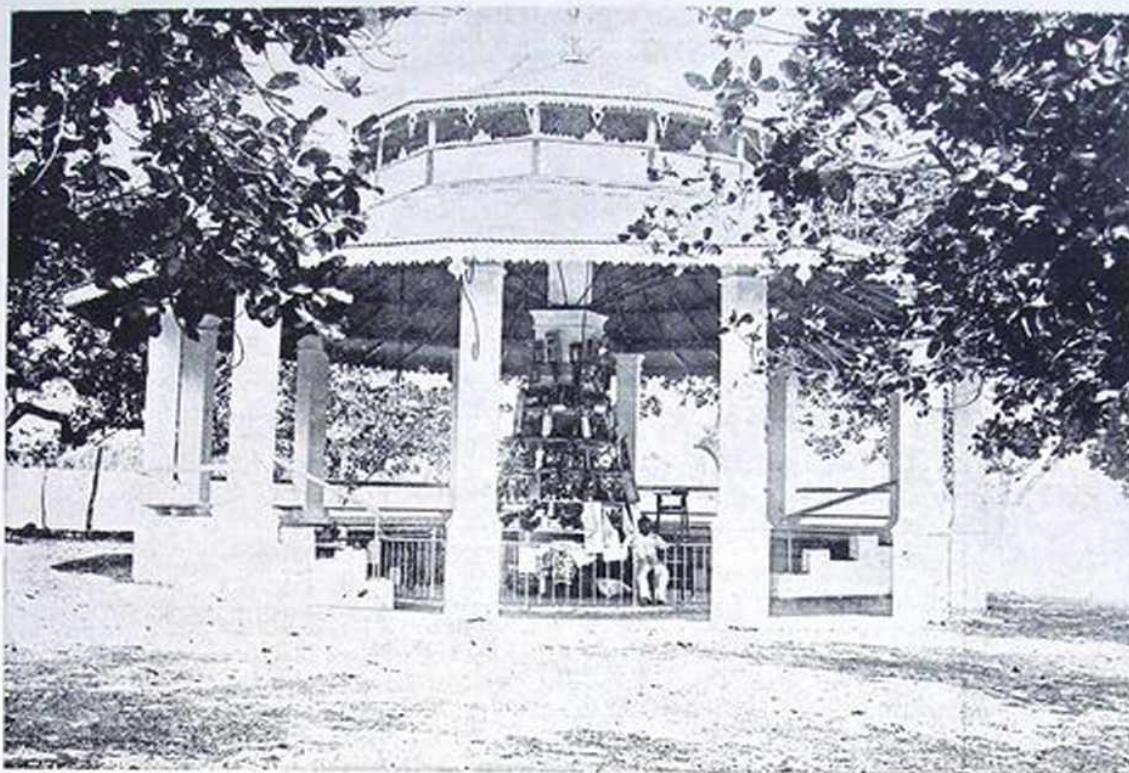
Não sei, nunca o pude saber... Mas o mysterio d'aquelle lagrima que eu nunca pude conhecer rouba-me o socego dos dias, mata-me a alegria da vida.

J. Simas.

A mulher adultera

Ao alvorecer d'esse dia, Jesus, que passara a noite ao relento no jardim das Oliveiras, entrou em Jerusalém, pela Porta dos Cordeiros, vizinha da Piscina de Bethesda, e encaminhou-se para o Templo.

Nadava em festas a cidade santa. Era o mez de Ethanim, o septimo do anno eclesiastico e o



MARANHÃO—HOSPITAL PORTUGUEZ—O Bazar—Foto. autor J. FARIA.

primeiro do anno civil judaicos. Terminara a colheita e nos celeiros transbordava o trigo que o orvalho do ceu fizera amarelecer nas searas.

Israel celebrava a festa dos Tabernaculos.

Havia sete dias que os lares dormiam desabitados, porque o povo eleito abrigava-se sob tendas construidas ao ar livre com os ramos verdes do salgueiro e do myrto, entrelaçados de forma a dar passagem aos raios do sol, ao clarão da lua e ao scintillar das estrellas. As aguas de Siloé, transportadas cada manhã pelos levitas em vasos de ouro finissimo, corriam livres sobre o altar dos holocaustos, ao som do Hallel que o povo entoava acompanhado pela symphonia das trombetas sagradas. E todas as noites, em frente ás luces dos candelabros symbolicos, levitas moços, tangindo as cytharas inspiradas, cantavam as glórias de Jehovah poderoso, lembrando as bençãos que sobre Israel fizera chover outrora, nos dias angustiosos e longínquos da travessia do deserto.

Quando Jesus penetrou no Templo, pela porta de Susa, era já enorme a multidão que no Adro dos Gentios se apinhava. Proselytos da Porta, Judeus da Dispersão, habitantes da Iduméa e da Decapole, moradores de Sydon e de Tyro, cruzavam-se em todos os sentidos, trocando com os cambistas a moeda estrangeira que traziam pelo *sílio* com que deveriam pagar o *corban* sagrado, confabulando com os mercadores que, sob tendas provisórias de cedro dos Libano, reluzentes de polimento, apregoavam essências raras e unguentes perfumados, trazidas pelos Phenicios das paragens distantes da Arabia e da India.

Sob as arcadas do Portico de Salomão, os Pharis e os Doutores da Lei, com os Tefillin resplandecentes, cuidadosamente atados por presilhas elegantes sobre a testa e sobre as costas das mãos, e as franjas azuladas dos Tsitsith pendentes das extremidades do Talith, discreteavam eruditamente sobre a observância da Lei e sobre os pontos obscuros do código de Moisés, que nem os commentários de Schammai, nem as explanações de Hillel haviam conseguido elucidar.

O sol nascente arrancava reverberações coruscantes das agulhas douradas da cupula do Santuário, e da Torre Antonia chegavam os sons marciais do clarim dos Legionários do Procurador que descera de Cesárea a Jerusalém para assistir as festas e impedir com a sua presença qualquer manifestação hostil dos vencidos à soberania de Roma.

A notícia da presença de Jesus no Templo circulou logo por todos os grupos, atraíndo-os para as proximidades da Porta de Susa, por onde diziam que o Profeta havia entrado. A sua ausência nos primeiros dias da festa havia sido comentada por todas as formas. Affirmavam uns que o Nazareno se acobardara ante as ameaças dos Sanhedritas e a atitude francamente hostil dos Saduceus, e andava aquelas horas foragido pelas montanhas ingratas da Perea. Outros sustentavam que o Tetrarca, cioso da fama que cercava o nome do carpinteiro de Nazareth, mandara atira-lo para um dos sombrios calabouços de Makeronte, provavelmente o mesmo em que morreria o Baptista.

— A seguir,

S. Lemos,

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Janeiro de 1905

Num. 81



O anno novo

Aos seus incansaveis e distinclos colaboradores, aos seus dedicados assígnantes, aos seus solícitos leitores, a todos aqueles, emfim, que com o concurso valioso da sua intelligência, o inapreciavel contingente da sua propaganda e o extraordinario apoio da sua solidariedade intellectual, a team feito viver através de todas as dificuldades e embaraços que nos primeiros tempos lhe cobriram de espinhos o caminho, apresenta "A Revista do Norte" as suas saudações e os seus cumprimentos pela entrada do novo anno, desejando-lhes, no decurso do mesmo, todas as felicidades possiveis.

A Classificação das Sciencias

(Continuação)

A sciencia das plantas é mais simples que a dos animaes, tendo estes conseguido chegar em suas ramificações elevadas a um grau de perfeição estructural e funcional, que as primeiras não attingiram ainda. Encontra-se na planta, como no animal da escala superior, um centro de innervação e um apparelho completo que lhe é intrínseco.

Ha entre outros animaes phenomenos psychicos de que certas plantas apresentam apenas um esboço inteiramente rudimentar. (*)

Neste ponto destacou-se da biologia, sob a designação de psychologia-physiologica, um ramo que tende a uma certa autonomia, o qual comprehende o estudo dos phenomenos desta natureza.

A observação tem constantemente mostrado as duas grandes classes de sérres vivos confundindo-se quase nos mais baixos grados das escalas —botanica e zoologica. As diferenças, contudo, accentuam-se rapidamente na ascendencia das escalas de modo a evitar que o classificador caiá na confusão inicial; isto mostra, pois, que a passagem da vegetabilidade à animalidade não é brusca e nem truncada, mas se faz por transições económicas, não havendo hiato ou qualquer outra perturbação apreciável.

..

Alguns especialistas destes estudos, entre os quaes H. Spencer, em logar da divisão em anatomia e physiologia vegetaes e anatomia e physiologia zoologicas, na sua valiosa obra —*Principios de Biología*—prefere a que colloca de um lado—o conjunto dos phenomenos de estructura que se seguiria, no reino biológico, desde os protophylos até aos animaes mais elevados; do outro lado—os phenomenos de funcionamento estudados sem discontinuidade de baixo para cima, nos dois sub-reinos.

Com a mechanica deu-se um facto semelhante. Seccionava-se a principio em duas partes, uma comprehendendo o estudo dos phenomenos de equilibrio e movimento relativos aos solidos, outra o dos mesmos phenomenos apresentados pelos fluidos; depois subdividia-se cada uma destas partes em duas outras, e tinha-se:—estatica e dynamica, hydrostatica e hydrodynamica.

Comte condenou este desdobramento e achou mais racional reunir os phenomenos estaticos, quer se relacionem aos solidos, quer aos fluidos, pelo mesmo modo quanto aos dynamicos, sem distinção entre os corpos que os produzem.

Dá assim o resultado seguinte: estatica subdivisão hydrostatica, dynamica subdivisão hydrodynamica.

E incontestavelmente mais racional esta classificação e achamos que uma distribuição semelhante poder-se-ia adoptar na biologia, segundo a auctorizada opinião de H. Spencer.

Por outro lado encerra-se-ia num quadro especial os phenomenos de desenvolvimento quer no individuo, quer no conjunto dos vegetaes e dos animaes; dividido este quadro em duas séries: uma para a embryologia e outra para as doutrinas transformistas. O conjunto da biologia abstracta apresentar-se-ia, pois, com as suas divisões e subdivisões seguintes:

Phenomenos estatisticos (Estructuraes
(Funcionaes

Individuaes—evolução do embrião e do
Phenomenos dynamicos perfeito.

Grupo—evolução das espécies.

De modo que esta separação dos phenomenos naturaes em duas grandes classes comprehendendo uma, os de equilibrio, e a outra, os de movimento, poderia ser considerada tambem como fundamental e adaptada ás diversas ordens de estudos. As celebres obras de Berthollet e Berthollot já determinavam estes phenomenos. Com relação á physica, a distinção entre as duas categorias de phenomenos é muito usada em electroteologia, onde ha para as respectivas medidas unidades estaticas e dynamicas.

Tratando-se tambem em thermologia de equilibrio de temperatura, temos a expressão caracteristica *thermodynamica*.

Na barologia, que se approxima da mechanica, as questões de equilibrio e movimento apresentam-se naturalmente e provocam as intituladas e celebres questões especiais de secções: *hydrostatica*, *hydrodynamica*. Desde a mechanica até á sociologia inclusivé, achar-se-ia, pois, neste percurso, dois grandes quadros que se repetiam symmetricamente, e onde cada sciencia apresentaria por sua vez os seus phenomenos classificados methodicamente.

..

Chegamos ao vertice do grandioso trabalho de Augusto Comte: a sociologia.

Esta sciencia já se delineia no estudo dos grupos formados por certos animaes e apresenta-se depois, nitidamente, recebendo o seu caracter autonomo, quando se prosegue no estudo das sociedades humanas. Ela resulta, pois, da observação do agrupamento dos phenomenos que se manifestam pela communicação dos pensamentos e conservação indefinida dos resultados da actividade mental do homem. Os grupos organizam-se, aggregam-se, transformam-se parallelamente, a linguagem exprime-se em suas mais elevadas produções e um vasto campo científico apresenta-se á inteligencia investigadora.

As raizes da sciencia social mergulham, entretanto, na região subjacente ocupada pela biologia; e se a continuidade dos phenomenos ainda não se mostra evidente, se os elos do raciocínio deductivo não se podem prolongar da biologia á sociologia,—é que no intervallo, entre a base puramente organica e o vertice em que se prendem os

(*) Algunhos autores fizeram de contracilindrado observador em algumas plantas, provado ter mto sensibilidade própria.



A. P. GORGUET—O NATAL.



RUBENS—A VIRgem E O MENINO DEUS.

productos superorganicos da civilisação,— uma longa serie de geração humana superposta interpõe-se, de modo que as instituições sociaes parecem sair de outras instituições da mesma natureza e as idéas resultarem das series de idéias antecedentes.

No começo portanto, o que se observa ainda entre os animaes, a existencia social devia ter um laço bem sensivel com a existencia biologica. Qualquer que seja o ser social deve conhecer-se em seu meio interno para que seus actos e suas idéas tornem-se comprehensíveis. O estudo da biologia, pois, deve preceder ao da sociologia, servindo lhe sobretudo de fundamento.

Esta ultima sciencia mais complexa e dependente que todas as que enumeramos, é tambem menos geral, porque os sérés que habitam a terra, o ar e as aguas, não são sociaveis em seu conjunto.

Os grupos formados por aquelles que têm o instinto de sociabilidade apresentam certos caracteres e costumes interessantes ao estudo. Este é, entretanto, o preludio da sociologia, não constituinto uma parte integrante. Restam as sociedades humanas, que têm um circulo ainda menor e onde os phenomenos por isso mesmo são mais especiaes. São tambem os mais nobres e elevados em dignidade entre os objectos da sciencia.

O conhecimento profundo destas sociedades é o principal fim da sociologia, que as considera, quer no seu estado de equilibrio estructural e funcional, quer sob o ponto de vista das mutações que elles soffrem, evoluções que se produzem, dando-nos consequentemente os dois grandes ramos sociologicos: a *estatica* e a *dynamica* sociaes em simetria com as duas divisões da mechanica racional e da astronomia.

..

Finalmente duas questões apresentam-se como consequencia do estudo que vimos fazendo sobre a classificação das sciencias abstractas: uma referindo-se á moral, outra concernente á psychologia.

A moral firma-se na biologia e tem a sua origem na constituição psychica do homem.

Não se poderia pensar razoavelmente em transformal-a e, a admittir a possibilidade de uma semelhante operação, exigiria esta milhares de séculos para realizar-se. Em quanto não chega essa data, precisamos de uma moral racional e positiva para facilitar a evolução de nossa especie a um estado de civilisação mais aperfeiçoada. Se o homem fosse um ser completamente egoista, teríamos que renunciar a idéa de moralizal-o, tornando-o capaz de bondade e dedicação.

Para estabelecer-se uma base de operações de aperfeiçoamento é preciso, pois, reconhecer a existencia natural no homem de germens altruistas, faculdades favoraveis, embora rudimentares ao principio. Uma moral positiva só pode fundar-se sobre semelhantes aptidões, sem as quais a benevolencia e dedicação se comprehenderiam apenas como actos miraculosos em virtude de graça di-

vina, o que estaria além dos limites da sciencia e n'uma esphera fóra de nossa penetração. E' portanto sobre uma teoria das faculdades mentais que repousa a moral scientifica. O fundador do positivismo comprehendeu perfeitamente este facto e apresentou a seu respeito uma teoria hypothetica, mas racionalmente elaborada. As tendencias altruistas, como as egoistas, são naturaes no homem, somente estas revelam-se mais fortes e predominantes. Por isso torna-se necessário desenvolver aquellas por meio de uma educação apropriada, de modo que pelo seu poder se contrabalance, conseguindo afinal restringir progressivamente a accão nociva do egoismo.

Esta conquista da moral é racional e poderá ter sempre um resultado satisfatorio, porque as tendencias egoistas se oppõem e procuram até certo ponto destruir-se; ao passo que as altruistas se sustentam e reforçam-se mutua e harmoniosamente. Não será pois temerario prever um estado de aperfeiçoamento no qual o homem possa viver pela dedicação, realizando assim o preceito superior da moral positivista, mais desprendida de egoismo e portanto mais pura que a actual.

Tomando-se a biologia por tronco commun de onde se ramificam a moral e a sociologia, como hierarchizar estas duas sciencias?

A moral precederá a sociologia?

Augusto Comte modificou a sua primeira classificação; a principio collocou a moral antes da sociologia, mas depois, no *Systema de Politica Positiva*, inverteu esta ordem dispositiva, considerando a moral como sciencia mais digna e sobretudo mais complexa.

Esta sua ultima decisão provocou diversas objecções e discussões. Um dos atributos do principio de hierarchização é, como sabemos, collocar cada sciencia numa completa independencia relativamente ás que se seguem e de conformidade com os elementos essenciais de sua positividade.

Ora, o proprio Comte empregou na constituição da sociologia, elementos e principios da moral. Reprovou também aos economistas por não terem na elaboração de suas doutrinas, attendido aos factos morais existentes e estreitamente combinados no *complexus social*.

Para Comte a sociologia engloba o conjunto dos phenomenos da sociedade, inextricavelmente misturados, apresentando uma unidade indecomponível. A sociologia não é assim independente da moral. Cremos que se poderia conciliar a divergência sobre esta ordem dispositiva, collocando ambas na mesma altura hierarchica e sobre a base organica commun. A esta igualdade de nível correspondem correntes de comunicações, que levarão facilmente à sociologia os elementos da moral e à esta as noções provenientes daquela, visto como ha neste facto uma parte de ethica que reveste um carácter social innegável e no qual a sociologia tem pelo menos autoridade consultiva. Collocando-se a moral no vertice da hierarchia, certamente ella se servirá dos resultados sociologicos para sua formação e progresso.

A crdem inversa, baseada na reciprocidade, admissível para dar à sociologia um pleno desen-



BESQUES - A VESPERA DO NATAL.

volvimento, não será indispensável à sua existência.

O mesmo verifica-se com as disciplinas sob a designação colectiva de *sciences sociales*. Comte não admittia a sua existência distinta e autónoma.

Para elle confundiam-se na sociologia, que lhes fornecia a synthese e as englobava para produzir phenomenos comprehendendo respectivamente a matéria indistincta de suas elaborações. Outros, divergindo desta opinião, afirmam que a economia, o direito, a linguística, a estética, etc., têm, como a moral, razão poderosa de autonomia, attendendo-se ás suas relações com a sociologia.

As mutações sociaes não se explicam somente pelas *sciences sociales* particulares.

Os seus factores são múltiplos e convém estudar nelles indivisamente as acções e reações reciprocas.

E o que faz efectivamente a sociologia. Será, entretanto, isto um motivo para isoler cada um desses factores, consideral-os a parte e determinar-lhes os efeitos no caso hypothetico de que se tratasse?

Mantendo embora estreita correlação, há casos em que um desses factores torna-se preponderante e imprime ao acto social seu carácter distinto: si o móvel dirigente for o egoísmo — o acto será económico; si for impulsado pela dedicação e propensão para o bem — o acto será propriamente moral; si for levado pelo sentimento de justiça — o acto terá especialmente o carácter do direito, etc.

Compreende-se pois, um estudo distinto de cada uma destas categorias de actos sociaes, não esquecendo que, na realidade, se apresentam conjuntamente à observação, influenciando-se reciprocamente pelos seus intuições e justificando-se assim a intervenção de cada ciencia social particular na sua esphéra e dentro de certo limite.

O phénomene social é complexo; o raio de luz que nos fere a vista e que a princípio julgamos indecomponível, não é tão simples comodo: analysado definitivamente revela-se composto de diversos elementos, cada um com as suas qualidades e acções próprias.

A análise sociologica pode ser feita e convenientemente adaptada à disposição de um polígono, onde os respectivos angulos representam os phenomenos económicos, jurídicos, políticos, morais, religiosos etc.; a sociologia geral combinando-os methodicamente e obtendo pelo estudo distinto, um conhecimento mais profundo da razão e atributos de cada um delles.

Admittimos, por isso, ao lado da sociologia a possibilidade da existência das *sciences sociales* particulares. Entre estas proceder-se-á também a uma classificação, determinando-se seu respetivo logar no interior do grupo e o do grupo completo com relação à sociologia. Assim pensamos que o grupo no seu conjunto poderia ficar no mesmo nível científico da sociologia geral. Quanto à sua distribuição interna, não são desconhecidas as diversas tentativas feitas sem um resultado positivo.

Falce-nos competência para organizar essa classificação, que exige desenvolvimento e detalhes justificativos muito complexos e alheios ao presente estudo.

A psychologia, que não figurou na classificação, constitue a segunda questão de que atraç falamos.

Augusto Comte recusava o methodo de observação interna sobre o qual então se apoiavam, quase que exclusivamente, os exploradores psychicos.

Elle resumiu sua opinião a semelhante respeito na celebre phrase: *on ne se met pas à la fenêtre pour se regarder passer*. Ao que lhe respondeu Brunetiére, se não nos enganarmos, defendendo o processo de introspecção psychologica: *oui, cela est vrai, mais on peut cependant s'examiner en se plaçant devant une glace*.

No que se chama a observação interna, o que se observa é a imagem do acto mental conservado pela memória, reconstituído e reenviado ao espírito. O ser pensante não se observa pois pensante, mesmo porque estando na janella, como Comte disse ironicamente, não podia se ver passar. Para elle, pois, as faculdades mentais do homem e as operações internas que elas executam não são percetíveis e só podem ser estudadas por seus resultados sociaes.

Devido ultimamente aos trabalhos de alguns sociólogos contemporâneos, entre os quais Le Bon e G. Tarde, os phenomenos socio-psychicos atentos e minuciosamente estudados, sobretudo pelo ultimo, formam hoje o objecto de uma disciplina firme.

Entre outros resultados, Tarde confeccionou o mecanismo da imitação em sociologia. Combinou e reduziu seus documentos e observações em sistema e apresentou as suas celebres leis. (*)

Não podemos, entretanto, negar que o fundador da sociologia logo em princípio notou a importância destes phenomenos inter-psychicos, a respeito dos quais, na parte estatística de sua elaboração, consignou indicações bem precisas. (2)

Posteriormente Bagehot desenvolveu com profunda competência estas interessantes questões de psycho-sociologia. (3)

Comte não bania por conseguinte a psychologia da ciencia, comprehendeu-a somente de modo diferente.

Acreditamos mesmo que considerando a psychologia individual, condenava apenas o processo de observação empregado nas indagações e estudos sobre a natureza mental do homem ou do animal. Não repugnava por isso reconhecer, no futuro, um carácter científico à nova psychologia, que se guia e situa-se na physiologia cerebral e na experimentação psycho-physiologica, abandonado o methodo da introspecção.

Nestas condições passará do estado embryonário a inscrever-se ao lado das ciencias positivas.

Como será então ali collocada? Respondemos com Bagehot. A psychologia que de algum modo é a manifestação da physiologia cerebral, deverá collocar-se imediatamente a esta.

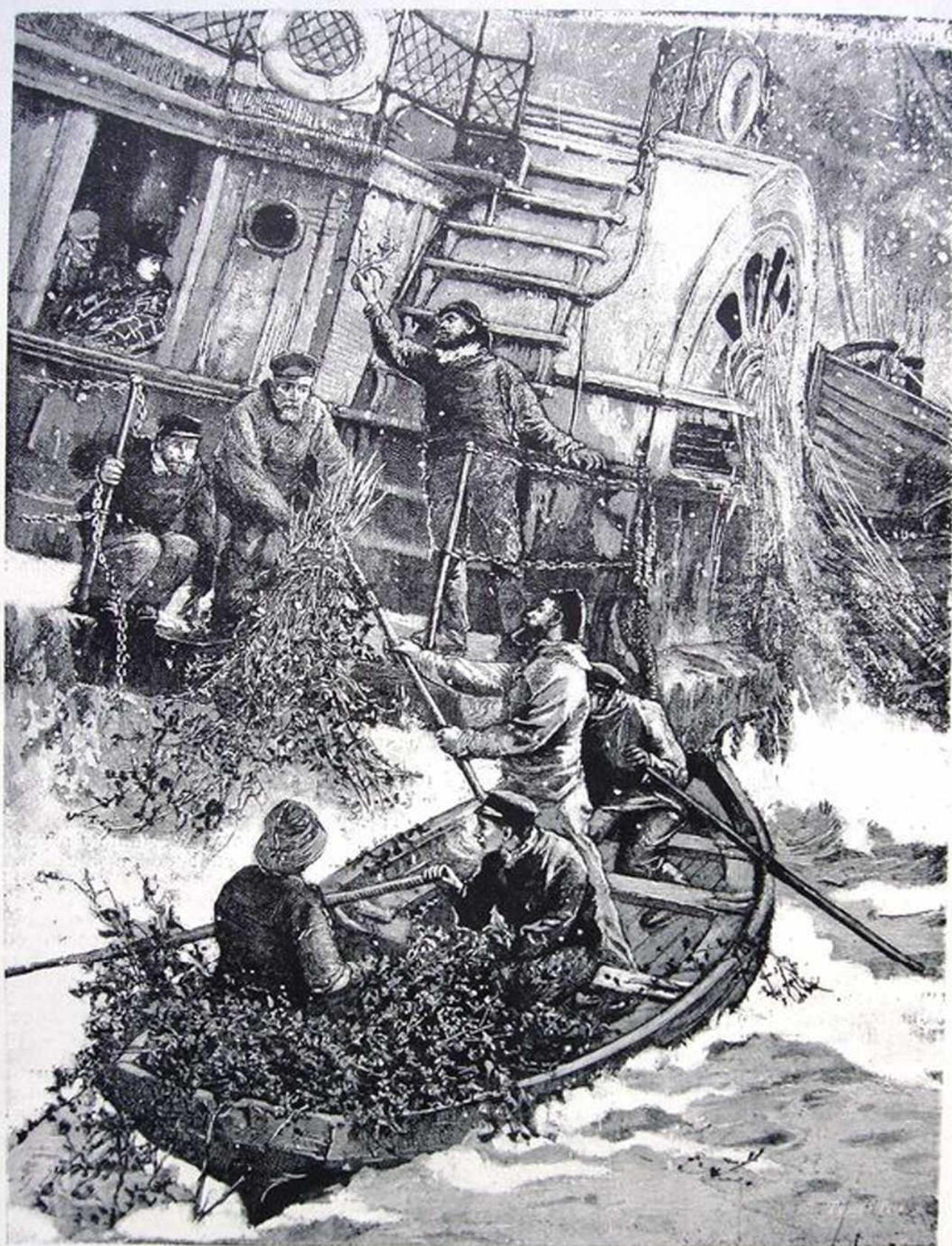
(1) Vd. *Lois de l'Imitation* — *Introd.*

(2) Augusto Comte *Syst. de Polit. Posit.* *Introd.* cap. terceiro.

(3) *Lois Soc. du Dével. des Nations*.

— A seguir.

Machado Junior.



W. BURTON—O NATAL A BORDO

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Janeiro de 1905

Num. 82



A VIDA NO JAPÃO—N. 1—JAPONESES ALMOÇANDO—A direita a cresta, de joelhos, serve o arroz.

A VIDA NO JAPÃO

Compõe-se a parte artística do presente numero d'A Revista do Norte exclusivamente de gravuras reproduzindo, nos seus mais pitorescos aspectos, a vida urbana e rural do Japão.

Na febre de interesse que actualmente desperta em todos os países civilizados essa nação do Extremo Oriente, que, há pouco mais de meio século, julgavam todos atrasadíssima e barbara, será de certo essa nossa iniciativa bem recebida por todos os que folheiam o nosso magazine.

As gravuras que inserimos, todas de uma actualidade flagrante, tem a vantagem de revelar os costumes essencialmente locais do Japão, mantidos ainda a despeito do verniz apparente de civilização ocidental com que os japonezes procuram disfarçar as diferenças palpáveis que radicalmente os separam dos europeus.

A nitidez e a disposição d'essas gravuras dispensam qualquer commentario elucidativo. A sua simples inspecção visual bastará para dar a idéa que encerram e tornar per-

feitamente comprehendida a scena que illustram.

O nosso proximo numero será consagrado, nas gravuras e no texto, ao actual conflicto russo-japonez, inserindo um extenso artigo estudando as causas reaes dessa guerra que presentemente desola o mundo culto.

Recuerdo

Conheci-o...

Era um rapaz sympathico, bom e jovial... A affabilidade do trato, a sonoridade da voz quando usava da palavra, expandindo radiante umas idéas frescas e boas, attrahiam aos que tinham a felicidade de apertar-lhe a mão n'uma intimidade perfeita.

Notava-se-lhe um defeito, apenas: não era filho da nossa formosa Erim.

Vindo de outras terras a passeio, em pouco tempo soube captivar a nossa sympathia e a do... bello sexo.

Como elle era docil, como sabia contemplar as flores perfumosas d'este casto jardim, e como se expressava bem, si um feliz acaso lhe permitia encontrar uma violeta que lhe dirigisse a palavra sonora e amenisante! Era um rapaz finalmente *du monde chic* e de uma educação esmeradissima, *comme il faut avoir ici bas*.

Uma noite vio-o, n'un esplendido salão de um Paraizo carnavalesco, oceanizado de aromas exstantes, e inundado por um diluvio de luz, sentado ao lado d'Ella como um rei no seu dourado trono.

Ambos, ofegantes pelo delirio de uma valsa, tinham-se sentado esperando o momento em que cessasse a fadiga para encetar novamente a expansão dos seus segredos de amor...

A valsa o—*Amor dos Amores*, executada artisticamente pela orchestra, fazendo ecoar os seus harmoniosos sons no seu coração, como um riso de fada, embriagara-o tanto, que impossivel lhe tóra fugir ao doce intento de render ao ídolo adorado o culto devido à sua excepcional belleza! Assim o fez...

Ebrio de amor, mas de um amor puro e sincero, expandiu toda a ardentia d'esse sentimento á gentil donzella, promettendo-lhe, na verre de sua



N. 2—DANSARINAS JAPONEZAS

paixão, como um poeta no delírio da sua inspiração,—palácios de cristal com arcadas de ouro, onde ella pudesse ostentar um mundo de grandeza de que era mui digna pela sua radiante formosura!

Todos que passeavam pelo esplêndido salão ao final das contradanças e viam ambos nadando em um mar de magnéticos sorrisos, em posição elegante, deixavam sempre escapar dos labios a deliciosa phrase:

—Que formoso par!...

E era-o sim. A formosa *Camponeza*! porque ella se achava assim vestida no baile à phantasia do deslumbrante *Paraizo*, era o mais perfeito *specimen* da mulher: bella como as filhas de Stambul e graciosa como só ella.

Elle tinha razão de se achar apaixonado por esse primor da natureza.

Tinha feito de seu coração o cofre dos olhares d'ella, tão lucidos como as estrelas, tão anguidos como o luar. E passariam ambos, assim, n'un oceano de mansas alegrias, de palavras prenhes de amor, si o signal para a ultima quadrilha não os despertasse d'esse puro encantamento.

Elle amava-a como se pôde amar na vida...

Ella o queria muito, tanto quanto se pôde querer o que nos deleita e nos ameniza o coração.

O final do baile entristeceu-os, tinham achado pequena essa noite de doçura, e ambos, feridos pelo amor, apartaram-se n'un ruido de retumbantes vozes dos convivas que sabiam, deixando escapar dos labios n'un diluvio de sorrisos, nas flamas do amor, juntos e harmoniosamente, a palavra:—amo-te...

E amavam-se devéras.

Quando elle chegou á casa onde se achava hospedado e entrou no quarto, estava livo.

Disseram-me alguns amigos que com elle convivem,—que levára todo o resto da madrugada em

sonhos, imitando com sua voz a inebriante valsa o *Amor dos Amores*, sua predilecta.

Pobre mancebo, no delírio de seu amor déra o coração ao anjo que lhe aparecera no horizonte da vida, radiante como surge a aurora por entre os rendilhados verdejantes das montanhas do Oriente.

M. M.

A Philosophia do Nada

Nada existe—eis um dogma fatal, uma divisa que já pertenceu ao passado e que pertencerá ao futuro.

D'esde o supremo mysterio de Buddha até ao desespero de Hartmann, desde Epicuro a Hodes, de Socrates a Leibnitz, de Diogenes a Voltaire, dos Cynicos a Schopenhauer, de S. Paulo a Comte, a luta é sempre a mesma e ainda não se sahio do *Nada*!

Morre o lethchismo (religião da natureza), vem o polytheismo (religião da Arte); desapparece este e surge o monotheismo (religião de um só Deus), decahe este, vem a philosophia revolucionaria, lutam os espíritos theologico e metaphysico; nasce o Positivismo, e a luta é sempre a mesma, e ainda não se sahio do *Nada*!

Brilha a sciencia, discutem os sabios; sondam-se os céus com a Astronomia, o telescopio e a photographia; estuda-se a Terra pela physica, a chimica, a geologia e a mineralogia; observa-se a natureza vegetal pela botanica e a animal pela anatomia e a physiologia; e ainda nunca se resolveu um *porque* siquer... A luta é a mesma, e ainda não se sahio do *Nada*!

Lá aparece um dia a Dó; mas a Dó existirá também? Não sei; mas admittamos que exista. Vem a dó, mortifica-nos o corpo nos múltiplos phenomenos de uma molestia; mostra-nos, em sí, depois de longos sofrimentos, a Morte, outra hypothese que também não sei si é a realidade.



N. 3—UMA RUA EM OSAKA

Então, vendo ameaçada a sciencia da vida que é a Biologia, chamamos a sciencia do allívio que é a Medicina; e no fim de contas só não se morre si a natureza tem forças para a reacção. E o que fez a Sciencia que, ha tantos séculos, consome a vida de tantos sabios? Nada, absolutamente Nada.

Os medicos vêem succumbir seus entes mais queridos, sentem mesmo ás vezes o seu proprio e ainda mais estremecido *Ego* já quasi no laço da terrível Parca, e não se podem salvar!

D'ahi o aphorismo popular que a tradicção repete: «Só se deve tomar remedio quando não ha mais remedio».

A luta é sempre a mesma e ainda não se saio do *Nada*.

Os povos que fallavam o *sanscripto*, escreveram um dia estas palavras terríveis: «*Nismind, Nama e Naham*» que querem dizer mais ou menos: «Eu não sou nada, nada existe, eu mesmo não existo».

Os infelizes russos, no hora terrível do despotismo dos Czares, perseguidos, sem lei que os abrigasse, sem justiça que os ouvisse a não ser a força, corriam desvairados para as regiões polares da Siberia, e morriam de frio escrevendo somente sobre o gelo esta palavra: «*Nihil*».

A vida, diz uma velha maxima, é um sonho e nada mais. E o que é o sonho? Ainda nunca se pôde explicar, como a incognita da vida, porque a sciencia descobrindo tudo, só consegue descobrir o *Nada*!

Assim foi que tive um dia um amigo que amava loucamente uma loura menina. Quando me fallava n'ella era como si tivesse nos seus olhos languidos descoberto o elixir da felicidade eterna!

Uma vez, porém, procurou-me elle; trazia o rosto banhado em pranto. Tinha acabado de acompanhar o enterro de sua amada! Vestira-a de branco como se fosse mesmo uma noiva, ornara-lhe a fronte com uma grinalda de flores de laran-



N.5—UMA TOCADORA DE GUITARRA

geira, para que entrasse assim tão pura e tão linda ás portas do Paraíso.

Tres annos depois, em um dia de *spleen*, fui com elle ao cemiterio; abrimos um tumulo; arrancamos a tampa de um caixão!... Triste espetáculo! Só encontramos uma fria ossada, coberta outr'ora pelos artifícios de uma beleza vã, e hoje reduzida a um pobre esqueleto!

Véo, flores, vestido, tudo ali jazia esfacelado, como testemunho eterno de que d'aquella vida angelica hoje somente existia o *Nada*!

Coração humano! tu que és tão cantado, tão querido e tão invocado, onde existes tu? Serás este musculo que bate porque tem nervos e despeja sangue?

Alma! ó incomprehensível Alma! tu que és tão procurada e tão discutida, tu que guardas, como um sacrario precioso, todos os segredos do pensamentos e todas as sensações, onde estás tu? Dizem os philosophos que estás em tudo em que existe a vida... Mas eu corto os nervos e não sentes mais; atrophio o cerebro e não pensas mais!

Deus! ó grande Deus! és tão adorado e tão chamado; e tu és tão infinito e tão omnipotente, que, quem quer subir onde estás, desce sem sentir o plano inclinado que vai dar ao *Nada*!

Mas finalmente, si tudo é assim o que é o mesmo *Nada*? O *Nada* é o sacrifício do Christo sobre o Calvario, é a palavra de Demosthenes vibrando sobre as aguas; é a lanterna de Diogenes procurando um homem; é o grito dos martyres em Roma; é a excomunhão de Luthero; a carnificina de S. Bartholomeu; é o riso de Voltaire e o amor de Julieta; são as profissões de Rousseau, o 89 frances e as glórias de Napoleão; é a philosophia do Incognoscível, enfim, a sciencia do século XIX!

Amer, gloria, sciencia, ideias e crenças, tudo são illusões que passam; e neste mundo só ha de realidade—o *Nada*!

D. M.



N.4—UM JARDIM PARTICULAR EM YOKOHAMA



N. 6—LAVRADEIRAS DEBULHANDO A CEVADA EM GRÃO

A Classificação das Sciencias

(Conclusão)

Ficará sendo, pois, um ramo da biologia. E de suppor que mais tarde as operações psychicas possam ser estudadas por si mesmas, independente de seu *substratum* organico; que uma parte puramente psychica eleve-a ácima da secção psychophysiological; ou finalmente que venha a ter uma existencia propria, consequencia ainda assim da biologia, embora mais especial e dependente.

Elevando-se em complexidade, deverá por isso mesmo collocar-se em uma ordem superior da escola encyclopedica. Depois do que temos exposto, a serie das sciencias abstractas ficará completa na ordem seguinte: mathematicas, physica, chimica, biologia (com uma secção superior—a psycho-physiologia, ou somente psychologia logo que se torne independente), moral, sociologia—sciencias sociaes particulares.

.

Vejamos agora algumas considerações sobre as sciencias concretas. Trataremos dellas succinctamente e apenas para salientar o pensamento de Augusto Comte.

Estas sciencias teem para aquelles que admittem a sua realidade, uma classificação, cuja escala se extende paralelamente a das sciencias abstractas.

Comte não admittia a existencia de verdadeiras sciencias concretas e expoz sua opinião a este respeito no primeiro volume do seu *Sistema de Politica Positiva*.

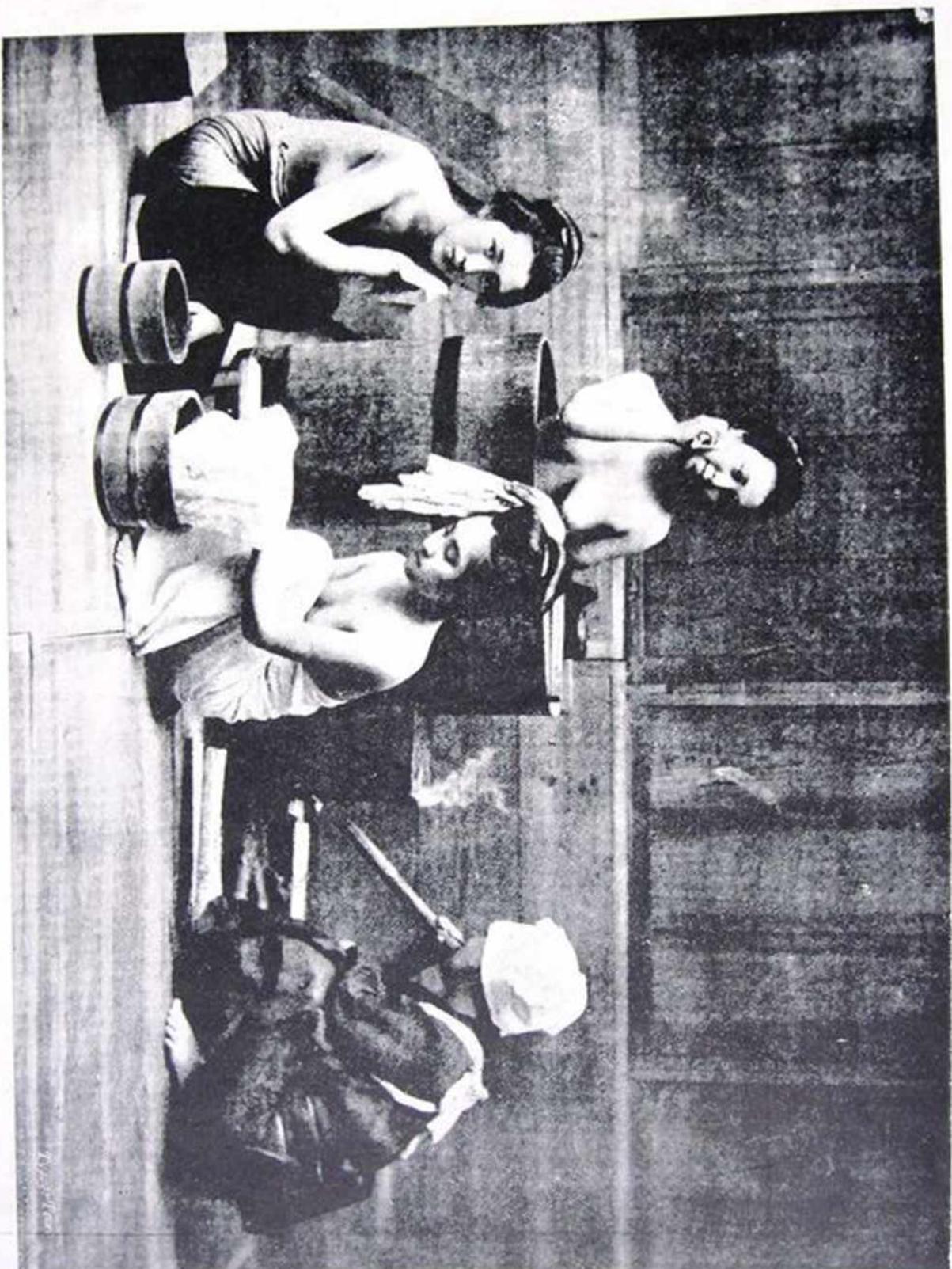
Segundo seu modo de ver, nada havia ahí a organizar em vista da prática industrial, social, política, etc., elementos, noções, principios estabelecidos e fornecidos pelas sciencias abstractas,—designadas por este termo as disciplinas que comprehendem em sua acção os próprios phenomenos, abstracção feita dos resultados tangiveis, que provem de sua acção combinada.

H. Spencer attribuiu—às palavras *sciencias abstractas*, um sentido diferente.

Designou por tal as sciencias que elaboraram noções puramente intellectuaes, subjectivas, como por exemplo, as noções que se encontram em lógica e regem phenomenos que na realidade con-



N. 7—PASSEATA DE CRIANÇAS



A VIDA NO JAPÃO—Um banho em família

A REVISTA DO NOTTE

MARANHÃO—BRAZIL



N. 8—LAVRADOR JAPONEZ PONDO EM MOVIMENTO UM MOINEO PARA
IRRIGAÇÃO DOS CAMPOS

creta não se encontram, taes como um ponto geometrico, sem extensão de especie alguma, uma linha sem espessura nem largura, um plano sem espessura, reservado o nome *concreto* ao que cai sob os sentidos.

Partindo dahi, estabeleceu trez grandes classes de sciencias: *as sciencias abstractas*, *as abstractas concretas* e *as concretas*.

Ao primeiro exame nota-se logo que esta classificação apresenta menor homogeneidade que a de Comte, alem de uma complicação inutil, que a deste evitou.

Mistura-se alli a ordem concreta com a abstracta, resultando, pois, confusão á sua comprehensão.

E' mais simples e racional para os que, tambem contrarios a opinião de Comte, admitem sciencias concretas, classifical-as a parte, parallelamente ás sciencias abstractas, como o fez Manouvrier, que adicionou ás duas series paralelas, uma terceira scien-*cia* comprehendendo as disciplinas, que tendem para a pratica e que permitem agir sobre a natureza physica viva e moral, modificando a sua accão no meio dos interesses da civilisação.

Como vimos, o principio de hierarchisa-

ção scientifica de Augusto Comte, apezar de erroneas apreciações e odiosas objecções, cada vez mais se eleva victoriosamente do grande monumento philosophico e scientifico deixado por seu poderoso espirito.

Vizeu—Pará—1904.

Machado Junior.

DESDEMONA

Sob as cortinas, pallida e risonha,
No leito azul, entre os cabellos d'ouro,
Ouvindo os anjos candidos em córo,
Desdemona dormita e sonha... e sonha.

Vae desmaiando a lampada tristonha...
Dorme feliz o cherubim tão louro,
Dorme sonhando... acerca-se-lhe o Mouro:
Tinha no olhar a colera medonha.

Sorrindo accorda aquella flor divina,
Fita no entanto a lagrima que corre
Na fulgorante lamina assassina.

E quando sente o golpe do cutelo
Geme, estertora, desfallece... e morre
Pelos ciumes tragicos de Othelo.

ALUZIO PORTO.

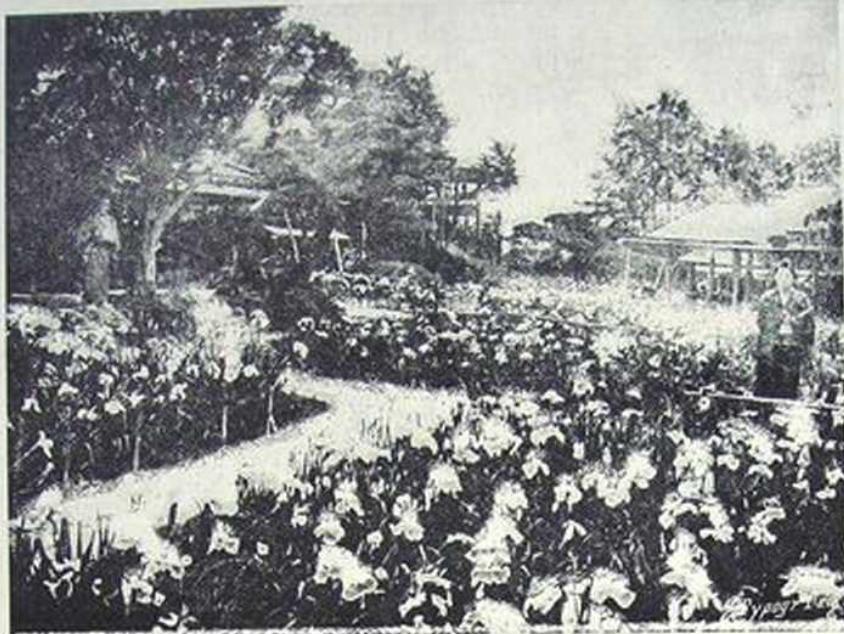
Hypnotismo

Luiz, o noivo apaixonado de Leonor, a formosa menina de desseis annos, formosa como uma garridice de criança, não acreditava em suggestões hypnoticas. O numero dos incredulos como elle era extraordinario, e para arraigar mais a sua incredulidade, resolveram fazer uma sessão de hypnotismo. O local escolhido para tal fim foi um bellissimo jardim da casa de Luiz.

A' noite, pela folhagem balouçante da aragem que, osculando todas as perfumosas flores do jardim, enchia o ambiente de um aroma inebriante, a lua filtrava os seus esbranquiçados raios e prateava a superficie limpida de um regato que se espreguiçava por entre margens verdejantes e floridas.



N. 9—JAPONESAS JOGANDO CARTAS



N. 10—IRIS EM FLORES NOS JARDINS DE HOKKEI

das, dando ao jardim um aspecto deslumbrante. Começou a sessão e o primeiro a ser hypnotizado foi Luiz, o noivo apaixonado de Leonor.

Submeteram-no à varias provas e por fim sugeriram-lhe a idéa de assassinar a sua noiva no dia imediato pelas sete horas da manhã.

Incredulidade atroz, fatal, sinistra.

Luiz ia ceifar inconscientemente, de um só golpe, aquella flor adorada, porque a veracidade do phénomeno hypnotico impeli-lo-a a fazê-lo.

Leonor talvez n'aquelle momento maldito pensasse na sua felicidade, na realização do seu ideal sonhado em noites de delírio, tributo dos seus desseis annos de mocidade.

E ella tinha somente desseis annos. Ao perfumar de desseis flores na primavera da vida, a existencia é sempre bella. Ha uma esperança em cada flor que vicia, um riso em cada aurora que surge e uma crença em cada madrugada que desponta. Ha tanta luz nessa idade, que as trevas do erro não podem apagá-las. Leonor era uma flor vícosa que abria ao sol brilhante da primavera da vida. Ella sempre alegre, risonha respirava o perfumado ambiente do presente, nem sequer cuidava no futuro. Dizia muitas vezes: se a existencia de hoje é um hymno de sorrisos e venturas, para que pensarmos no

dia de amanhã, que pode ser uma nenia de saudades e de lágrimas. Leonor brincava no perfumado lar da primavera e Luiz descaidado do seu futuro, applaudia os seus folguedos como o velho applaude os primeiros sorrisos da humanidade que se levanta.

Logo pelas seis horas da manhã do dia imediato, quando o sol começava a dardejar os seus ardentes raios sobre os pináculos das verdejantes montanhas do Oriente, Luiz, irrequieto, raivoso dava começo ao seu vestuário. Poz no bolso o retrato de sua noiva, e... juntamente o punhal assassinio. Chegando à casa de Leonor, encontrou-a recostada numa *chaise longue* com o busto meigo e doce ondulando com a arfagem suave do seio como um batel azul vogando em mar de neve. Na occasião em que Luiz entrou, caiu-lhe das mãos

a tragédia de Shakspeare—o Othelo.

Apertou-lhe convulsivamente as nevadas mãos, beijou-lhe pela primeira vez as faces nacaradas, segredou-lhe ao ouvido... (talvez o mysterio fatal da suggestão hypnotica) e quando no relogio soava a primeira badalada das sete horas, Luiz vibrava no peito virgem e offegante de Leonor o punhal inconsciente do assassino.

Incredulidade atroz, fatal, sinistra.

O. M.



N. 11—UM PASSEIO DE CARRUAGEM

Neblinas

Do alto da montanha nas, manhans de inverno, eu as vejo cahir uma por uma. O verde-escuro das mattas orvalhadas vai pouco a pouco turvando-se, e o meigo azul dos céus annuviendo-se a meus olhos vagos.

Somem-se depois e quasi de repente todas as casinhas da formosa villa; e só ouço em baixo, no fundo dos valles, os languidos queixumes da corrente que já quer banhar os cabellos louros da alvorada.

E eu me sinto feliz nessa rapida solidão, porque me parece, que minha alma se desprende de todas as paixões ruins para saudosa conversar commigo, como se fosse a tua imagem, ó minha amada, que me viesse embalsamar as magoas.

Então não creio que estou longe de ti, e a minha nostalgia evapora-se nas oscilações de um sonho.

Depois... tudo se apaga; um sol ardente abrasa todas as melancolias da natureza, e eu vejo um mundo para que não vivo, ouço uns threnos alegres que em mim não repercutem mais, sinto odores subtils que não ousam enebriar-me, e só me agrada o verde-escuro das mattas por ser cõr de esperança.

Aqui, ó minha amada, aqui, longe de ti, minha alma é como as manhans da inverno e as minhas saudades são pallidas neblinas.

Oscar de la Tour.



Tyssor Tex.

N. 11—UM MERCADOR DE OBJECTOS DE CERÂMICA, EM TOKIO

A emancipação feminil

Não obstante os frequentes clamores dos espiritos revolucionarios e innovadores, a mulher ainda não pôde constituir-se uma entidade perfeita, ainda não pôde proclamar a sua completa autonomia.

Familiarizada com as doutrinas e princípios que a civilização apregoa na sua passagem veloz e destemida no cyclo do progresso, ella não cança de exigir a sua emancipação política e social !



N. 12—JAPONESES NO LEITO

Julga-se uma escrava, considera-se uma vítima. Primeiro que tudo, excellentissima escrava e respeitabilissima vítima, de quem sois escrava e por quem sois victimada ?

Respondereis muito naturalmente, sem nenhuma relutância: pelo homem.

Mas eu faço minhas aqui as palavras de um dos vossos mais acrysolados defensores, d'aquele espirito brilhante de Dumas Filho, n'um dos seus bellissimos trabalhos:

«A mulher não tem razão quando declara que «não quer continuar a ser escrava do «homem, e quando, ao mesmo tempo, «julga poder viver independente.

«Em primeiro lugar, a mulher só «é escrava do homem quando ella «propria assim o quer, quando com «elle se casa, e nada, legalmente, a «obriga a casar-se. Em segundo lu- «gar, não pôde ter vida à parte, inde- «pendente do homem, pois que este «desempenha certas funções mate- «riais que a mulher não pôde desem- «penhar, e sem as quaes a vida à parte «e independente, que ella para si re- «clama, nenhuma segurança teria, e «até se tornaria impossível; assim «o homem é soldado e a mulher «não é.

«Depende ella pois do homem,

ainda mesmo quando se conserva celibataria, para a defesa do seu lar.

Quanto à sua escravidão, tal escravidão, repetimos é voluntária; ella é legalmente livre, tão livre, mais livre do que o homem, desde que completa vinte e um annos, e nenhum poder no mundo poderia privá-la da minima parcela d'esta liberdade legal, se ella quiser conservá-la, liberdade muito mais lata, muito mais vantajosa—sempre legalmente—do que a enossa».

Alem d'isso fazer a emancipação da mulher sem ter ella uma completa orientação política e social, com a educação que tem, será irrefragavelmente o detimento da sociedade que não se poderá assentar sobre alicerces solidos e inconcusos, pela irresolução, inconstância e falta de iniciativa, symptomas caracteristicos da mulher em sua quasi collectividade.

Ainda mais: a emancipação feminil trará inevitavelmente a dissensão no lar e abalará sensivelmente a família que combatendo progressivamente, se desmoronará por fim.

A emancipação feminil parece-nos até um absurdo.

Vejamos o fundo das cousas.

A concepção scientifica tem-nos claramente provado a fraqueza congenita do organismo phisico da mulher, fraqueza que se manifesta em todos os seus actos.



N. 15—JAPONESES A EXECUTAREM TRECHOS MUSICAS NOS SEUS INSTRUMENTOS ESPECIAIS

Ora um organismo fraco é indubitablemente incapaz de arcar com os obstáculos e labores na luta pela existencia, esse drama sinistro de que fala Darwin.

Eduque-se mais a mulher e restrinja mais as raias de suas aspirações.

Procure seu triumpho nos cantos ardentes dos poetas que a immortalizam, na tela scintillante dos pintores que a perpetuam, no marmore glorioso dos estatuarios que a eternizam.

Procure seu triumpho nessa doutrina luminosa e santa que ella tão ardente mente sabe evangelizar, nessa luz esplendorosa e bella que irradia de seus olhos, nesse perfume suavissimo e inebriante de uma flor que se fecunda no aduto de sua alma, n'esse gorgojo mavioso e limpidio que se escuta no ninho mysterioso que ella guarda no sacrario immaculado do coração, nessa palavra de uma doçura deliciosa e estranha e que seus labios murmuram—o amor que é causa muito alta e muito nobre na mulher, como diz Michelet.

Faça isto que já tem feito muito e talvez o mais que pôde fazer.

Fazer a séde effectiva nos prazeres intelectuaes é fazer desapparecer a esthetic e cruzar os braços o artista que ficará irrevogavelmente sem musa que lhe inspire, sem idéal que o illumine, sem modoio para suas criações, pois musa que faça preleccões de matematica, idéal que discuta questões juridicas, não pode inspirar senão um sentimento de aversão ao artista que o sonha de outro modo, que o observa por outro prisma.

A mulher, julgamos, é ingenua de mais.

Por ver o adstricto campo de suas aspirações ir tomando mais vulto, ampliando-se e desenvolvendo-se mais, e a sua missão não ser simplesmente, unicamente mulher, mas deputada, medica, caixearia, advogada e *tutti quanti*, julga isso causas primordiaes, iniciamento de sua emancipação individual.

(A seguir).



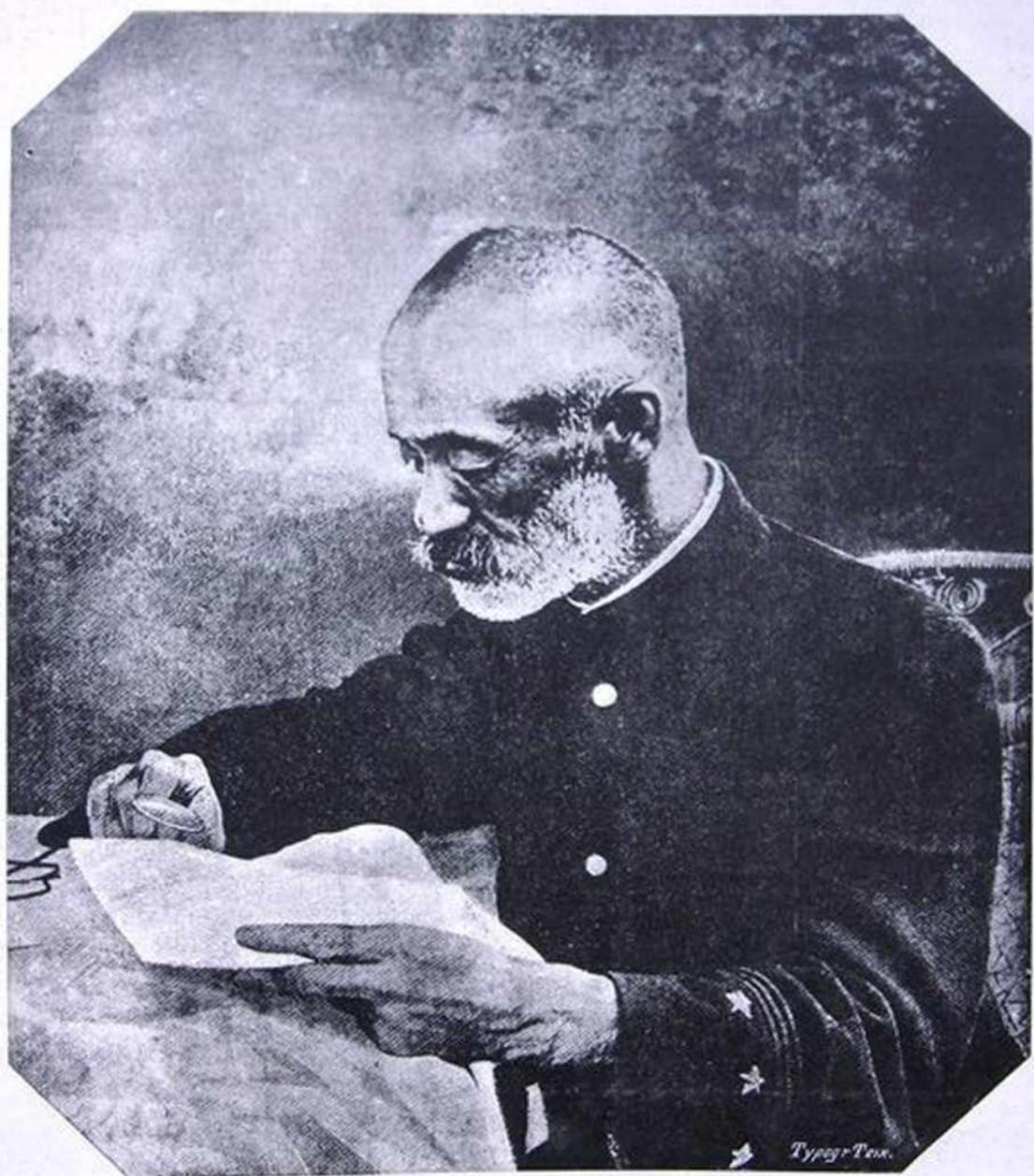
M. 11—UM VENDILHÃO DE TRAVESSEIROS E DE COLCHAS

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Fevereiro de 1905

Num. 83



O general japonez Nogi, adversario do general russo Stoessel

As origens do conflito russo-japonez

O desacordo d'onde resultou a guerra em que actualmente se empenham a Russia e o Japão nada mais representa do que a consequencia logica do movimento de expansão que arrasta esses dois países a estenderem a sua influencia na China do Norte.

Nestas condições, para bem comprehender a natureza e a importancia dos interesses que se entrecocam, necessario se torna retroceder sobre os factos que, pelo seu encadeamento logico, determinaram a situação actual.

Desde a época, já longínqua, em que a Russia se estabeleceu no litoral do Pacifico, o seu objectivo principal tem sido sempre descer para o sul, buscando adquirir nesse oceano um porto livre dos gelos. O grande estabelecimento militar do Vladivostok, fundado em 1860, não correspondia exactamente ás condições desejadas.

A partir de 1891, a construção do caminho de ferro transsiberiano veio dar a semelhante política um carácter de imperiosa necessidade. Todavia, para pôr em prática semelhante programma, era necessário esperar que um enejo favorável se apresentasse, e a Russia dispôz-se a aguardar pacientemente a marcha dos acontecimentos, segura de que nenhum concorrente se manifestaria a contrariar os seus projectos. Semelhante especulativa, porém, foi bruscamente interrompida pela guerra sino-japonesa que simultaneamente pôz em evidencia, não só as ambições do Japão, como também a importância deste novo factor na política do Extremo-Oriente.

Foi, com efeito, como todos sabem, uma divergência com relação à Coréia que provocou o conflito. Este país, que, há trez séculos atrás, pertencia ao Japão, passara em seguida para a suzerania da China.

Em 1876, o Japão, cujas relações commerciais com a Coréia tinham sempre sido por demais activas e estreitas, impôs ao soberano de Séul (capital da Coréia) um tratado que tinha por fim abrir os portos de Fusán, Gensan e Chemulpo. Esta intervenção encontrava a sua justificativa na necessidade que experimentava o Japão de subtrair os seus comerciantes ás exações das autoridades coreanas. Animado pelo sucesso obtido, o Japão, nos anos que se seguiram, procurou por todos os meios, mesmo os mais violentos, abusivos e injustificáveis, assegurar a sua posição na Coréia e forçar a corte de Séul a introduzir varias reformas na administração interior do paiz, visando sempre está claro, os seus interesses particulares.

De 1876 a 1894, foi a Coréia constantemente perturbada por uma serie de conspirações, sedições palacianas e assassinatos, fomentados, ora pelos japonezes, ora pelo partido oposto, que encontrava apoio na China, potencia suzerana.

Em 1894, em seguida a uma perturbação dessa natureza e ao tumulto popular que a acompanhou, os japonezes fizeram desembarcar tropas em Fusán e Chemulpo e apresentaram a Li-Hsi, rei da Coréia,

um *ultimatum* exigindo a aplicação immediata de reformas radicais em todo o sistema de administração do paiz. A China apoiou a resistência oferecida por Li-Hsi ás pretensões japonezas, exigindo por sua vez do Japão a evacuação da Coréia. O resultado foi o rompimento da guerra entre as duas potencias orientaes. Em menos d'um anno os japonezes conquistaram a Coréia e a Mandchuria Meridional, destruiram a frota chinesa e apoderaram-se de Wei-hai-Wei e de Porto Arthur. As tropas do Japão preparavam-se para marchar sobre Pekin, quando a China assinou um armistício, enviando em seguida ao Japão, um embaixador, Li-Hung-Tchang, encarregado de negociar a paz. O tratado de Simonosaki, de 17 de Abril de 1895, consagrava a independencia da Coréia e a renuncia, por parte da China, a todo e qualquer tributo ou outra formalidade que implicasse vassalagem do paiz recentemente independente. Além disso estipulava esse mesmo tratado a cessão ao Japão da península de Liao-Tung, com Porto-Arthur.

Esta ultima clausula feria directamente os interesses da Russia, porque fechava definitivamente á sua influencia a Coréia e a Mandchuria meridional, privando-a, ao mesmo tempo, do porto em mar livre, que ella ambicionava para termino de sua via-ferrea transsiberiana. Apresou-se, pois, a Russia a pôr embargos á ligeireza do Japão, e afim de tornar mais efectiva a sua acção, associou á sua empresa a França e a Alemanha.

O Japão cedeu ante a colligação das tres potencias europeas e, a 8 de novembro de 1895, foi assinado em Pekin o tratado de retrocessão da península de Liao-Tung.

O resultado final da intervenção europea foi nullificar todos os resultados da victoria do Japão, impedindo-o de conseguir o alvo principal dos seus esforços, isto é: uma base na China do Norte que lhe permitisse isolar a península coreana e fazer assim sentir a sua acção sobre o governo de Pekin.

O governo japonês procurou desde então compensar os prejuízos sofridos, pelo reatamento da sua política anterior em Séul. Já em janeiro de 1896 havia elle obrigado o rei Li-Hsi a promulgar uma carta introduzindo reformas no reino. A rainha Min, que sempre havia sido a inimiga implacável dos japonezes, buscando contra elles sublevar a população coreana, pereceu assassinada, a 8 de outubro desse mesmo anno, num conspiração organizada pelo ministro do Japão. Suprimida esta adversaria tenaz, supoz o Japão que poderia d'ahi por diante obrar á sua vontade. Mas a Russia, cuja política até essa época ainda não se havia claramente feito sentir, começou desde então a contrariar os projectos japonezes, tomando o partido do rei, o qual, vendido-se ameaçado na sua vida, foi refugiar-se, no anno seguinte, na legação russa, ali permanecendo por muitos meses consecutivos. Na impossibilidade de estabelecer a sua preponderância exclusiva em Séul, o Japão resignou-se a transigir e assinou com a Russia, na primavera de 1896, dois tratados que organizavam na península coreana o condominium russo-japonez. Em virtude da segunda destas convenções, a Russia



SOLDADOS JAPONESES NO TRANWAY ELECTRICO DE SÉUL

tomava sobre si o encargo de velar pela pessoa do rei e assumir a direcção das finanças e do exercito, ao passo que o Japão ficava autorizado a exercer o direito de vigilância policial nas cidades de Séul, Fusan e Gensan, onde residiam importantes colônias japonesas, podendo para tal fim manter em cada uma dessas cidades as guarnições que julgassem necessárias, igual direito, de resto, sendo também reconhecido à Russia. A mesma convenção previa a construção, pelos russos, de uma linha telegráfica ligando Vladivostok a Séul e pelos japoneses de uma outra linha ligando Séul ao porto de Fusan; estas linhas telegráficas deveriam ser guardadas militarmente pelas duas nações contratantes.

Mas, em 1898, uma reviravolta brusca se produziu na política russa. A Russia retirou o conselheiro financeiro que mantinha em Séul e bem assim os instrutores encarregados de organizar e instruir o pequeno exercito coreano e concluiu a 25 de abril com o Japão uma nova convenção que representava o primeiro passo para o abandono da Coréa à influência japonesa. As partes contratantes, resava a nova convenção, desejando afastar de vez toda a causa possível de dissensões futuras comprometem-se a não tomar medida de especie alguma quanto à nomeação de instrutores militares e conselheiros financeiros na Coréa. O artigo 3 da convenção era assim concebido:

«A vista do grande desenvolvimento que tem tomado as empresas industriais e commerciais do Japão na Coréa, assim como do numero considerável de subditos japoneses residentes neste paiz, o governo russo por forma alguma embarçará as relações industriais e comerciais do Japão e da Coréa».

A conclusão d'esta amistosa transação, escrevia pouco depois o *Mensageiro Oficial*, de S. Peterburg, oferece á Russia a possibilidade de dirigir todos os seus esforços para a realização da tarefa histórica e essencialmente pacífica que lhe cabe nas margens do grande Oceano.

E' preciso, com efeito, procurar a causa desta mudança de atitude da parte da Russia, com relação a questão coreana, nas vantagens que esta potência soubera retirar da crise chinesa, entre as quais a mais importante foi de certo a aquisição de Porto-Arthur, isto é: de um porto no mar livre

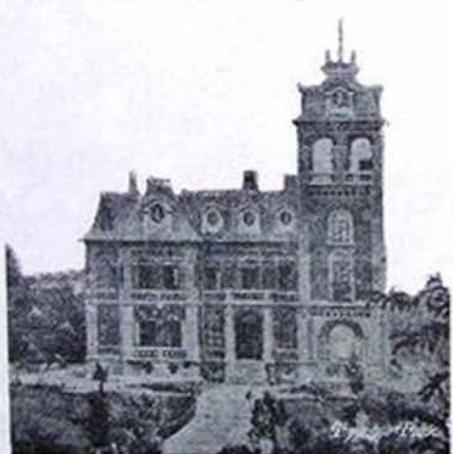
(tratado Russo-Chinês de 27 de março de 1898) com o direito de nesse fazer terminar o Transsiberiano, cuja construção através da Mandchuria fora já autorizada por uma convenção de outubro de 1895, ratificada em 1896. Favorecida pelos acontecimentos de 1900, a Russia precisou e desenvolveu o seu programa de expansão no norte da China. A insurreição dos Boxeiras havia tido a sua repercussão na Mandchuria; os cristãos foram massacrados nesta região e a linha russa que partia de Porto-Arthur sofreu prejuízos consideráveis; em fin, no mês de julho de 1900, a cidade Blagoveshchensk, sobre o Amur, fora atacada pelas tropas chinesas. Em presença destes acontecimentos e aproveitando-se da desordem da Europa, cuja atenção se concentrara exclusivamente sobre a sorte das legações sitiadas em Pekin, a Russia ocupou militarmente as três províncias chinesas que compõem a Mandchuria. Em seguida à entrada dos aliados em Pekin, esforçou-se ella por obter em favor da China concessões menos duras do que as apresentadas pelos representantes estrangeiros, na esperança secreta de invocar depois os serviços assim prestados alim de obter para os seus interesses particulares maiores vantagens. As suas esperanças realizaram-se: a 22 de novembro de 1900 foi assinada entre o general russo Korotovitch e o general tartaro Treng, uma convenção que teoricamente tinha por objecto determinar as condições nas quais a administração da Mandchuria meridional seria restituída aos chineses, mas que de facto estabelecia um protetorado completo da Russia nesta região. As praças fortes e os arsenais, bem como todas as munições, seriam entregues aos russos e um residente russo, com amplos poderes de inspeção, deveria residir em Mukden. A Inglaterra, então ocupada com os boers na África do Sul, curvou-se ante o facto consummado; a sua inquietação, contudo, continuou e em março de 1901, como se espalhasse o boato de que a Russia negociava com a China um novo acordo agravando as disposições da convenção de novembro, o governo inglês, associando-se aos Estados Unidos e ao Japão, conseguiu impedir o imperador da China Kuang-Su de sancionar as exigências russas. A Russia limitou-se a declarar, por uma nota inserida no *Mensageiro do Governo*, que ella continuaria a ocupar militarmente a Mandchuria até ao restabelecimento de uma si-



SOLDADOS DA CORÉIA, EXERCITADOS POR UM INSTRUTOR RUSSO

tuação normal em uma região limitrophe das suas províncias asiáticas.

Durante este tempo o Japão procurava desenvolver na Coréia as suas empresas commerciais e políticas. Em 1899 uma sociedade japonesa construiu uma via-ferrea ligando Chemulpo a Séul e em 1901 os japoneses obtinham a concessão de uma outra linha entre o porto de Fusán e a capital. As colônias japonesas na Coréia por seu lado cresceram em número e em importância e monopolizavam o tráfego dos portos. Mas se o domínio da expansão económica do Japão assim aumentava, por outro lado a sua influência política nenhum progresso accusava e os seus projectos de reforma encontravam tenaz oposição por parte do rei que, em 1889 se fizera proclamar imperador e cada vez mais disposto se mostrava a manter intactos os antigos costumes e usos do país. A Coréia achava-se entregue à anarchia e as empresas japonesas viviam sujeitas aos caprichos arbitrários dos palacianos. Por detrás desta hostilidade julgaram os japoneses descobrir a ação da Russia e, na verdade, não parece duvidoso que esta nação tenha, por meios secretos, procurado criar embarracos à influência japonesa. É certo que a Russia pelos accordos concluídos na primavera de 1898, revelava-se desinteressada pelos negócios coreanos e durante algum tempo mostrou-se fiel aos seus compromissos; mas a actividade crescente do Japão no Extremo-Oriente, a sua intervenção em Pekin, de concerto com a Inglaterra e os Estados Unidos, para combater os projectos russos sobre a Mandchuria e, finalmente, a sua pretensão, abertamente apregoada, de fazer a educação dos homens de raça amarela e contrabir uma aliança com a China, despertaram as desconfianças da Russia e modificaram profundamente o seu modo de encarar o problema coreano. Ela havia abandonado a Coréia às influências japonesas na esperança de que, em troca d'esta concessão, toda a liberdade lhe fosse assegurada para agir na Mandchuria; mas, desde o momento em que semelhante esperança se não realizava, a única solução que lhe restava era retomar em Séul a sua política interrompida em 1898. E foi o que ella fez a partir de 1900.



LEGACAO FRANCESA, EM SÉUL



LEGACAO BRITANNICA, EM SÉUL

Em presença d'esta situação, o Japão voltou-se justamente para aquela, dentre as potências ocidentais, cujos interesses mais se aproximavam aos seus próprios no Extremo-Oriente. Em dezembro de 1901, o marquês Ito, antigo chefe do gabinete japonês, dirigiu-se a Londres afim de entabular negociações com o ministério inglez, então dirigido por Lord Salisbury. A Inglaterra, que nessa época se achava a braços com a guerra sul-africana, desejava exactamente confiar a uma potência amiga o cuidado de vigiar de perto as manobras russas na China. O Japão carecia de um apoio moral susceptível, uma vez vencidas as dificuldades do sul da África, de transformar-se num concurso efectivo, sob o duplo ponto de vista militar e financeiro. A 30 de janeiro de 1902, um tratado de aliança offensiva e defensiva foi assinado entre a Inglaterra e o Japão. Eis as principaes disposições deste acto diplomático: Os dois países declaravam-se igualmente desejosos de manter a integridade da China e da Coréia e promptos a intervir para defender os seus interesses. Se a Grã-Bretanha e o Japão fossem levados, para salvaguardar os seus interesses, a fazer a guerra a uma outra potêncie, a outra parte contratante observaria uma estricte neutralidade e empregaria todos os esforços ao seu alcance para impedir que outras potências se juntassem ao adversário da sua aliada. Se esses esforços não produzissem resultado satisfatório e que uma ou mais potências se juntassem ao adversário da sua aliada, a outra parte contratante viria em seu socorro e só assignaria a paz ao mesmo tempo que ella. A duração do tratado foi fixada em cinco annos.

A 23 de fevereiro seguinte, a França e a Russia trocaram uma nota relativa ás consequencias eventuais do tratado anglo-japonês. Os dois governos da França e da Russia, dizia essa declaração, receberam a communicacão da convenção anglo-japonesa de 30 de janeiro de 1902, concluída no intuito de assegurar o *status quo* e a paz geral no Extremo-Oriente e de manter a independencia da China e da Coréia que devem permanecer abertas ao comércio e à industria de todas as nações e sentiriam-se satisfeitas por ali encontrarem a affirmation dos princípios essenciais que elles já por diversas vezes, tem declarado adoptar delles fazendo a base essencial da sua política. Os dois governos estimam que o respeito de semelhantes princípios



A LEGAÇÃO RUSSA, EM SÉUL.

constitue ao mesmo tempo uma garantia para os seus interesses especiais no Extremo Oriente. Obrigados, todavia, a encarar, por sua vez, o caso de, ou pela ação agressiva de terceiras potências, ou por novas perturbações na China, ser de novo postos em questão a integridade e o livre desenvolvimento desta última potência, ameaçando assim os seus próprios interesses, os dois governos aliados reservam-se o direito de agir em semelhante eventualidade como melhor lhes parecer, no intuito de salvaguardar os seus interesses.

A conclusão do tratado anglo-japonez teve como resultado accentuar o carácter da política russa na Coréa. O ministro da Russia em Séul, o sr. Pavlov, diplomata emprehendededor, cuja influência fortemente se fazia sentir sobre o imperador da Coréa, começou a trabalhar por todos os meios para contrariar os projectos japonezes. Todas as concessões solicitadas pela Russia eram promptamente concedidas, todas as reclamações do Japão eram indeferidas pelo governo da Coréa. Foi assim que a Russia obteve que de novo fosse posta em vigor uma concessão florestal nos vales de Tumen e do Yalu, concedida em 1897 a uma Companhia russa e a cuja exploração esta última, em virtude do protocolo russo-japonez de 1898, havia renunciado. Em 1902, uma missão russa, na aparente encarregada de explorar o país, instalou-se em Yugampo, cidade coreia vedada aos estrangeiros e ali construiu uma linha telegraphica, ao longo da qual foram collocados postos cossacos para garantir-lhe a protecção. No mês de agosto de 1903, esta mesma sociedade obteve o monopólio das madeiras que fossem pescadas flutuando sobre o rio Yalu bem como uma concessão de terras em Yugampo. Esta penetração política russa na parte septentrional da Coréa, descontentou profundamente o Japão, já irritado pelos manejos da diplomacia russa em Séul. O governo japonês protestou, reclamando a abertura de Yugampo a todos os estrangeiros. O imperador da Coréa, naturalmente aconselhado por Pavlov, mostrou-se surdo às reclamações japonesas.

A estas affrontas vinham juntar-se outras relativas à Mandchuria. Por um tratado de 8 de abril

de 1902, concluído com a China, a Russia se havia comprometido a evacuar esta região, reservando-se contudo o direito de fazer ocupar militarmente em toda a sua extensão a via-férrea que, partindo de Karbin, conduz a Dalny e Porto-Arthur. A Mandchuria, dizia o artigo 2º do tratado, seria evacuada em três secções, em moratórias sucessivas de seis meses, a contar da assinatura da presente convenção. A 8 de outubro de 1902, a evacuação da primeira secção (da Grande Muralha ao rio Liao) estava terminada. A 8 de abril de 1903, a segunda secção que comprehende a cidade de Niu-Tchuangnão se achava ainda evacuada. Em fins de junho começaram a circular boatos alarmantes. Dizia-se que o sr. Lessar, ministro russo em Pekin, havia assinado com a China uma convenção a respeito da Mandchuria e do porto de Niu-Tchuang, consagrando todas as pretensões do gabinete de S. Petersburgo. Semelhantes boatos eram inexactos mas, em compensação, cada vez se tornava mais evidente a pouca disposição da Russia a evacuar na Mandchuria. Este propósito do governo russo traduziu-se num *ukase* de 12 de agosto criando uma tenencia geral no Extremo-Oriente e reunindo sob uma direcção única os territórios do Amur e da Mandchuria meridional. O almirante Alexeief, titular d'esta tenencia geral, foi investido de poderes os mais extensos, sob o ponto de vista militar e diplomático. A partir d'esta época, as relações da Russia e do Japão cada vez mais se estremeciam. No mês de novembro os russos reocuparam Mukden e Haikden, que elles haviam evacuado no mês de abril de 1902.

Nos começos de dezembro de 1903 as negociações entraram na fase crítica e os dois Estados começaram a preparar-se abertamente para a guerra. Quais eram os pontos exactos que constituíam o objecto da discussão? A este respeito, via-se todo o mundo reduzido a meras conjecturas, porque os gabinetes de Tokio e de S. Petersburgo observavam uma descrição absoluta sobre a natureza das comunicações que entre si trocavam. Todavia, era opinião geral que as reivindicações do Japão diziam principalmente respeito à Coréia, onde considerações de ordem política e económica, de longa data lhe haviam criado imperiosas necessidades de expansão. A Coréa, com efeito, é o *débouché* natural para a população cada vez mais



CONSULADO JAPONÉZ, EM SÉUL.



LEGAÇÃO ALEMÃ, EM SÉUL.

densa nas ilhas meridionais do archipelago japonês, ao mesmo que constitue, por assim dizer, o celeiro de arroz do Japão. Nada mais natural, portanto, do que os esforços por este ultimo empregados para obter carta branca n'aquelle paiz. As notícias publicadas pela imprensa davam a Russia como disposta a ceder neste ponto e a reconhecer ao Japão, no sul da peninsula coreana, o direito de agir livremente, sob o ponto de vista dos seus interesses economicos. No norte d'esta peninsula, ao contrario, dizia-se que a Russia se oppunha á ocupação de portos fortificados por tropas japonesas, manifestando fortes desejos de ver constituída, de cada lado da fronteira corea-mandchuriana, isto é, ao longo dos rios Yalu e Tumen, uma zona neutra de 50 kilómetros. Não parecia de todo impossível qualquer transacção neste sentido. Era certo que o Japão reclamava a evacuação da Mandchuria pelas tropas russas, exceptuando apenas os destacamentos necessários à guarda do caminho de ferro; mas parecia que semelhante reclamação apenas era utilizada pelo Japão como um meio de obter concessões mais largas, porque era opinião corrente, que dada a situação de facto adquirida pelos russos na Mandchuria, seria difícil acreditar que o Japão pudesse alimentar a ilusão de ser bem sucedido na imposição que fazia á Russia de evacuar aquella região. O mais que esta potencia, na opinião europeia, poderia conceder neste terreno era o sistema da *porta aberta* á livre concorrência no dominio commercial e economico. A aprovação por ella concedida, no decorso do mez de janeiro, aos tratados sino-americano e sino-japonês que franqueavam ao comércio internacional Mukden, Antung e Tatung-Ku, e permitiam aos Estados Unidos e ao Japão instalar consulados nestas cidades, foi geralmente interpretado como um signal das tendencias conciliadoras da Russia e como um acontecimento que viria facilitar uma solução amigável da questão.

Na Europa, excepção feita da Inglaterra, a opinião unanime, apesar dos armamentos aos quais procediam, com febril actividade, os dois Estados interessados, sobretudo o Japão, era que o conflito se resolveria pacificamente. A Russia, com efeito, parecia disposta a exgotar todos os meios de conciliação, cedendo até ao limite extremo do

possível para evitar um conflito armado. As palavras pacíficas pronunciadas pelo Czar Nicolao em presença do corpo diplomático na recepção de 1º do anno russo; a decisão d'este soberano de retirar as negociações da tenencia geral no Extremo-Oriente e do Ministerio especial de quem directamente depende esta tenencia, para confiá-las ás mãos mais habéis e mais diplomáticas do conde Lamsdorf, chanceler do imperio; finalmente, a adhesão tacita dada pela Russia ao principio de uma mediação em que a França deveria agir, conjuntamente com a Inglaterra e os Estados Unidos, num terreno em que as duas potencias se poriam entender; tudo isto parecia indicar que o governo de S. Petersburgo buscava evitar a guerra. Mantinham todos a esperança de que estas disposições conciliadoras triumphariam da attitudem intransigente do Japão.

Os ultimos dias de janeiro e os primeiros de fevereiro foram assinalados por uma vivissima ansiedade; sabia-se que se achava imminente uma solução e que a Russia preparava a remessa para Tokio de uma nota de uma importancia capital. Subitamente, a 7 de fevereiro, soube-se, com verdadeiro estupor, que o governo do Mikado, sem aguardar a recepção da nota russa, tomara a iniciativa de uma ruptura das relações diplomáticas. Logo em seguida chegou a Europa a notícia de que, na noite de 8 para 9 de fevereiro, a armada japonesa, sem previa declaração de guerra, tentara o ataque de Porto-Arthur, e despedira torpedos contra dois navios russos, ancorados na enseada. Nenhuma duvida era mais permittida acerca do desenlace da crise: era a guerra.

Os manifestos ás potencias publicados pelos dois belligerantes, alguns dias depois da abertura das hostilidades, vieram fazer a luz sobre as negociações que haviam precedido a ruptura, permitindo a averiguación exacta dos pontos sobre os quais versava o desacordo. São elles em numero de dois. D'um lado, a Russia, embora consentindo em reconhecer ao Japão uma situação preponderante na Coréa, assim como o direito de para lá enviar tropas em caso de necessidade, recusava-lhe o direito de utilizar-se d'esta peninsula para fins estrategicos. Basta lançar os olhos sobre uma carta da peninsula coreana e do norte da China para comprehender os motivos que guiavam o governo russo. Por seu lado, o Japão exigia a introdução no tratado em perspectiva de uma clausula



LEGAÇÃO JAPONESE, EM SÉUL.

pela qual a Russia se compromettesse a respeitar a soberania e a integridade territorial da China. Esta clausula visava evidentemente a Mandchuria. Mas a Russia entendia que a Mandchuria deveria permanecer alheia à questão; apenas admittia a discussão sobre este ponto para obter do Japão a declaração de que esta região ficava fora da esfera dos seus interesses.

C. B.

Vladivostok, Porto-Arthur e Tchemulpo

VLADIVOSTOK — cidade marítima da Siberia oriental, capital da província do litoral, ao fundo do golfo de Pedro-o-Grande, formado pelo mar do Japão a 2.200 kilómetros de Irkutsk.

Ponto terminal do caminho de ferro transiberiano pelo vale de Ussuri.

Vladivostok, em 1860, não passava de uma simples aldeia de pescadores quando os russos aí se installaram, por occasião da ocupação dos territórios do Amur.

PORTO-ARTHUR (em chinez: *Liu-Chun-Ku*). Bahia e porto militar do mar da China, na extremidade sul da península de Liáo-Tung, sobre o estreito de Pe-Tchi-Li. Cérc de 14.000 habitantes, contando neste numero um forte contingente de chinezes e de japonezes. Commercio pouco activo. Porto-Arthur é, sobretudo, uma cidade militar.

O destino d'esta cidade, ainda muito nova, é singular e algum tanto dramático. Já em 1884, por occasião da guerra franco-chinesa, o almirante Courbet havia comprehendido toda a importância deste maravilhoso ancoradouro natural, dominando a entrada do golfo de Pe-Tchi-Li, propondo por essa occasião ao governo francês que o fizesse ocupar pela sua esquadra. A China procurou por todos os meios impedir a execução desses planos do almirante francês e começou a fortificar Porto-Arthur. Em 1894, por occasião do conflito russo-japonês, Porto-Arthur caiu em poder do Japão que se viu depois obrigado, em virtude da intervenção das potências europeias, a restituí-lo à China.

Quatro anos mais tarde, a China cedeu por arrendamento Porto-Arthur à Russia. Desde esta data os russos começaram a fortificar cada vez mais o porto que afinal acaba de cair em poder dos japonezes.

A cidade de Porto-Arthur, propriamente dita, acha-se situada sobre um pequeno lago interior, cercado de altas colinas, e que communica com o mar por um canal de 8 metros de profundidade. A entrada deste canal é assinalada por um pharol. Era aí que se achava ancorada a esquadra russa por occasião do ataque imprevisto de 9 de fevereiro.

TCHEMULPO. Cidade marítima da Coréia, sobre a Costa occidental da península, a 32 kilómetros ao oeste de Séul, numa bella situação ao fundo da baía da Imperatriz. Cérc de 6.000 habitantes, contando neste numero muitos chinezes e sobretudo japonezes. Nas mãos destes ultimos acha-se concentrada a maior parte do commercio, que comprehende a importação de fazendas de algodão, de metaes, e a exportação de couros, legumes secos, arroz, etc.

Tchemulpo é na realidade uma grande cidade sem industria e um porto pouco seguro por occasião das tempestades. Mas o ancoradouro apresenta uma importância especial em razão da proximidade de Séul, capital da Coréia e da embocadura do Han-Kiang que comunica, por um braço, com a baía da Imperatriz.

As embarcações de pequeno calado podem subir de Tchemulpo a Ryon-San, nas proximidades de Séul.

Tchemulpo, cuja situação havia sido reconhecida em 1866 por officiaes franceses, foi escolhido em 1882 por marinheiros ingleses como porto de desembarque das mercadorias que se destinavam a Séul. O porto foi, desde o anno seguinte, aberto ao commercio estrangeiro e desde então se tem consideravelmente desenvolvido.

Em primavera

(Ao Viriato Correia).

No pequenino esquife a pallida creança,
Entre nuvens de incenso e lagrimas sinceras,
Murchada sobre o peito a rosa da esperança,
Eternamente dorme o sonno sem chimeras!

No pequenino esquife, inerme, ella descansa
Das luctas infantis no chão das primaveras...
Ella sonha talvez. Uma alegria mansa
Palpita em derredor e reverdece as heras!

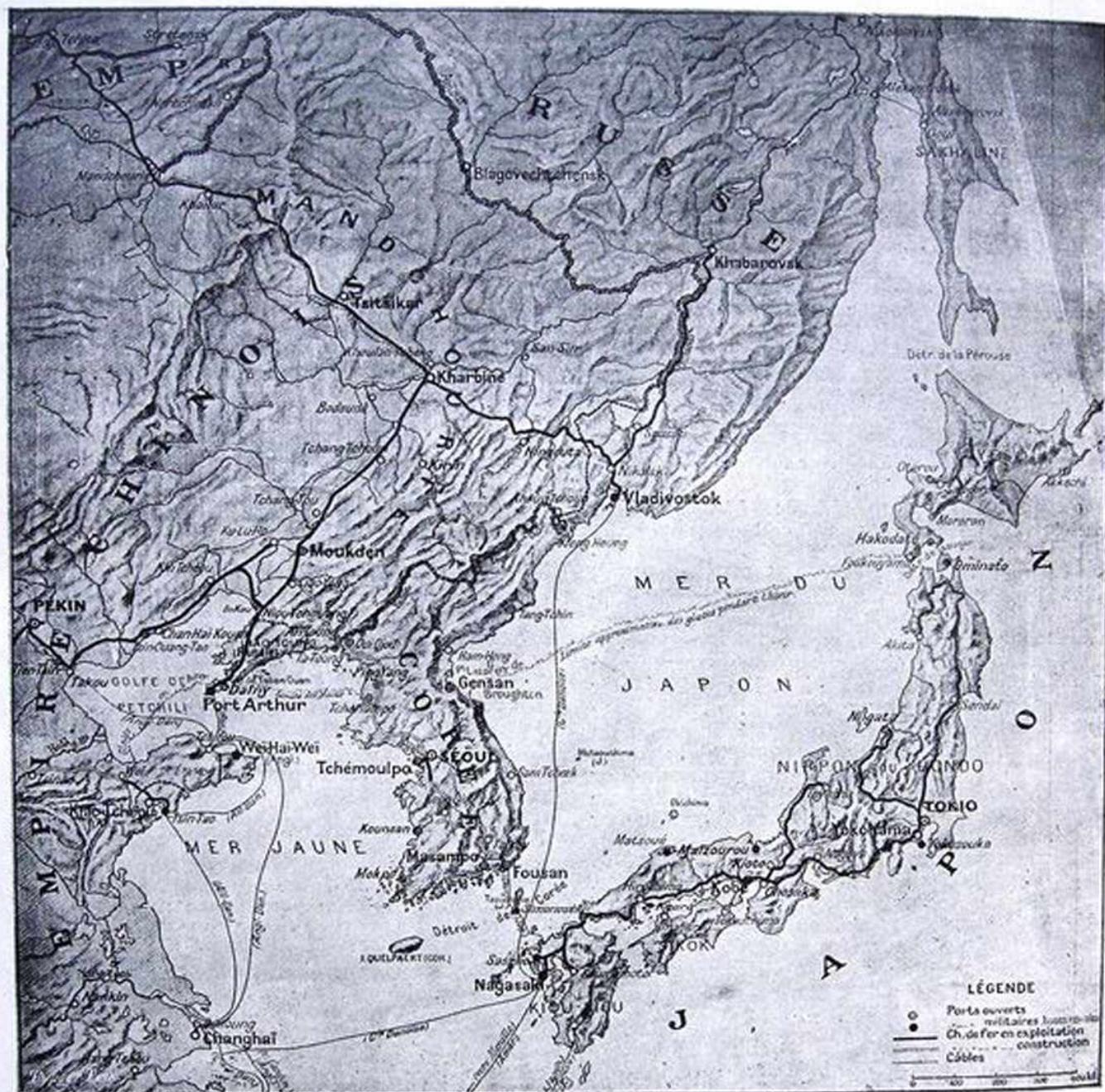
E emtanto a creancinha, inerme, loira, fria,
Nos finos labios morta a gárrula alegria,
Eternamente dorme em seu esquife estreito.

Escuta-se na alcova um soluço dorido...
E a triste mãe que chora o filho estremecido
Tão cedo arrebatado ao ninho de seu peito!

RAYMUNDO MONTEIRO.

— Rio —

O conflicto russo-japonez



Carta do theatro da guerra dando uma idéa exacta do relevo do solo

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Fevereiro de 1905

Num. 84



O bigode

(GUY DE MAUPASSANT)

CASTELLO DE SOLLES, 30 DE JULHO DE 1883.

Minha querida Lucia.

Não tenho novidade alguma a assignalar-te. Vive-mos no salão, vendo cair a chuva porque impossível se torna sahir com um tempo d'estes. O nossounico divertimento consiste no desempenho de pequenas comedias. Ah! minha querida, como são ineptas as peças de salão do repertório actual! Ausencia completa de espirito, de naturalidade, de graça e de elegancia. Os gracejos são pesados e insultos, as situações simplesmente estupidas. Na verdade, os nossos homens de letras nada conhecem da sociedade chic. Ignoram completamente como se pensa e como se fala na nossa roda. Poderia perdoar-lhes o desprezo dos nossos costumes, das nossas convenções, dos nossos modos, mas a ignorancia, isso nunca! Para affectarem finura buscam trocadilhos de palavras capazes de pôr em colicas de riso um quartel inteiro; para fingirem alegria servem-nos o espirito que a muito custo lograram colher nas alturas dos boulevards exteriores, nessas pretenciosas cervejarias de artistas onde, ha mais de cincuenta annos, são diariamente repetidos os mesmos paradoxos de estudante.

Emfim, representamos comedias para matar o tempo. Como somos apenas duas mulheres, os papéis de creadinho de quarto cabem a meu marido que para semelhante fim raspou a barba. Tu não avalias, minha querida Lucia, como elle ficou mudado! Chego mesmo a desconhecer-o... quer de dia, quer de noite. Se não deixasse imediatamente crescer o bigode, creio que chegaria a mentir aos meus deveres de fidelidade, tão feio o acho assim desbarbado.

E, na verdade, um homem sem bigode não é um homem. E note-se que não sou lá muito apaixonada da barba, acho mesmo que ella dá sempre

aos homens um certo ar de descuido e de negligencia que imensamente me desagrada; mas quanto ao bigode é outra coisa. O bigode é indispensavel a uma phisionomia viril. Nunca poderás avaliar como esta escovinha de pello nos beiços é deliciosa á vista e, sobretudo... ás relações naturaes entre esposos. Acede-me, a respeito d'isto, um montão de reflexões que quasi nem tenho coragem de te comunicar por escripto. De viva voz dir-las-ia todas, baixinho, ao ouvido. Mas é tão difícil encontrar a gente palavras apropriadas á expressão de umas tantas coisas, e algumas d'essas palavras, inteiramente insubstituiveis, ficam tão feias no papel, que não me sinto com forças de as traçar. Além d'isto, o assumpto é tão escabroso, tão delicado que seria necessaria uma extrema habilidade para aborda-lo sem perigo.

Emfim, procura ler nas entrelinhas e, se não comprehenderes, tanto peior para ti.

Quando meu marido me appareceu de barba raspada, comprehendi logo que nunca me sentiria atrahida, a ponto de faltar aos meus deveres, por um actor ambulante ou por um pregador, fosse este embora o Padre Didon, o mais seductor de todos. Mais tarde, quando me encontrei sosinha com elle, a coisa foi peior. Ah! minha amada Lucia, nunca te deixes beijar por um homem sem bigode. Os seus beijos não têm sabor de especie alguma. São insósscs, falta-lhes o necessário tempero que só lhes pode dar o bigode, porque o bigode, minha queridinha, é por assim dizer a pimenta do verdadeiro beijo. Imagina que alguém, para castigar-te, te fosse applicar sobre os labios um pergaminho, secco ou humido, (isso é indiferente) e ahi tens a sensação produzida pelo beijo de um homem sem barbas.

Mas, dir-me-ás tu, donde vem a sedução do bigode? Sei-o eu, porventura? Começa por causar a gente umas cocegas deliciosas que nos põem no corpo inteiro, até ás pontas dos pés, um calefrio encantador. E' o bigode que acaricia, que faz tremer a pelle, que dá aos nervos esta esquisita vibração que nos faz soltar os classicos gritinhos, como se estivessemos a tiritar de frio.

E no pescoço, então! Ah! é porque tu nunca sentiste um bigode roçar pelo teu pescoço!... Embebeda-nos, faz-nos delirar, desce-nos pelo dorso abaixo, até ás unhas dos pés. A gente force-se toda, enrosca-se, encolhe os hombros, joga a cabeça para traz, quer fugir e ficar ao mesmo tempo. É adorável e irritante, mas é bom como tudo!



E depois... ai ! minha querida Lucia... Um marido que nos ame sabe descobrir certas coisas, certos cantinhos que parecem feitos propositalmente para esconder beijos avidos, cantinhos de cuja existencia nós, reduzidas á nossa pobre ignorância, nem requer suspeitavamos.

Pois, sem os bigodes, esses beijos perdem o sabor, chegam quasi a ser inconvenientes. Explica-te esta esquisitice como puderes. Quanto a mim eis a explicação que lhe dei: um beiço de homem sem bigode é como um corpo nu, e tu bem sabes que tudo neste mundo, para valer alguma coisa, precisa andar vestido, levemente embora, mas sempre vestido.

O Creador (não tenho coragem, tratando d'esta coisas, de pôr aqui outro nome) o Creador teve o cuidado de velar assim todos os abrigos da nossa carne, onde se poderia esconder o amor. Uma boca raspada assemelha-se sempre nos mens olhos, a um bosque derribado ao redor de uma fonte onde a gente estava acostumada a ir beber e dormir.

Isto traz-me á mente uma frase de um homem politico, que hateras mezes não me sae da cachola. Meu marido, que acompanha todos os jornaes, leu-me uma noite um discurso singular do nosso ministro da agricultura que então se chamava o sr. Meline. Já foi elle substituído por outro ? Ignoro-o.

Eu quasi que não prestava attenção, mas este nome de Meline, fez-me lembrar, não sei porque, as *Scenas da vida bohemia*. Julguei que se tratava de uma *grisette*. O ministro fazia aos habitantes de Amiens, creio eu, a seguinte declaração, cujo

sentido até agora me tinha sempre escapado: «Não ha patriotismo sem agricultura». Pois esse sentido encontrei-o eu agora, para dizer-te, por minha vez, que não ha amor possivel sem bigodes. Parece-te muito engraçado, não achas ?

«Não ha amor sem bigodes».

«Não ha patriotismo sem agricultura», afirmava o sr. Meline. E tinha razão o ministro, bem o comprehendo agora.

O bigode, debaixo de um outro ponto de vista, é essencial, porque determina a physionomia. Dá ao seu possuidor o ar doce, terno, violento, debochado, emprehendededor. O homem barbado, verdadeiramente barbado, aquella que conserva todos os seus pelos (oh ! que palavra feia) na cara, esse não tem elegancia, nem distinção no semblante, porque os traços estão todos occultos.

O homem que só usa bigode, porém, guarda a sua expressão propria.

E que aspectos variados que tem esses bigodes... Frisados, retorcidos, coquettes, parecendo, antes de tudo mais, dispostos a amar as mulheres:

Ora são pontudos, agudos como agulhas, ameaçadores. Esses preferem o vinho, os cavalos, as batalhas.

Ora são enormes, pendentes, medonhos. Esses dissimulam quasi sempre um caracter excellente, uma bondade que toca as raias da fraquesa e uma docura que confina com a timidez.

Eu, pelo meu lado, o que prefiro antes de tudo no bigode é que elle seja frances, genuinamente frances, esse bigode que nos veio dos gauleses e que ficou como o signal distintivo do nosso caracter nacional.

E' parolero, galante e bravo. Molha-se gentilmente no vinho e sabe rir com elegancia, em quanto que os grandes queixos barbados são desagradados em tudo o que fazem.

Espera, lembro-me agora de uma coisa que me fez chorar como uma doida e que me fez tambem, agora me apercebo, amar os bigodes nos labios dos homens.

Foi durante a guerra, em casa do papá. Era eu entao solteira. Um dia houve uma batalha perto do castello. Desde pela manhã comecei a ouvir o barulho dos canhões e á noite um coronel alemão entrou-nos pela porta dentro e installou-se na nossa casa. No dia seguinte partiu. Vieram prevenir meu pae de que havia um grande numero de mortos no campo de batalha. Meu pae mandou juntar os cadaveres e traze-los para nossa casa para enterra-los todos na mesma fossa. A proporção que iam chegando, os homens que os traziam os iam alinhando ao longo da comprida avenida de pinheiros; e, como começassem a cheirar mal, atiravam-lhes pás de terra por cima enquanto não acabavam de abrir a grande fossa. De modo que apenas se lobrigavam as cabeças que pareciam sair do solo, com os olhos fechados.

Quiz ve-los; mas quando dei com aquellas filas de rostos medonhos suppus desmaiar; em seguida comecei a examina-los, procurando adivinhar o que tinham sido em vida aquelles homens.

Os uniformes estavam encobertos pela terra e



todavia eu distinguia logo os franceses só pelos bigodes!

Alguns tinham feito a barba na propria manhã do combate, como se quizessem guardar a linha elegante até a noite. A barba, contudo, tinha começado a renascer, porque tu bem sabes que mesmo depois da morte a barba ainda cresce por algumas horas. Outros pareciam haver esquecido a navalha, por mais de oito dias; mas todos inviolavelmente traziam o bigode francez, o altivo e nobre bigode que parecia dizer: — Não me confundas com o meu camarada barbado, pequena; olha que eu sou um compatriota!

E puz-me a chorar, querida, a chorar talvez mais do que se eu os houvesse conhecido em vida, aquelles pobres cadáveres...

Fiz mal em contar-te isto, querida, porque fiquei triste e incapaz de tagarelar por mais tempo. Adeus, minha querida Lucia, abraça e beija a tua amiga.

Viva o bigode!

JOANNA.

J. Ribas.

O ensino das congregações religiosas na França (1)

As congregações religiosas não chegariam a desempenhar na sociedade francesa o papel político e económico que desempenham se de longa data para isso se não houvessem aparelhado; foi nesse propósito que elas começaram por apoderar-se do ensino e é neste ponto que os seus defensores no parlamento com mais obstinação teem luctado.

(1) A questão da exploração das congregações religiosas da França tem apavorado o mundo inteiro, porque põe em jogo os maiores interesses da sociedade contemporânea. Julgamos, portanto, a propósito destacar, da brochura, faixa publicada em Paris pelo sr. Eugène Naville, intitulada «As congregações religiosas», o presente capítulo onde o autor documentadamente estuda a ação dessas mesmas congregações no ensino público da França.

O padre Gayraud, deputado, chegou mesmo a fazer algumas concessões ao projecto do governo sob o ponto de vista económico.

«Admitto, disse ele dirigindo-se aos seus colegas, que imponhaes certas condições à personalidade civil das associações religiosas, e nem mesmo faria grande oposição ao projecto actual se elle apenas visasse estabelecer que qualquer congregação religiosa não pode gozar dos seus direitos de entidade civil se a isso não for autorizada por um decreto expedido pelo conselho de Estado».

Mas, no tocante áfaculdade de ministrar sem restrições o ensino congreganista, não houve conciliação possível entre os defensores das congregações e os autores da lei. Nada mais natural do que semelhante desacordo, porque, para chegar a dominar os homens que mais tarde, pela importância da situação que adquirirem ou pela sua unica influencia de cidadãos e de eleitores, virão dispor dos destinos do paiz, só ha um caminho a seguir: começar cedo a catechese, imprimindo nos cerebros o cunho desejado, desde a infancia e accentuando-o durante a adolescência. E tanto isto é verdade que só agora é que a influencia das congregações se faz fortemente sentir porque é na actualidade que a semente do seu ensino, que ha trinta annos germina nos espíritos, começa a fructificar; os empregos publicos são actualmente invadidos pelos discípulos por elles formados durante o longo periodo de tolerancia cega de que tão bem se souberam utilizar.

Não discutiremos aqui o direito ilimitado reclamado pelos paes de darem aos seus filhos o ensino da sua escolha, em oposição ao direito contrário que invocam os defensores do Estado a favor da fiscalização por este ultimo do ensino publico, mesmo d'aquele que não é dado nos seus estabelecimentos, porque semelhante discussão ultrapassa os nossos intuiitos. Limitar-nos-emos simplesmente a examinar se a situação actual apresenta caracteres tais que exijam a intervenção do Estado.

De uma maneira geral, como o fez notar o Ministro da Instrução publica, não se pode separar a política do ensino publico porque quem monopoliza a instrução e a educação monopoliza o futuro. Deixando de parte a questão do monopólio do Estado em matéria de ensino, pode-se, todavia, admitir que o Estado tem o dever de informar-se se o ensino ministrado fora dos seus estabelecimentos acha-se a cargo de pessoas capazes, se não é contrário aos princípios das instituições do paiz, e, sobretudo, se não visa semear a discordia e o odio entre os seus cidadãos.

Na actualidade, approximando os dados fornecidos pelo relator do projecto de lei dos apresentados pelo deputado Aynard, um dos adversários do mesmo projecto, vemos que as congregações teem entre as mãos, no ensino primário, 1.000.000 crianças pouco mais ou menos, e no ensino secundário cerca de 32.000; nos documentos de origem congreganista encontram-se informações que variam para mais ou para menos, conforme o interesse dos organizadores dessas estatísticas. O numero exacto parece ser de 2 milhões

de creanças. Com relação ao conjunto da população escolar, as congregações dispõem de um terço dos alunos do ensino primário e de metade dos do ensino secundário.

Estas cifras bastam para justificar as inquietações do Estado, se é que elle tem alguns motivos para acreditar que será hostil à natureza do ensino fornecido nas escolas congreganistas. Não se pode absolutamente censurar o legislador que se preocupa do modo por que é instruída a metade das crianças do seu paiz. De resto a progressão constante que oferece o número destas escolas é de natureza a impressionar o espírito do governo: de 1887 a 1901 o número das escolas congreganistas secundárias subiu de 430 a 448. Quanto aos jesuítas, apesar de interditos, possuem elas actualmente 29 colégios na França, contra 16 que mantinham em 1870, e a informação a este respeito é fiel, porque vem do Padre Du Lac.

Que seja isto um bem ou mal é outra questão, mas o facto capital é que nenhum francês preoccupado com os destinos do seu paiz pode deixar de perguntar a si mesmo se deve regosijar-se ou inquietar-se com esta situação.

Não é, portanto, para admirar que os adversários do ensino congreganista tenham examinado os livros dos teólogos, em uso nos seminários, trazendo para a câmara o resultado das suas pesquisas. As abomináveis doutrinas dos jesuítas, condenadas pelas assembleias ecclésicas, pelas universidades, por 411 arcebispos e bispos, por 14 papas, encontram-se ainda hoje em certas obras, como a «Theologica dogmatica et moralis», do Padre Vincent, edição de 1899, que serve de regra de formação moral em 67 seminários diocesanos da França. Com este livro, afirma o relator do projecto de lei, ainda hoje se ensina, como doutrina oficial da Igreja:

«A these da restrição mental que permite a mentira; a direcção de intenção que permite todos os delitos; o probabilismo que os justifica, isto é, que institui ao lado da verdadeira honestidade, ao lado da honestidade da gente de bem uma falsa honestidade para os patifes.»

O relator cita alguns trechos deste livro de moral.

A propósito do probabilismo:

«O confessor deve ter em vista a pessoa e as circunstâncias para de acordo com elas dar os seus conselhos. Algumas vezes convém aconselhar o que é somente provável e não o mais provável, porque é possível que a pessoa que solicita o conselho não esteja disposta a seguir a opinião mais segura, e seria assim exposta ao perigo de pecar. Todavia o que dá o conselho deve agir de forma a que o público não possa ser escandalizado.»

A propósito da simulação e da hipocrisia:

«A simulação deixa de ser uma verdadeira mentira se se traduzir por actos e não por palavras, porque os actos não são por sua natureza, assim como as palavras destinados a significar alguma coisa!»

Por consequência, commenta o relator, se uma pergunta a qual deveríeis responder por um *sim*, responderdes *não*, mentis, commetteis pecado;

mas, se em vez de articular a resposta, fizerdes um gesto de negação, não mentis, ficais isento do pecado.

Sobre a restrição mental:

«É permitido para uma causa justa e proporcionada servir-se a gente de restrições largamente mentes... Por exemplo, uma esposa interrogada pelo marido sobre se ela é culpada de um adultério que realmente commeteu, pode responder «Estou inocente», subentendendo «porque já recebi a absolvição!» E certo, diz Belluard e outros, que semelhante resposta não passa de restrições largamente mentes e por consequência licitas.

Sobre o capítulo do laço conjugal nem mesmo em latim será permitido fazer citações, sem gravemente offendere ao decoro e à decência.

A respeito do roubo ensina-se que os furtos leves commetidos em prejuízos de pessoas diversas, não passam de falta venial; portanto, nota o relator, tendes o direito de roubar cem sous de cada vez e assim chegareis a fazer fortuna sem cometer pecado mortal.

Com relação à liberdade de consciência, a teologia do Padre Vincent ensina que: «Se num paiz reina a unidade de fé católica o Estado deve lançar mão de todos os meios para repelir as novidades de doutrina, os sophismas. Em semelhante paiz a heresia é crime público, porque tudo o que é feito contra a religião divina atinge a todos os membros da sociedade».

«A these, commenta o relator, cifra-se nisto: todas as vezes em que fordes os mais fortes a vossa consciência vos obriga a opprimir aquelles que não pensam como vós; somente quando fordes fracos e portanto impotentes para impor a vossa doutrina é que deveis consentir na liberdade».

Nessas poucas palavras acha-se resumido todo o programa clerical.

Este livro ensina ainda que a igreja pode e deve reprimir os que se afastam da verdade por penas temporais e corporais tales como a prisão, a flagelação, a tortura, a mutilação e a morte.

Se os discípulos dos seminários instruídos em semelhantes preceitos os transportarem para as escolas que por seu turno forem reger, de que inapagável cunho serão marcados os homens, que, crianças ainda, lhes forem confiados? Se as congregações devem ser admittidas a ministrar o ensino público, será exigência descabida reservar semelhante faculdade para aquelles que, por uma lei especial, para tal fim tenham recebido a competente autorização? E o que pretende o legislador de 1901, sem que por isso possa ser taxado de jacobino.

Poderíamos citar agora aqui uma outra obra do mesmo gênero, muito em voga nos seminários, do Padre Gury, cuja 7.ª edição de 1885 recebeu a aprovação dos bispos de Tours e de Lyon e da qual se acha em via de publicação uma nova edição com a aprovação plena do Papa. Esta obra de teologia moral é acompanhada de um manual de casos de consciência destinado ao uso do confessor, manual bem conhecido na Suíça, porque é adoptado para o ensino dos alunos do seminário de Soleure. O manual do Padre Gury é por demais

recente, e por isso pode ser considerado como a base actual da moral que é ensinada aos futuros sacerdotes e congreganistas. Pode, pois, ser consultado útilmente pelas pessoas de quem depende a autorização às congregações em geral ou a algumas delas em particular para ensinarem a mocidade francesa. Encontram-se aí as theses seguintes, dignas de serem assinaladas aos liberaes que repellem todo o freio á liberdade do ensino congreganista.

Sobre o roubo encontrar-se-a, no capítulo II, numerosas subtilezas que permitem absolver o ladrão; ver-se-á, entre outros, o direito que tem os criados de aumentarem os seus ordenados por compensações ocultas em detrimento dos seus patrões, quando avaliarem o seu trabalho insuficientemente remunerado.

Num capítulo sob «o dano causado injustamente», ficar-se-á sabendo, pelo caso II, que se pode licitamente aceitar dinheiro para não denunciar um culpado. No mesmo capítulo ha o seguinte caso, sob o n.º 11, por demais suggestivo:

«Curtius dá a Didymo, que lhe pede de beber, uma bebida envenenada, na intenção de fazê-lo morrer; Julio que se acha presente, toma, gracejando, a vasilha das mãos de Didymo, esvazia-a e morre pouco depois».

Pergunta o autor:

«Curtius deve indemnizar a infeliz família de Julio?» E o mesmo autor responde pouco adiante:

«Curtius não é obrigado a reparar o mal, se não podia impedir Julio de beber sem trair o seu crime ou correr perigo de morte. E a razão vem a ser que esta morte de Julio não foi o efeito da vontade de Curtius, pois que elle não podia prever este caso e nem era obrigado, correndo um perigo de morte certa, a impedir uma morte que não previa. Foi, portanto, por mero acidente e contra a vontade de Curtius que se deu a morte de Julio. Por consequência, Curtius não foi a causa *efficaz*, mas a *simples occasião*; porque Julio foi quem se matou tomando uma bebida que lhe não era destinada».

Nos casos relativos aos «Estados particulares», encontra-se um numero 11, concernente ao juiz Pertus que recebe presente dos advogados e o professor de teologia moral decide que: «O magistrado não pode guardar os presentes para pronunciar um julgamento justo, porque semelhante julgamento não pode ser objecto de um contrato. Mas pode provavelmente guardar os presentes para pronunciar um julgamento iníquo».

Busembaum já havia tratado d'este caso antes do Padre Gury, explicando que o juiz, expondo-se a perder a sua reputação, tinha direito a receber uma indemnização.

O caso IX, sobre «o noivado» é interessantíssimo:

«Edmundo contractou casamento com Helena, rapariga da mesma condição que elle e disposta de fortuna igual; mas, na véspera do casamento recebe Edmundo a herança de um tio que acaba de falecer. Deixa imediatamente Helena para desposar uma outra mulher tão rica como elle».

A propósito d'este caso, o autor dirige o confessor da maneira seguinte:

«A opinião mais provável é que não se deve inquietar Edmundo por ter rompido o seu compromisso após o recebimento da herança, porque ella vinha estabelecer uma grande diferença de condição entre elle e a sua noiva. Esta razão só pode prevalecer no caso de não poder a herança ser prevista pelo noivo».

Um bellissimo princípio de moral desprende-se também do caso III sobre o consentimento condicional do casamento:

«Patrício, moço de uma família nobre, mas pobre, tem uma tia rica, que deve constituir-lhe herdeiro universal, caso faça elle um casamento que lhe seja agradável a ella. Viajando fora da sua pátria, e aproveitando-se de uma occasião propícia, Patrício deshonrou Martinha, promettendo-lhe casamento, e deixando-a gravida. Ameaçado pelo pai da vítima, Patrício desposa-a, sob a condição de aprovação por parte de sua tia, visto como elle não poderá, sob pena de perder a herança, ir ao encontro da sua vontade. Ora, a persuasão de Patrício era que a sua tia negaria o seu consentimento ao enlace, mas o pai de Martinha, auxiliado por um amigo, mette empenhos e consegue que a tia de Patrício approve o casamento. Patrício, tendo conhecimento d'este facto, volta à pátria e aí desposa outra rapariga».

Eis agora o modo por que o autor aconsela ao confessor a absolvição de Patrício:

«O primeiro casamento de Patrício não tem valor devido à falta de um consentimento real; não querendo casar-se com Martinha, elle apenas deu um consentimento fictício. A razão d'isto é que ao dar um consentimento condicional, Patrício estava convencido de que a condição não se realizaria. Logo este consentimento é nulo e nulo também o casamento que delle decorreu. E quando as razões alludidas não bastassem para provar essa nullidade, ah! tinhamos o facto da sua fuga, o que claramente revela que Patrício não se julgava ligado por este casamento».

(A seguir).

O ultimo adeus

Ia bem longe a nau... e o rei proscripto
já não mais via a terra em que reinara.
O oceano parecia-lhe um Sahára,
e a voz da vaga o canto do precito...

E a elle—do paiz que tanto amara,
restava agora vér, nesse infinito
das ondas, uma lasca de granito,
onde a outros o imperio desterrara...

Dceu-lhe o coração... e um pombo branco,
(como se a aliança fosse a manceilha)
soltou em busca do escarpado flanco...

Toldou-se o mar... o céo tornou-se stygio,
E muito ao longe, o pombo sobre o ilha,
mostrou-se ao rei como um barrete phrygio !...

Danshee de Abranches.

A orchidéa e a aranha

Paco Cardenas, de volta de uma das suas viagens ao redor do mundo, começava a sentir-se aturdido em meio do rebolico da vida elegante. Todo entregue até então aos seus estudos náuticos, impavido diante das ondas e das tempestades, era comitudo de um acanhamento e de uma hesitação extremas quando entrava em contacto com as *sereias* de terra.

Uma d'ellas então empolgou-lhe definitivamente o coração. Encontrou-se o jovem oficial de marinha com a encantadora rapariga num baile aristocrata, em Buenos-Ayres; e a impressão que lhe causou a superior belleza e as inexcedíveis graças d'esse bello *specimen* feminino, irrompeu-lhe logo dos labios, exteriorizada em palavras apaixonadas. A formosa criatura escutou-o sem perder a calma e quando o rapaz terminou a sua declaração de amor, começou a dizer-lhe:

—E' muito bello tudo isso que me acaba de contar... Mas eu careço, para acreditar na sinceridade da sua paixão, de uma prova maior de que as que me oferece.

—Que prova é essa?

—Que leve sabbado, ao baile da casa de minha tia Luiza, uma orchidéa semelhante áquella que tem a Martinez.

—E que destino reserva a essa orchidéa?

—Veremos depois, replicou a jovem atirando ao enamorado oficial um olhar provocante.

A orchidéa a que alludia a rapariga era um formoso exemplar da *lelia elegans*, difficilímo de encontrar naquella estação. Paco, porém, não se deixou intimidar por semelhante dificuldade e logo no dia seguinte atirou-se á procura da orchidéa. Depois de muito andar, conseguiu de uma florista a garantia de que no dia e hora combinados estaria á sua disposição a parasita.

Louco de alegria, vestiu-se Paco na noite de sabbado para o baile, tomou o carro e deu ao cocheiro o endereço da florista.

Mas, que amarga decepção a sua quando deu com a porta da loja fechada, lendo, pallido de desapontamento, num cartaz, colado á mesma porta, esta declaração: «Fechado por motivo de luto». Correu todas as floristas da cidade, mas sem resultado. Pensativo e triste começou a vagar pelas ruas da cidade, sem saber que partido tomar. O accaso levou-o á frente de um theatro onde nessa noite se representava uma peça sensaci-



onal. Quasi que mecanicamente, comprou um bilhete e entrou na sala de spectaculos. Terminava o segundo acto e a atriz que, de pé no proscenio, recebia os aplausos do povo sobrava entre outras flores, um explendido ramo de orchidéas, exactamente igual ao que o rapaz, como um louco, procurava, havia algumas horas.

Paco, sofrigamente, ganhou os bastidores e depois de procurar debalde, subornando diversos empregados do palco, apoderar-se-á da meia flor. Tomou uma resolução extrema e fez-se anunciar à artista. Recebido fidalgamente, começou logo:

—Minha senhora, como vae ver, a minha visita é motivada pela segurança que tenho de que o seu claro talento e o seu fidalgo trato saberão desculpar a minha ousadia. Tenho de levar esta noite a uma mulher que amo um ramo de orchidéas, prova por ella reclamada da sinceridade do meu amor.

Revolvi mares e céus para encontrar essas orchidéas, mas tudo debalde. Dispunha-me já a abandonar a empresa, quando entre neste Theatro e vejo, entre os ramos que os seus admiradores lhe haviam oferecido, as *lelias elegans* que com tanto ardor procurava. Ahi tem V. Ex.^a esplêndida a razão da minha visita...

A atriz mirou o jovem de alto a baixo. Era a primeira vez que um homem a procurava para lhe falar do amor que votava a outra.

Mas, nem de leve deixou suspeitar o despeito que a minava. Tomou o ramo de orchidéas e entregou-o a Paco dizendo-lhe:

—Não posso, por enquanto, formar ácerca de seu procedimento juizo seguro; reservo-me para mais tarde. Ahi tem a flor que deseja, porém com uma condição.

—Seja ella qual for desde já lhe declaro que gostosamente a aceitarei, respondeu pressurosamente o mancebo.

—Que amanhã, em pagamento destas orchidéas, me envie um ramo de violetas.

—Com o maior prazer. E Paco, depois de inclinar-se profundamente ante a formosa atriz, saiu do theatro e correu ao baile. As orchidéas foram aceitas e com ellas o amor de abnegado oficial.

Na noite seguinte dirigiu-se Paco ao camarim da atriz a levar-lhe o ramo de violetas. Encontrou-a a preparar-se para scena, e embriagou-se logo na contemplação das bellezas irresistíveis que ella lhe deixava entrever.

Vinte dias depois a crónica social de um dos diários de maior circulação da capital, deu estas duas notícias:

«Parte hoje para Europa, no vapor *Hercules*, a companhia lírica italiana da incomparável atriz, Barcelani. Um grupo numeroso de amigos e admiradores foi levar a bordo a divina».

«O distinto oficial da marinha o sr. Fran-

cisco Cardenas, parte hoje para a Europa no vapor *Hercules*, em missão especial junto ao governo da Itália».

E o oficial, ao abandonar o porto, pensava:
«Muito pode uma orchidéa, porém muito mais pode uma aranha».

L. Basa.

Adeus!

A minha noiva.

Adeus!... disseste tu, e a nau partindo
n'um languido ondular te disse... adeus!
O mar julgou levar os olhos teus
E os olhos teus o mar trazel-os vindo.

Fugio a onda... então teu rosto lindo,
como implorando, ergueu-se para Deus...
Voltou a onda... olhaste para os céus
e a nau, a triste nau, sempre fugindo

nem mais te respondeu, e a dor immensa
de tu'alma não mais ouvio, suspensa
nos braços d'outros salsos Prometheus...

Adeus... disseste emfim, quasi expirante,
e um vagalhão colérico e arrogante
beijou-te os pés e soluçou-te—Adeus!

OSCAR DE LA TOUR.

Uma nação que sae directamente da barbaria possue uma garantia de força e de individualidade indispensável para a sua existencia futura, ao passo que um paiz que mergulha as suas raizes n'uma cultura *rappinée* traz em si mesmo latente um germe de anemia e de corrupção.—L. BAZALGETTE.

A emancipação feminil

(Conclusão)

Mas isso, permitta-me que lhe diga, tende forçosamente a desaparecer. A propria civilização na sua marcha sempre evolutiva aluirá.

E' de suppor que a mulher confie a sua emancipação à metamorphose quasi radical que a evolução tem operado em tudo n'este século do vapor e da electricidade, quando os madrigaes piegas dos scismadores idealistas são substituídos pela des-

cripção exacta, clara e authentica do que observam os naturalistas da escola de Zola e Balzac, anatomicistas calmos que com o escalpello da razão tudo dissecam.

Mas isso é simplesmente um engano. A evolução transformará tudo e mesmo alguma cousa da mulher, mas nunca estabelecerá a independência feminil.

Dissuada-se ella de sua luta improficia, de sua autonomia, essa mentira da civilização, porque a sua grande, elevada, importante missão na sociedade humana, no dizer de um socialista moderno, não é ser telegraphista, ser boticaria, ser jornalista ou ser doutoura; é ser mãe e ser esposa.

Não queremos na mulher um cerebro inflamado que se exalte no combate ás lutas políticas e sociaes, mas um coração terno, sensivel e doce, que nos edueque no amor e seja o sustentaculo pujante e vigoroso da familia, a quem Herbert Spencer, o evolucionista inglez, augura os mais importantes destinos da familia, essa grandiosa instituição do pensamento universal.

Ella que deixe os trabalhos do intellecto e do musculo para o homem e fique no seu verdadeiro papel de mulher.

ALUIZIO PORTO.

Um povo historico é aquelle que consegue encontrar as regras de um estado politico e social e introduz uma certa ordem no governo, uma certa justiça na sociedade.—E. LAVISSE.

O Piano

Febril, nervosa, exausta, ella cosia
Ferindo os dedos no trabalho insano;
Tinha só um desejo; era um piano:
Por isso a pobre nem sequer dormia.

Ganhou chorando a insolita quantia,
Depois de dias longos como um anno,
Que lhe exigiu a usura de um tyranno
Judeu que n'essas illusões não cria.

Quando afinal a escura agua furtada
Veio adornar o mimo cubiçado,
Como a rosa n'um tumulo plantada,

Com o seio ardente, o rosto desmaiado,
Ella pousou-lhe a mão enregelada
E morreu a sorrir sobre o teclado.

Luiz Guimarães.

Ouvindo-te

Quando cuço o teu piano soluçante
Gemer a melodia apaixonada
Da cavatina triste e lancinante
Como o grito de uma alma enamorada,

Acredita: Nem sei mesmo o que sinto...
Minha alma crente, embevecida, absorta,
Võa ao paiz de meu passado extinto
E vem depois anciosa, quasi morta

Cahir-te aos pés. A doce melodia,
Cheia de encantos, prenhe de harmonia
Meu coração entreabre-se á esperança...

Esqueço este sofrer que sem piedade,
Escurece-me o céu da mocidade
E cobre-me de cans inda creança.

CELSO JUNIOR.

O romance é um genero literario incomparável porque é o unico capaz de exprimir todas as formas do pensamento, todos os aspectos do universo, todas as lições da historia.—Melchior de Vogüé.

Num amphitheatro

Essa mulher que eu vejo desnudada,
Morta p'r'o mundo e para o vicio morta,
Tem uma historia tragica que exhorts
As virgens na existencia descuidada.

A historia ó virgens, d'essa desgraçada
Que assim tão fria o coração nos corta
Eu vo-la conto. E lugubre... que importa?
Se não nos ouve a triste flor ceifada?

Era formosa. Amou. Mas a desgraça
Fê-la (coitada!) meretriz devassa
Do banquete do vicio... achava-o bello!

Veio depois o verme da miseria
Fazendo-a hoje putrida materia
Em que se move o barbudo escalpello.

ALUIZIO PORTO

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Março de 1905

Num. 85

A Revolução de 89

Uma das páginas mais brilhantes da vida da humanidade nos tempos modernos; o acontecimento de mais vulto e importância de que foi teatro a Europa depois da tomada de Constantinopla por Mahomet II, aquelle em que a vontade do homem se revela com mais pujança e vigor, é sem dúvida alguma a revolução francesa dos fins do século XVIII, a Grande Crise como a chamou o robusto pensador moderno Augusto Comte.

Quem contempla com atenção e cuidado o desenvolvimento d'esse grande drama político e social que assinala o mais glorioso marco no caminhar incessante da humanidade na senda do progresso e do aperfeiçoamento; quem lê as páginas luminosas d'essa epopeia sublime onde a verdade, a justiça e o direito se manifestam em toda a sua magnificência e explendor; quem acompanha *pari-passu* essa série não interrompida de factos prodigiosos que constituem a grande revolução; pasma, sente-se pequeno, acanhado, mesquinho, deante da grandeza e magestade d'esses heróes que, terminando as mais das vezes no patíbulo a sua vida de sacrifícios e labores, sellando com seu sangue de martyres as idéas que sustentaram, vieram, novos Messias, abrir para a humanidade captiva, não as portas do paraíso, mas os explendidos porticos da liberdade e da independência.

Grandiosa, sublime, incomparável, aureolada de luz, coberta de bençãos, a revolução de 89 ainda hoje, depois de um século, vive e palpita no nosso meio nas suas sabias reformas, nas suas maravilhosas instituições que são adoptadas por todos os modernos países livres.

Antes d'ella, desde os mais remotos tempos, diversas revoluções se tinham operado no universo, mas nenhuma obteve uma vitória tão explendida, um triunfo tão completo.

Na velha Roma dos Cesares, quando a corrupção e a immoralidade invadiam os costumes públicos, quando a venalidade era uma lei e a depravação um princípio, ergueu-se a voz autorizada dos Grachos pedindo com a eloquência das convicções sinceras e justas um correctivo para tantas infamias; mas Scipião Nasica e Opimio fizeram cair com a cabeça dos dois tribunos todos os seus projectos grandiosos.

Na media-idade, quando a França, luctando

simultaneamente com a Inglaterra no exterior e as dissensões civis no interior, parecia caminhar a passos largos para a ruína e o aniquilamento; quando o camponez, o *bom homem Jacques*, como o chamavam os soldados, debatia-se convulso nos ergastulos da *tyrannia feudal*; apareceu também um vulto grandioso e *sympathico*, Estevão Marcello, o preboste dos comerciantes de Paris, o Danton do século XIV, como o chama Hamel, o esforçado paladino das liberdades populares, defendendo os direitos do povo e *stygmatisando* com toda a *verve* de sua eloquência revolucionária os abusos e as infamias da nobreza; caiu, porém, vítima do punhal de Maillard sem ver realizado o ideal com que sonhara.

Contudo, os seus esforços não foram completamente baldados, porque dos Estados Geraes de 1357, depurados e reformados por elle, saiu a imorredoura ordenação que punha em prática certos princípios favoráveis ao povo e que pode ser considerada, diz um escritor de nota, como o código da democracia na idademedia.

Nos tempos modernos, no século XVI, quando a depravação e a degradação moral estendiam-se desde o trono do rei até a cadeira do pontífice; quando Carlos V procurava realizar os seus projectos de ambição e egoísmo, sacrificando para isso milhares de vidas no fervor das pelejas, na alucinação dos combates; quando Leão X entregava-se à enervante sensualidade de uma opulência fabulosa, de um fausto oriental e esquecia-se das tradições dos seus predecessores; surgiu também Martinho Lutero, o frade apostata, pedindo reforma. A obra que elle pretendia realizar, apesar dos seus inúmeros defeitos, apesar dos seus desvarios, era grandiosa, era sublime, porque era o primeiro grito de revolta do espírito humano contra as cadeias opressivas que o manietavam e privavam de expandir-se. Mas a tentativa de Lutero não obteve o resultado que deveria porque o fanatismo de Felippe II, a baixeza e a infâmia de Carlos IX e a política astuciosa e traíçoeira de Catharina de Medicis, sufocaram n'uma onda de sangue essa primeira manifestação do desejo ardente de liberdade que começava a apoderar-se de todos os corações.

A perseguição contra os protestantes nos Países Baixos e a Saint-Barthélemy na França são duas provas eloquentes, palpítantes do que acabamos de afirmar.



RIO DE JANEIRO—HOSPITAL DA MISERICORDIA

Como se vê, todas essas revoluções, todos esses cometimentos arrojados, apezar de serem impulsionados pela aspiração à liberdade, esse factor potente, vigoroso, de todas as acções grandiosas da humanidade, não tiveram as consequências que se esperavam, não conseguiram realizar completamente o seu intento.

Apezar do heroísmo e abnegação de seus promotores, elles morreram, alguns sem deixar de si vestígios o não ser a sua recordação luminosa, outros conseguindo apenas em parte o seu fim e sendo mal interpretados pelos posteriores.

Só a Revolução de 89 perdurou, só ella realizou inteiramente o seu ideal.

Também, à semelhança das outras, ella sofreu grande oposição, encontrou obstáculos na sua carreira, mas superou-os, esmagou-os.

Também ella encontrou um traidor, também teve um filho desnaturalizado que se serviu do seu nome para galgar a escadas de poder; que, hypocrita! se dizia sectário os seus princípios para conquistar as honras, para realizar os seus dourados sonhos de ambição, e que depois, quando se viu colocado nas cumbreiras do poder, no pináculo da fama, se não teve a coragem de Nero para cravar-lhe abertamente o punhal no peito e depois insultar o seu cadáver, pretendeu indirectamente neutralizar os seus efeitos, reconstruir de alguma sorte o edifício por ella desmoronado e assentar sobre as suas brilhantes conquistas o trono da monarquia hypocrita, que debaixo do manto de constitucional era absoluta, o que redundava na denegação completa de todos os princípios, no

desmentido solemne de todas as doutrinas da Revolução.

Esse homem, esse traidor, esse filho desnaturalizado da Revolução, chamou-se Napoleão Bonaparte, o *assassino da liberdade*, na frase de Pedroso.

Mas elle caiu esmagado em Waterloo como deveriam cair todos aqueles que se oppusessem á corrente impetuosa da Revolução, á propagação das doutrinas santas que ella pregava.

Depois de Bonaparte, Luiz XVIII, Carlos X, Luiz Philippe e Napoleão III, pretendiam, pobres loucos! reanimar o cadáver já putrefacto da monarquia. Mas cahiram também esmagados. A Revolução, vitoriosa, triunfante, hasteando a sua bandeira enegrecida pelos fumos dos combates, esfarrapada pelas metralhas, mas assim mesmo gloriosa, accentuou-se mais que nunca na França e de lá expandiu os seus raios luminosos por todo o mundo.

Triunfo explêndido da liberdade sobre a tiranía, da verdade sobre o erro e da intelligência sobre a ignorância!

Uma cousa porém, deve lamentar-se na Revolução:—as execuções sangrentas, os crimes monstruosos, perpetrados em seu nome. Não concordamos inteiramente com o historiador português quando diz que uma gota de sangue, embora criminoso, é sempre uma nodosa funesta na bandeira de uma idéa, sobretudo quando esta idéia é a liberdade. O sangue é algumas vezes preciso, é necessário em certas circunstâncias erguer-se o patíbulo

para conquistar-se um direito conspurcado e punir os que o conspurcavam; mas, contudo, a Revolução de 89 excedeu-se, as execuções por ella ordenadas ultrapassaram os limites. Mas como exigir a calma e reflexão n'um povo avido de liberdade, «embriagado pela allucinação da victoria», que procurava sacudir a todo transe as pesadas algemas de uma escravidão ferrenha que lhe havia manietado os pulsos por tantos séculos, e que abrigava n'um peito retalhado por todos os sofrimentos, uma sede de vingança insaciável contra os seus algozes?

E, além d'isto, que eram esses crimes cometidos pelos revolucionários de 89 à vista do que haviam feito os nobres nos séculos antecedentes contra o povo que elles defendiam?

Se um fidalgo, se um nobre, subia na época da Revolução os degraus da guilhotina, nos tempos do despotismo feudal quantos plebeus não haviam descido innocentes as escadas dos subterrâneos dos castelos, onde iam terminar os seus dias no meio da miseria, da fome e da dor?...

Esses desvarios da Revolução são lamentáveis, é real; mas desculpam-se, explicam-se e desapparecem deante do esplendor das suas conquistas.

A humanidade agradecida deve evocar a memória augusta d'esses gloriosos martyres da liberdade e dizer-lhes, paraphraseando as palavras do vencedor da Austerlitz: «Soldados do progresso! luctadores sublimes! Estou satisfeita com vosco! Cumpristes o vosso dever e cercastes o vosso nome de uma gloria immortal! Vós sois os meus verdadeiros filhos! Dormi em paz!»

J. ACACIO.

— — —

Supremo aneio

Quero estreitar-te nos meus braços! Desce
A dolorosa e grande escuridão,
Onde o meu triste coração padece
Torturado de amor e de saudade!

Aureo primor artístico da Helláde!
Como o desejo na minh'alma cresce
De conceivar-me na tua mocidade,
Que assim tão bella e virginal floresce!

Venha o teu beijo esplendorar-me os olhos,
Venha o teu beijo avigorar-me o sangue,
Neste Calvario asperríssimo de abrolhos

Da vida, agora és para mim bem como
Para um faminto moribundo exangue
O almejado perfume tentador de um um pomo!

Alfredo Assis.

A derradeira illusão

I

Elle fôra um perdulario. Dos tesouros de sua mocidade, das riquezas de suas aspirações de jovem, das joias dos seus prematuros sonhos, tudo gastara, tudo despendera apesar a fantasia louca de mil illusões desfeitas, de esperanças que nunca se realizaram. E depois de gasto o seu rico patrimônio de homem, achou-se só com o nada de suas aspirações, o vacuo de seus desejos malogrados, a ruina de todas as suas esperanças.

Tentou ainda sonhar, mas debalde, que não se sonha mais quando o céu perdeu todo o anil, quando a natureza fria, gelada, não mais suspira cantos no sopro brando da aragem, não mais expira aromas na flor que desabrocha, não mais escreve poemas nos labios de uma mulher que sorri. Ficar-lhe vazio o cofre das suas illusões, e quando alli, mergulhando a mão, procurou encontrar um resto de riquezas que possuira, urna joia esquecida que, talvez, sem o saber guardasse: nada, nada encontrou senão a arida miseria do coração.

Tudo perdera o prodigo.

II

D'ahi em diante viveu como se vive quando não mais se sente, a sós com o pensamento que o torturava, com a razão fria que tudo desseca. Observava-se as vezes como se o fizesse a respeito do outro indivíduo; analysava-se e tinha tédio de si mesmo, tanto a precoce dúvida que o perseguia lhe semelhava profunda monstruosidade moral.

Um dia, passeava elle à beira de uma estrada e, facto singular! pareceu-lhe que voltara à natureza o sorriso com que d'antes lhe dava os bons dias da vida. Olhou para a terra illuminada do sol da manhã e bem a margem do caminho, entre o verde esmeralda de algumas graminhas rústicas, florescia uma rosa rubra, opulenta, de aroma suave e penetrante, cujas folhas setinosa tinham tons de luz avelludados. Estava alli a flor em todo o viço, todo o frescor, abrindo a corolla pura ao sol nascente, rindo com o despertar da terra na resurreição de vida da manhã.

Quiz, apesar larga contemplação, colher a flor: ergueu a mão e prendeu-lhe o hastil delicado que balançava o vento tepido do dia a começar; mas, ao apossar-se da rosa que parecia olhal-o com o olhar mudo das flores, ella, como se tivesse azas, fugiu-lhe e só lhe ficou na mão a haste delgada cujos espinhos se lhe enterraram nas carnes.

Mergulhara mais uma vez no cofre das illusões e d'ahi retirara as mãos a gottejar de sangue, na miseria de um sonho de realização impossível.

PLACIDO GUERRA.



O dote

(GUY DE MAUPASSANT)

A ninguém causou estranhos o casamento de Simão Lebrument com a senhorita Joanna Cordier. Lebrument comprara, havia pouco, o cartorio do tabellão Papillon; para paga-lo tornava-se necessária uma boa somma e a senhorita Cordier possuía trescentos mil francos líquidos em cheques do banco e títulos ao portador.

Lebrument era um bello rapaz e que tinha muito chic, chic de tabellão, chic provinciano, mas emfim sempre era um chic, prenda rara em Boutigny-le-Rebours.

A senhorita Cordier tinha muita graça e muita frescura, o que a tornava extremamente querida e festejada.

A cerimónia do casamento poz toda a gente no ar em Boutigny. Os noivos foram muito admirados e, em seguida ás festas, recolleram-se ao domicílio conjugal, na resolução de emprehenderem dentro de poucos dias uma breve viagem a Paris.

Foram deliciosos os seus primeiros momentos de intimidade. Ao cabo de quatro dias, a sra. Lebrument adorava o marido. Não lhe podia dispensar a presença, queria-o sempre ao pé de si, para acariciar-lhe as mãos, as faces, os cabellos, etc. Empiriquitava-se nos joelhos do novel tabellão e agarrando-lhe as orelhas, dizia-lhe: «Abre a boca e fecha os olhos». Lebrument obedecia gostosamente e recebia então um saboroso beijo, muito terno e muito demorado, que lhe punha um adorável calefrio ao longo da espinha. E por sua vez já não sabia que carícias inventar para dia e noite provar a mulher que a adorava.

Decorrida a primeira semana, disse Lebrument á esposa:

— Se fôr do teu agrado poderemos partir para Paris na terça-feira proxima. Vamos correr os theatros, os restaurantes, os cafés, como um casal de amantes que não receberam a sancção matrimonial...

Joanna deu pulos de contente, batendo as mãos:

— Oh! sim, meu queridinho! Partamos o mais depressa possível...

— E como a gente de nada se deve descuidar, continuou Lebrument, dize a teu pae que aprompe o dote; leva-lo-ei commosco e aproveitarei a occasião para pagar o sr. Papillon.

— Está bem, queridinho, isso mesmo lhe repetirei.

Uma enfiada de abraços salpicados de beijos apaixonados poz termo ao dialogo.

Na terça-feira immediata, o sogro e a sogra acompanharam á gare a filha e o genro que partiam para a capital.

Dizia o sogro:

— Olhe, meu genro, que é uma grave imprudencia levar tanto dinheiro na carteira...

Mas o genro sorria, presenteiro e brincalhão:

— Não se afflija, papá, ando já muito acostumado a semelhantes transportes. Comprende que na minha muita profissão muitas vezes me acontece ter commigo um milhão. Ao menos assim, levando comigo o dinheiro, evito uma serie de massadas.

O empregado cortou-lhe a palavra, bradando:

— Queiram embarcar os passageiros para Paris!

O casal precipitou-se para um wagão onde já se achavam acomodadas duas senhoras idosas.

Lebrument murmurou ao ouvido da mulher:

— Que estopada! Não posso fumar!

Ella, baixinho, retrucou:

— Também acho, mas não por causa do teu charuto... E um risinho brejeiro sublinhou a frase.

O comboio partiu. O trajecto durou uma hora durante a qual os recém-casados pouco ou nada se poderam dizer, porque as duas velhas curiosamente os observavam.

Assim que pisaram o pateo da gare Saint-Lagare, Lebrument disse á mulher:

— Se quizeres, querida, podemos ir almoçar ao boulevard; em seguida viremos buscar a nossa mala para leva-la ao hotel.

Joanna imediatamente acquiesceu:

— Magnífico! Vamos almoçar ao boulevard! Fica muito longe?

— Um pouquinho... Mas isso é o menos, podemos tomar o omnibus.

— E porque não tomaremos antes um carro de praça? fez Joanna muito admirada.

Lebrument poz-se a reprehender-a galhofeiramente:

— Então são dessa ordem as tuas economias? Uma carruagem de praça, a cinco sous por minuto, para ir d'aqui ali?



MINAS GERAES—VISTA GERAL DE OURO PRETO

—Tens razão, fez Joanna um pouco confusa, nem sei mesmo onde andava com a cabeça...

Um omnibus passava, puxado por três cavalos. Lebrument fez signal ao conductor e o pesado veículo parou.

—Olha, disse elle a mulher, toma lugar no interior que eu vou em cima para poder tirar uma fumaça antes do almoço.

Joanna nem teve tempo de responder, porque o conductor quasi à força empurrou-a para dentro do carro; quando deu por si achava-se atirada para cima de um banco, olhando espantada, pela vidraça posterior, para os pés do marido que subiam para a *imperial*.

E para ali ficou imóvel, entre um senhor muito gordo e uma velha encarquilhada. Todos os outros passageiros alinhados e mudos, e os havia ali de todas as qualidades: operários, soldados, costureiras, irmãs de caridade, etc., etc.

Joanna, sacudida pelos solavancos do omnibus, pensava:

—Porque não veio elle aqui, ao meu lado? Que lhe custava, por alguns minutos, privar-se d'aquele charuto?... E uma tristeza vaga lhe opprimia a alma.

As irmãs de caridade, em numero de duas, mandaram parar o omnibus e uma atraç da outra ganharam a rua.

O omnibus pôz se de novo a caminho e d'ahi

a pouco de novo parou. Uma cosinheira, suada e vermelha, veio tomar lugar num banco, pondo no colo a sua cesta de compras.

—E' mais longe do que eu supunha, pensava Joanna.

Os outros passageiros, pouco a pouco, foram saltando e sendo substituídos por novos que iam entrando. E o omnibus seguia sempre, parando nas estações e pondo-se de novo a caminho.

—Como custa a chegar! murmurou Joanna. Quem sabe se elle não vai distraído lá em cima, se não pegou no sono... Coitadinho! Vinha tão fatigado!

Pouco a pouco todos os viajantes partiam e Joanna viu-se sózinha. O conductor gritou:

—Vaugirard!

E como ella não se movesse, repetiu o brado:

—Vangirard!

Foi então que Joanna comprehendeu que era a ella que se dirigia o conductor. Timidamente perguntou-lhe:

—Onde estamos nós?

—Em Vaugirard, respondeu o homem n'um tom e'fesado. Ha mais de dez minutos que o proclamo em altos brados.

—Fica muito longe do boulevard? perguntou Joanna.

—Que boulevard?

—Mas... o boulevard dos Italianos.
 —Ha que annos que já por elle passamos.
 —Ah! queira então ter a bondade de prevenir meu marido?
 —E onde está seu marido, se me faz favor?
 —La em cima, na *imperial*.
 —Na *imperial*? Ha muito que lá não tem nenhuma...

Joanna teve um gesto de terror.

—Como assim? Não é possível! Pois se elle entrou comigo... O sr. está enganado... Tenha a bondade de ir ver de novo.

O conductor tornou-se grosseiro.

—Bom, deixemos de brincadeiras. Perdeu um, achará dez. Ponha-se a andar...

Joanna tinha os olhos rasos d'água.

—Mas, sr., asseguro-lhe que está enganado. Meu marido vinha na *imperial*; até por signal trazia debaixo do braço uma grande pasta...

—Ah! é esse? Saltou na praça da Magdalena.

Joanna, fóra de si, pulou para a rua e instintivamente olhou para a cobertura do omnibus. Inteiramente vasia.

A infeliz poz-se então a chorar desvairadamente e, sem prestar a atenção aos objectos nem as pessoas que a cercavam, exclamava:

—Meu Deus, que vae ser de mim.

O fiscal dos omnibus approximou-se.

—De que se trata? perguntou.

—É uma senhora que o marido abandonou no caminho, respondeu o conductor.

O outro retrucou:

—Bom, bom, isso nada vale. Trate do seu serviço.

E rodou sobre os calcanhares.

Joanna, cada vez mais desvairada, poz-se a caminhar sem saber para onde se dirigia. Que queria dizer aquillo? Como explicar semelhante descuido, semelhante engano, semelhante distracção, ou que melhor nome tivesse, da parte do seu marido?

Só tinha na algibeira dois francos. A quem se poderia ella dirigir naquella triste emergencia? De repente acudio-lhe ao espírito o nome do seu primo Barral, empregado no ministerio da marinha.

O dinheiro que lhe restava bastava para pagar a corrida. Chamou uma carruagem, deu ao cocheiro o endereço do primo e d'ahi a alguns instantes saltava à porta de Barral. Justamente vinha este ultimo a sair com uma pasta debaixo do braço tal qual como Lebrument.

—Henrique! exclamou Joanna.

Barral, estupefacto, parou.

—Joanna?... Aqui?... Sosinha?... Mas que faz, d'onde vem?

Ella balbuciou com os olhos inundados de lágrimas.

—Meu marido perdeu-se...

—Perdeu-se!... Onde?

—Num omnibus.

—Num omnibus?... Oh!...

E, chorando, a abandonada contou ao primo a sua aventura.

Barral escutava cabisbaixo. Quando ella terminou a narração:

—E esta manhã estava Lebrument no seu juizo perfeito? perguntou elle.

—Sem duvida.

—Bom. E trazia consigo muito dinheiro?

—Trazia o meu dote inteiro...

—O seu dote? Inteirinho?

—Sim, Henrique, inteirinho... Era para pagar o cartorio.

—Pois bem, minha presada prima, com certeza a estas horas o seu estimável consorte já vae caminho da Belgica.

Joanna não comprehendia ainda.

—Meu marido?... a Belgica? interrogava gaguejando.

—E isso mesmo. O maganão *azulou* com o capital, com o seu rico dote... ora ahí está!

Joanna fóra de si, subitamente empolgada por uma colera formidavel, mal pôde articular:

—Nesse caso... é um... miseravel... um bandido...

—Sem tirar, nem por, minha rica prima... ora ahí tem...

A rapariga atirou-se ao pescoço do primo soluçando.

E como os transeuntes parassem para contemplar aquella efusão, Barral docemente fe-la transpor o portão da sua residencia e galgar as suas escadas. E quando a creada, pasma, lhe veio abrir a porta, ordenou:

—Sophia, corra ao restaurante a buscar um almoço para dois. Hoje não irei ao ministerio.

J. Ribas.

Magnum Cœlum

Sê tu bendicto, ó carcere maldicto,
 Ó solitaria estancia da desgraça,
 Funebre, estreito e lugubre infinito
 Onde o imprevisto ante os meus olhos passa.

Aqui no teu silencio desolado,
 Oiço melhor a voz da eternidade,
 E sinto melancolico a meu lado
 O solitario archanjo da saudade.

Velhas recordações de tempos idos
 Que eu tenho no meu peito sepultadas,
 Agora andam cantando a meus ouvidos
 Estranhas e nostalgitas baladas.

Sobras antigas de illusões já mortas
 Povoam meus tristissimos scismares,
 E neste ermo recondito, sem portas
 Penetram-me visões tão singulares...

Do tumulto da vida um só murmúrio
 Siquer me chega nesta paz serena
 Deste mortuário e tragico tugurio,
 Onde minh'alma triste em sonhos pena.

Nesta desolação em que me vejo,
 Do ceu, visto através á grade escura,
 Parece derramar-se um grande beijo
 De carinho e de amor que me procura.



S. PAULO—VIADUCTO DO CHÁ NA CAPITAL DO ESTADO

Quando a noite me envolve e que adormeço
Já fatigado de dolentes scismas,
Ao romper da manhã, todo estremeço,
Como se a visse por dourados prismas.

É que a pompa dos céus de bençãos cheia
Só de perdões celestes se illumina
A quem a vê das grades da cadeia
Como um docel da compaixão divina.

Então minh'alma lurida se expande
Em doçuras de fé que Deus lhe empresta,
Perdida em sonhos pelo céu tão grande
Que eu vejo todo de uma estreita fresta.

Carlos D. Fernandes.

O ensino das congregações religiosas na França

(Continuação)

Para terminar esta escolha de centenas de «soluções moraes», tão immoraes umas como as outras, vejamos ainda no livro do Padre Gury a do caso VII relativamente a «um inocente condenado em lugar do verdadeiro culpado».

E' digno de nota o talento de exposição e o cuidado com que o bom padre apresenta o caso

de consciencia chegando a uma conclusão que o mais grosseiro sentimento de honra repelle.

«Audifax, na ausencia de Rodolpho, penetra secretamente na casa d'este ultimo, arromba-lhe a burra, apodera-se de trezentos luizes e foge. Rodolpho, ao voltar para casa, verifica com espanto que a burra se acha aberta e que o dinheiro desappareceu. Enfurece-se, grita, pragueja, lamenta-se, mas ignora quem seja o ladrão. Afinal começa a suspeitar o seu creado Tito. Fa-lo prender. Por um accaso lamentavel, graves suspeitas pesam sobre Tito, porque ha testemunhas que afirmam que elle ficou sosinho na casa, durante a ausencia do amo. Tito, aterrorizado, dá ao juiz respostas incoherentes, contraditorias mesmo. O julgamento a que é submetido declara-o culpado e é elle condenado a trabalhos forçados por toda a vida. Audifax, ao saber d'este facto, atormentado pelo remorso, procura um confessor, confessala-tudo e pede que lhe indique qual deve ser o seu procedimento em tão grande embaraço.

Quesito 1.º Audifax deve entregar-se á justiça, deve-lo-ia ter feito antes do julgamento?

Quesito 2.º E' elle obrigado a reparar o dano causado ao creado?

Quesito 3.º Que deve responder o confessor?

Resposta ao 1.º quesito. Que se deve pensar de Audifax? Ei-lo, impellido pelo remorso, aos pés do seu confessor, esperando a sentença, banhado de lagrimas. Que deverá fazer o padre? Deverá orde-



RIO DE JANEIRO—TIJUCA—HOTEL MOREAU

nar-lhe, não só que restitua o dinheiro roubado, mas também que se entregue à justiça? Absolutamente. Basta que indemne secretamente Rodolpho e que faça penitência do seu peccado. Estabeleço pois que o nosso Audifax não é obrigado a denunciar-se à justiça, mesmo antes do julgamento, mesmo que pudesse por este procedimento impedir a sentença injusta que ferio Tito; porque Audifax não foi a causa eficaz da condenação, mas simplesmente a *ocasião*, ou a *causa ocasional*, ou a *causa remota*. Ora ninguém é obrigado a reparar um mal desde que não foi a causa eficaz e verdadeira d'esse mesmo mal. A desgraça de Tito deve ser levada à conta de erro das testemunhas e do juiz; Audifax não foi a causa eficaz d'essa desgraça, logo não é obrigado a entregar-se para a prevenir ou reparar o mal.

Resposta ao 2.º quesito. Não, pelo que fica dito, não foi Audifax a causa da desgraça do creado, esta foi apenas causada pelo erro do juiz; portanto não é elle obrigado a reparar um mal que não causou. Todavia, a caridade obriga Audifax a livrar um inocente de uma pena grave, contanto, porém, que trabalhando para semelhante resultado, não vá comprometer a sua propria segurança.

Resposta ao 3.º quesito. Na maioria dos casos, num embaraço tão grande, os conselhos do con-

fessor de pouco ou nada servirão; contudo deverá induzir o penitente e, por si mesmo ou por intermédio de terceiros, empenhar-se junto de um personagem influente que, guardando o respeito e maior sigilo, busque obter do chefe do Estado o perdão do inocente».

Eis ahi, nessas linhas do Padre Gury, todo o processo Dreyfus explicado: Esterhazy salvo pelo confessionário e Dreyfus pelo perdão. O Padre Du Lac, director espiritual do general Boisdeffre, com certeza applicou, para o «caso de consciencia» que lhe era submetido, as maximas do Padre Gury.

Pelas amostras que ahi ficam, poder-se-á julgar do perigo que existe em recrutar o pessoal do ensino entre os discípulos de tais doutores.

Recusamo-nos a acreditar que os professores congreganistas appliquem ás suas classes primarias semelhantes theorias; não julgamos mesmo que essas theses abominaveis tenham por fim inspirar o ensino que se ministra á infancia; o fim dos padres jesuítas instituindo uma moral tão larga (perdóem-nos o euphemismo) parece-nos que foi tornar o tribunal da penitencia tão brando, tão conciliador, a ponto de transformar-se num atrativo irresistível para os pecadores.

(A seguir)

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 16 de Março de 1905

Num. 86



RIO DE JANEIRO—CIDADE DE VASSOURAS

Os livros de janeiro

João Chagas é hoje o primeiro dos nossos cronistas, e dizendo isto cumpre que definamos bem que o cronista actual, sucedendo ao folhetinista de há trinta anos, adopta em Portugal uma maneira inteiramente diversa de expôr um facto e commentá-lo, nessa rápida e ligeira prosa de jornal que necessita ter todo o carácter de espontaneidade e todo o attractivo da impressão flagrante.

Os mestres do folhetim, entre nós, foram Lopes de Mendonça e Julio Cesar Machado. O ultimo, sobretudo. Em poucos cultores das galas e elegâncias destinadas a ornar os rodapés dos periódicos, se encontraria mais fielmente personificada a graça,

a leveza e a bonhomia que caracterisaram tal especialidade jornalística do que nesse encantador *causeur* que tendo vivido com um sorriso jovial nos lábios acabou com um *rictus* de tragédia na boca. Lér Julio Cesar é assistir à digressão agradável d'uma conversação amável e espirituosa, afflorando todos os assumptos, realçando com um brilho fugaz de encanto as mil banalidades da vida. Intelligente e espirituoso, o folhetinista comprehendia, porventura, que, para a sociedade do seu tempo, a concentração n'uma só idéa levaria o seu leitor a esforços de raciocínio que não seriam o mais predilecto emprego do seu cerebro. Por isso elle voltejava através de todos os assumptos, largando-os successivamente logo que presentia que elles podiam já cançar a atenção d'esse público

tão limitado nos seus gostos de discussão e de fixação de aspectos. Rapido e brilhante, sabia ser futile, sem ser banal; leve sem ser vago, gentil sem ser precioso, — e a tudo doirava com a fina poeira do seu espírito e realçava com a amavel rectidão da sua consciencia. Mas, nada d'isso impedia que o seu trabalho fosse disperso, e que a sua *causerie* se enredasse n'um tal encadeamento de impressões e aspectos varios que até mesmo os livros de costumes em que reunia uma colleção de instantaneos dos typos e dos aspectos do seu tempo tinham para nós a apparencia, pelo processo, d'esses contos das *Mil e uma noites* que por tantos éllos se congregam que não ha maneiras de logicamente os quebrar.

Os tempos mudam. Hoje são de reflexão e analyse, e precisamente o que se reclama do escriptor é a concentração do seu pensamento n'um facto ou n'um problema, até nos dar uma conclusão do exame mental a que sobre elles procedeu. Variou o aspecto do interesse que leva o leitor a absorver-se n'uma pagina. Requer-se que tudo de que se trata tenha principio, meio e fim. Não se admite confusão, requer-se disciplina. Já não são simplesmente as qualidades de espírito, brilhando em qualquer phrase ou expandindo-se em qualquer situação, que empolgam a atenção do publico moderno. Ninguem lê simplesmente para se distrahir, — a não ser o immutável pobre de espírito que nem o Christianismo reformador teve coragem de expungir. Lé para firmar uma opinião, ou para se robustecer, ao contacto d'um juizo mais auctorizado, na que primitivamente formou. N'uma palavra, e para me servir da inoffensiva linguagem do tempo, o folhetinista era a simples e doirada mariposa que indistintamente pouava n'estas ou n'aquellas flores d'um jardim, abandonando-as umas pelas outras logo que sorvia um pouco do seu perfume. O chronista é já um espírito subtil complicado d'um pensador, que por procurar uma imagem ou um rhytmo não abandona por isso uma idéa.

O chronista actual tem na vivaz imprensa francesa os seus mais lidímos representantes, e é n'essa raça de primorosos escriptores, a quem a deusa da originalidade não recata os segredos da sua harmoniosa plástica, que devemos filiar João Chagas. E a sua vivesa, o seu amor do paradoxo, a sua flagrante penetração philosophica, envoltas na forma ductil e incisiva da sua linguagem litteraria, que imediatamente reconhecemos e nos seduzem nas suas chronicas que tanto sucesso tem ultimamente obtido em Portugal e no Brazil.

O livro *Homens e Factos*, que a livraria França Amado primorosamente editou, conglobra uma selecção das que foram escriptas no decurso de dois annos: 1902 a 1904. Algumas são verdadeiramente notaveis; nenhuma ha que se possa julgar banal. A prosa de João Chagas é cheia de precisão e relevo; e como é clara e corrente tem o supremo poder e o supremo encanto da nitidez. Não ha perigo, como sucede nas obras de tantos escriptores novos erradamente decorados com o nome de requintados, de que fechemos, com despeito e aborrecimento, as suas paginas, desistindo de perceber o que

nunca teve senso commum. Com João Chagas sabe-se o que o escriptor quer dizer, e são tão singulares os seus recursos de espírito que dispõe do poder de convencer, mesmo quando se encontre, como não poucas vezes sucede, fundamentalmente afastado da verdade.

E' esse o aspecto mais curioso da obra de João Chagas, que já se afirmava no seu longo trabalho de jornalismo político. Mas ahi poderia suppor-se que o polemista, levado por necessidades de discussão, não duvidasse auxiliar-se de brillantes sophismas e de habeis paradoxos para ficar vitorioso na recalcada liça dos seus preludios de combatente. Aqui, não. Posto em frente dos assumptos da vida diária, sem nenhuma pressão externa que o obrigasse a desfigurar o seu pensamento, todo o mérito do seu exame reside na mais absoluta pureza da sua impressão e da sua analyse. E assim sucede, com efeito. João Chagas diz precisamente o que pensa sobre tal ou tal determinado facto. Mas o que sucede é que, se se ocupou passado tempo do mesmo assumpto, não raro o seu juizo será estranhamente contraditorio.

Por que é isto? Porque João Chagas será permanentemente o jornalista, — esse ser complexo que é impressionado por todas as circunstâncias ambientes sempre que analisa uma actualidade, e que nunca terá estímulo para comunicar impressões se a forte incidência da actualidade lhe não sugerir. D'ahi, a carencia d'aquella orientação immutável e rectilinea que caracteriza a obra do pensador e do litterato profissional. Chagas é o febril representante d'aquella imprensa que apenas o facto surge e commenta logo pelo seu prisma que maior atenção merece ás suas paixões do momento. O que dá em resultado que as outras faces do assumpto ficam inteiramente de parte e que se elle, um dia, o retomar, e o vir sob um aspecto diverso, que as circunstâncias lhe revelem, dirá sobre elle, com a mesma sinceridade de impressão, una palavra inteiramente diversa.

E' possível que isto seja um defeito, deve-o ser mesmo, — se posermos a questão nos altos pontos de vista da verdadeira logica. Mas tratando-se da obra transitoria, embora fulgurante, do chronicista quasi chegamos a considerá-lo como uma qualidade excepcional, embora singular. Porque chega a ser d'uma curiosa e ingenua imparcialidade ver o mesmo homem, colocado em face do eterno problema que os factos da vida apresentam aos que os examinam, travar consigo proprio aquella luta que deriva da constante e perturbadora dualidade das cousas!

Viajar é povoar o espírito de saudades. Dil-o o sr. Anthero de Figueiredo na pagina final das suas *Recordações e Viagens* em que relatou impressões com uma fina sensibilidade, emoldurando-as n'um estyo distinto e magoado. E é por isso mesmo que o viajar deve ser bem aprazível à alma dos que levam a vida em sonhos, que pode transtornar-lhe a harmonia, mas que a tornam igualmente bella.

Anthero de Figueiredo é um prosador dos mais interessantes da nova ala dos homens de le-

tras, que entre nós ainda se preocupam em trabalhar para a perfeição da Arte. Sente e observa como um espírito susceptível de compreender a verdade das emoções, e lavra religiosamente o seu estylo para que não destoe em beleza do que vio, e do que sonhou. E consegue-o, porque sabe fazer da sua pena um uso nobre, e não rebaixa o seu olhar nem à mediocridade nem à infamia. Todavia, por isso mesmo que é correcto e fidalgo, e não demora a atenção senão naquillo que se irmana aos seus gostos e às suas aspirações, falta-lhe paixão, —a que tanto resulta do contraste dos aspectos como do contraste dos sentimentos. Eis por que o seu livro é um pouco frio, e lendo-se com encanto impossível se torna fechado sem tristeza.

Como obra de viagens, há uma parte interessantíssima. E a que consta das páginas dum *Bloc-Notes*. Ali agrupa o sr. Antero de Figueiredo, rapidamente, aquellas observações ou *silhuetas* predominantes que ficaram assinalando na sua memória tantas tumultuosas cidades e tão luxuriantes paisagens. Dois traços bastam: aqui é uma historietta, acolá um vago perfil; além, o recorte dum monumento ou o horizonte d'uma praia... *Synthèse* de tantos baralhados aspectos, essas páginas teem uma vida que nenhuma larga narração conseguiria regular.

Editou *Recordações e Viagens* a livraria Ferreira & Oliveira, de Lisboa. Parece que as casas portuguesas estão caprichando em rivalizar de primores. A edição do livro do sr. Antero de Figueiredo é magnífica de gosto e sobriedade.

O sr. Augusto Faschini não é só um estadista de alta envergadura, e um engenheiro distinguido. É também um homem de arte e um escritor de largos dotes. Todavia, tendo já livros de política, que causaram sensação no país, como foram os *Vermelhos e Azuis* e o *Futuro de Portugal*, —creio que o seu primeiro trabalho de carácter artístico é este que tenho agora na minha frente: *A Arquitectura religiosa na Idade Média*, que se enfileira sobre a rubrica geral de *Estudos da História da Arte*.

Sou profano em assuntos de arquitectura para que possa dar um juízo seguro sobre o valor de certas afirmações do sr. Faschini. Mas o livro tem capítulos de generalidades sobre os quais é inconveniente o meu aplauso às teorias expostas e brilhantemente defendidas. Contam-se entre esses os que constituem a 1.ª parte: *As origens da Arquitectura Cristã*, e em que a eloquência do sentimento evocador se molda nas galas dum estylo perfeito como uma roupagem grega.

A obra do sr. Faschini é enriquecida por muitas e excellentes gravuras, em que tem grande lugar os monumentos nacionais.

Lisboa.

Mayer Garcia.

O amor da mulher só se aplica aos que o não merecem.

Acácio Júnior.



A cabelleira misteriosa

(GUY DE MAUPASSANT)

Era um quarto sombrio, quasi sinistro, de paredes nuas e tristes, recebendo a luz, uma luz parca e lugubre, por uma janella estreita, muito alta do chão, que uma grade de prisão guarnecia. E o louco, sentado numa tosca cadeira de palha, fitava-nos, com um olhar fixo, vago, doloroso. Magro, extraordinariamente magro, com as faces encurvadas, os cabellos brancos, as vestes demasiado largas para os seus membros secos e descarnados, apresentava o espectáculo do homem devastado, consumido por um Pensamento único, empolgante, invencível...

A sua Loucura, a sua Idéa, ali estava, obstinada, devoradora, fatigante naquelle crânio precoceamente envelhecido. Ela, a Invisível, a Impalpável, a Incomprehensível, a Immaterial Idéa, minava-lhe a carne, bebia-lhe o sangue, extinguia-lhe lentamente a vida.

Triste misterio o d'aquele homem morto por um Sonho! Inspirava medo, piedade e compaixão o semblante d'aquele Possesso! Que estranho, que espantoso sonho habitava aquela fronte, cobrindo-a de rugas agitadas e profundas?

—Elle tem accessos de furor terríveis, disse-me o médico. E' um dos loucos mais curiosos que tenho encontrado.

A sua loucura é exótica e macabra. Escreveu em tempos o seu jornal, que claramente revela a doença do seu espírito. A sua loucura ali está, por assim dizer, palpável. Se se sente interessado pelo caso, posso facultar-lhe a leitura desse curioso documento. Acompanhei o facultativo ao seu gabinete e ali recebi dele o manuscrito d'aquele desgra-

cado. «Leia, disse-me, e dê-me depois a sua opinião».

Eis o que continha o caderno:

Vivi até à idade de trinta e dois anos perfeitamente tranquillo e isento de paixões amorosas. Corria-me a existencia feliz e calma. Eram tantas as coisas que amava a um tempo, que me era impossivel apaixonar-me exclusivamente por uma só. Como era bom viver! Levantava-me todas as manhãs, risonho e satisfeito, para fazer o que muito bem me parecesse, e deitava-me ainda mais contente, na esperança tranquilla do dia seguinte e do futuro sem preocupações.

Tivera amantes, é certo, mas, passados os primeiros enleves, de nenhuma delas me ficara um só resquicio de paixão. Como é bom viver assim! Amar é melhor, talvez, mas muito mais terrível! Pelo menos, os que amam como toda a gente devem experimentar uma felicidade ardente, menor, porém, do que a minha, porque o amor me veio de um modo incrivel.

Tinha um capricho, cuja satisfação os meus recursos largamente permittiam: vivia sempre á procura de moveis antigos e de coisas velhas, pensando sempre nas mãos desconhecidas que haviam palpado essas coisas, nos olhos que as haviam admirado, nos corações que as amaram. Ficava por vezes horas e horas a contemplar absorto um microscópico cronometro do seculo passado. Achava-o tão delicado, tão mimoso, com os seus esmaltes e o seu oiro cinzelado! E trabalhava ainda como no dia em alguma mulher o comprara, na alegria de possuir aquella incomparável joia. E o cronometro não deixara nunca de palpitar, de viver a sua vida mecanica, nunca interrompera o seu tic-tac regular, durante um seculo inteiro. Quem o trouxera primeiro ao seio, agasalhado por entre as sedas macias e tepidas? Que mãos delicadas o haviam segurado, com as extremidades dos dedos, depois de limpar-lhe o vidro, por um instante embaciado ao contacto da pelle humida? Que olhos haviam espiado, naquelle mostrador florido, a hora divina?

Como eu desejava conhecer a mulher que havia escolhido este objecto exquisito e raro! Morreu, certamente! Vivo eternamente preso do desejo das mulheres de outrora; amo, de longe, todas aquellas que amaram. A historia das ternuras passadas deixa-me sempre uma saudade naima. Que pena não haver eternidade para a beleza, para os sorrisos, para as caricias e para as esperanças!

Quantas noites a fio passei a chorar sobre as pobres mulheres de outrora, tão bellas e tão ternas, tão meigas e tão bondosas, cujos braços tanta vez se destenderam para os amplexos, antes que a morte os viesse paralisar para sempre! Só o beijo é immortal! Passa de labio em labio, de seculo, em seculo, idade em idade! Os homens recolhem-no, transmittem-no e morrem,

O passado me atrai, espanta-me o presente, porque o futuro é a morte. Tenho saudades de tudo o que passou e choro todos os que viveram.. Quem me dera poder deter o tempo, fazer parar as horas! Mas cila segue na sua marcha eterna,

tomando em cada segundo um pouco do meu ser para o nada d'amanhã!

Adeus, horas de hontem! Como eu vos amo e vos quero, horas queridas e amadas que nunca mais voltarão!

Mas não sou digno de lastima, porque encontrei um dia aquella que eu esperava e a sua companhia deu-me venturas de cuja existencia não havia nunca até então suspeitado.

Por uma bella manhã de sol, percorria Paris ao accaso, com a alma em festas, o passo ligeiro, olhando as vitrines com esse interesse vago do flâneur. De repente, deparo com um movele italiano do seculo XVII, á porta da loja de um negociante de antigualhas. Que bello movele! Attribui-lhe mentalmente a factura a um artista venesiano, chamado Vitelli, que foi celebre naquella época.

E passei adiante.

Por que motivo a lembrança d'aquelle movele me perseguio de tal forma, que, alguns passos adiante, retrocedi? Parei de novo em frente á loja e senti-me tentado.

Que coisa singular que é a tentação! A gente olha um objecto qualquer e pouco a pouco começa a sentir-se seduzido, perturbado, invadido, como se estivesse a contemplar um rosto de mulher.

Penetra-nos nas carnes o encanto que delle se desprende, encanto estranho que nos vem da sua forma, da sua cõr, da sua physionomia. E de repente apodera-se de nós, a principio timida e indecisa, mas em breve irresistivel e violenta, uma necessidade imperiosa de possuir-lo.

Comprei o movele. Fi-lo imediatamente tran-



sportar para minha casa e colloquei-o no meu quarto de dormir.

Oh! como eu lamento aquelles que não conhecem essa divina lua de mel do coleccionador com o *biblot* que acaba de comprar! A gente acaricia-o amorosamente com o olhar e com a mão, como se elle fosse de carne, como nós; vive sempre a pensar n'elle, para onde quer que se vá, seja o que fôr que se faça. A sua lembrança amada segue-nos por toda a parte; e quando entramos em casa, antes mesmo de tirar o chapéu e de descalçar as luvas, vamos logo contemplá-lo num enlevo de amante.

Durante oito dias adorei aquelle móvel. A todo o instante abria-lhe as portas e as gavetas, mirava-o por todos os lados, saboreando as alegrias intimas da posse.

Uma tarde, palpando-lhe a espessura de um dos lados, apercebi-me de que elle deveria forçosamente ter um escaninho secreto. O coração posse-me a pulsar com violencia e passei a noite quasi que inteira a procurar debalde devassar-lhe o segredo.

Na manhã seguinte, voltando á tarefa da vespresa, consegui introduzir uma lamina numa racha de madeira. Uma taboa resvalou e, sobre um fundo de velludo negro, apareceu-me uma maravilhosa cabelleira de mulher.

Era uma enorme trança de cabellos louros, quasi ruivos, que deveriam ter sido cortados junto a pelle, atados por um trancelim de ouro.

Fiquei estupefacto, perturbado, a tremer todo! Voava daquella escaninho e daquella supreendente reliquia! um perfume longinquo e suave, quasi insensivel já ao olfacto.

Tomei a trança nas mãos, docemente, religiosamente. E ella desenrolou-se logo, espalhando até ao chão a sua onda dourada, espessa e leve, flexivel e brilhante como a cauda luminosa de um cometa.

Uma estranha emoção apoderou-se de todo o meu ser. Que queria dizer aquillo? De quem eram aquelles cabellos? Porque é que os haviam encerrado naquella esconderijo? Que drama secreto, que mysteriosa aventura occultava aquella trança?

Quem a havia cortado? Um amante, na occasião da despedida? Um marido, num dia de vingança? A propria mulher que a possuira, num momento de desespero?

Teria sido no momento de entrar para o claustro que para ali haviam atirado aquella prenda de amor, como um penhor confiado ao mundo dos vivos? Teria sido no instante de encerrar no seu esquife a bella morta, que o amante inconsolavel guardara aquella reliquia, a unica que poderia conservar della, a unica parte viva da sua carne que escapara á putrefacção, a unica que elle poderia agora amar e beijar nas coleras do seu desespero e nas crises angustiosas da sua dor?

Não era estranho o facto de haver aquella cabelleira sobrevivido assim ao corpo donde nasceria?

Ella corria-me por entre os dedos, affagandom-me a pelle, numa caricia singular, numa caricia de morta.

Conservei-a por longo tempo nas mãos; pareceu-me depois que ella se agitava, como se tivesse occulto, por entre os seus fios sedosos, alguma coisa da alma daquelle que a possuira. E deitei-a de novo sobre o velludo, já algum tanto desbotado pelo tempo, e fechei a gaveta, e fechei o móvel, e sahi para as ruas, a sonhar na minha aventura.

Seguia cabisbaixo, cheio de tristeza e de perturbação, dessa perturbação que nos fica na alma, depois de um beijo de amor. Parecia-me que havia vivido uma outra vida, diversa da minha vida actual e que fôra nessa primeira existencia que conhecera aquella mulher.

Quando voltei a casa experimentava um desejo irresistivel de ver de novo o meu estranho tesouro; tomei-o nas mãos e ao seu contacto correu-me pelo corpo todo um imenso calefrio.

Os dias que se seguiram passei-os no meu estado normal, apenas com a obcecção persistente daquelle formosa trança. Todas as vezes que me recolhia era tomado do desejo de vê-la, de apalpa-la, dava volta á chave do móvel com aquelle estremecimento que sempre nos acomete, ao transportar o limiar de uma mulher amada; tinha nas mãos e no coração uma necessidade imperiosa, exquisita, quasi sensual de mergulhar os dedos nas ondas sedosas daquelles cabellos mortos. Quando, em seguida, fechava o móvel, ficava-me ainda a impressão de conservar prisioneiro um ser vivo, palpítante.

Vivi assim por um mez ou dois. Sentia-me feliz e torturado, como nas vespertas de uma entrevista de amor. Encerrava-me com ella para sentir o seu contacto de encontro á minha pelle, para cobri-la de beijos, tritura-la, mordê-la. Como eu a amava! Não podia mais passar uma hora sem vê-la... E esperava... esperava sempre... que? Nem mesmo sei dizer.

Uma noite despertei bruscamente, com a certeza de que não estava só no meu quarto.

E, todavia, a verdade é que eu me achava isolado como nunca. Com tudo, não me foi mais possível conciliar o sono; agitado, febril, quasi delirante, fui buscar á gaveta a cabelleira. Pareceu-me mais macia, mais animada do que nunca. Os mortos voltarão? Os beijos com que eu a aquecia faziam-me defalecer de ventura, levei-a para o leito, e deitei-me conservando-a de encontro aos labios, como uma amante querida.

Sim, os mortos voltam, porque ella voltou. Eu via-a, abracei-a, possuí-a, tal como ella fôra em vida, alta, loura, corpulenta, com os seios fartos, as ancas em forma de lyra, percorri com as minhas caricias aquella linha ondulante e divina que vai do collo aos pés, acompanhando todas as curvas da carne.

Possui-a, todos os dias, todas as noites. Ella veiu, a Morta, a bella Morta, a Adorável, a Mysterious, a Desconhecida de todas as noites. Foi tão grande a minha felicidade que eu não pude occultá-la. Junta della experimentava um arrebatamento sobre-humano, a alegria inexplicável e profunda de possuir o invisível. Nenhum outro amante sab-

reiu jamais prazeres mais ardentes e mais terríveis.

Não soube occultar a minha aventura. Amava-a tanto que não pude mais deixá-la. Levei-a comigo para todas as partes. Passeei com ella pelas ruas da cidade, como se fosse uma esposa cara; levei-a ao theatro em camarotes discretos, como uma amante cuja presença se procura occultar... Mas houve quem a visse... quem a advinhasse... e roubaram-m'a... E depois, para cumulo de crueldade, atiraram-me para o fundo de um carcere, como um malfeitor. Oh! miseria! Oh! desgraça!

Acabava neste ponto o manuscrito. E subitamente, no momento em que eu fitava no medico os olhos espantados, echoou no asylo um grito estridente e espantoso, um uivo formidável de furor impotente e de desejo exasperado.

—Está ouvindo? perguntou-me o medico. Somos obrigados a aplicar cinco duchas diárias a este louco obsceno. Excepção feita do sargento Bertrand, não consta que alguma outra pessoa tivesse amado mortas.

—Mas... balbuciei apiedado, existe realmente semelhante cabelleira!

O medico, como unica resposta, levantou-se, abriu um armario cheio de frascos e de instrumentos cirúrgicos e atirou-me de lá uma longa trança de cabellos dourados. Estremeci ao tocar aquellas

madeixas, num misto de repugnância igual à que experimentamos ante os objectos que serviram nos crimes, numa curiosidade idêntica à que nos assalta deante da tentação de uma coisa infame e misteriosa.

O medico sentenciou, encolhendo os hombros:

—O espirito humano é capaz de tudo!

Suplicio de Magdà

*Quem se julgar lento de culpa
atire a primeira pedra.—Jesus.*

Tu soffreste tambem, meiga heroina,
Por causa deste desgraçado amor;
E ficaste mais bella e mais divina
Sob o funereo resplendor
De nosso breve o desgraçado amor.

Eu bem sei que cuspiram no teu rosto
As injurias mais torpes, mais crueis.
Não humilhes por isso o teu desgosto,
E não macules os teus pés
Pisando injurias torpes e crueis.

Galenos-Lovelaces caricatos
Com requintes de satiro, bem sei,
Desvendaram a flor dos teus recatos,
Patrocinados pela lei
Para affligir o teu pudor, bem sei.



S. PAULO—VISTA GERAL DE IPANEMA

Quizeste até findar tua existencia,
Os virginas encantos do teu ser;
Roubar a tua inviolada essencia
Ao sol fecundo do prazer,
Que deu novos encantos ao teu ser!...

Que ingenua que tu és, pomba indefesa!
Os teus juizes barbaros e hostis
São abysmos de lama e de torpesa,
São charcos podres, almas vis
Os teus juizes barbaros e hostis.

Qualquer delles, no caso do teu crime,
É réo covarde, é voluntario réo
Se erraste o teu encanto te redime,
Sómente foge ao seu labéo
Quem é covarde e voluntario réo.

Deixa o tufão do odio enfurecido
Destrançar os teus negros caracões.
Tua cabeça de anjo foragido
Terá meus beijos como sôes
A constellar teus negros caracões.

Magdalena chorosa e apedrejada,
Vem-te abraçar aos pés da minha cruz;
Vem, formosa, de lagrimas banhada
Beijar ainda o teu Jesus
Que por ti morre aos braços desta cruz.

Mesmo que o mundo inteiro proclamassem
Tua perpetua e eterna maldicção,
Podias occultar a tua face
No meu amor, no meu perdão
Que zombam da perpetua maldicção.

Até seria bem que o mundo inteiro
Te negasse guarida a teu pezar,
Para que tu, meu anjo forasteiro,
Tivesses no meu peito o teu altar,
Sem guarida no mundo a teu pezar.

Carlos D. Fernandes.

Pela Paz

AO DR. PRUDENTE DE MORAES.

Prudente de Moraes. Deves entrar na Historia,
qual um martyr da Fé, nos velhos sacrificios,
sereno, convencido, indiferente à gloria,
levando o coração coberto de cilicos.

Há em torno de ti alguma cousa vaga:
Os soluções da Patria e a sua bra de uma cruz;
mas precisa que a tua investidura traga
uma alma de Danton n'um corpo de Jesus.

Peza sobre o Brazil a densa atmosphéra
de incertezas cruéis e turvas esperanças.
Ouvem-se uns aís de mães e uns rugidos de fera,
só se falla em perdões, só se falla em vinganças.

E tudo isto se quenda, e tudo isto ressôa,
e toca ao sentimento e move a compaixão;
mas lembra-te que Bruto ao filho não perdoa,
e apunhalha sem dô teu nobre coração.

Deixárao-te, eu bem sei, o que ao troyano o grego:
«Um povo anarchizado e uma nação em ruínas.»
Sente-se em tudo séde, um egoísmo cego,
ardem os corações como se fossem minas.

Erguem-se em toda parte as turbas mais fanáticas,
com místicos ideias ou tragicos evohés;
enquanto as multidões, pacíficas, extáticas,
só desejam de ti, Moysés, as novas leis.

Se tu fosses do Norte, aquella terra-lenda,
onde tudo é audaz, fantástico, grandioso,
e não pôde invejar a homérica legenda
quando o tufão galópa, estridente, raivoso:

Se tu visses alli, nos negros temporaes,
rolar como uma pluma a cópia das palmeiras;
ou a queda de um cedro o estrepito que faz,
por sobre os bambuaes, por sobre a cachoeiras:

Se sentisses da enchente o onda caudalosa
as tendas arrastar e os troncos seculares,
a subir, a subir, medonha, impetuosa,
nas serras sitiando os indios e os jaguáres:

Se visses como um céu tão céulo, tão concavo
de nimbo colossas tão rapido se peja;
como do valle olula o íntimo reconcavo,
e como relameia, e comô alli traveja:

Eu te diria: Chefe, o teu governo voga
qual n'uma inundação, n'um vendaval do Norte,
o lenho abandonado, a intrepida piroga
que o chefe de uma triboinda disputa a morte.

E o mar que vai subindo estende a nivea tunica
que os lutos todos cobre e as desgraças sem conta;
e ao longe, uma montanha—a Paz—talvez a unica,
como um seio de Mãeinda te mostra a ponta.

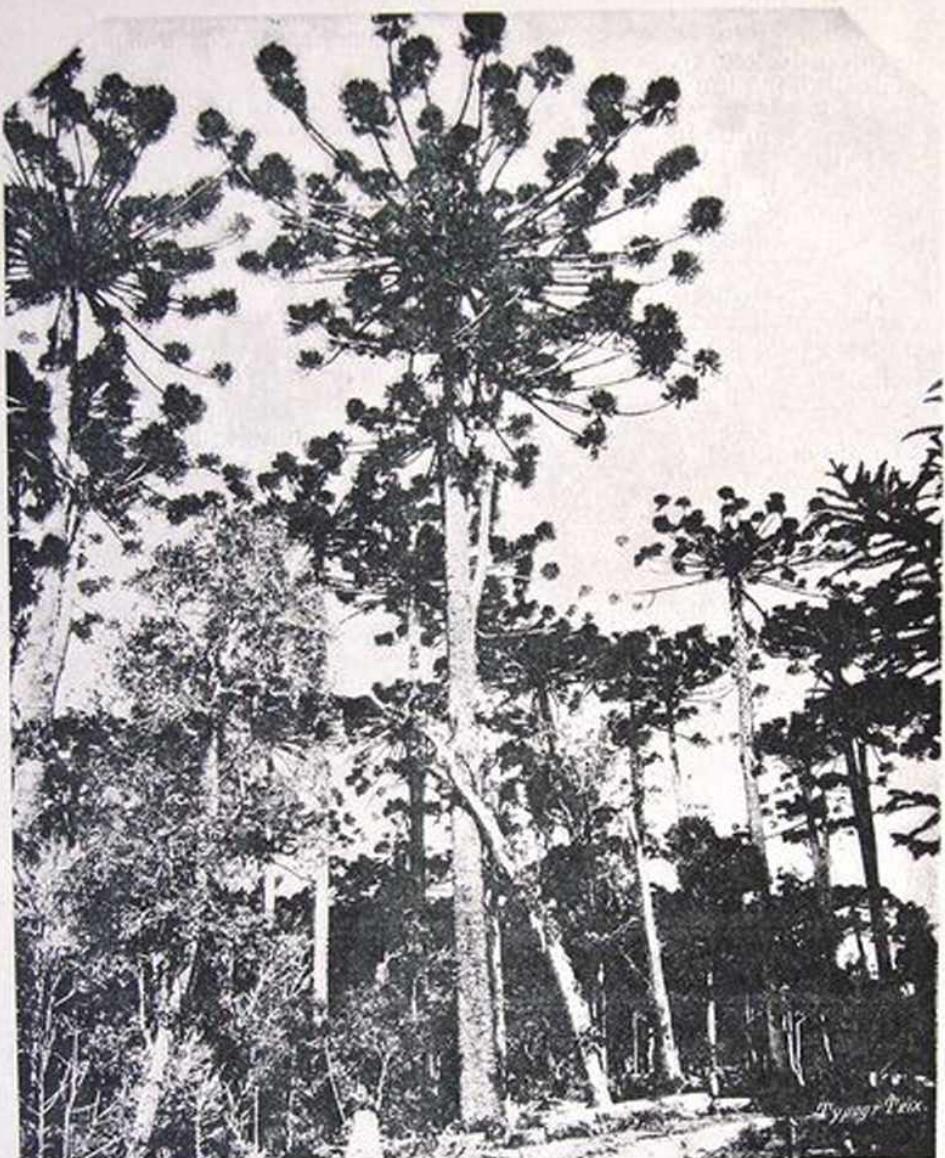
E os destroços da Patria esbatem-se em teus braços,
no diluvio voraz do odio e da ambição;
mas sé um semi-deus, agarra uns estilhaços,
e com elles fabrica a Arca da Promissão.

E deixa ella vogar... vogar... enquanto as aguas
cresço ainda mais em largos paroxismos,
e apaguem sobre a terra as pégadas das máguas
e afoguem as paixões no fundo dos abysmos.

Com tudo inda verás uns corcundas boiarem,
procurando seguir-te a gloriosa esteira,
e azas d'um abutre em vão te festejarem
na garra te levando o ramo de oliveira.

As sereias tambem te vibrarão a harpa
em que cada harmonia exprima uma emoção;
mas a alma cristaliza em escabrosa escarpa,
faze do sentimento a farpa de um harpão.

E assim tu chegarás ao Ararat da Historia,
A noute ha de passar, a noute, a irmã da dor...
e na aurora hei de ver brilhar a tua gloria
como as scintillações do sol sobre o Equador...



PARANA'—ABAUCARIAS

Mas não leveis a mal que só a minha ideia
ache comparações nas minhas patrias zonas;
mas dize-me se acaso ha tela, ou epopeia,
que seja mais sublime e excede ao Amazonas.

E' que tambem eu vejo uma grande verdade
esquecida morrer na consciencia publica;
é que do Norte veio ao negro a Liberdade,
é que o Norte tem sido a alma da Republica !

Prudente de Moraes. Beijam-te as multidões,
e a flammula da Patria a tremular nas lanças,
ao som do nosso hymno, em meio ás saudações,
tem as palpitações das grandes esperanças.

Já basta de lutar, já basta de guerreiros...
Quiz o Povo um pastor, e deu-te agora o báculo
O teu nome é um palio aberto aos brazileiros,
levando o andor da Patria ao santo tabernáculo.

Sejão tens labios bons uns labios de Anchicta,
que só falem a nós em prédicas sublimes.
Deixa que a historia puma ao ultimo grilhetá,
que lá não julgar-se os derradeiros crimes.

E é tão facil guiar desta nação gloriosa,
doce como um rebanho, as almas fraternas
Torna a tua palavra a toba sonorosa
que traga a liberdade ás legiões da Paz.

Prudente de Moraes. Do pedestal dos Andes,
a America abençoa o seu nobre perfil
Sejam tuas ações tão altas e tão grandes,
que nelas caiba toda a historia do Brazil.

Rio - 1895

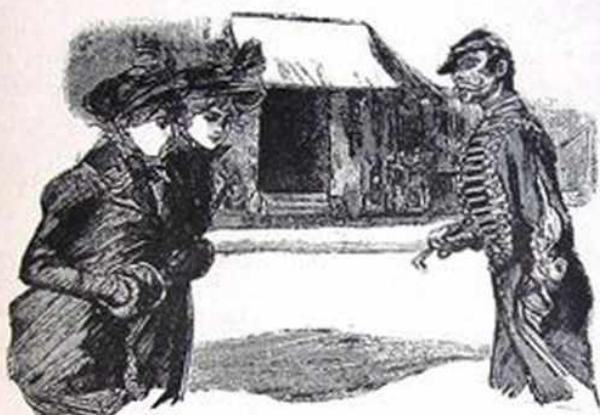
DUNSHER DE ABBANCHES.

A Revista do Norte

Anno 4

Maranhão, 1 de Abril de 1905

Num. 87



O leito n. 29

(GUY DE MAUPASSANT)

I

Quando o capitão Epivent passava pela rua todas as mulheres que com ele se cruzavam voltavam-se para admirar o seu bello tipo de militar. Sabendo disso, o capitão timbrava na ostentação da sua farda correcta, dos seus alamares reluzentes e dos seus soberbos bigodes, do seu talhe elegante, da sua coxa bem conformada, de gymnasta e de dansador, cujos músculos desenhavam todos os seus movimentos sob a fazenda esticada das pantalonas vermelhas.

Caminhava afastando os pés e os braços, no passo ligeiramente balanceado dos cavaleiros, afim de por bem em evidencia as pernas e o busto comprimido sob o talhe impecável do dolman.

Como a maior parte dos officiaes, o commandante Epivent achava-se contrafeito sob o costume civil, que lhe dava a apparencia de um reles caixeiro de armazém. Mas, fardado, a coisa mudava de figura, o capitão triumphava, tendo, a realçar-lhe o triumpho, uma cabeça bem conformada, um nariz aquilino, uns olhos azuis e uma fronte intelligente e distinta. Era calvo sem que houvesse jamais comprehendido porque tinham caído os seus cabellos; consolava-se, porém, constatando que, compensado por uns grandes bigodes, um crânio nu não é de todo intolerável.

O capitão Epivent despresava todo o mundo em geral, estabelecendo, porém, diversos grados para o seu desprezo.

Para elle, em primeiro logar, os burguezes não existiam. Encarava-os como se encaram os animaes, sem lhes prestar mais attenção de que a que geralmente se presta aos pardões ou às gallinhas. Aos seus olhos só existiam no mundo os officiaes, mas esses mesmos não ocupavam logares iguaes na sua estima. Só a mereciam inteira os que possuam a genuina, a unica qualidade verdadeiramente militar: o garbo. Um soldado, pensava, era criado para a guerra e para o amor. Classificava os generaes franceses pelo seu talhe, pelo seu modo de trajar, e pelo aspecto rebarbativo dos seus semblantes. Bourbaki apparecia-lhe como o maior homem de guerra dos tempos modernos.

Zombava a valer dos officiaes de linha, curtos e grossos, botando a alma pela boca quando caminhavam; mas os que sobretudo nada lhe mereciam eram os ridiculos alfenins saídos da Escola Polytechnica, esses homenzinhos de lunetas, todos desajeitados, que, segundo dizia, pareciam tão aptos para envergar o uniforme como um coelho para dizer missas. Indignava-se por tolerarem no exercito semelhantes abortos de canelas finas que andam como caranguejos, que não sabem comer nem beber, preferindo as equações algebraicas ás mocetonas de colos fartos e quadris róliços.

O capitão Epivent contava aos milhares as suas conquistas entre o bello sexo. Todas as vezes que ceava em companhia de uma mulher, nutria a inabalável certeza de que a ceia terminaria num *tête-à-tête* íntimo, e se razões imprevistas lhe vinhão desmentir a certeza, consolava-se logo, adiando para a noite seguinte a victoria frustrada. Os camaradas não gostavam de lhe mostrar as amantes, e os logistas que tinham bellas esposas ao balcão, tinham-lhe um medo immenso e odiavam-no devoravam.

Quando elle passava pela rua, a balconista, mão grado seu, trocava com elle, através dos vidros da antepara, um desses olhares que valem pelas palavras mais ternas, olhares que contêm um pedido e uma resposta, um desejo e uma confissão. E o marido, advertido por secreto instinto, voltava-se bruscamente, lançando para o bello official olhares despeitadas e furiosas. E quando o capitão desaparecia, sorrindo satisfeito pela impressão causada, o logista, remexendo furioso entre os

objectos expostos na vitrina, resmungava, de modo a ser ouvido pela esposa:

—Ali vai um verdadeiro Peru. Quando deixará o governo de sustentar com os dinheiros públicos patifes d'esta ordem que de nada valem? Quanto a mim, prefiro um catniceiro a um soldado. O sangue que elle traz no avental é sangue de animaes e a faca que usa não serve para matar os seus semelhantes. Não comprehendo como é que se tolera que esses assassinos públicos passem pelas ruas com os seus instrumentos homicidas. A gente precisa de soldados, é certo, mas ao menos que os conservem escondidos e sobretudo que os impeçam de andarem mascarados, com calças vermelhas e bluzas azuis.

A mulher guardava silêncio, encolhendo imperceptivelmente os hombros, enquanto o marido, adivinhando o gesto, concluia, cada vez mais fúriso:

—Já é preciso ser muito idiota para admirar semelhantes bonifrates.

A reputação de conquistador do capitão Epivent achava-se estabelecida em todo o exercito francês.

II

Ora, no anno da graça de 1868, o regimento do capitão Epivent, o 102 de *hussards*, veio formar a guarnição de Rouen.

O garboso oficial foi logo conhecido pela cidade em peso. Apparecia todas as tardes, pelas cinco horas, no passeio Boieldieu, para tomar o absinto ou o café da Comédia, mas antes de entrar no estabelecimento dava uma volta pelas alamedas para mostrar a sua perna, a sua cintura e os seus bigodes.

Os negociantes de Rouen, que a essa hora também passeavam calmamente, a conversarem sobre a alta e a baixa dos fundos, atiravam-lhe um olhar, murmurando:

—Co' a breca! Que guapo oficial!

Depois que o conheceram, continuaram:

—Olha o capitão Epivent. Que bello rapaz!

As mulheres que o encontravam, tinham um movimento de cabeça interessante, uma especie de estremecimento de pudor, como se se sentissem extremamente fracaes ou despidas diante d'elle. Baxavam a cabeça, com um ligeiro sorriso nos labios e um secreto desejo de merecer-lhe um olhar de admiração.

Entre as raparigas de vida alegre da província era uma luta renhida a ver qual d'ellas conquistaria o amor do capitão. A hora do passeio dos officiaes, compareciam todas na praça Boieldieu a pôr em evidencia os seus encantos, arrastando por uma das calçadas a cauda dos vestidos, enquanto que pela outra os officiaes arrastavam os sabres, antes de entrarem para o café.

Ora, uma tarde, a bella Irma, amante, segundo diziam, do sr. Templier-Papon, manufactureiro riquissimo da cidade, mandou parar a carroagem em trente à Comédia e, apeando-se, fingiu encaminhar-se para a papelaria de Paulard, mas só para passar por perto da mesa dos officiaes e tirar ao

capitão Epivent um olhar que claramente dizia: «Quando quizer, já sabe...», ao que o coronel Prune que sorvia o seu absinto, resmungou:

—Tem sorte o patife...

O dito do coronel foi logo conhecido e o capitão Epivent, animado por essa approvação superior, logo na manhã seguinte, em grande uniforme, foi passar e repassar por baixo das janellas da bella.

Irma viu-o, mostrou-se e sorriu.

Nessa mesma noite era Epivent amante da rapariga, e começaram ambos a mostrar-se juntos por toda a parte, apregoando orgulhosos a sua aventura. Todo o mundo na cidade conhecia esses escandalosos amores, excepto, como era natural, o sr. Templier-Papon.

O capitão Epivent resplandecia de orgulho e repetia a cada momento:

—Irma acaba de m'o dizer.—Ainda esta noite me dizia Irma.—Hontém, jantando com Irma...

Durante mais de um anno passeou o capitão este amor por toda Rouen como um pavilhão conquistado ao inimigo. Sentia-se prestigiado por esta conquista, cada vez mais seguro do futuro, mais certo de obter a sua condecoração ambicionada; porque todo o mundo se ocupava d'elle, e basta achar-se alguém em evidencia para não ser esquecido pelos condecoradores.

III

Neste interim explodiu a guerra e o regimento do capitão foi um dos primeiros a partir para as fronteiras. As despedidas, regadas de lagrimas, duraram uma noite inteira.

Sabre, pantalonas vertelhas, kepi, dolman, atirados de cima da cadeira para o chão; vestidos, anaguas, meias, cahidos tambem, rolando pelo tapete; e no meio desta desordem, que lembrava um campo de batalha, Irma, alucinada, com os cabellos desgrenhados, abraçava-se desesperadamente com o official, repelia-o em seguida, rolava-se pelo chão, derrubando os moveis, arrancando as franjas das poltronas, mordendo os pés das cadeiras, enquanto Epivent, em extremo commovido, buscava chamal-a á razão, enxugando por vezes uma lagrima rebelde que lhe assomava ao canto do olho.

Quando amanheceu, os amantes separaram-se. Irma, de carroagem, seguiu o capitão até à primeira parada, e no momento da separação abraçou-se com elle, por assim dizer, nas barbas do regimento. Os camaradas apertaram a mão de Epivent, dizendo-lhe:

—Deixa lá, a rapariga tinha bom coração.

E vieram todos, naquellas expansões de Irma, o que quer que fosse de patriótico.

IV

O regimento foi horrivelmente disimado durante a campanha. O capitão portou-se heroicamente e recebeu afinal a almejada condecoração. Terminada a guerra voltou para a guarnição de Rouen.



Logo que chegou, o seu primeiro cuidado foi pedir notícias de Irma, mas ninguém lhe sabia dizer ao certo o que fôra feito da rapariga. Diziam uns que ella se regalara a valer com o estadomaior prussiano, outros que ella se havia retirado para a casa de uns parentes, lavradores, nos arredores de Yvelot.

Epivent chegou a mandar o seu ordenançá á *mairie*, consultar o registo de obitos. O nome de Irma não se achava inscripto. O capitão fez grande alarde do seu desgosto, atribuindo-o até aos prussianos, declarando:—Deixem estar os patifes que na proxima guerra, me pagarão o desaforo.

Uma bella manhã, ao entrar para o almoço, recebeu Epivent, das mãos de um moço de recados, um envelope. Abriu-o e leu o seguinte:

«Meu amor.

Acho-me no hospital, gravemente doente. Não me virás ver? Olha que com isso davas um grande prazer a

Tua Irma».

O capitão empallideceu e trovejou logo, apiedado:

—Pobre rapariga! Vou já vê-la, assim que acabar de almoçar.

E durante a refeição contou aos camaradas

que Irma fôra recolhida ao hospital, muito doente, mas que iria sem demora arranca-la de lá. Tudo por culpa dos malditos prussianos. A rapariga vira-se na miseria, desamparada, sem recursos, porque os malvados de certo lhe assaltaram a casa e destruiram os moveis.

—Mas deixem estar os patifes, concluia, que na proxima guerra me pagarão todo o desaforo.

Todo o mundo commoveu-se ao ouvir a narração.

Terminado o almoço, Epivent levantou-se, apertou o cinturão, donde pendia o seu sabre invencível, e dirigiu-se para o hospital.

Não lhe correram, porém, as coisas á medida dos desejos; a entrada do hospital lhe foi severamente recusada e tornou-se-lhe necessário, para obter o desejado ingresso, ir buscar uma recomendação do seu coronel para o director.

Desde a porta sentio-se Epivent mal á vontade naquelle asylo de miseria, de sofrimento e de morte. Caminhava na ponta dos pés, guiado por um creado, pelos longos corredores, onde fluctuava um cheiro fortemente pronunciado de mófo, de doença e de remedios. De quando em vez chegava-lhe aos ouvidos um ruido confuso de vozes e de gemidos. De certa em certa altura, por uma porta aberta, entrevia o capitão uma fila de leitos brancos, por sob cujos cobertores se desenhava o vulto dos doentes que os ocupavam. Convalecentes, sentados em cadeiras baixas ao lado das respectivas camas, vestidos de um comprido *robe* de fazeza parda e tendo á cabeça bonets brancos, conversavam em voz cançada.

De repente, o guia estacou em frente a uma dessas galerias povoadas de doentes. Por cima da porta lia-se em grossos caracteres «SYPHILITICOS». O capitão estremeceu e corou. Uma enfermeira preparava, sobre uma banqueta de madeira, umas infusões therapeuticas.

—Vou já conduzil-o, disse ella ao capitão. E no leito 29.

E poze-a caminhar adiante do official. Em seguida, indicou-lhe um leito.

—E ali.

O capitão, preso de uma perturbação indiscripável, sustentando com uma das mãos o sabre e tendo noutra o kepi, murmurou:

—Irma.

Um grande movimento se fez no leito e o rosto de Irma apareceu-lhe, mas tão transformado e tão magro que elle o não reconheceu. A intelij arquejava suffocada pela emoção, balbuciando:

—Alberto!... Alberto!... E's tu!... Oh!... como és bom...

E as lagrimas corriam-lhe pelas faces abaixo. A enfermeira trouxe uma cadeira.

—Senhor, tenha a bondade de sentar-se.

Epivent sentou-se, devorando com os olhos o rosto encovado e palido d'aquella rapariga que elle deixara tão formosa e tão fresca. E alvarmente perguntou-lhe:

—Mas, então, que foi isso?

Irma respondeu-lhe banhada em prantos:

—Nem precisas perguntar... Não lêsste o distico da porta?



E escondeu o rosto nas mãos.
Epivent titubeante inquiriu:

— E como apanhaste isso, filha?
Ella murmurou:

— Foram esses immundos prussianos. Envenenaram-me á força, contra a minha vontade.

O capitão movia entre os dedos o kepi sem saber o que havia de responder.

As outras doentes miravam-no dos pés á cabeça, e o guapo oficial sentia subir-lhe ás narinas um nauseabundo cheiro de carne podre.

Irma continuava:

— Creio que não escapo d'esta... Os medicos disseram que era gravíssimo o meu estado.

Em seguida, ao dar com a cruz no peito do oficial:

— Oh! estás condecorado! Como me alegra isso! Ah! se eu te pudesse abraçar...

Um calefrio de repugnância e de medo correu ao longo da espinha do capitão. O seu maior desejo naquele momento era ganhar a rua, fugir d'aquele desolador espectáculo. Todavia, continuava sentado junto ao leito, sem encontrar um meio decente e caridoso de despedir-se da rapariga. Afinal gaguejou:

— Também tu deixaste o mal avançar... não te trataste em tempo.

Uma chama subita passou nos olhos de Irma.

— Não! bradou a rapariga. Quiz também vingar-me. Envenenei, por minha parte, o maior número que pude. Em quanto os prussianos aqui estiveram não tomei remedio algum.

Epivent apoiou:

— Ah! lá nisso fizeste muito bem, andaste correctamente.

— Não é? continuou Irma, exaltando-se cada vez mais. Garanto-te que me vinguei a valer. A estas horas já mais de um deverá ter marchado para a cova...

Epivent levantou-se:

— Bom, filha, has de me dar licença, porque ás quatro tenho que estar em casa do coronel.

— Oh! protestou Irma, já te vaes? Ainda bem não chegaste...

Mas o capitão ardia por ver-se fóra d'ali.

— Não tens razão de queixa, bem viste que logo que soube corri a ver-te... Mas é que tenho de ir a casa do coronel, ás quatro horas, sem falta...

Irma perguntou:

— E' ainda o coronel Prune que commanda o regimento?

— Em pessoa, respondeu o oficial. Foi ferido duas vezes durante a campanha.

— E os teus camaradas n'orreram todos?

— A maior parte.

E Epivent entrou em detalhes. Irma escutava-o tomada de interesse por aquellas tristes notícias. De repente murmurou:

— Dize-me uma coisa: não me queres dar um beijo antes de partires? A enfermeira não está presente...

E Epivent a despeito da repugnância que o dominava, pousou os labios na fronte pallida de Irma.

— Tu voltas, não é assim? Dize-me que voltas, implorava a rapariga.

— Garanto-te que volto.

— Quando? Quinta-feira?

— Quinta-feira.

— Às duas horas?

— Sim ás duas horas.

— Prometes?

— Prometo.

— Então, adeus, meu querido Alberto.

— Adeus.

E Epivent, confuso, atrapalhado, sob os olhares da enfermaria em peso, ganhou apressadamente a porta.

V

A noite perguntaram-lhe os camaradas:

— E então, Irma?

Epivent respondeu, um pouco atrapalhado:

— Pobre rapariga! Está muito mal, está tísica.

Mas um tenente atilado, desconfiando da veracidade das palavras de Epivent, buscou no dia seguinte colher informações precisas e poz os camaradas ao facto de tudo. Quando o capitão entrou para o jantar foi acolhido por uma gargalhada geral. Os companheiros vingavam-se afinal.

Souberam ainda mais que Irma andara numa grande crapula com todo o estado-maior prussiano, que percorreu o paiz a cavalo com um coronel bávaro e que em Rouen todos lhe chamavam «a mulher dos prussianos».

Durante oito dias o capitão foi vítima do bom humor do regimento. Recebia diariamente pelo correio copias das receitas dos medicos, indicações pathologicas precisas e até mesmo medicamentos cujo uso vinha indicado no envolucro que os revestia.

O coronel, informado de tudo, declarou num tom severo:

— Vou fazer os meus cumprimentos ao capitão por entreter relações de amizade com uma rapariga tão digna.

Ao cabo de doze dias recebeu Epivent uma carta de Irma pedindo-lhe que a fosse ver. Furioso despedaçou a missiva e não respondeu. Oito dias mais tarde, a pobre rapariga escreveu-lhe de novo dizendo-lhe que a sua hora estava proxima e rogando-lhe encarecidamente que lhe fosse dizer adeus.



Epivent não respondeu, como da primeira vez.

Passados alguns dias, recebe elle a visita do capelão do hospital. Irma Pavolin, no seu leito de morte, supplicava-lhe que lhe fosse dizer adeus.

Epivent não teve coragem de recusar e seguiu o capelão. Entrou no hospital com o coração repleto de rancor, de vaidade ferida e de orgulho humilhado.

Encontrou Irma no mesmo estado e julgou-se ludibriado.

— Que queres de mim? perguntou-lhe numa voz irritada.

— Quiz dizer-te adeus, porque me parece que vou morrer.

Epivent formalisou-se.

— Ouve lá; fizeste de mim a chacota do regimento e não me convém que as coisas assim continuem.

— Mas que te fiz eu? interrogou Irma humildemente.

Epivent irritou-se ainda mais por não encontrar uma resposta peremptoria.

— Não supponhas que eu me encontro disposto a voltar aqui para ser o alvo da zombaria de todo o mundo.

Irma encarou-o com os seus olhos amortecidos onde um ligeiro clarão de colera se accendia.

— Mas que fiz eu, afinal de contas? Não fui sempre boa e carinhosa para contigo? Pedi-te porventura o que quer que fosse? Se não fosses tu não teria rompido as minhas relações com Templier-Papon e não me acharia de certo aqui. Olha que se algum de nós tem razão de queixa contra o outro certamente sou eu.

Epivent retrucou num tom violento:

— Não te estou a fazer reclamações, mas não posso continuar a visitar-te porque a tua conducta com os prussianos foi a vergonha de toda a cidade.

Num abalo bruto, Irma conseguiu sentar-se no leito:

— A minha conducta com os prussianos? Mas não te disse já que foi à força que elles se apoderaram de mim e que se não me tratei em tempo

foi para vingar-me? Se quizesse curar-me logo acredita que seria facilímo. Mas o meu desejo era mata-los e garantir-te que os matei e em grande numero.

Epivent aventurou:

— Mas em todo caso a tua conducta foi vergonhosa.

Irma quasi suffocada replicou:

— Achas que é vergonhoso ter-me por assim dizer suicidado para exterminá-los? Mas não era essa a tua linguagem quando vinhas á minha casa na rua Joanna d'Arc. Ah! é vergonhoso, achas? Mas tu, com a tua condecoração, não serias capaz de tanto. Merecia-a eu mais do que tu a tua condecoração porque matei muito mais prussianos do que tu.

Epivent, de pé junto do leito, tremia de indignação.

— Cala-te... Cala-te... Porque é esse um assunto em que a ninguém permitte tocar...

Mas Irma continuava exaltando-se cada vez mais:

— E semelhante coisa teria acontecido se vocês, os defensores da pátria, os houvessem impedido, aos prussianos, de chegarem até Rouen? Era a vocês que cabia o dever de guardar-nos as fronteiras. E eu, que lhes fiz mais mal do que vocês todos, vou morrer para aqui abandonada enquanto que tu continuas a embellezar-te para atrair a ti as mulheres...

— Cala-te, cala-te, bradava Epivent fóra de si, ao ver-se alvo dos olhares curiosos e zombeteiros das enfermas que ocupavam os outros leitos.

Mas Irma continuava gritando cada vez mais alto:

— Bem te conheço, farçante! Bem te conheço, vae-te em paz, porque fui muito mais patriótica do que tu, do que todo o teu regimento, do que todo o exercito francês...

Epivent, com efeito, fugia desorientado, tendo sempre aos ouvidos a voz sibilante de Irma que o amaldiçoava.

Desceu os degraus quatro a quatro e correu a refugiar-se no seu quarto.

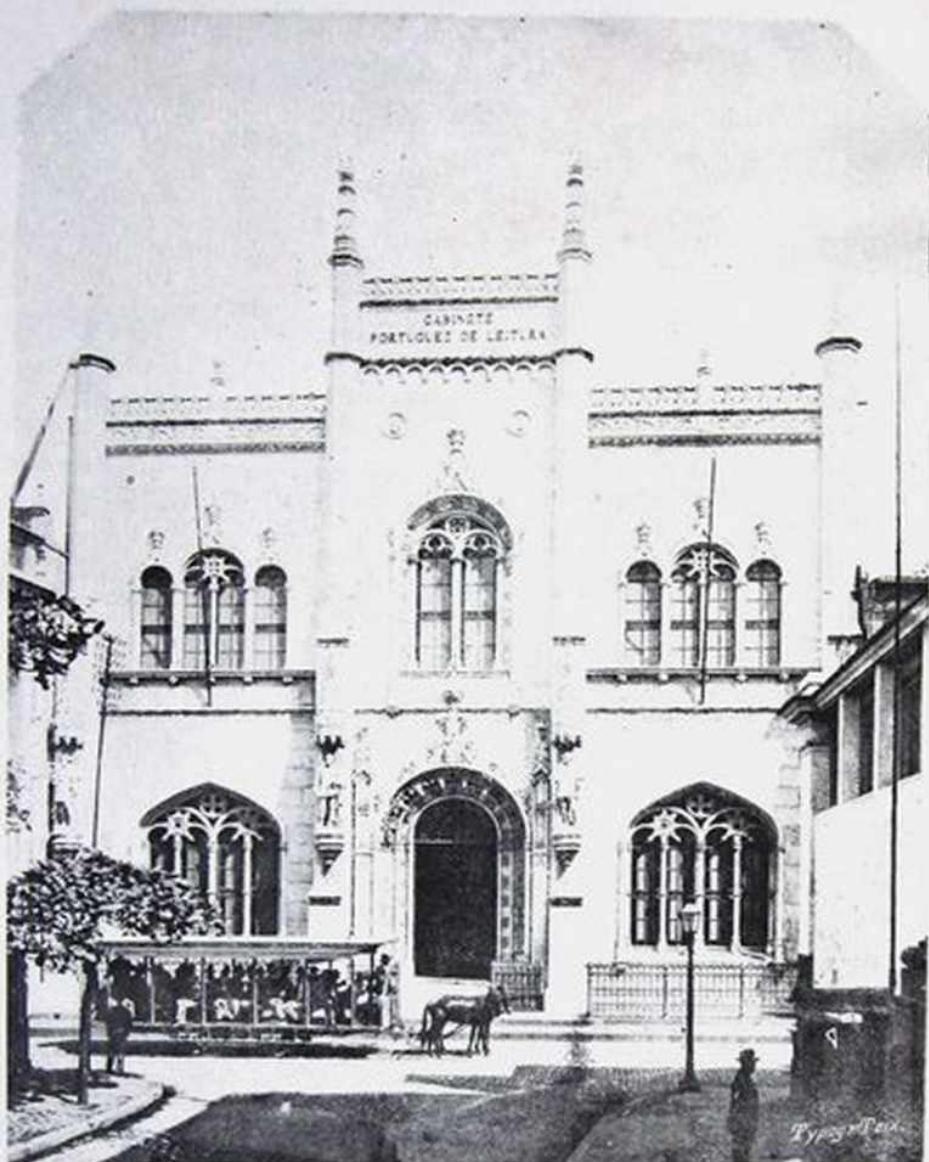
No dia seguinte soube que Irma havia morrido pouco depois de ter elle deixado o hospital.

J. RIBAS.

O ensino das congregações religiosas na França

(Conclusão)

Mas, admittido isto, como acreditar que jovens seminaristas preparados neste espírito para fins diversos, não conservem de semelhantes ensinamentos uma impressão tão profunda que venha também fazer-se sentir sobre as crianças? Todo mundo sabe que a delação é altamente encorajada nas escolas congreganistas e que a delação é irmã gêmea da hypocrisia: não é isto o resultado do ensino que se ministra nos seminários onde são adoptadas as obras a que nos acabamos de refe-



RIO DE JANEIRO—GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

rir? Como duvidar de tal facto quando se verifica que o congreganismo invade assustadoramente não somente a escola, a imprensa, a industria, o commercio, mas ainda o seminario? Sobre os 87 seminários diocesanos da França, os congreganistas invadiram 49, deixando, portanto, ao clero secular menos da metade, como ainda há pouco dizia, lastimando-se, um bispo francês.

A concorrência que as congregações fazem ao clero parochiano é espantosa; contam-se actualmente em Paris 511 capelas congreganistas contra 70 egrejas parochianas. Quando o clero secular vê toda a clientela rica desertar as suas egrejas e as suas obras modestas, porém necessárias, para seguir a onda luxuosa das devocções especiais organizadas pelas congregações, limita-se a sofrer em silêncio, porque tem a certeza de que será esmagado no dia e no que publicamente protestar.

Vimos como se formam os discípulos dos seminários, vejamos agora como funcionam as escolas congreganistas.

Por ocasião da discussão do projecto de lei de que nos ocupamos, foram levadas à tribuna da câmara certas revelações altamente interessantes acerca dos trabalhos das escolas confiadas aos congreganistas.

O sr. Leon Bourgeois, antigo ministro da Instrução Pública, declarava, numa sessão da câmara:

«O que devemos temer e combater não é absolutamente a liberdade de ensinar à creança esta ou aquella crença religiosa, mas sim o espírito, tantas vezes por nós constatado, de divisão, de discordia e de odio. Se chego a pronunciar esta ultima palavra é porque tive occasião de verificar pessoalmente, como presidente do jury internacional da

classe de ensino na Exposição de 1900, que certos livros postos nas mãos das crianças dos estabelecimentos privados, certas composições feitas por essas crianças, continham formaes incitamentos à divisão e à discordia entre os cidadãos, ao odio de casta, de classe, de raça e de religião. Os membros estrangeiros do jury fizeram a mesma verificação».

Será curioso fazer alguns extractos d'esses livros, sobretudo no tocante ao ensino da historia. Eis, por exemplo, a explicação por elles dada da Revogação do Edito de Nantes:

«Luiz XIV empregou os melhores meios, os mais nobres, para de novo trazer os protestantes á unidade católica. Enviou bispos piedosos, missionários cheios de caridade e de zelo para evangelizar as províncias. Finalmente, o rei verificou que todo o seu trabalho era baldado, que os protestantes não cediam ás exortações dos missionários. Tratou então de imitar os principes protestantes que opprimiam a consciencia dos seus subditos...»

E um pouco adiante:

«As dragonnadas não passaram de excessos commettidos pelos dragões nas casas em que se achavam hospedados. Em consequencia d'isto, oitenta mil protestantes deixaram o reino, não se envergonhando de levar ao estrangeiro a sua industria, a sua coragem e o seu odio contra Luiz XIV e contra a sua patria».

Um termo que frequentemente se encontra nos cadernos dos discípulos dos congreganistas para designar as escolas leigas é o de «laboratorio de impiedade». Eis alguns extractos d'esses cadernos contendo as composições escolares dos melhores alunos.

Sobre a Inquisição:

«Os supostos crimes da Inquisição não devem ser imputados à Igreja cuja missão se cifrava em descobrir e condemnar as heresias e que jamais intervinha na execução da sentença; a Igreja tem tanto horror ao sangue que proíbe aos seus padres a profissão de cirurgiões. O julgamento só era pronunciado depois de longos debates onde o direito da defesa era plenamente respeitado e o acusado só era condemnado se se tecusava a abandonar a sua doutrina herética. Todos os escriptores imparciaes reconhecem que a Inquisição romana foi um modelo de equidade e de doçura».

Sobre Galileu:

«A Igreja protegeu Galileu. Se o condemnou não foi por causa das más theories, mas simplesmente porque elle interpretava falsamente esta palavra da Escritura: «Para, sol». Como elle se obstinasse no seu erro, a Igreja lançou-lhe a excommunicação».

A propósito das Escolas do Estado:

«Sem os padres, a sociedade não passaria de um agrupamento de debochados, porque a maior parte dos professores leigos só tecem em vista ganhar dinheiro e ninguém poderá, portanto, contar com a sua dedicação pelo ensino».

Sobre a liberdade de consciência:

«Accusaram a Igreja de intolerante, mas semelhante accusação é absurda, porque a tolerância que os inimigos da Igreja lhe pedem é a indiffe-

rença religiosa, a liberdade para cada um praticar a religião que quiser, como se todas as religiões fossem igualmente boas, é, n'uma palavra, o indifferentismo, doutrina impia, absurda e funesta».

Sobre o progresso e a civilização:

«Para os partidários das idéas modernas, o progresso ou a civilização consistem: 1.º, em facto de dogma, na negação de Deus e da alma humana, isto é: não ha mais Deus nem no governo, nem nas assembleás, nem nas escolas, nem nos hospitaes; 2.º, sob o ponto de vista da moral individual, na suppressão de todo dever, na apologia de todos os vícios, na busca de todos os gosos, no insulto de todo o pudor e de toda a virtude; 3.º, sob o ponto de vista do direito social, na revolução, no sentido mais odioso d'este vocabulo, no radicalismo brutal que desagrega a sociedade, corroendo-a pela base, na falsa doutrina sobre a natureza do homem, sobre a liberdade, sobre a perfeita igualdade dos direitos entre os homens.»

E para não esquecer o velho rotulo de «abaixo os judeus!», fizeram os congreganistas escrever o seguinte por um dos seus discípulos:

«A decadência actual da França é devida a alguns milhares de judeus que governam o nosso paiz e se a França dispusesse de um governo anti-remita e anti-maçon de certo não se acharia no estado em que se acha. Os verdadeiros inimigos da liberdade são os judeus e os Maçons; elles não podem dar aos outros a liberdade porque não a teem. São elles os inimigos da sociedade pela sua falsa piedade, pela sua avareza sordida e pelo seu orgulho. Abandonam-se a excessos condemnaveis nos seus festins e são implacaveis nas suas vinganças. Por um punhado de moedas trahem a sua patria, ou melhor, a pátria dos outros porque elles a não tem...»

E os congreganistas que fizeram semelhante selecção entre os trabalhos dos seus alunos, dignos de figurarem na Exposição, não se desculparam de patentejar ao mesmo tempo o uso que faziam da liberdade de ensino se ella lhes fosse amplamente outorgada. Que seria feito da França se selhes deixasse o monopólio do ensino nos termos em que o pedia o Padre Marquigny:

«Quem é que se anima a falar em liberdade de ensino? O direito de ensinar compete exclusivamente à Igreja. O régimen perfeito da instrução publica, o régimen que corresponderia ao estado normal da sociedade seria o que conferisse à Igreja e só à Igreja, tanto de facto como de direito, a direcção do ensino em todos os seus grados e lhe confiasse vigilância e a fiscalização absoluta e universal das escolas primarias, secundarias e superiores.»

Eis ali um Padre que veio sobremodo prejudicar aos católicos que fazem appello à liberdade de ensino para salvar os congreganistas.

Parece, depois da constatação dos perigosos excessos em que pode cair o ensino dirigido pelas congregações, que os autores da lei de 1901 teriam podido concluir pela interdição absoluta do direito de ensino para os membros das congregações. Mas o legislador não se animou a ir tão longe e o artigo 14 da lei cifra-se nisto: «Ninguem



PARNAHYBA—CRUSADOR ARTHUR EWERTON PERTENCENTE À ALFANDEGA

será admittido a dirigir, quer directamente, que por intermedio de terceiro, um estabelecimento de ensino, seja de que natureza for, nem a elle ministrar o ensino, se pertencer a uma congregação *não autorizada...*

Permanece, pois, à disposição dos apologistas do ensino congreganista a facultade de solicitar a autorização legal, fornecendo ao mesmo tempo as necessarias garantias de que o seu ensino não consistirá em falsear a historia nacional, nem em plantar a discordia e o odio entre os cidadões. N'estas condições semelhante autorização de certo lhes não será recusada.

Na França e provavelmente nos outros paizes civilizados, ninguem pode exercer simultaneamente as funções de medico e de pharmaceutico; a lei quiz evitar que o medico fôsse tentado a tratar os seus doentes levado exclusivamente pelo interesse monetario. Não seria para desejar que a mesma incompatibilidade fôsse estabelecida entre as profissões religiosa e pedagogica? O padre é sempre levado a tratar as questões de historia, de literatura e de politica sob um ponto de vista parcial, e a prova disso acabamos de offerecer aos leitores; que se lhe deixe, pois, liberdade ampla para ensinar na Igreja ou nas sacristias as coisas da religião, mas que nas escolas, onde se encontram confundidas creanças de todas as confissões religiosas, só sejam admittidos a ensinar homens livres. Não seriam assim totalmente banidos os prejuizos, mas comtudo já seria esse um passo avantajado para a consecução de semelhante fim.

O Estado garante a liberdade de consciencia; sob a sua protecção cada culto se poderá exercer livremente dentro dos limites que a liberdade dos outros lhe traça. A fé religiosa, qualquer que ella seja, é sempre digna de respeito desde que não procura impor-se senão pela sua propria virtude.

Se se quizer garantir a paz religiosa, a plenitude

da liberdade de consciencia e evitar que a mocidade de um paiz seja educada em dois campos opostos, dos quaes um ensine o desprezo e o odio do outro, não será prudente confiar o ensino geral aos congreganistas; e o legislador que, antes de tudo o mais, buscar a segurança da vida nacional e dos destinos dos seu paiz, deverá instaurar uma certa fiscalização sobre a escolha d'aqueles que quizerem chamar a si a nobre tarefa de ensino da mocidade.

POEMA ETERNO

A Antonio Lobo

De olhos no ethereo azul profundamente frio,
De olhos celestiaes, Eva engendrava um crime:
— O amor, o eterno amor! — palavra que se exprime
No sorriso, no olhar...

E o céo então, sombrio,

Na doce voz de um anjo o anathema bravio
Fez-lhe, acerbo, vibrar: achava o amor um crime!
No entanto era criação mais pura e mais sublime
Do que todo o Universo!...

E o goso fugidio,

Foi-se... foi-se p'ra alem, por ignoradas sendas
Em cujo termo vêem-se as tragicas legendas:
— Perca toda a esperança o que tentar transpor.

Eva, não chores, não! Cala, cala, meu pranto,
Murmura a estrophe idéal do meu poema santo...
Si um mundo Alguem nos deu, tu déste mais o amor!

1889.

ALUZIO PORTO.



MARANHÃO—Rua do Trapiche

quinze annos, e a sua meditação, facto excepcional em sua vida, inquietou-me sobre modo.

E em que podia meditar esse candido diabinho dos céus ?...

N'uma boneca que a sua mamã lhe promettera na vespera?... N'uma borboleta que lhe fugira pressurosa e errante, quando brincava ao crepúsculo da tarde, sob os frondosos sycomoros do pomer?... N'uma lição difícil que havia de dar no dia seguinte ao seu professor austero e grave?... N'uma dessas couças, emfim, frivolas e pueris, que desorientam a fragil imaginação das crianças?...

Perguntei-lhe tudo isso e nem uma palavra sique ralhuciam os purpurinos labios de Nathalia, labios de nacar onde morava a aurora esplendida e rosada.

Mas o facto é que Nathalia meditava e meditava muito.

Não quiz incomoda-la mais e conservando-me silencioso e attento, procurei descobrir no seu olhar de uma eloquencia muda, um silencio que não me fizesse vacilar na duvida e surprehender o que experimentava aquelle coração de quinze annos.

E Nathalia continuava estatelada, hirta, engolhada na sua meditação profunda, quasi religiosa.

Mas de repente por uma transição subita ella ergueu-se da *causeuse* em que se achava, contrafez o olhar e sentou-se ao *harmonium* que estava inerte e quedo a um canto do salão.

Depois... eil-a preludiando uma sonata quente, voluptuosa, embriagadora, onde a alma ardente de Beethoven, extremamente artística, derramou os arcanos de sua arte, de sua divina arte.

E enquanto as suas mãosinhos lacteas e sanguíneas, mãosinhos de fada, feriam docemente as cordas do grave instrumento, eu electrizado, eu venturoso, eu delirante, eu quasi louco sentia a ascensão lenta e triumphal de minha alma aos páramos da harmonia e da luz.

E ella radiante, ella indescriptivel antolhava-se-me uma celica visão vibrando a sua alma que era o proprio *harmonium* que naquelle supremo instante narrava um grande poema onde transpareciam estrofes sublimes.

E a sonata expirou... E eu despertei rindo e chorando simultaneamente, vendo também que Nathalia simultaneamente chorava e ria.

Como congraçaram-se em mim as lagrimas e os sorrisos?

Era que a musica do inspirado artista havia resurgido em mim a melancolia, as delicias, as saudades que jaziam polvilhadas no tumulo do passado, esse passado feliz quando eu divulgava no horizonte limpidio de minha alma uma estrela, — a crença, uma nuvem — o amor...

E Nathalia... Porque chorava e ria tambem?

Perguntei-lhe. Oh! ella não m'o quiz dizer, ella que até então nunca, nunca deixara de reve-

lar-me todos os episódios do deslizar de sua vida
aos efluvios da infância!...

E como quebrar o sigillo d'aquelle mysterio?...
Comprehendi emfim: era a primeira apparição
da nuvem e da estrella no horizonte de sua alma.
Ah! era de certo... Tinha quinze annos!... E o
amor e a crença fazem a sua primeira apparição á
mulher quando ella tem quinze annos.

Nathalia amava pela primeira vez.

C. SERRANO.

Ao meu querido Assuéro

Se eu morresse aqui distante
Deixando o celeste trilho,
Minh'alma iria offegante
Primeiro beijar-te, filho.

Porque és o sol pequenino,
De brilho intenso e fecundo,
Que alumia o meu destino
Nos ermos invios do mundo.

Mesmo através as distancias,
Para est'alma és como o orvalho
Que revivesce as fragancias
Da flor pendida no galho.

Meu ser avaro te encerra
Com cuidados extremosos,
Bem como o seio da terra
Esconde os metaes preciosos.

Tal como as visões de eleito
Que moram n'alma de um monge,
Vives tão dentro em meu peito
Que eu nem sinto que estás longe.

Sou como um lago entre fragoas,
Todo eriçado de escolhos,
Que só reflecte nas aguas
A doce luz dos teus olhos.

Em vão abrasam-me a face
As dores de um pranto esquivo:
Se a noite da aurora nasce,
Da tua essencia é que eu vivo.

Só não terás os affagos
Deste teu pae forasteiro.
O' minha Estrella dos Magos,
Se te apagares primeiro.

Mas, se acaso te apagares,
O' luz da minha existencia,
Eu — lago sem nenuphares —
Não mais terei resplandecia.

Eu — triste noite apagada —
Se findares, sol risonho,
Serei — cupula do nada,
Cobrindo o esquife de um sonho.

Serei como um continente
Num esteril pesadelo,
Evocando a luz fulgente
Sob montanhas de gelo.

Mas tudo isso é vã chimera,
Ainda te hei de ver, ao certo!
Quem impede á primavera
De fecundar um deserto?!

Quem é que o fulgor esfuma
Da aurora que o céu recama
De luz, surgindo da bruma,
Como uma rosa de chamma?!

Carlos D. Fernandes

Os livros novos em Portugal O ROMANCE

O Romance, em Portugal, resente-se há muito
da falta de cultores. Entre nós, na plena vida litteraria,
em que os poetas surgem e crescem como
os cogumelos, o romancista escasseia, e dir-se-há
que um natural e louvável pudor inhibe os litteratos
de arcarem com as responsabilidades de tal
genero de arte se não soubessem que a razão de
tal escassez reside apenas na falta de imaginação
que lhes não permite architectar sequer as mais
timidas afabulações da vida.

De Eça de Queiroz para cá a penuria de novelistas
tem-se accentuado, como se esse insigne temperamento
de romancista suffocasse com o seu prestígio todos os que ousassem confrontar-se-lhe,
embora na mais modesta relatividade. E tirando
Carlos Malheiro Dias a cujas qualidades perseverantes
de trabalho eu, ainda que disorde dos seus processos,
nunca deixei de render homenagem, nenhum outro nome, até há pouco, ousara empunhar
a pena para a factura d'uma obra que se imanesse,
na classificação litteraria, à do realista admirável e do estylista inexcedível que escreveu
O Primo Basílio e *A Reliquia*.

Mas o Eça morreu, uma turba de *snobs* e de
mediocres acompanharam-o mesmo á sepultura para
ter bem a certeza de que ia ser enterrado, e derubado o modelo escultural e vivo que pela lamen-
tável brancura do seu busto de marmore os des-
lumbrava e pela ironia attica do seu sorriso
os amedrontava, eis que um exame de plumbitivos
invade a arena sagrada das hellenicas luctas da
arte, e se permitte amassar os seus esboços de
porco barro ao lado das puras formas que na doc-
cúra do granito privilegiado exprimem, gentil, se-
vero, ou sarcastico, o pensamento de eleição.

E assim que n'este frio mez decorrido se viram
já nas montras das livrarias, com a designa-
ção de romances, tres ou quatro livros novos,
quando d'antes pouco mais se registaria no de-
curso d'um anno inteiro. Títulos intencionaes os
recobrem, procurando atrair com promessas
d'um entrevisto gozo, muito menos estheticoo
que pervertido, o comprador remisso que não pro-



MARANHÃO—Thezouro Público do Estado

cura na obra de arte outra emoção que não seja a dos complicados entrelaços rocambolescos ou a pornographia excitante de narrativas escandalosas. É mesmo *Escândalo!* o título d'um, que devemos a um recente, o sr. Antônio de Albuquerque; outro, que é do sr. Augusto de Lacerda, inscreveu esta firma: *Luxo e luxuria*, como quem abre a porta d'um bazar oriental. Não me demorarei na analyse de tais trabalhos, que não julgo deverem ser incluídos na literatura. Trata-se d'um mercantilismo, como o do sr. Gallis, com estylo igual e mais inexperience.

Mas como n'estes dias de fim de inverno frequentemente se abre uma nesga de azul entre farrapos de nuvens pardacentas, assim também o pobre mez litterario nos deu, precisamente no Romance, que tão affrontosamente se viu tratado, uma boa e formosa obra. Já aqui tive ensejo de me referir a João Grave, o escriptor portuense que abordando o terreno difícil da Novella, logo nos deu um livro que foi mais do que uma promessa, porque constituiu um documento seguro e forte. *Os Famintos* foram no anno passado o melhor romance que apareceu em Portugal; *A Eterna Mentiira* é até agora também, no anno que vai correndo, o melhor trabalho no genero que me tem sido dado registrar.

Tratando da illusão constante, em que, para efeitos de convenção social, se mascaram os sentimentos, João Grave demonstra mais uma vez o tema triste. Sim: uma eterna mentira corroeu o organismo moderno das sociedades. Tudo se si-

mula: o amor como o odio, o sonho como a convicção. Mas é sobretudo o amor que mais sofre da hypocrisia ambiente, visto que, por ser elle a chave das almas, maior interesse ha em utilizar as suas divinas expressões para dar victoria ás premeditações do interesse ou aos impulsos do vicio.

E sobre um adulterio vulgar que gira todo o estudo doloroso de João Grave, e o romancista conscientemente o quiz vulgar, trivial, quotidiano, para melhor o faser resaltar na vida dos nossos dias.

Em resumo: um lar desgraça-se com uma guitarrada d'um bandalho, e no naufrágio d'essa obscura felicidade quantos sentimentos puros são feridos de morte, quantas consequências desastrosas d'elle derivam, quantos pormenores dolorosos sangram de imprevista dor! Eis o que deu a eterna mentira: uma mulher que se casa sem amar destro, com a sua banal ambição d'uma casa e d'uma situação superiores, a honra e a vida do homem que illudio, a tranquilidade honesta de seus paes, e a sua propria felicidade, afogada na perda do seu decoro e na perda das suas próprias ilusões.

O romance de João Grave é simples, como se vê, mas está trabalhado com tal esmero de estylo, tal sobriedade de processos, com tal observação de tipos e tal emoção de alma que se lê com o coração fremente de sentimento experimentado. Disse observação de tipos. E preciso insistir n'este ponto. A figura do velho Luiz, o modesto empregado, pai da protagonista do miserrímo drama, está vincada com uma tal exactidão de traços, resalta,



MARANHAO—O Baluarte

tão radiosa, na sua pureza moral que só essa criação bastaria para salientar o livro de João Grave como um dos melhores que ultimamente têm aparecido no meio literário português. Como são verdadeiras, para consolação e esperança do nosso espírito, essas figuras abençoadas de humildes, que pelo instinto calmo do dever e o supremo estímulo do sacrifício, significam ainda a espécie humana e retrahem, nos lábios mais amargos, a maldição que os egoismos e as baixezas da vida moderna continuamente estão citando.

Comparando *A Eterna Mentira* com os *Famintos*, eu devo assinalar que, quanto ao intuito e significação, o segundo romance de João Grave é inferior ao primeiro. Não fechamos *A Eterna Mentira* com a mesma consolação redemptora que do forte ensino moral dos *Famintos* se extrahia, caloroso e grande. Mas em compensação, a técnica do romancista aperfeiçoou-se. Vê-se que hoje está seguro dos seus recursos, que disciplinou a sua imaginação, que domina a sua palavra harmoniosa e quente que em tantas galas de estylo se comprazia, prejudicando às vezes pela exuberância o que em simplicidade maior duplamente resplandecia. João Grave é hoje um romancista feito, e saudando-o pelos seus seguros passos na arte cumpro, com alegria, o que é um dever de justiça consignar e reconhecer.

A edição da *Eterna Mentira* é da casa Lello, hoje a mais conceituada casa editora do nosso paiz, visto que não cede à sede de especulação que está

levando algumas das suas congêneres a arremessar ao mercado, com a esperança nos ganhos do escândalo, obras más e pessimamente escriptas.

A POESIA

**Oceanos* versos de Antonio Patrício—Resíduos de symbolismo e sentimento autêntico.*

Julgo que Antonio Patrício, um poeta também do Porto, é hoje o último literato que não renunciou ainda às perigosas extravagâncias da exdrúxula metrificação, que os symbolistas iniciaram e mantiveram durante o seu fugaz transito pela nossa literatura. Gosta muito,—vê-se claramente,—da estructura graphica d'aqueles versos de legua e meia succedendo a linhas de meio centímetro. Mas deve-se confessar que, á parte esse senão, para mim muito attendível visto que com elle nunca me conformei, o seu livro, que de mais a mais é um livro de estreia, possue muita emoção, muita arte, muita originalidade e muita harmonia. Sobretudo nos poucos trechos, como os dos sonetos, em que os seus versos se contiveram submissamente dentro dos limites que o venerando Castilho lhes fixou.

Nisto de poesia, é, como em muitas outras coisas, «melhor experimental-o que julgal-o» e por isso recorto do *Oceano* este soneto como specimen do valor poético do livro de Antonio Patrício:

Tu vives a chorar, eu vivo a rir,
e assim vamos morrendo de mãos dadas...
Tu falias p'ra rezar, eu p'ra mentir
e as nossas bocecas beijam-se encantadas...



MARANHÃO—Rua da Estrela

Resas por nós, por este amor a abrir
em chimeras que nascem condemnadas...
Minto por nós, para poder sorrir,
erguer alegre as tuas mãos nevadas...

Tu crés e rezas, eu não creio e minto:
e as tuas rezas tem tanta piedade
como as palavras tremulas que eu sinto.

Mentir é afinal rezar sem crença:
e de mãos dadas, pela tempestade,
o nosso amor é uma oração immensa !

O THEATRO

D. Maria: «A Trovisqueira»—Uma peça de Fabre
que é um romance de Balzac.

Nenhum novo original na scena portugueza.
Apenas, em D. Maria, a *Trovisqueira*, traducción da
peça de Emilio Fabre, a *Rabonilleuse*, que para a
sua contextura aproveitou uns dos romances de
Balzac, da serie dos *Celibatarios*, *Un ménage de
Garçon*.

No drama, que Emilio Fabre adaptou ao theatro com processos porventura demasiado melodramáticos, vive e expande-se a prodigiosa intensidade psychologica de Balzac. A peça está feita, não no entrecho, mas na admirável criação dos seus personagens, no estudo formidável das paixões que os agitam. Foi uma forte noite de emoção a que passamos hontem no theatro normal. Ali, n'aquele palco em que a ficção tão fadigosa e inutilmente pretende, tantas noites, apparentar de verdade,

levantou-se na nossa frente a propria Vida, a complicada, variavel, desconcertante Vida, tão feita de imprevisto e surpresa que elles são afinal a sua unica e dominadora logica !

No desempenho, brillam primacialmente Ferreira da Silva e Ignacio. A traducción, escrupulosa, é do sr. Accacio de Paiva.

Lisboa, 28 de fevereiro de 1905.

Mayer Garçao.

Supremo anceio

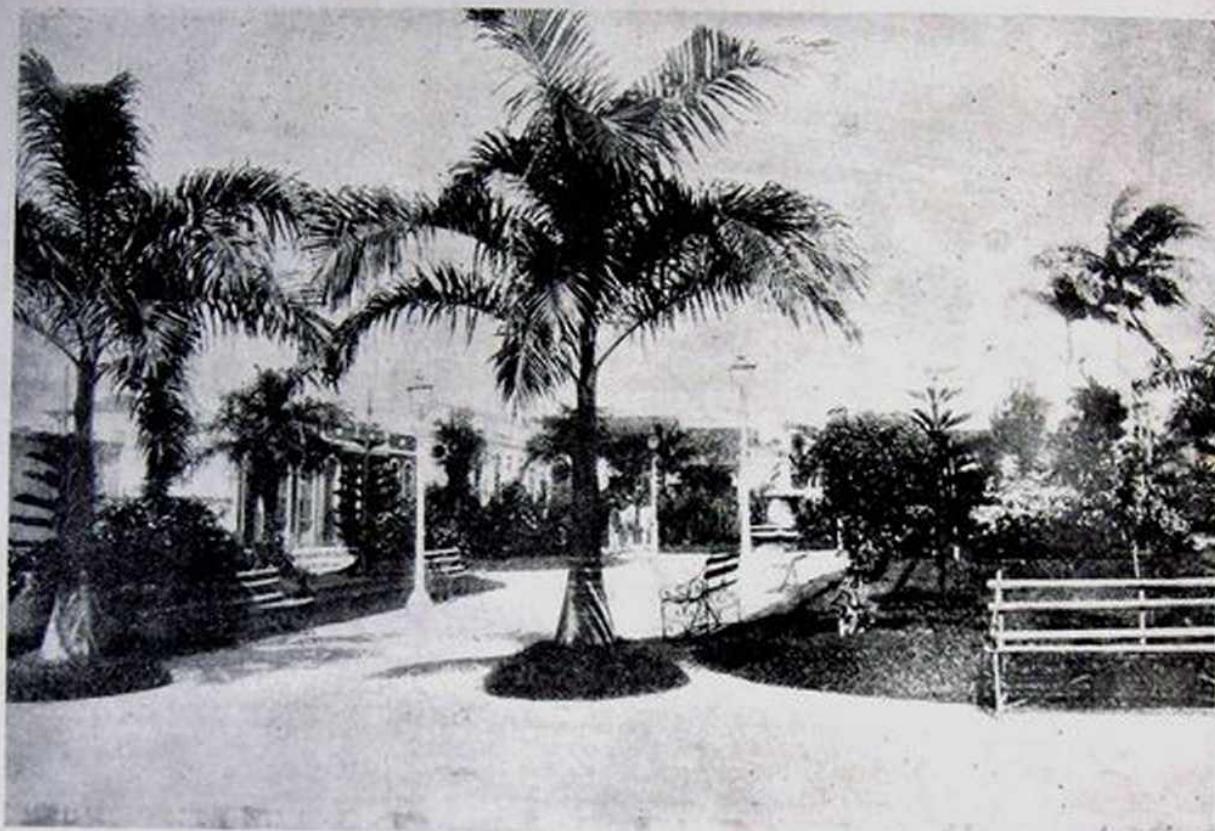
Quero estreitar-te nos meus braços ! Desce
A dolorosa e grande escuridão,
Onde o meu triste coração padece
Torturado de amor e de saudade !

Aureo primor artístico da Hélade !
Como o desejo na minha alma cresce
De ensavar-me na tua mocidade,
Que assim tão bella e virginal floresce !

Venha o teu beijo explendorar-me os olhos,
Vinha o teu beijo avigorar-me o sangue !
Neste Calvario asperríssimo de abrolhos

Da vida, agora és para mim bem como
Para um faminto moribundo exangue
O almo perfume tentador de um pomo !

Alfredo Assis.



MARANHÃO—Praça Odorico Mendes

Mar

Mão no quarto roloço e a outra em *abatjour* sobre os olhos, a Lucia olhava curiosamente o mar tranquillo e vacilante entre o verde e o azul, nessa manhã clara e molhada de orvalho, novembro fóra, fim de anno.

Perto, um esqueleto de jangada mostrava a carcassa enxuta e tresandando à maresia forte, estatelada ao sol, num gesto supplicante de quem está está de pernas para o ar.

Um garoto, pequenino, de 3 palmos de altura, o Lisardo, andava-lhe por cima, cabriolando, em risco de se estatelar sobre ella.

—Olha o pequerruchinho!

E a voz grossa e rápida do Manoel Coto que se alava ao mar, se fez ouvir de longe, enquanto o sol que nascia a um canto illuminava com um clarão dourado de moldura nova o perfil immovel da mulher.

Rrr! rrr! e um rumor de cordas que se puxam, que se arrastam, se fez ouvir, enchendo o ar da manhã, com uma rudeza de mãos de marinheiros, de envolta com o cheiro acre e salutar do oceano que gemia juneto.

Brisa cortante alisava-o e nesse canto de praia, só a vela do Manoel, enfumada agora ao vento de terra, punha scintillações de lamina clara no azul profundo, em cima, em baixo.

O pescador sentado à popa, costas à casa, preparava a rede com dedos grossos e amaneirados de quem sabe. O ar era frio e cortante.

E a Lucia, estregando os olhos somnolentos que acobertava a mão, à claridade intensa que lhe alagava a retina, gritou para o pequeno:

—Salta, Lisardo, para dentro.

Dous olhos medrosos fitos nella e a carreira de um palmo de passo apenas, precedeu a passada da Lucia, corporalenta e saracoleante, de ancas redondas e braços nus.

II

O Manoel Coto residia ahí, havia perto de onze annos. Nascido junto ao mar por um dia tempestuoso como uma cobra, o seu primeiro embalo de berço fora a *berceuse* do Oceano, que lhe suffocava o choro, rugindo, quando, por noites más e procellosas, entrava pelos frunchos da porta e da janela a friagem humida do vento, a zunir, e o mar a se despedaçar e relampagos, longe, estendiam a lingua de fogo, a lhe lamber a soleira.

Seu pai, o Marcos, um velho marinheiro reforçado por quarenta annos de lucta sobre as ondas, largo de peito e de coração, mirava-o á lua clara de desembro junto á porta ou, quando maior, contava-lhe, bonet sobre os olhos, cachimbo acceso e esquecido a um canto da bocca, como, no dia de S. Guido, o patrono bom da marujada, salvara da morte o seu fiel amigo Zé Mestre que á agua cahira

juncto ás pedras da Mouraria, por um dia de mar
damnado.

«.... lembra-me bem ! o mar tinha o diabo a
atícal-o e cada vagalhão, upa ! era um mar que
vos cahia nas costas. Isto foi ahi pelo meu quinto
naufrágio, dia, antes.... não ! espera ! sim ! dias
antes da festa do Senhor dos Navegantes....

E contava explicadamente, na sua voz calosa
e grossa de marinheiro envelhecido, como vindo
da pesca, velas ferradas por causa do vento con-
trário, o Zé Mestre, sem mais nem menos, ao querer
apanhar a ponta de um cabo zás ! cahira ao
mar !

«.... atirar-me igualmente foi obra de um
momento ! sim ! que o companheiro não encheria
a barriga, ficando eu com ella vasia !...»

—E depois, papa ?

Retiná a voz argentina do Manoel, como um
aço cantante.

—Depois, filho, ao Deus dará. A jangada des-
sappareceu numa volta de onda...

Era aos *capias* e eu a nadar vigorosamente para
o Zé Mestre. Arriba ! homem ! não ha perigo !

«Pois foi lhe dando o braço, este braço, velho,
mas valente,—e batia com a mão espalmada sobre
o braço—a segurar, que nadei aos engulhos, para
alcançar uma pedra que erguia a dentadura de
ferro sobre a onda, a tres braças.»

E os olhos de Manoel, muito accesos e vivos,
acompanhavam a gesticulação do pae, como o bra-
ceamento de mastaréos no mar alto por um dia de
tempestade !

Crescerá por este modo, camisa aberta ao peito,
a correr, praia forá, cantando ao mar, lançando-lhe
a phase como um namorado á sua noiva, a velha
trova que o pae lhe ensinára e que elle ensinava
agora ao filho, na modorra arrostada e somnolenta
de marinheiro.

R. Alves de Farias.

O Amigo das Crianças

Elle é o ideal dulcissimo das mães, Elle é o ami-
go eterno das crianças, das mães, que são as almas
das crianças, das crianças, que são os corações das
mães.

Cahem as folhas...

Tristes, desgrenhadas, esgalham-se as arvores
frondosas, braços hirtos erguidos para os céos.

Velam-se as cordilheiras.

As campinas se amortalham.

Desmaia o azul, lacrimejando uns longos flócos
de lagrimas nitentes. E o mar, que ás vezes pare-
ce ter a alma piedosa das mães, já não tem mais
também vagidos langurosos porque o coração dos
rios se gelou.

E o inverno cahe, e cahe a neve...

O inverno, que não foi feito para as mães, al-
mas sempre em flor; a neve branca como as cans
dos que já perderam as esperanças, a neve que não
pôde enregelar os corações das crianças, que são
as nossas primaveras. Mas, se elle é o ideal dul-
cissimo das mães, que importa a neve, que impor-

ta o inverno, se elle vem uma vez todos os annos
como o amigo eterno das crianças ?

Que o Neva géle, gelem os Apéninos.

Fiquem sem fim as noites legendárias da Sue-
cia; sem fim se estendam as nevoas tacitas da Es-
cócia.

Não transponha a beria os Pyrénées: caiam dos
Alpes as avalanches em grandes rolos pelas escar-
pas argentinas.

Os pinheiraes são sempre verdes: são sempre
bons os castanheiros. E quando Elle vem, alvejam-
se como nunca as aldeias nas montanhas, fumegam
mais os fumos das lareiras.

E pelos valles fundos e sombrios cantam-se as
cantigas dos ceifeiros, dansam pelas quebradas os
pastores e as fanfarras e pandeiros acompanham as
castanholas amorosas nos estribilhos ruidosos do
Natal.

E nas cidades que parecem mortas, nas triste-
zas dos gelos sepultados, portões cerrados, ruas
solitárias que um vento frio e mau vai desolando,
illuminam-se as entradas dos palacios, arde mais
forte a lenha na lareira humilde. Não ha tristezas
onde ha crianças: frio não ha onde existem mães.

E Elle vem, enchendo de brincos os berços
rendilhados de ouro. E Elle vem, de beijos co-
brindo as palhas dos tugurios. E as que embalam
os berços dourados, cheias de gozos no esplendor
do fausto, erguem os olhos supplices e dóces para
Elle que tem todas as riquezas do céu, enquanto
que aquellas que só tem beijos e caricias tambem
se lembram consoladas que Elle nasceu assim tão
meigo e tão humilde para depois tão humilde e tão
meigo remir a humanidade.

Noites do Velho Mundo, noites gélidas, bru-
mosas! Só Elle pôde encher hoje de alegrias os lares
que entristeceis. E até pelas estradas ermas e as-
perrima canta a mendiga exausta o seu Natal,
apertando o filho ao seio resequido. E o orphão
abandonado e rôto, sobre as pedras da calçada,
pensando que Elle é o amigo eterno das crianças,
não sente mais o lençol de neve e... dorme satis-
feito.

.....
Palpita o Sol...

Palpita e anceia, corre e chega, e beija toda
terra bemdita como um beijo voluptuoso e ardente.

Abre a virgem da selva, a Flora americana, o
seio tumido, fecundo. Tambem palpita e ancela.
Exala ella toda perfumes exquisitos.

Saltam de toda ella miriades de beijos nos la-
bios das corollas em revoadas de azas multicores.

E que Elle tambem vem aqui por entre os pal-
meiraes dourados, ouvindo as symphonias dos
gorgeios e das cachoeiras.

E que Elle tambem tem aqui o seu Natal por
entre as scintillações das luzes e das flores.

E basta que Elle chegue para que se abram to-
dos os corações e para que se dourem todas as al-
mas, porque Elle é o Jesus dulcissimo das mães,
eterno amigo das crianças.



Uma noite terrível

(TCHEKHOV)

João Petrovitch Panikhidine empalideceu, baixou a luz da lampada e começou, numa voz commovida:

— Sombria e impenetrável cerração envolvia a terra quando, numa noite de Novembro de 1883, voltava eu para casa, depois de ter assistido, na residência de um amigo meu, que já é morto, a uma longa sessão de espiritismo. As ruas estreitas que atravessava achavam-se quasi ás escuras e era ás apalpadelas que procurava o meu caminho. Morava eu nessa época em Moscou, na casa de um empregado público, chamado Troupof, situada no quarteirão deserto de Arbate. Em quanto caminhava sentia que as idéias se me baralhavam no cérebro.

«Approxima-se o fim da tua vida... Busca arrepender-te dos teus pecados...» Tal era a frase que, durante a sessão, me havia dito Spinoza, cujo espírito conseguimos evocar. Pedira-lhe que repetisse a frase e a repetição veio acompanhada do aviso: «Esta noite».

Não creio no espiritismo, mas a idéia da morte ou mesmo uma simples alusão ao fim que nos aguarda, mergulham-me logo no mais profundo dos abatimentos. A morte, meus senhores, é uma coisa commum, inevitável, mas, comtudo isso, a idéia da morte é contraria á natureza humana... As trevas impenetráveis e frias envolviam-me por todos os lados, ante os meus olhos turbilhonavam com furor as gotas de chuva e sobre a minha cabeça o vento lugubremente zunia; nem viva alma ao redor de mim, nem uma voz humana a ferir-me os tympanos... Um pavor inexplicável e indefinível apoderou-se do meu espirito. Não sou supersticioso e, todavia, apressava os passos, evitando olhar para traz; parecia-me que, se o fizesse, veria a morte seguir-me como um fantasma...

Panikhidine interrompeu a narração, respirou fortemente, sorveu um gole d'água e depois continuou:

— Esse pavor indefinível perseguiu-me até mesmo depois de haver galgado os quatro andares da casa de Troupof. Introduzi a chave na fechadura da porta do meu quarto, dei a volta e entrei. Uma escuridão completa reinava no aposento. O vento penetrava sibilando tristonhamente pela chaminé do fogão.

— A dar crédito às palavras de Spinoza, murmurai comigo, devo morrer esta noite, ao ruido d'esta sinistra lamentação.

Risquei um phosphoro. Uma rajada furiosa passou por sobre o tecto da casa. A lamentação do vento transformou-se num rugido formidável.

— Como deve ser triste uma noite d'esta para os que não têm abrigo, pensei.

Mas o momento não era adequado para semelhantes lamentações. Quando a chamma do meu phosphoro rompeu as trevas e que os meus olhos avisados percorreram meu quarto, um espectáculo inesperado e terrível deparou-se-me à vista... Como seria preferível que um golpe de vento houvesse apagado o phosphoro... Talvez que assim nada tivesse visto... Soltei um grito medonho e dei um passo para a porta, cerrando os olhos, presa de um terror que se não pode descrever...

No meio do meu quarto havia um esquife.

A chama do phosphoro não durou muito, mas deu-me, comtudo, o tempo suficiente de distinguir os contornos do esquife. Ha certas coisas, meus senhores, percebidas num rapido instante, mas que, todavia, indelevelmente se gravam na nossa memória. Foi o que se deu com aquelle esquife. Vi-o num relance mas recordo-me perfeitamente dos seus mais íntimos detalhes. Era o esquife de uma pessoa de estatura mediana e parece que destinado a uma donzella, a julgar pela sua cor rosea. O brocado que o cobria e todos os seus pertences eram riquíssimos, indicando assim que se destinava a um defunto de fortuna.

Sai do quarto como um doido, sem reflectir e sem pensar em coisa alguma, sob a impressão do panico que de mim se apoderara. Desci as escadas, numa escuridão absoluta, tropeçando no amplo sobretudo que me envolvia, e nem sei mesmo como não parti o pescoço numa queda. Chegado á rua, encostei-me ao lampeão de gaz e comecei a sentir a calma que me voltava. O coração batia-me como se quizesse romper o peito, respirava ofegantemente.

Uma das senhoras que ouvia a narração aproximou-se da lampada e baixou mais a luz...

Panikhidine continuou:

— Não me espantaria se encontrasse no meu quarto um começo de incendio, um ladrão, um cão damnado... Não me espantaria se o forro houvesse desabado, se o soalho houvesse abatido, se as paredes se houvessem desmoronado... Tudo isto seria natural e comprehensível. Mas um esquife no

meu quarto? De onde viera? Como entrara? Era um esquife rico, indubbiamente destinado a uma mulher aristocrata; como viera parar no quarto de um pobre empregado público? Estava vazio ou continha algum cadáver? Quem era essa jovem patrícia que havia desertado da vida e que me vinha fazer esta estranha e terrível visita? Segredo pungentíssimo!

Se não se tratava de um milagre, era então de um crime que se tratava, pensei comigo.

E comecei a perder-me em conjecturas. Durante a minha ausência a porta ficara fechada e só alguns íntimos conheciam o logar onde eu costumava a guardar a chave. Mas não eram certamente os meus amigos que haviam trazido para o meu quarto aquelle esquife. Talvez os empregados das pompas funebres, por engano, o houvessem deixado ali, mal informados, tendo-se enganado de porta. Mas ninguém ignora que esse pessoal incumbido de um transporte desses, não deixa a casa a que se destina sem haver recebido a sua gorgeta.

Os espíritos predisseram a minha morte, pensava. Não seriam elles, porventura, que se haviam incumbido de transportar para o meu quarto o esquife que deveria guardar o meu cadáver?

Jamais acreditei no espiritismo, meus senhores, mais deveis convir que semelhante coincidencia abalaria as crenças d'os mais materialistas dos philosophos.

Mas tudo isto é absurdo e infantil, pensei comigo; não passa de uma ilusão de óptica e nada mais. Voltei para casa tão tristemente impressionado que não é para admirar que os nervos doentes me houvessem feito ver um esquife.

A chuva fustigava-me o rosto e o vento abalava-me furiosamente as abas do sobretudo. Sentia-me transido de frio e ensopado até aos ossos. Precisava urgentemente tomar um destino, mas, qual? Voltar para casa seria arriscar-me a ver de novo o esquife e semelhante espetáculo era superior às minhas forças. Permanecer, sosinho, em face d'aquele esquife dentro do qual talvez dormisse um cadáver!... Continuar na rua, sob aquella chuva torrencial e varado por aquele frio intensíssimo também não me era possível.

Decidi ir passar a noite em casa do meu amigo Upakoief, o mesmo que depois se suicidou, como sabeis. Morava elle a esse tempo na rua Meury, no hotel de Tcherepof.

Panikhidine enxugou o suor frio que lhe escorria em bagas pela fronte e continuou:

— Não encontrei o meu amigo em casa. Depois



de haver batido à porta e de me haver convencido da sua ausência, como encontrasse a chave na fechadura, dei a volta e entrei. Atirei por terra o meu sobretudo, ensopado e procurando o divan ás apalpadelas deixei-me sobre elle cahir morto de fadiga. O aposento achava-se em trevas; o vento zunia tristemente no ventilador. No fogão um grito sibilava o seu canto monótono. No Kremlin, batiam as badaladas de meia noite. Risquei um phosphoro. Um pavoterrível de novo se apoderou

de mim... Soltei um grito, ergui-me como impelido por uma mola e sem consciência do que fazia lancei-me pelas escadas abaixo.

Como no meu, acabava de encontrar no quarto do meu amigo um esquife, com a diferença que desta vez o esquife era muito maior e de um aspecto mu-

to mais lugubre. Desta vez não podia duvidar de que estava eu positivamente sob a pressão de uma ilusão de óptica. Não era possível que em cada quarto que eu entrasse fosse logo encontrando um esquife. Evidentemente tratava-se de uma doença de nervos, de uma allucinação. Pouco importava o destino que agora tomasse, por toda a parte encontraria diante dos meus olhos aquella pavorosa imagem da morte.

Enlouqueço, meu Deus! murmurava apertando a cabeça entre as mãos. Que fazer em tão dolorosa emergência?

A chuva continuava a cair em torrentes, o vento congelava-me os ossos; o meu chapéu e o meu sobretudo haviam ficado no quarto do meu amigo. O pavor me impedia de subir de novo as escadas, para ir colherlos.

Que fazer, Deus meu?

Felizmente lembrei-me que ali perto morava um dos meus melhores amigos, o Dr. Pogostof, recentemente diplomado, e que comigo havia assistido à sessão de espiritismo. Corri a sua casa... Pogostof não havia ainda desposéado a riquíssima herdeira com quem depois se casou, e morava no quinto andar da casa do conselheiro de Estado Kladibisch.

Subi as escadas e ao aproximar-me da porta do meu amigo ouço um barulho ensurdecedor; alguém corria dentro do quarto, batendo as portas. Ao mesmo tempo gritos horrorosos me chegavam aos ouvidos: Socorro! Acudam-me! Um momento depois um vulto abriu a porta e caminhou apressadamente na minha direção.

— Pogostof! exclamei eu reconhecendo o meu amigo. Que é isso?

Chegando junto a mim, Pogostof parou e tomou-me convulsivamente as mãos, pálido, arquejante, com os olhos a pularem das orbitas.

— Panikhidine? perguntou numa voz sumida. Mas, não o reconheço! Cobre-lhe o rosto uma palidez mortal. Meu Deus, o seu aspecto é assustador!

— E você, Pogostof, traz as feições todas transformadas! Diga-me: que foi que lhe sucedeu?

— Ah! meu caro amigo, deixe-me respirar. Como me sinto alegre por te-lo encontrado, se é com efeito você em pessoa que tenho na minha frente, se não sou vítima de uma alucinação. Maldita sessão de espiritismo! De tal forma me impressionou os nervos o que lá vi e ouvi que ao chegar a casa... calcule o que se me havia de deparar à vista... — um esquife!

Parecia-me estar sonhando... Pedi a Pogostof que repetisse as palavras que me havia dito.

— Sim, meu amigo, um esquife, um verdadeiro esquife! Não sou medroso, mas o próprio diabo estremeceria se, ao voltar de uma sessão de espiritismo, deparasse com um esquife no seu quarto!

Gaguejando, contei ao Dr. os esquifes que havia visto também...

Durante uns minutos ficamos os dois de pé, um defronte do outro, com os olhos arregalados e a boca aberta. Em seguida, para nos convencermos que não nos achavam sonhando, começamos a beliscar um ao outro.

— Sentimos ambos, disse-me o doutor, portanto não estamos dormindo, achamo-nos ambos de posse da nossa lucidez de espírito habitual. Os esquifes que vimos não são, pois, uma ilusão de óptica, existem realmente. Que fazer agora, meu amigo?

Depois de alguns momentos de indecisão, resolvemos acordar o criado e acompanhado por elle penetrarmos no quarto de Pogostof Pensado e executado. Acendemos uma vela e aos nossos olhos apareceu claramente o esquife. O criado benzeu-se logo.

— Vamos agora verificar se o esquife está vazio ou habitado? propôz o doutor com a voz a tremer.

E passando, com uma coragem que eu invejei, das palavras ao acto, Pogostof curvou-se e retirou a tampa do esquife. Olhamos para o interior... completamente vazio. Não existia nenhuma um cadáver, mas em compensação, uma carta assim dizia:

«Meu caro Pogostof. Deves saber que os negócios de meu sogro não andam bem. O bom homem está crivado de dívidas. Amanhã ou depois virão os oficiais de justiça fazer a penhora e por hipótese alguma me sujeitarei a semelhante vergonha. Hontem, em conselho de família, resolvemos ocultar todos os objectos que tivessem valor. Como toda a fortuna de meu sogro consiste em esquifes (pois, como sabes, é elle o melhor armador da cidade) decidimos fazer desaparecer os mais ricos desses esquifes. Dirijo-me, pois, a ti, como a um dos meus melhores amigos, pedindo-te que me salves a fortuna e a honra. Na esperança de que não serás surdo às minhas supplicas, envio-te um esquife, pedindo-te que o guardes escondido em tua casa até segundo aviso. Sem o socorro dos meus amigos, estariamos a esta hora, eu e a minha família, inteiramente perdidos. A todos os que considero como meus amigos sinceros, vou fazer uma remessa e um pedido idêntico.»

Do teu
João Tchelus.

— Em seguida a esta aventura, concluir Panikhidine, tive de entrar em tratamento durante 3 meses, porque o abalo que com ella sofreram os meus nervos foi extraordinário. Ficou-me, porém, a satisfação de salvar da ruína o meu amigo. João Tchelus é actualmente proprietário de uma casa de galas fúnebres; segundo me informam, os seus negócios não vão em bom pé, de forma que ando receoso de qualquer noite destas, ao entrar em casa, encontrar de novo no meu quarto um esquife.

S. Neiva.

A Quinzena

Resolveram os directores d'A Revista suprimir as páginas supplementares a contar do presente número.

Foi uma medida acertada essa, não ha que ver, e com a qual particularmente exultou este vosso humilde criado, meus amáveis leitores.

D'ora em diante é aqui, na alvura assetinada d'este explendido papel couché, que a minha prosa rebrilhará para gaudio vosso e íntimo orgulho meu.

Foi um acesso que apanhei, para provar aos senhores empregados públicos que não são elles os únicos a abicharem semelhante honraria, tão proveitosa quanto enaltecedora.

E, francamente, já era tempo de me retirarem d'aquela posição humilde em que eu andava, perdido na modestia simples d'aquellas supplementares; há já uma infinidade de tempo que eu com uma pontualidade de cronometro ando todos os quinze dias a contar aos leitores d'A Revista as novidades da terra, fazendo das fraquezas forças, procurando tornar engraçado o que é desenxabido e interessante o que é banal. Nestas condições nada mais natural e nada mais justo do que essa resolução do Alfredo e do Lobo.

E bem verdade que não foi para me serem agradáveis que elles suprimiram as supplementares; é certo também que se elles continuassem a encapar A Revista eu nelas continuaria...

Contudo, sinto-me lisongeado com o acesso e como em mim, à semelhança dos oradores, a comunicação me embarga, não a voz, mas a pena, por aqui fico hoje, prometendo do numero vindouro em diante desempenhar-me com galhardia dos meus deveres.

Rufinius.

O mundo pertence às pessoas frias.

Machiavel.

Só se exagera o que não tem importância.

Talleyrand.

A sinceridade é o primeiro dos dotes moraes e mentais.

Fran.